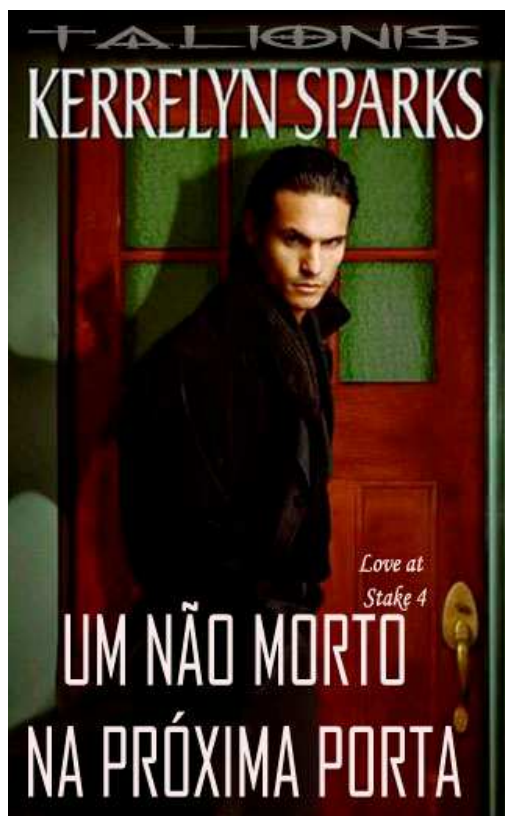




Kerrelyn Sparks
Um Não Morto Na Próxima Porta
Serie Love at Stake 04

Disp em Esp: Leyendas Oscuras

Envio do Arquivo: Δίκη

Revisão: Freyja e J. Gameiro

Formatação: Thaís

Capa: Elica

Talionis

Há três sinais que demonstram que o teu novo namorado é bastante diferente do resto dos outros homens:

- 1) Dorme durante todo dia... O que deveria ser muito chato exceto porque passa a noite toda contigo.
- 2) É atacado por um grupo de pessoas que carregam espadas e insiste que ele pode-se ocupar deles sozinho.
- 3) Nunca parece envelhecer.

Heather Westfield sempre viveu uma vida muito tranquila, mas tudo mudou quando atrativo e misterioso estranho a ajuda. Tem algo que não é normal em volta de Jean-Luc, mesmo assim, nunca conheceu um homem tão encantador, tão arrojado... Tão maravilhoso. Só porque um malvado assassino vai atrás deles, certamente que poderiam ter um espetacular "felizes e comeram perdizes".



Comentário da Revisora Freyja: Jean-Luc vampiro lindo, cheio de encantos e romantismo que caracteriza o romântico Francês espera há quinhentos anos pela mulher que lhe preencha o vazio em seu coração, encontra na Heather a bondade a lealdade o amor, mas será que ela o aceitará com todos seus defeitos e inimigos. Heather mulher que lutou por recuperar a liberdade de sua vida encontra em Jean-Luc o homem que todas querem para si. Que a aceita como ela é com seus quilos a mais e sua babá um pouco louca. Uma linda historia de amor. Aproveitem a leitura.

Comentários do Revisor J. Gameiro - Com estes comentários da Freyja, fico sem palavras para descrever algo mais e melhor, e aconselho que continuem apreciando esta bela série.

Capítulo 1

Madrid

Heather Lynn Westfield estava no paraíso. Quem teria acreditado que um dos desenhistas mais famosos de Paris abriria sua loja de luxo justo no centro de Texas Hill Country? O que fora que Jean-Luc Echarpe tivesse estado bebendo quando tomou essa decisão, tinha que ser tão forte para tirar suas meias.

Em seu caso, meias de seda de duzentos dólares, bordados com seu famoso logotipo a flor de Lis.

Heather queria comprar algum tipo de lembrança para comemorar a inauguração do Chique Echarpe, mas as meias foi o mais barato que conseguiu encontrar.

Hmmmm, comprar um par de meias que não necessitava ou pagar a cota do próximo mês de seu Chevy 4X4? Com um bufo devolveu as meias que havia escolhido, ao suporte de vidro. Uma brilhante ideia apareceu em sua cabeça, agarrar um dos hors-d'oeuvres (aperitivos) gratuitos, colocá-lo em uma bolsa plástica e etiquetá-la como “*Grande inauguração Echarpe*”, para logo guardá-la eternamente no congelador.

—Heather, por que está olhando as meias de homem? — Sasha a olhou desconcertada dando um passo e um ardiloso sorriso. — OH, já sei. Vais comprar algo para um novo amante. — Heather ria quando pegou um bolo de caranguejo de um garçom que passava.

—Eu gostaria. — Ela nunca tinha tido um amante. Ainda seu ex-marido não se qualificava para isso. Envolveu o bolo de caranguejo num guardanapo de papel e o guardou em seu pequeno moedeiro negro.

As clientes femininas se pavoneavam ao redor, vestidas com trajes que custavam o suficiente para reconstruir Nova Orleans, seus sapatos de salto de agulha repicavam sobre o chão cinza de



mármore. Heather esperava não ter que lhes dizer que seu vestido negro de coquetel era feito em casa. As cristaleiras de vidro mostravam bolsas e cachecóis, desenhados pelo Echarpe.

Uma elegante escada se curvava até o segundo piso. Uma parte da segunda planta estava revestida com vidro refletivo. Espelhos unidirecionais imaginou Heather. Pelo alto custo da mercadoria, provavelmente haveria um exército de guardas de segurança ali vigiando aos clientes como falcões.

As paredes da planta baixa estavam pintadas de um suave cinza e contavam com uma série de fotos em branco e negro. Aproximou-se para ver melhor. Wow, Lady Di levando um Echarpe. Marilyn Monroe em um vestido Echarpe. Cary Grant em um smoking Echarpe. Este homem os conhecia todos.

—Que idade tem Echarpe? - Perguntou a Sasha - Setenta anos?

—Não sei. Nunca o conheci. — Sasha girou como se estivesse trabalhando na passarela enquanto olhava a seu redor para ver quem a estava observando.

—Alguma vez o conheceu? Mas se estava em seu show de Paris, só um par de semanas atrás.

Heather e sua velha amiga Sasha tinham sonhado com suas gloriosas carreiras no mundo da moda do momento em que tinham descoberto que suas bonecas Barbie tinham roupa mais cool que ninguém na pequena cidade de Schnitzelberg, Texas. Heather era agora uma mestra de escola, enquanto que Sasha se tinha convertido em uma modelo bem sucedida. Heather lutava entre estar muito orgulhosa de sua amiga e estar relutantemente invejosa.

Sasha soprou pelo seu nariz, cirurgicamente arrumado. — Ninguém vê Echarpe. É como se tivesse desaparecido do planeta. Alguns dizem que sofreu o preço de seu próprio gênio e perdeu a cabeça. — Heather fez uma careta.

—Que Triste.

—Deixou de coordenar seus próprios Shows. E certamente não se incomodou com uma loja em meio de um nada como esta. Tem gente para isso. — Sasha assinalou a um homem magro através do quarto e lhe sussurrou:

—Esse é Alberto Alberghini, assistente pessoal do Echarpe, embora me pergunte que tão “pessoal” é.

Heather olhou a camisa lavanda com babados do homem. As lapelas de seu smoking negro com incrustações de pérolas lavanda e lentejoulas. — Vejo o que quer dizer. — Sasha se inclinou mais perto.

—Vê as duas mulheres com o velho com a bengala?

—Sim. — Heather observou às duas mulheres esqueléticas com a pele pálida impecável e o cabelo comprido.

—São Simone e Inga, duas famosas modelos de Paris. Alguns dizem que Echarpe está envolto com elas. Ambas.

—Já vejo. — Talvez Echarpe se parecesse mais ao Hugh Hefner que ao Liberace. Heather jogou uma olhada às duas modelos. Provavelmente ela pesava tanto como seus pesos combinados. Tolices.



Ter tamanho doze era normal. Deu a volta para admirar um vestido vermelho atrevido em um manequim branco.

—Os meios de comunicação não se podem decidir sobre se Echarpe é gay ou simplesmente tem múltiplos casais, — sussurrou Sasha.

O vestido tinha que ser tamanho dois. — Nunca poderia entrar nisso.

—Trios? Não me preocuparia muito, tampouco.

Heather piscou. — Perdão?

—Embora provavelmente eu gostasse mais se fôssemos dois meninos e eu. É melhor ser o foco central, não te parece?

—Perdão?

—Mas com minha sorte, os meninos estariam mais interessados um no outro.

Sasha levantou sua mão em um gesto estudado. — Penso acrescentar um pouco de colágeno a minhas mãos. Meus nódulos são tão ossudos.

Heather tomou um momento assimilá-lo. Merda, ela e Sasha não tinham muito em comum de qualquer maneira. Suas vidas tinham seguido caminhos diferentes depois da escola secundária.

—Em lugar da cirurgia estética, talvez pudesse tentar algo realmente radical, como consumir comida. — Sasha deu uma dissimulada gargalhada. Os homens na sala se voltaram para olhá-la, e ela os recompensou voltando seu comprido cabelo loiro sobre os ombros.

—É realmente graciosa, Heather. Mas sim consumo mantimentos. Juro-te que não tenho controle algum. Comi dois cogumelos esta noite.

—Deveria ser açoitada.

—Já sei. Vou mostrar-te o novo vestido que usarei logo.

Sasha a levou para um manequim cinza plantado na parte superior de um cubo de cor negra brilhante. O manequim levava um impressionante vestido branco sem costas e com um decote frontal que caía em pico até o umbigo.

Os olhos do Heather se abriram. Nunca em cem anos teria o descaramento de usar tal vestido. Nunca em cem anos alguém quereria vê-la nele, tampouco.

—Wow.

—É de tecido muito rodeado, — explicou Sasha, — assim não posso usar nada por baixo. Vou estar incrivelmente sexy.

—Certo.

—Pode ser que o use no espetáculo de beneficência daqui a duas semanas.

—Escutei sobre isso. — O produto se destinaria ao distrito escolar local, o empregador de Heather.

—Isso foi muito gentil pela parte de Echarpe.

Sasha agitou sua mão ossuda no ar. — OH, ele não tem nada que ver com isso. Alberto é quem o organizou. De todos os modos, sinto-me muito contente de estar no show.



—Felicidades. Espero chegar a vê-lo.

—Só estarei na passarela uma vez. — Sasha destacava seu lábio inferior melhorado com colágeno. — Não é justo. Simone e Inga têm dois passeios pela passarela.

—OH, sinto muito.

—Estive tentando de não me preocupar com isso porque só me dão linhas. Mas juro-te, que tem que dormir com todos por aqui para conseguir um pouco de respeito. — Heather fez uma careta.

—Por que não vais falar com o Alberto?

—OH. Essa é uma boa ideia. — Ela saudou o jovem.

—Sasha, querida, estás fabulosa. — Alberto se precipitou sobre ela e a beijou em ambas as bochechas.

—Esta é minha querida amiga da escola secundária, Heather Lynn Westfield. — Indicou Sasha assinalando-a.

—Como o faz? - Heather sorriu e lhe estendeu a mão. Albert se inclinou para lhe beijar a mão.

—Encantadora. — Seus olhos se ampliaram quando se deu conta de seu vestido. Sentiu uma pontada, sentia-se ordinária. Heather abriu a boca para falar, mas Sasha o pegou.

—Alberto, querido, poderíamos ir a algum lugar privado? - Sasha enroscava suas mãos ao redor dos braços de Alberto e lhe deu um olhar fumegante por debaixo de suas pestanas falsas.

—Eu gostaria de... falar - Alberto tinha o olhar fixo no decote de Sasha.

—Tenho um escritório perto. Poderíamos... falar aí não?

—Isso seria bonito. — Sasha se inclinou mais perto apertando ainda mais seus peitos contra seu braço.

—Sinto-me muito... falador - Heather olhava, fascinada. Era como estar em uma telenovela ao vivo. Sasha se ofendeu por que Alberto falava com seus peitos?

Seus peitos eram reais? Daria ao Alberto uma palmada na próxima semana ou iria com ele ao escritório? E o que sobre o Alberto? Era gay ou metrosssexual? Falariam realmente? Alberto escoltou Sasha através da loja.

Heather suspirou. O espetáculo tinha terminado. Ela sempre era a observadora, nunca a protagonista. Sasha olhou para trás e articulou a palavra bingo.

Heather assentiu com a cabeça com uma repentina sensação de déjà vu. Estava na escola secundária outra vez. A sexy Sasha estava fazendo-o no salão de classes, enquanto que a útil Heather esperava pelos armários como posto de observação. Seria sempre assim? Por que não podia ser a audaz por uma vez? Por que não podia usar um destes vestidos sexy, tão reveladores? Bom, ela não podia permitir-se logo em primeiro lugar. E era muito gorda. Rodeou o vestido que Sasha referira. E que se ela não podia usá-lo ou comprá-lo? Poder-se-ia fazer algo similar. E provavelmente poderia fazê-lo por uns cinquenta dólares. O branco nunca tinha sido uma boa cor para ela. Era muito branca e sardenta.



Não, ela o faria em azul meia-noite. Em lugar de cortar o pescoço até o umbigo, fá-lo-ia até a parte superior de seus peitos. Poria umas costas no vestido. E mangas... As ideias foram mais rápidas do que podia pensar. Abriu sua bolsa e encontrou um lápis e um bloco de papel que a gente do Schnitzelberg hardware lhe tinha dado em sua última venda de jardim. Jean-Luc Echarpe podia tomar suas etiquetas de preços de vários milhares de dólares e lançá-los da torre Eiffel. Ela podia ser um de Os Miseráveis, mas não tinha que ver-se como eles.

—Pelo Jean-Luc e a abertura de sua quinta loja nos Estados Unidos. — Disse Roman Draganesti levantando uma flauta de champanha cheia do Bubbly Blood.

—Pelo Jean-Luc, — os outros levantaram, e brindaram com suas taças.

Jean-Luc tomou um gole, continuando, e colocou seu copo a um lado. A mescla de sangue sintético e champanhe fizera pouco para melhorar seu ânimo.

—Obrigado por virem, mes amis. É mais fácil de suportar este exílio.

—Não pense dessa maneira, irmão. — Gregori lhe deu uma palmada nas costas. — Este é um grande negócio, uma oportunidade. — Jean-Luc deu ao vice-presidente de marketing de Roman um olhar molesto.

—Este é um exílio.

—Não, não, chama-se expansão de mercado. Há muita gente aqui no Texas, e se pode assumir com certeza que todos levam roupa. Ou a maior parte deles. Inteirei-me nesse lago, perto de Austin onde...

—Por que Texas? — Roman interrompeu. — Shanna e eu esperávamos que ficasse em Nova Iorque, perto de nós.

Jean-Luc suspirou. Paris era o centro do universo, no que a ele concernia, e qualquer lugar era aborrecido em comparação. Mas Nova Iorque teria sido sua segunda opção.

—Eu... oxalá pudesse mon ami, mas os meios de comunicação em Nova Iorque me conhecem muito bem. O mesmo em Los Angeles.

—Aye, — conveio Angus MacKay. — Nenhum desses lugares ia funcionar. Jean-Luc tem que...

—Juro-lhe isso, Angus, — Jean-Luc o interrompeu. — Se disser “te o disse”, vou te atravessar a garganta com sua Claymore. — Angus simplesmente arqueou uma sobrancelha como convidando-o a que se atrevesse a tentá-lo.

—Adverti-te que o deixasse faz dez anos. E de novo faz cinco anos.

—Estava ocupado construindo meu negócio, — protestou Jean-Luc. Tinha começado em 1922, o desenho de trajes de noite só para vampiros, mas em 1933, havia ampliado seu negócio para incluir a elite de Hollywood. Depois de dar-se conta de que os mortais gostavam muito dos seus desenhos, fez seu grande movimento em 1975. Começou a criar todo tipo de roupa e a comercializou para o público



em geral. Logo, converteu-se em uma celebridade no mundo dos mortais. Os últimos trinta anos tinham passado rapidamente em um torvelinho de êxito. Quando é um vampiro de mais de quinhentos anos, os anos passam em um abrir e fechar de olhos. Angu MacKay o tinha advertido. Angus tinha começado sua empresa de investigação e segurança em 1927 e agora se fazia passar pelo neto do fundador original. Jean-Luc agarrou um exemplar de “Le Monde” de seu escritório.

—Viu a última?

—Me deixe ver. — Robby MacKay agarrou o periódico parisiense e digitalizou o artigo. Um descendente do Angus, Robby quem trabalhava para a companhia de segurança de Angus. Durante os últimos dez anos, Robby tinha estado a cargo da segurança do Jean-Luc.

—O que diz? - Gregori aparecia sobre o ombro do Robby.

Ele franziu o cenho enquanto traduzia: - Todo mundo em Paris se pergunta por que Jean-Luc não envelheceu em mais de trinta anos. Alguns dizem que fez a cirurgia estética meia dúzia de vezes, e outros dizem que encontrou a fonte da juventude. Escapou, mas ninguém sabe aonde. Alguns acreditam que se escondeu em uma instituição mental, recuperando-se de um ataque de nervos, enquanto que outros dizem que está experimentando um novo estiramento facial.

Jean-Luc gemeu quando se desabou na cadeira detrás de seu escritório.

—Adverti-te que isto aconteceria. — Angu esquivou pela direita quando Jean-Luc lhe lançou uma régua.

Roman riu entre dentes. — Não se preocupe por isso, Jean-Luc. Os mortais têm atenção de muito curta duração. Fica-se escondido por um tempo, se esquecerão de ti.

—E se esquecerão de comprar minha mercadoria, — queixou-se Jean-Luc. — Estou arruinado.

—Não estas "arruinado", argumentou Angus. — Tem agora cinco lojas aqui nos Estados Unidos.

—Lojas de venda de roupa de um desenhista que desapareceu, — grunhiu Jean-Luc.

—É fácil para ti, Angus. Sua empresa existe em segredo. Mas quando eu desapareça, todo o interesse em minha linha de roupa pode desaparecer comigo.

—Poderíamos declarar à imprensa que fizeste uma cirurgia estética, — ofereceu Robby. — Isso poderia pôr fim à especulação.

—Não. Jean-Luc o fulminou com o olhar.

Gregori sorriu. — Ou poderíamos dizer que está encerrado em uma sala psiquiátrica, completamente louco. Todo mundo acreditaria nisso.

Jean-Luc arqueou uma sobrancelha para ele. — Ou podíamos dizer que estou na prisão por assassinar a um desagradável vice-presidente de Marketing.

—Eu voto por isso, — disse Angus.

—Hey! - Disse Gregori ajustando sua gravata. — Só estava brincando.

—Eu não, — murmurou Jean-Luc.

Angu pôs-se a rir. — Tudo o que têm que fazer, Jean-Luc, é não deixar que ninguém lhe tire fotos. Deve permanecer oculto durante ao menos vinte e cinco anos. Depois pode voltar para Paris, te



fazendo passar por seu filho. — Jean-Luc estava ajeitado em sua cadeira, olhando com tristeza para o teto.

—Exilado a uma terra de bárbaros durante vinte e cinco anos. Só me mate agora.

Roman riu entre dentes. — Texas não é uma terra de bárbaros. — Jean-Luc meneou a cabeça.

— Vi os filmes. Lutam com pistolas contra os índios, por um lugar chamado “O Álamo”.

Gregori soprou. — Tio, está tão atrasado no tempo.

—Isso crê? Viu às pessoas lá em baixo? - Jean-Luc ficou em pé e se aproximou da janela de seu escritório que dava para o andar de baixo. — Os homens estão usando cordas ao redor de seus pescoços.

—São laços. — Gregori olhou pela janela unidirecional.

—Merda, definitivamente estamos no Texas. Há um tipo com uma jaqueta de smoking, calças de brim e botas.

—Devem ser bárbaros. Estão levando seus chapéus no interior. — Jean-Luc franziu o cenho. — Recordam ao Napoleão com o bicórneo que estava acostumado a usar, mas o levam posto de lado.

—Esses são os chapéus de vaqueiro, irmão. Mas, o que te importa? Olha, estão gastando dinheiro. Montões de dinheiro.

Jean-Luc apoiou a frente contra o vidro frio. Depois do espetáculo de beneficência daí a duas semanas, Simone, Inga, e Alberto voltariam para Paris. Em seguida, Jean-Luc fecharia a loja sob o pretexto de que tinha fracassado estrepitosamente. Deixaria suas outras lojas do Chique Echarpe em Paris, Nova York, South Beach, Chicago, Hollywood e esperaria que florescessem, mas este edifício no Texas estaria vazio e esquecido. E aqui, ele seguirá com o desenho de roupa e fiscalizando o negócio, mas nunca poderia mostrar seu rosto em público durante vinte e cinco largos anos.

—Só me mate agora.

—Nay, — disse Angus. — É o melhor espadachim que temos, e Casimir está ainda na clandestinidade enquanto aumenta seu exército do mal.

—Assim é. — Jean-Luc deu a seu velho amigo um olhar irônico. — Seria um desperdício que morresse aqui quando poderia fazê-lo em batalha.

A boca do Angus tremeu. — Aye, exatamente.

O timbre da porta do escritório soava.

—É sua esposa, Angus, — anunciou Robby enquanto abria a porta.

Angu se voltou para saudar sua esposa com um sorriso.

Zut. Jean-Luc olhou para outro lado. Primeiro Roman e agora Angus. Ambos casados e loucamente apaixonados. Era vergonhoso. Dois dos mestres de aquelarres mais poderosos no mundo dos vampiros reduzidos a maridos carinhosos. Jean-Luc queria sentir lástima, mas a triste verdade é que estava ciumento.

Maldito ciúmes. Esse tipo de felicidade nunca o alcançaria.



—Olá, meninos! - Emma MacKay se dirigiu pela habitação e diretamente aos braços de seu marido.

—Sabe o que? Comprei a mais linda e pequena bolsa de mão. Alberto o está envolvendo para mim.

—Outra bolsa? - Perguntou Angus. — Não tem uma dúzia já?

Jean-Luc olhou pela janela e observou que moedeiro estava envolvendo Alberto.

—Boas notícias, Angus. É uma de minhas bolsas de menor preço.

—OH, bem. — Angu abraçou a sua esposa.

Jean-Luc sorriu. — Oui, só oitocentos dólares.

Angus deu um passo atrás, os olhos muito abertos pelo choque. — Esqueça o exército sangrento. Matar-te-ei agora mesmo.

Roman riu: - Vamos Angus, pode-lhe permitir isso.

—Então, você também pode. — Jean-Luc sorriu com suficiência a seu velho amigo. — Viu o que sua esposa está comprando?

Roman se apressou à janela e olhou a sua esposa na loja de baixo.

—Pelo sangue de Deus, — sussurrou. Shanna Draganesti estava levando seu filho de dezessete meses no quadril enquanto enchia seu carro com roupa, sapatos e carteiras.

—Ela tem bom gosto, — observou Jean-Luc. — Deve estar orgulhoso.

—Vou estar quebrado. — Roman viu tristemente como a pilha na cadeira de passeio crescia constantemente.

Jean-Luc observava a sala de exposição. Por muito que se queixasse a respeito de seu exílio imposto, estava satisfeito com a prisão que tinha desenhado para ele. Encontrava-se entre as colinas do centro do Texas. A cidade mais próxima era Schnitzelberg, fundada por imigrantes alemães cento e cinquenta anos atrás. Era um lugar sonolento, esquecido, com carvalhos espanhóis cheios de musgo negro e casas Anne Queen com cortinas de cordão.

Todas suas lojas nos Estados Unidos contavam com um desenho similar, mas esta no Texas era diferente, já que incluía uma enorme guarida subterrânea onde Jean-Luc se esconderia durante seu exílio. Era imprescindível manter esta guarida em segredo, por isso o assistente mortal do Jean-Luc, Alberto, tinha chegado a um acordo com o empreiteiro que o tinha construído. O empreiteiro estava na junta escolar local, por isso Jean-Luc acordou fazer uma contribuição de peso ao distrito escolar através do espetáculo de beneficência. Enquanto Jean-Luc fora generoso com a cidade do Schnitzelberg, o empreiteiro guardaria silêncio sobre o armazém em quebra propriedade de um estrangeiro nos subúrbios da cidade. E só por segurança, Robby teletransportou-se ao escritório do empreiteiro e tirou todos os planos e ordens de trabalho relacionadas com este sítio. Depois do show de caridade, Robby e Jean-Luc apagariam algumas memórias, e ninguém recordaria que havia um porão debaixo da enorme loja abandonada. Pierre, um mortal que trabalhava para Segurança e



Investigação MacKay, cuidaria o edifício durante o dia enquanto que Jean-Luc estivesse em seu sono mortal.

Observou a festa. Simone e Inga estavam paquerando com um homem velho de cabelo branco, curvado sobre uma fortificação. Tinha que ser rico, ou não perderiam seu tempo. O olhar de Jean-Luc vagava pela loja. Sempre desfrutou em ver às pessoas.

A ideia de que este edifício estivesse vazio pelos próximos vinte e cinco anos era condenadamente deprimente. Ah! Sim, ele estava acostumado à solidão.

Viu a nova modelo que Alberto tinha contratado para seu último show em Paris.

Sasha Saladino. Estava falando com alguém de pé detrás de um manequim. Alberto aproximou-se e Sasha apresentou a seu acompanhante. Alberto aceitou uma agraciada mão estendida e a beijou. Uma fêmea. E possuía um braço que não era magro como um lápis. Não era um modelo. Uma cliente, então. O mais provável é que fosse mortal.

Alberto e Sasha se afastaram juntos, para sair da sala de exposição. O que foi isso?

Jean-Luc se esqueceu de especular quando seu olhar se desviou de novo para a cliente e se fixou ali. Ela estava se movendo para a sua linha de visão, e que visão.

Havia curvas. E peitos. Um traseiro em que um homem poderia agarrar a gosto e montões de cabelo castanho encaracolado que fluía ao redor de seus ombros. Recordou as luxuriosas empregadas dos botequins medievais que riam com vontades e faziam amor com natural abandono. Mon Dieu, como tinha adorado a essas mulheres.

Era como as estrelas de cinema para as que tinha amado desenhar roupa. Marilyn Monroe, Ava Gardner. Seu intelecto poderia desenhar roupa para um tamanho de zero, mas o resto dele desejava um luxurioso corpo de mulher cheio de curvas. E hei aqui um muito formoso justamente em frente dele. Seu vestido negro se aferrava à deliciosa figura de relógio de areia. E, entretanto a característica mais importante, seu rosto, permanecia oculto. Ele se transladou à esquerda e olhou de perto através do cristal.

Ele conseguiu ver um nariz impertinente, ligeiramente inclinado para cima na ponta. Não era um nariz clássico como a de todas suas modelos, mas gostava. Era natural e linda... Linda? Não era uma palavra que pudesse alguma vez aplicar a seus modelos. Todas elas aspiravam à perfeição, inclusive por meios artificiais, mas o resultado final era que todas pareciam iguais. E em sua busca da perfeição, perderam algo. Perderam o sentido da personalidade e seu brilho único.

A mulher em questão se apartou o grosso cabelo encaracolado, pondo-o detrás de sua orelha. Tinha as maçãs do rosto altas, largas e uma curva doce na mandíbula. Seus olhos estavam muito abertos e sua atenção se centrou no vestido branco. De que cor eram seus olhos? Perguntou-se. Com seu rico cabelo castanho esperava que fossem verdes. Seus lábios estavam muito abertos, mas em forma delicada. Não havia colágeno. Era uma beleza natural. Um anjo. Conseguiu alguns elementos de seu pequeno moedeiro - um bloco de papel de escritura e uma caneta. Não, um lápis - e estava escrevendo algo. Não, desenhando. Sua boca se abriu. Zut! Ela estava copiando seu novo vestido,



roubando seu desenho. Seus olhos se estreitaram. Que nervos tinha para copiar descaradamente seu vestido em frente de todos. Quem diabos era? Havia chegado de Nova Iorque com a Sasha Saladino? Provavelmente trabalhava para uma das casas de moda importantes. Os encantaria ter as cópias de seus últimos desenhos.

—Merde. — Agarrou a jaqueta do smoking da parte posterior de sua cadeira de escritório.

—Aonde vai? - Perguntou Robby, sempre vigilante.

—Ao andar de baixo. — Jean-Luc encolheu os ombros em sua jaqueta.

—À sala de exposição? - Angus franziu o cenho. — Não. Alguém pode te reconhecer. Não deveria te arriscar.

—São gente local, — explicou Jean-Luc. — Não saberão quem sou.

—Não pode estar seguro disso. — Robby se transladou para a porta. — Se quiser algo da loja, trar-lhe-ei isso.

—Não é uma coisa. Trata-se de uma pessoa. — Jean-Luc indicou para a janela. — Há uma espiã ali roubando meus desenhos.

—Está brincando. — Emma correu à janela para olhar.

—Onde está?

—Ela. — Jean-Luc olhou pela janela. — No branco, não. Zut! Ela se transladou ao vestido vermelho.

—Vamos tratar com ela. — Angu se uniu a Robby que se dirigia para a porta.

—Não. — Jean-Luc foi para a saída bloqueando os dois escoceses. — Movam-se. Tenho que saber quem está pagando para me espiar.

Com uma elevação obstinada de queixo, Angus cruzou os braços e se negou a ceder. Jean-Luc arqueou uma sobrancelha ante seu velho amigo.

—Sua companhia trabalha para mim, Angus.

—Sim e nos pagam para te proteger, mas não podemos fazê-lo se te comportas bobamente.

—E eu te digo que esta gente local não sabe quem sou. Alberto sempre me serve de intermediário. Deixe-me passar antes que a condenada espiã se vá com meus desenhos.

Angu suspirou. — Muito bem, mas Robby irá contigo. — Sussurrou instruções a seu tataratataraneto, — Não deixe que alguma pessoa tire algumas fotos. E proteja suas costas. Ele tem inimigos. — Jean-Luc soprou quando saía de seu escritório. Com uns quantos passos grandes, chegou à escada traseira. Angus acreditava que era um homem débil? Ele sabia como proteger-se a si mesmo. Claro, estava na lista de merda de Casimir, mas todos o estavam. E Jean-Luc fazia outros inimigos também. Um homem não poderia viver mais de 500 anos sem aborrecer a uns poucos vampiros.

Mas agora tinha adquirido um novo inimigo. Um ladrão com cara de anjo. Chegou à parte inferior das escadas e se dirigiu pelo corredor lateral da sala de exposição. Os passos de Robby trovejaram nas escadas detrás dele. Quando Jean-Luc entrou na loja, as cabeças se voltaram em sua direção, e logo, deram a volta. Bom. Ninguém o reconheceu. O aroma de diferentes tipos de sangue



flutuava junto a ele, um doce e apetitoso bufê de humanos. Socializar com os mortais tinha representado um problema para seu autocontrole até que Roman inventou o sangue sintético em 1987. Agora Jean-Luc e todos seus amigos Vampiros asseguravam-se de estarem bem alimentados antes de se aventurarem entre os mortais. Deu-se conta que Robby contornava rodeando o perímetro da habitação, procurando fotógrafos. Ou assassinos. Jean-Luc rodeou ao velho com a bengala e se dirigiu à ladra. Deteve-se a poucos centímetros detrás dela. Era alta, a parte superior da cabeça chegava a seu queixo. O aroma de seu sangue era fresco e doce. Era mortal.

—Desculpe, senhorita. — Voltou-se. Seus olhos eram verdes. Zut! Seus belos olhos se ampliaram à medida que o olhava. Não havia nada mais triste que um anjo cansado.

Franziu o cenho. — Dê-me uma boa razão pela que não deveria prendê-la.

Capítulo 2

Heather piscou. — Perdão? - O magnífico homem tinha acento francês e levaria algum tempo a entendê-lo, mas poderia jurar que a tinha ameaçado com uma detenção. Sorriu e lhe estendeu a mão. — Como está? Sou Heather Westfield Lynn.

—Heather? - Sua estranha pronúncia enviou um calafrio que lhe percorreu as costas. Soava como Né-Zair, suave e doce como uma palavra carinhosa. Tomou a mão e a cobriu com as suas.

—Sim? - Continuou sorrindo e orou para que nenhum vestígio do folhado de queijo feta com espinafre se alojasse em seus dentes. Olhou-a com seus formosos olhos azuis.

Seu rosto, com mandíbula cinzelada e boca perfeita, pertencia a uma estátua grega.

Seu agarre era firme ao redor de sua mão. — Me diga a verdade. Quem te enviou aqui?

—Perdão? - Tentou recuperar sua mão, mas ele a manteve apertada. Muito apertada. Um estremecimento de alarme se deslizou até ao seu pescoço.

Seus olhos azuis se estreitaram. — Vi o que fazia.

OH Deus, sabia sobre o bolo de caranguejo. Devia ser uma espécie de guarda de segurança. — Eu... pagarei por isso.

—São vinte mil dólares.

—Por um bolo de caranguejo? - Ela arrancou a mão de seu agarre. — Este lugar é revoltante. — Com um huff, tirou o guardanapo de sua bolsa. — Aqui. Leve seu bolo de caranguejo. Já não o quero.

Ficou olhando o guardanapo com o bolo de caranguejo envolto em sua mão. — É uma espiã e uma ladra?

—Não sou uma espiã. — Fez uma careta. Estava admitindo ser somente uma ladra?

Ele franziu o cenho. — Não há necessidade de roubar comida. É gratuita. Se tiver fome, deveria comer.



—Era uma lembrança, de acordo? Não estou realmente faminta. Vejo-me como alguém que perdeu alguma refeição?

Seu olhar vagou sobre ela lentamente, com uma intensidade que fez seu coração acelerar-se. Bom, o que era bom para o ganso... Ela também o estudou. Seriam os cachos negros em sua cabeça tão suaves como se viam? Teria problemas de cabelo enredado? Caramba, suas largas pestanas, provavelmente também se enredavam.

Clareou a garganta. — Duvido que prendam as pessoas por agarrar um bolo de caranguejo. Assim, irei agora.

Seus olhos se encontraram com os dela. — Não terminei contigo.

—OH. — Talvez a arrastaria longe e a violaria. Não, isso só ocorria nos livros. — O que...? O que tem em mente?

—Vais responder a minhas perguntas. — Fez gestos a um garçom e deixou cair a bola de guardanapo sobre a bandeja. — Agora, me diga a verdade. Quem é seu chefe?

—DEIS.

—É uma agência do governo?

—É o Distrito Escolar Independente do Schnitzelberg.

Ele inclinou a cabeça com um olhar confuso. — Não é desenhista?

—Eu gostaria. Agora bem, se me desculpar. — Girou para se ir.

—Não. — Tomou o controle de seu braço. — Vi que copiava o vestido branco. Custa vinte mil dólares. Se está tão interessada nele, deve comprá-lo.

Ela soltou um bufido. — Nem morta conseguiria entrar nesse vestido.

—O que? - Levantou suas sobrancelhas. — Não há nada mau no desenho.

—Está brincando? - Separou-se de seu alcance. — O que estava pensando Echarpe? A linha do pescoço se afunda mais à frente do umbigo. As aberturas da saia chegam até ao Dakota do Norte. Nenhuma mulher em seu são julgamento usaria essa coisa em público.

Sua mandíbula se deslocou quando apertou os dentes. — As modelos são felizes usando-os.

—Esse é meu ponto exatamente. As pobres mulheres estão tão desnutridas, que não podem pensar claramente. Olha minha amiga Sasha. Sua ideia de uma comida de três pratos é um ramo de aipo, um tomate cherry, e um laxante. Ela está se matando para entrar nesta roupa. As mulheres como eu não podemos nos vestir assim.

Seu olhar se fixou mais nela. — Acredito que sim. Veria-te... Magnífica.

—Meus peitos saíam.

—Exatamente. — A esquina de sua boca se inclinou para cima.

Ela soprou. — Não mostro meus peitos em público.

Seus olhos brilharam. — O faria em privado?

Maldito ele seja e seus bonitos olhos azuis. Teve que pensar um momento para recordar a essência da conversação. — Me vais deter ou babar sobre mim?



Ele sorriu. — Posso fazer as duas coisas?

Que homem tão confuso. — Não tenho feito nada de mal. Quero dizer, com exceção do bolo de caranguejo. Mas não o teria tomado se realmente pudesse me permitir algo neste lugar.

Seu sorriso se desvaneceu. — Está necessitada de dinheiro? Planeja vender os desenhos que copiou a outra casa?

—Não. Só queria fazer um para mim.

—Está mentindo. Disse que nem morta poria um destes vestidos.

Mentindo? Este tio estava cheio de acusações putrefatas. — Olha, eu nunca usaria um destes vestidos da maneira como Echarpe os desenhou. Digo-te, o tipo está totalmente desligado da realidade. Sabe acaso como são as pessoas reais?

—Não como você, — murmurou, e logo lhe estendeu a mão. — Deixe-me ver seus esboços.

—Bem. Se isto for ajudar a esclarecer as coisas. — Mostrou-lhe seu caderno de notas.

—O primeiro é do vestido branco, mas ajustei.

—O compôs? Custa-me reconhecê-lo.

—Já sei. Está muito melhor agora. De fato, poderia usá-lo sem ser detida por exposição indecente.

Apertou os dentes. — Não está tão mal.

—Se um menino me vir nele, estaria em um site Web, em uma lista como agressora sexual. Mas o ponto é discutível, já que nunca poderia pagar pelo vestido em primeiro lugar. Nem sequer posso comprar um par de meias aqui sem que me tirem o meu carro.

—Esta mercadoria está desenhada para uma pequena elite.

—OH, perdão. Justamente ia pedir ao Cheeves que trouxesse o Rolls-Royce, para que me levasse ao aeroporto tomar meu avião privado de retorno a minha vila na Toscana.

Sua boca se torceu quando voltou para a página seguinte. — E este é o vestido vermelho?

—Sim, mas muito melhor depois de que o compus. Há quatro desenhos mais à frente. Estava tendo tantas ideias de uma vez, que só tinha que as desenhar antes que se perdessem. Se souber o que quero dizer.

—Na realidade, sei. — Olhou-a estranhamente.

Era estranho. Não parecia do tipo que compreendesse o caprichoso processo criativo. Parecia-se mais a um atleta, com a estrutura de um nadador, não de um levantador de pesos.

Poderia realmente detê-la? Suas estranhas acusações combinadas com sua atrativa aparência a tinham confundido até o ponto que tinha balbuciado como uma idiota nervosa. Tinha que se relaxar e ser mais amável. — Sinto-o muito. Não tinha a intenção de roubar nada. Estou metida em problemas?

Olhou-a com um pequeno sorriso. — Quem é?

Ela deixou de dizer que sim. Meu deus, este homem era sexy. E muito magnífico para seu próprio bem. Não havia dúvida de que devia ter problemas para encontrar roupa que se ajustasse aos



grandes ombros e largas pernas. Era provável que tivesse problemas com as mulheres, também. Jogariam uma olhada para ele e suas roupas acidentalmente cairiam.

Aha! Isso é o que faria se a detivesse. Oferecer-se-ia a ele como sacrifício. Que nobre. Que ridícula. Nunca teria a coragem.

Terminou de revisar seus desenhos. — Em realidade são bastante bons. Posso ver a forma em que seriam mais adúladores para uma mulher com um... Com uma figura mais deliciosa.

Realmente gostava de seus desenhos? O coração de Heather se inchou de orgulho e alegria. Gostava de ser chamada deliciosa, também. — Obrigada. E obrigada por não chamar as mulheres como eu, gordas.

Ficou rígido. — Por que o diria se não é correto?

Whoa. Este homem era um problema grave. Não só era formoso, mas também sabia bem que coisas dizer às mulheres. Duplamente perigoso. E duplamente divertido? Não, deu-se uma palmada mental. Ela acabava de livrar-se de um desastre masculino. De maneira nenhuma estaria ao redor para uma sequência. — Será melhor que vá. — Ela se voltou para sair.

—Esqueceu seus esboços.

Girou-se para ele. — Deixa-me levá-los?

—Com uma condição. — Ele olhou detrás dela. — Maldita seja. Vamos.

Ela olhou por cima do ombro. Um tipo grande em uma saia escocesa confiscava um telefone com câmara a uma jovem.

—Mas queria uma foto para meu blog, — objetou a garota.

—Venha. — O formoso guarda de segurança agarrou a Heather pelo braço e a conduziu para um conjunto de portas de folha dupla com a palavra “Privado” impressa sobre elas.

—Espera um minuto. — Heather parou a seco. — Onde me leva?

—A um lugar onde possamos falar.

Falar? Não era um código para algo mais? Meu deus! Ele a arrastava para fora para violá-la. — Uh, não falo com estranhos.

—Estiveste falando comigo. — Deu-lhe um olhar irônico enquanto a puxava através da porta dupla a um corredor. — Esteve-me dando uma repreensão.

—Bom, sim. — Ela olhou de novo à sala de exposição. — Só espero que não esteja esperando algo mais.

Deteve-se em outro conjunto de portas duplas e lhe retornou seu bloco de notas.

Enquanto ela o guardava em sua bolsa, marcou um número em um teclado. — O que estou a ponto de te mostrar é muito privado.

OH Deus, isso temia. — Só visto por uma pequena elite?

—Exatamente. Sei que é uma crítica dura, mas acredito que ficará impressionada.

Seu olhar vagou para o sul. — Estou segura de que o estarei.

—Heather.



A forma suave de dizer seu nome a fez sentir que todo seu interior se fundia e voltava-se pegajoso. Ela levantou seu olhar para encontrar seus olhos.

Sua boca se enrugou para cima. — Estamos falando do mesmo?

—Não sei. — Seu coração pulsava com força. Era difícil pensar quando a olhava assim.

—Vou mostrar-te o resto da coleção de outono.

—OH. — Ela piscou. — Certo. Isso é o que pensei.

—Mas, é óbvio. — Havia um brilho suspeito em seus olhos. Abriu a porta e a acompanhou para dentro.

—Está escuro - se calou quando algumas luzes se acenderam.

Uma olhada rápida aos altos tetos fez saber que tinha acendido só a metade das luzes. Seu olhar se moveu para baixo. A sala era enorme, muito maior que a sala de exposição. As prateleiras se alinhavam nas paredes, cheias de cilindros de formosos tecidos. Seus dedos picavam para tocar em tudo. Na parte posterior, viu duas máquinas de costurar. Refletiam-se no cristal das portas francesas ao longo da parede posterior. À esquerda da habitação havia duas grandes mesas de corte. À direita, havia uma prateleira de roupa fabulosa. No centro, uma série de manequins de homens e mulheres de pé em um círculo como o Stonehenge da alta moda. Meu deus, o que daria para ter uma oficina como esta. Era o céu. — Aqui é onde acontece a magia.

—Magia? - Ele fechou a porta. — Eu o chamaria um trabalho duro.

—Mas mágico. — Ela vagou para a primeira prateleira de roupa, seus sapatos soavam o piso de madeira. — Aqui é onde as ideias dão a luz.

Ele a seguiu. — Então, você gosta do escritório de desenho?

—OH, sim. — Olhou as jaquetas de corte militar e saias no bastidor. — Adorável. — Ela esfregou o tecido entre seus dedos e franziu o cenho.

—O que tem de mau?

—É de lã.

—É uma jaqueta de inverno.

—E isto é Texas. É possível que o enfaixe no Panhandle, mas aqui embaixo, teria que estar rodeado de ar condicionado para usá-la, inclusive no inverno.

—Não me dei conta disso. — Ele cruzou os braços, com o cenho franzido.

—O corte é notável, entretanto. — Ela admirava uma das jaquetas. — O tipo é um gênio.

—Pensei que estava completamente afastado da realidade.

Heather riu. — Isso, também. — Foi por volta da segunda prateleira.

—Fez seu vestido?

Fez uma careta. — É tão óbvio?

Encolheu-se de ombros. — Está bem feito, na realidade. O tecido é uma merda, mas muitos deles o são hoje em dia.



—OH, sei. Comprei coisas que, literalmente, desintegram-se depois de duas lavagens. — Deteve-se diante de uma jaqueta bolero de contas quando de repente teve uma ideia. — Desde quando os guardas segurança sabem algo a respeito de tecidos?

—É um desenho próprio? - Perguntou.

—Algo assim. Eu gosto de combinar características de diferentes padrões e fazer algo... Único. Ele assentiu com a cabeça. — É único.

—Obrigada. — Quem era este homem? - Você... Trabalha para Echarpe como desenhista?

—Você gostaria?

Sua boca se abriu. — Huh?

—Convenceste-me que estou descuidando uma parte do mercado, e mulheres como você merecem ver-se o melhor possível.

—OH.

—Acredito que mais destes desenhos podem ser adaptados para figuras mais completas, e você pode ser justo a pessoa indicada.

—OH.

—Volta na segunda-feira de noite, se desejas começar.

—OH. — Meu deus, soava como uma idiota. — Poderia trabalhar aqui? Neste lugar mágico?

—Sim.

—OH meu Deus! - Obviamente este homem não era segurança. — É o gerente? Eu... espero que não se tenha sentido ofendido por algumas das coisas que hei dito.

—Disse que Echarpe era um gênio.

—E que estava completamente afastado da realidade. E que terei que arrumar seus desenhos.

Heather fez uma careta. — Deixo-me levar um pouco. Mas é só porque sinto apaixonadamente que mulheres como eu merecem um look tão bom como nossas irmãs mais fracas.

—Tem paixão. — Fez um gesto a seu vestido. — E talento. Caso contrário, não a contrataria.

Ela sorriu. — OH, obrigado! Isto é um sonho feito realidade. — Pressionou uma mão contra seu peito.

—Estou tão emocionada, senhor... né, Como posso te chamar?

Inclinou-se ligeiramente. — Permita-me que me apresente. — Seus olhos brilhavam quando lentamente sorriu. — Sou Jean-Luc Echarpe.

Capítulo 3



Jean-Luc esperava que sua reação fosse entretida e assim foi. A boca de Heather se abriu. Seus belos olhos verdes se ampliaram pelo horror. O sangue desapareceu de seu rosto, deixando-a pálida, inclusive suas sardas se desvaneceram.

Sorriu abertamente. Não se tinha divertido tanto a anos. Abria e fechava sua bonita boca, mas as palavras não saíam, parecia um peixe. Um peixe adorável.

Inclinou a cabeça. — Dizia?

As ajustou para afogar uns balbucios estrangulados. — Como pode ser... Acreditei... Acreditei que fosse realmente velho.

Ele arqueou uma sobrancelha.

—Quero dizer... OH Deus, sinto muito. — Jogou para trás seus grossos cachos. Sua bolsa caiu ao chão. — Ah, mer...

Ele se inclinou para recolhê-lo.

—Não, eu a pego. — Agarrou sua bolsa tão rápida que tropeçou quando se estava erguendo. Ele tentou alcançá-la para estabilizá-la.

—Estou bem. — Estirou o braço para agarrar-se pela roupa. Por desgracia, a roupa se separou como o Mar Vermelho, deixando-a a cair em picado ao chão.

—Aagh...

—Tenho-te. — Ele a agarrou pela manga. Rasgando-a.

Caiu ao piso com ele sustentando a manga em sua mão. Merde.

Inclinou-se sobre ela. — Está bem? - Sua saia subiu, deixando ao descoberto suas bem formadas pernas. Não podia deixar de imaginar essas coxas ao redor de sua cintura. Ou seu pescoço.

—É realmente Jean-Luc Echarpe? - Perguntou.

—Oui.

Gemeu e se tapou a cara. — Tem um porão onde possa me esconder uns cinquenta anos?

Na realidade o tinha, e esteve tentado em convidá-la para lá ir. Certamente alegraria seu comprido exílio. Mas não tinha direito a encarcerar a uma mortal só para entreter-se. Sentou-se no chão junto a ela.

—Não há necessidade de sentir-se envergonhada.

—Estou mortificada. Só me mate.

Ele riu entre dentes. — Hei dito o mesmo esta tarde. Estamos muito melodramáticos, não?

—Disse algumas coisas horríveis sobre ti. — Baixou suas mãos. — Sinto-o muito.

—Não te desculpe por ser honesta. Eu gosto. Neste negócio, muito poucas pessoas o são. Sentou-se e fez uma careta quando notou sua saia. Apressou-se a baixá-la. — Não posso entender como pode ser tão boni... jovem. Se tiver desenhado roupa para gente como Marilyn Monroe.

Quase tinha dito bonito? Seu sorriso se desvaneceu quando se deu conta que era hora de começar a mentir. Maldição. Tinha sido tão honesta com ele.



—Sou o... filho do original Jean-Luc Echarpe. Pode me chamar Jean, assim não me confundirá com meu pai.

—OH. É grandioso que tenha herdado seu talento.

Jean-Luc encolheu os ombros. Odiava o engano. Por isso preferia normalmente tratar com vampiros. Qualquer relação com um mortal requeria uma série de mentiras, sobre tudo agora que tinha que ficar na clandestinidade. Entregou a manga rasgada Heather.

—Sinto que se rasgou.

—Está bem. — Disse colocando a manga na bolsa. — Como disse, o tecido é uma merda. — Olhou ao redor da sala e sorriu. — Não posso acreditar que esteja sentada em um escritório de desenho com um famoso desenhista de moda.

Ele sorriu enquanto se levantava. — Vem na segunda-feira a trabalhar?

Estendeu uma mão para ajudá-la a levantar-se.

—OH, pode apostar. Isto é um sonho feito realidade para mim.

Pôs sua mão na dele.

Ele puxou tão rapidamente, que chocou contra seu peito. Seus braços a rodearam no instante.

Olhou-o com seus formosos olhos de um verde tão escuro, tão vivo. Podia ouvir o batimento do coração de seu coração acelerado agora que estava em seus braços. E gostava disso.

—Sabe o quanto formosa é?

Ela negou com a cabeça.

Ao parecer, também poderia fazê-la perder a capacidade de falar. O desejo chispou através de suas veias. Sentia-se tão quente e doce, mas teve que deter-se antes que seus olhos brilhassem vermelhos. Ela também era uma grande tentação e sempre era cuidadoso de evitar as relações reais.

Soltou-a.

—Temo que só te possa contratar por duas semanas.

Uma vez que a loja fechasse, o único mortal permitido no interior seria seu guarda de segurança, Pierre.

—Entendo.

Deu um passo atrás, com cara triste.

—Dou-me conta de que não tenho experiência. E tenho que voltar para o ensino em setembro.

—Está você supondo que vou encontrar alguma falha em ti?

Seu rubor em reposta indicou que havia tocado um nervo. Suspeitava que sua atitude combativa escondesse um oco de falta de confiança. Era um truque que reconhecia, depois de havê-lo usado o mesmo.

Mas por que Heather Westfield duvidava de si mesmo? Alguém tinha tratado de estrangular seu espírito? Se assim era, sentia umas repentinas vontades de pegar um murro à cara dessa pessoa.

—Minha preocupação não é que não vá gostar de estar contigo. Justamente o contrário. Poderia gostar muito.



Estava muito tentado a mantê-la aqui para aliviar a solidão de seu exílio.

Ela tragou saliva audivelmente.

—E tenho uma regra que sempre sigo. Nunca me envolvo com os empregados. Não importa quanto me atraíam.

Permitiu que seu olhar vagasse sobre seu delicioso corpo.

—OH, Meu deus, — sussurrou dando outro passo atrás. — Não estou procurando... não estou preparada... quero dizer... Eu...

—A ideia de uma relação te deixa sem palavras?

—Mas bem horrorizada - ela fez uma careta. — OH, não queria dizer contigo. Queria dizer com qualquer um. Passei por um divórcio desagradável faz um ano e...

Ele levantou uma mão para silenciá-la. — Comportar-me-ei. — Ele sorriu lentamente. — Você pode?

—É obvio. Sempre sou... Boa. — Parecia um pouco desesperada sobre isso.

Tinha um o desejo secreto de ser má? O desejo o alagou de novo e apertou os punhos para evitar tocá-la. Tinha passado tanto tempo desde que havia... Empurrou o pensamento para um lado. Tinha que deixar às mulheres mortais sozinhas. Havia-o aprendido da forma mais dolorosa possível.

Ela caminhava pelo corredor, tocando a roupa a seu passo.

—Estes são cool.

Deteve-se frente a uma grande variedade de cinturões de couro, latão e prata.

—Esta é minha primeira temporada no desenho de cinturões. — Aproximou-se. Só os modelos mortais podiam usar cinturões de prata de lei. Simone e Inga se afastavam de algo que pudesse queimar sua pele delicada.

—O que pensa?

—São bonitos. Eu gosto especialmente dos grandes, maciços que se apoiam nos quadris.

A audição superior do Jean-Luc recolheu o som. Levantou uma mão e Heather guardou silêncio com um olhar inquisitivo. Um passo, outro clique.

Tinha ouvido se abrir e fechar a porta. Só alguém que conhecesse a combinação poderia abrir a porta. Se um vampiro se tivesse teletransportado ao interior do edifício faria saltar o alarme. Por isso esta pessoa devia ter-se teletransportado desde algum lugar dentro do edifício. Seus amigos vampiros haveriam falado, assim que o visitante não era um amigo.

Jean-Luc levou um dedo aos lábios para advertir Heather que permanecesse em silêncio. Revisou o final do corredor e o centro da habitação. Apareceu entre a roupa que estava pendurada no rack.

Ali estava. O velho com a bengala. Click. Tinha apoiado a bengala no piso de madeira, continuando, arrastou os pés para avançar. Ficou curvado, com a cara oculta.

Jean-Luc farejou. O aroma do Heather estava detrás dele, definitivamente mortal, mas não sentiu nada desse homem.



O ancião se deteve com um click final de sua bengala.

—Sei que está aqui, Echarpe.

Jean-Luc ficou rígido. Mon dieu, era Lui. Não tinha visto seu inimigo mais temido em mais de uma centena de anos.

—Sou um homem paciente. Sabia que com tempo voltaria a ser descuidado. E aqui está, sem armas, sem seus queridos guarda-costas. — O velho se endireitou lentamente. — Não pude te agarrar em Paris. Rodeado, noite e dia, de uma dúzia de guardas.

Ele levantou o queixo.

Jean-Luc respirou profundamente quando viu os olhos do homem. Lui havia assumido muitas identidades ao longo dos séculos, sempre obtendo um aspecto diferente. À exceção dos olhos. Sempre eram escuros, frios e cheios de ódio.

Jean-Luc escondeu a Heather quando Lui seguiu falando.

—Este foi seu último engano, Echarpe. Fui à abertura de todas suas lojas, mas permaneceu oculto, como o covarde que é. Agora, por fim, fez ato de presença. Sua aparição final.

Jean-Luc tocou a Heather e levou um dedo a seus lábios. Ela assentiu com um olhar inquieta.

Sussurrou-lhe ao ouvido: - Não deixe que te veja. Escapa pela porta de trás.

Abriu a boca para protestar, mas a deteve com um dedo apertado contra seus lábios. “Va”, articulou a palavra. Empurrou-a brandamente para o extremo oposto do corredor.

—Sai de seu esconderijo, covarde, — gritou Lui. — Vim te matar definitivamente. Sentirei falta de te torturar, mas Casimir me ofereceu uma soma enorme. E não podia rechaçá-la.

Jean-Luc caminhou pelo corredor para o centro da habitação.

—Merda Santa, e eu que pensava que estava morto. Mas não importa, estará muito em breve.

Era um espadachim melhor que Lui, mas por desgraça, estava desarmado nesse momento. Enviou uma mensagem psíquica.

—Posso te ouvir, — burlou-se Lui. — Choramando a seus amigos para que venham te salvar.

—Brigo minhas próprias batalhas. Diga-me, quanto tempo demorou em recuperar depois de nosso último encontro? Se a memória não me falha, tinha as tripas de fora.

Com um grunhido, Lui girou sua bengala e tirou da vagem de madeira uma folha magra, letal. Puxou a vagem de madeira a um lado que ressonou no chão.

—Seus amigos chegarão muito tarde. — E atacou

Jean-Luc saltou a um lado, agarrou um manequim próximo e o fez girar para desviar o primeiro ataque.

A espada do Lui, decapitou ao manequim. — Ah, isto me traz doces lembranças do Reinado do Terror.

Golpeou de novo e destroçou o torso do manequim.

Jean-Luc se viu si mesmo defendendo-se com uma perna de manequim. Pelo menos havia uma barra de metal dentro do plástico. E Robby estaria aqui em qualquer momento com uma espada real.



Jean-Luc o evitou, sentindo o zumbido sobre sua cabeça quando a espada do Lui cortou o ar. Girou à direita, plantou a perna do manequim no chão e o usou como uma vara apoiando-se para saltar sobre uma mesa de corte.

Lui se balançou em suas pernas, mas Jean-Luc saltou e aterrissou no chão no outro lado da mesa. Quando Lui rodeou para a direita para agarrá-lo, foi para a direita também. Podia manter ao Lui dançando ao redor da mesa até que Robby chegasse com uma espada.

Jean-Luc tinha completado um círculo quando viu um movimento detrás do Lui. Ficou paralisado.

Heather espreitava aproximando-se detrás do Lui com nada mais que um punhado de cintos. No que estava pensando?

Não se atreveu a gritar para que se detivesse. Não queria alertar Lui de sua presença e que ele a atravessasse com sua espada. Merde. Fez uma careta e um gesto com a cabeça para que ela se fora longe de ali.

Não fez conta, seus olhos se centraram no Lui.

A única coisa que Jean-Luc podia fazer era afastar Lui dela. Correu para o centro da habitação e entrou na luta com a perna do manequim. Partes de plástico voaram pelo ar quando Lui golpeou a perna.

—Basta! - Heather golpeou Lui com os cintos.

Lui ficou rígido quando o metal de prata golpeou a parte posterior de sua cabeça.

Uma espiral de fumaça subiu. Voltou-se para ela, com o rosto contorcido pela dor.

—Maldita cadela! - Levantou sua espada.

—Heather, corre! - Jean-Luc saltou para frente e golpeou Lui na cabeça com a perna do manequim.

A barra de metal mandou Lui para um lado, tropeçando. Sua espada caiu ruidosamente ao chão. Jean-Luc se agachou para recuperar a espada, e logo, saltou quando Heather voltou a golpear Lui.

—Toma isto, canalha - Seus olhos brilhavam de emoção.

Lui levantou as mãos para proteger a cabeça e a prata assobiou através de suas palmas, chispando na carne exposta. Ouviu-se um estrondo na porta dianteira. Angus e Robby apareceram com suas claymores em riste. Robby lançou uma espada através do quarto para Jean-Luc.

Agarrou-a e se voltou para o Lui. O filho de puta se escondeu entre os bastidores de roupa. Pela extremidade do olho, Jean-Luc viu o Angus deslizar-se entre dois bastidores. Sem dúvida, o escocês queria agarrar o filho da puta pelas costas.

Jean-Luc entregou a espada do Lui a Heather.

—Se ti atacar, não duvide em usá-la.

Ela assentiu com a cabeça, olharam-se. Seu coração gaguejou. Mon Dieu, como tinha conseguido colocá-la nisto?



—Voltarei por ti, Echarpe, — anunciou Liu. — Mas primeiro vou matar a sua mulher. Como nos velhos tempos.

—Ela não é minha mulher. Deixa-a fora disto.

—Ah, mas posso ver que se preocupa por ela. Pergunto-me se será tão complacente como sua última amante

—Maldito seja. — Disse Jean-Luc aproximando-se dos bastidores. — Vigia-a-, gritou a Robby, continuando, correu pelo corredor. Viu o Angus na direção oposta.

Jean-Luc empurrou a um lado a roupa, à caça do Lui.

—Maldição, — murmurou Angus. — Deve ter-se teletransportado. Vou continuar procurando. — Seguiu percorrendo as dependências à velocidade de vampiro.

—Encontrou-o? - Disse Heather.

—Não. Escapou... — Jean-Luc estava de novo no centro da oficina. Fervia de frustração, cortando o ar com a espada. Os olhos de Heather se abriram.

Robby passeava a seu redor, com sua claymore sujeita em um punho apertado. — Tenho que vigiar o terreno. Agora.

Jean-Luc assentiu com a cabeça. — Vai.

Robby correu para as portas francesas, na parede do fundo e saiu.

Jean-Luc respirou fundo.

—Está bem?

—Suponho. — Disse Heather atirando os cinturões e espada do Lui em uma mesa. — Mas não entendo o que está passando. Por que todas estas espadas? E por que alguém quereria matar a um desenhista de moda?

—É uma longa história. — E dolorosa. — Eu gostei que tivesse ficado, embora lhe dissesse que fosse.

—Ia, mas quando vi que te atacava com a espada e que tudo o que tinha era um manequim... Não sei. Deveria ter tido medo, mas tive medo toda minha vida e estou doente e cansada dele. Então só senti ira. Zanguei-me comigo mesma por ser uma covarde. Com meu ex por ser uma idiota. Só tinha que tomar medidas, e eu... estive bem.

Jean-Luc tomou sua mão. Suspeitava que fosse seu ex-marido quem a tinha deixado imersa na falta de confiança. Mas estava lutando e seu coração se inchou de orgulho por ela.

—Foi muito valente. Pode ser que tenha salvado a minha vida.

Suas bochechas se ruborizaram.

—Não sei se ajudei muito. Realmente estava se safando muito bem. Quem era esse tipo?

—Nunca soube seu verdadeiro nome. Eu o chamo Lui.

—Louie?

—Non, Lui.

Ela franziu o cenho. — Isso é o que eu disse.



Jean-Luc suspirou. — Lui significa 'ele' em francês. É um assassino de muitos nomes. Jacques Clément, Damiens, Ravailac. Inca ao assassinato e se deleita com a morte.

Sua mão tremeu. — Por que quer te matar?

— Devido a que tentei detê-lo durante anos. Obtive-o uma vez e procurei meu sofrimento após.

— Jean-Luc lhe apertou a mão. — Heather, lamento te dizer isto, mas está em terrível perigo.

Seu rosto empalideceu. — Isso temia. Ele pensa que sou...

— Ele acredita que você é minha amante.

Retirou a mão de seu agarre. — Será melhor me manter afastada. Suponho que não posso trabalhar aqui depois de tudo.

— Au contraire, deve trabalhar aqui. Tenho guardas de segurança que podem te proteger. De fato, deve viver aqui até que possamos apanhar ao Lui.

Ela se burlou. — Não posso viver aqui. Tenho uma casa no Schnitzelberg.

— Tem que viver aqui. Lui matou a duas mulheres de meu passado.

Heather tragou saliva. — Mata a suas amigas?

— Sim. Sinto que tenha acontecido isto. Adverti-te que não deixasse que te visse.

Ela fez uma careta. — Deveria ter feito o que me disse.

— Se o tivesse feito, poderia estar morto. Deixe-me proteger a Heather. Devo-te muito.

— Não posso ficar aqui. Minha filha...

— Tem uma filha? - Jean-Luc sentiu como se tivesse sido golpeado no estômago.

— Sim. OH, Meu deus. Está dizendo que está em perigo, também?

Jean-Luc tragou saliva. Uma visão de corpos mutilados cruzou sua mente. Yvonne em 1757. Claudine em 1832. Não poderia suportar a dor e a culpa outra vez.

— Não tenha medo. Vou proteger as duas.

Capítulo 4

Deveria ter sabido que não era perfeito. Uma pessoa tão magnífica como Jean-Luc Echarpe, tinha que ter algum defeito. Defeito número um: Teimoso como uma mula.

Depois que Heather se recuperou da comoção inicial, havia rechaçado a oferta de amparo por parte de Echarpe. Ele tinha ficado atônito, mas logo, havia tornado a expor a oferta como se automaticamente a convertesse em lei.

Depois de que tivesse vivido durante seis anos com um marido obcecado com o controle, que tinha legislado tudo, inclusive sobre o tipo de roupa interior que ela podia comprar, a aprovação ditatorial a tinha com as calcinhas de algodão branco em um nudo. Que Deus a ajudasse, tinha que escapar dos homens dominantes. E também precisava comprar roupa interior nova, algo selvagem



que simbolizasse seu valor recém-adquirido. Graças a Deus havia uma loja de descontos no caminho de casa. Onde poderia uma garota independente comprar roupa interior de renda e cartuchos de escopeta em apenas uma parada conveniente?

—Sr. Echarpe, agradeço seu amável oferecimento, mas realmente não necessito um protetor.

— Fez um gesto para a porta fechada. — Se só me deixasse ir...?

—Em um momento. — Franziu o cenho para a porta. — Acredito que não te apercebeste do perigoso que é o Lui.

Grrrr. O homem nunca se rendia. — Louie não parecia tão perigoso para mim. Foi francamente covarde quando o golpeei com os cinturões. E lutou contra ele com um manequim quebrado. Para ser um vilão, é bastante fácil superá-lo.

—Não foi fácil, só o pareceu porque sou o melhor espadachim da Europa.

Defeito número dois: um ego muito inflado. Nunca tinha conhecido a um homem que não sofresse esse problema.

—Talvez ainda se lute com espadas na Europa, mas aqui no Texas, usam-se armas de fogo. Se tivesse uma, Louie estaria a caminho do necrotério.

As sobrelhas de Jean-Luc se uniram em uma careta feroz.

—Está dizendo que pode lutar contra ele melhor que eu?

—Tenho mais fé em minha escopeta que em qualquer homem, isso é seguro.

—Mas estou tratando de te salvar

—Eu já estou salva. Aleluia, louvado seja o Senhor. Agora abre essa porta e deixe-me ir, irmão.

Seus olhos se abriram com um olhar de exasperação. — Não a posso deixar ir até que esteja de acordo que te proteja.

—Esperará um longo tempo porque não te necessito.

—Mulher ingrata.

—Homem arrogante. — Seu coração se acelerou. Meu Deus, isto era tão emocionante como quando estrelou um bolo na cara de seu ex-marido. Ainda melhor, na realidade. O bolo tinha sido um ato de desespero, poluído com o conhecimento triste de que seu matrimônio era um fracasso. Isto se tratava de uma gloriosa declaração de independência. Nunca se sentiu mais forte ou mais valente.

Açoitar a Louie com os cinturões a tinha feito sentir como a Mulher Maravilha e gostou.

—Foi um prazer te conhecer, Sr. Echarpe. E te agradeço sua oferta de emprego, mas, dadas as circunstâncias, acredito que é melhor para nós não nos ver outra vez.

Heather se voltou muito orgulhosa por seu pequeno discurso e se dirigiu para a porta. As maldições que ouviu detrás dela a fizeram sorrir. — Se só abrir a porta...

A porta de repente se abriu e um grupo de pessoas irrompeu na habitação.

—Já era hora. — Queixou-se Jean-Luc.

Um escocês com um kilt fechou a porta e se apoiou nela. O olhar duro em seu rosto e a espada na mão significavam negócios. A saída digna do Heather estava arruinada. Mais que arruinada.



Estava apanhada. De algum jeito, Jean-Luc Echarpe tinha conseguido chamar a seus seguranças. Defeito número três: era mais que obstinado. Era implacável.

Apresentou a seus amigos, mas apenas ouviu. Era malditamente frustrante. Tinha lutado muito duro para aprender a cuidar de si mesma e de sua filha, Bethany.

Deixar que um homem a protegesse fosse de algum jeito, como um passo gigante para trás. Entretanto, teve que admitir que lhe parecesse muito agradável no princípio. Ela tinha se sentido adulada porque a encontrava atrativa.

Tinha-o encontrado certamente atraente antes de descobrir seu complexo de Napoleão. Tinha-lhe oferecido o trabalho de seus sonhos. Oportunidades assim não apareciam frequentemente, assim terei que estar louca para renunciar a ela. Estava reagindo de forma exagerada porque tinha pressionado os botões equivocados? Ele era dominante, mas tinha perdido duas amigas. Seu desespero era compreensível.

O menino queria ser um herói. Isso era tão mau?

Mas, o que sabia ela dele? Se julgasse a um homem por seus amigos, Jean-Luc seria protetor e leal. Assim era como luziam seus amigos.

Havia um homem alto, sério, chamado Roman Dragon... algo, com sua esposa e um bebê loiros. Havia outro homem chamado Gregori, que sorria muito. Dois escoceses chamados MacKay. Irmãos, talvez. O segurança chamado Robby estava vigiando a porta. O outro, Angus, estava casado com uma formosa morena chamada Emma. Agora que pensava, todos eram excepcionalmente bem parecidos.

—São modelos? — Perguntou Heather quando os homens se apressaram em direção Jean-Luc na habitação, deixando-a a ela com as mulheres e o bebê.

Shanna pôs-se a rir enquanto colocava o bebê nos braços.

—De maneira nenhuma. Sou dentista. Meu marido é o dono de Indústrias Romatech e Gregori é um de seus vice-presidentes. Angus MacKay, é o Diretor Geral de Segurança e Investigação.

—OH. — Heather olhou para a porta. Robby ainda a custodiava. Ela não iria a nenhum lugar por algum tempo.

Emma lhe sorriu.

—Lutou bem.

—Obrigada. — Heather imaginou que agora que estava apanhada poderia pescar mais informação. — O que sabe sobre o Louie?

Shanna trocou o menino gordinho de quadril.

—É uma história triste. Perseguiu ao Jean-Luc durante muito tempo.

—Angus me contou algo enquanto baixávamos, — continuou Emma com um ligeiro acento britânico. — Lui assassinou a duas das noivas do Jean-Luc no passado.

—Eu não sou sua noiva, — murmurou Heather. — Conheci o Sr. Echarpe o esta noite.

—Não importa, — disse Emma. — Enquanto que Lui pense que os dois têm uma relação, será um objetivo.



—Posso entender sua relutância a aceitar o amparo do Jean-Luc, — admitiu Shanna. — Eu estive uma vez em uma situação similar em que Roman tinha que me proteger. Isso foi antes que estivéssemos casados.

Heather olhou aos homens, amontoados na sala e sussurrando com urgência uns aos outros. Era um grupo formoso, mas ainda assim, havia algo diferente neles, algo que não podia identificar.

—Levou-me um tempo para conhecer o Roman e confiar nele, — continuou Shanna.

—Entendo sua relutância em confiar num estranho, mas conheço o Jean-Luc há dois anos e é um homem digno de confiança. Doce como pode ser. Sempre se preocupa com o Roman e por mim. — Ele veio para me resgatar, também, — adicionou Emma. — É o melhor espadachim da Europa.

—Isso ouvi. — Suspirou Heather. Seus amigos pareciam está-lo homenageando. Olhou a Jean-Luc. Não tinha a menor dúvida de que era um tipo capaz. Tinha o corpo de um atleta e ela tinha visto a sua rapidez e imaginativo era em ação. Seu elegante smoking não ocultava sua aura de força e perigo. Só o fazia parecer mais como James Bond. E James Bond sempre conseguia a bela garota ao final.

Seu coração se estremeceu no peito. Que Deus a ajudasse, queria ser a bela garota.

Defeito número quatro: muito bonito para seu próprio bem.

—É bonito, não te parece? - Sussurrou Shanna.

Heather saltou. Merda tinha-a pegado comendo-o com os olhos.

Emma lhe dirigiu um sorriso de cumplicidade. Inclusive o bebê no quadril de Shanna riu junto com sua mamãe.

—De acordo, sim é um tipo atrativo. Isso não quer dizer que necessite sua ajuda, — protestou Heather. — Posso cuidar de mim mesma.

Emma deixou de sorrir. — Não entende o quanto perigoso é Lui.

—O tipo saiu correndo logo que o superaram em número. Não é tão perigoso.

Emma baixou a voz. — As portas fechadas não podem detê-lo. Ele pode entrar em sua casa cada vez que queira. Nunca o ouvirá. Pode aparecer detrás de ti em qualquer momento. Antes que saiba o que está a acontecer, sua garganta estará aberta em duas.

Heather tragou saliva e lutou contra o impulso de olhar por cima de seu ombro.

Maldita seja, estava começando a assustar-se. Sua voz começou a subir. — Não pode ser tão mau. Não é como se o homem realmente pudesse desaparecer ou aparecer à vontade. Faze-o que soe como se fora uma espécie de criatura noturna sobrenatural. — Suas palavras ecoaram em uma sala repentinamente silenciosa.

O grupo dos homens se voltou para olhá-la. A cara de Heather se esquentou por o rubor.

Inclusive em uma sala de aulas da Guadalupe High, nunca tinha recebido esse tipo de atenção sem exceções.

O silêncio se prolongou enquanto que os homens a olhavam. Emma e Shanna se olharam, então se puseram a rir. O menino gritou e agitou os braços para a Heather.



—Quer que o carregue.

Shanna o empurrou aos braços de Heather.

O bebê agarrou um punhado de cabelo da Heather e lhe trouxe gratas lembranças da primeira infância do Bethany. Heather sorriu às rechonchudas bochechas vermelhas e brilhantes olhos azuis do pequeno.

—É adorável. Como se chama?

—Constantine, — respondeu Shanna. — Ouvi que tem uma filha.

Heather podia ver para onde ia. Tentava utilizar a sua filha para fazê-la sentir-se culpada e que aceitasse a oferta de Jean-Luc.

—Tem quatro anos. E posso nos proteger a ambas. Herdei uma escopeta de meu pai.

Shanna fez uma careta de dor. — Guardas uma arma em casa com uma menina?

Heather apertou os dentes. Não tomava nada mais a sério que ser uma boa mamãe.

—Não a tenho carregada. É óbvio, agora terei que conseguir algumas munições.

Os olhos da Emma brilharam com aprovação. — Sabe disparar?

—Sim. Meu pai me ensinou tudo sobre usar uma arma. Era um perito.

—O que lhe passou? - Perguntou Shanna.

—Lhe... Dispararam.

Shanna fez uma careta.

—Foi no comprimento de suas funções, — acrescentou Heather. — Era o Xerife da cidade.

—Infelizmente, isso demonstra que inclusive o melhor dos profissionais pode morrer, — disse Emma. — Necessita ajuda para proteger a sua filha. Não pode permanecer acordada e em alerta 24/7.

—Fidelia também conta.

Shanna ficou sem fôlego. — Com quatro anos, tem uma arma?

—Não, é óbvio que não. — Soprou Heather. — Nunca deixaria a minha filha ao redor de uma arma. — Fez uma careta. Isso não era de tudo certo. Fidelia tinha deixado claro que ela nunca ia a nenhuma parte sem suas armas. — Fidelia é a babá que vive comigo e uma velha amiga da família. Ela faria algo para nos proteger a Bethany e a mim.

—Assim há duas mulheres em sua casa que sabem disparar? - Perguntou Emma, sorrindo. — Você gostaria de ter três?

Shanna sorriu. — Isso é uma grande ideia.

—O que? - Disse Heather colocando no quadril ao bebê Constantine.

—Mas, pensa que ao Angus importará? - Shanna se inclinou para o Heather e sussurrou: - Estão recém-casados.

—Estamos casados há um ano, assim não acredito que umas noites separados, matem Angus.

— Emma protestou. — O que pensa Heather?

—É muito amável de sua parte querer ajudar, mas... — Heather fez uma careta de dor quando o bebê lhe puxou o cabelo.



—Sou vice-presidente na Segurança e Investigação MacKay, — explicou Emma. — E sou uma ex-empregada do MI6 e a CIA, assim serei uma guarda-costas muito boa.

Heather estava impressionada. — Realmente aprecio sua oferta, mas meus recursos são muito limitados...

—Sem cargos, — interrompeu Emma. — Jean-Luc ajudou Angus e a mim quando estávamos com problemas. Devo-lhe uma.

—É a solução perfeita. — Concluiu Shanna.

Constantine puxou uma vez mais o cabelo a Heather e a olhou. Seus olhos capturaram sua atenção.

—Meus dias estão... Ocupados, por isso só poderia estar contigo de noite, — continuou Emma. — Isso dará a ti e a sua babá a oportunidade de dormir, isso dará a sua babá e a você a oportunidade de descansar e estarão mais preparadas para se protegerem.

—Entendo. — Uma aceitação tranquila se filtrou na Heather enquanto o bebê o sorria. — Obrigado Emma. Estou encantada de contar com sua ajuda.

—Bem! Vou contar aos meninos o que decidimos e depois poderemos ir.

Emma se dirigiu a grandes passos para o grupo de homens.

Constantine soltou o cabelo da Heather. — Pode me baixar agora.

Ela piscou. A voz do menino era muito clara. E havia algo estranhamente inteligente em seus olhos. Ela o pôs no chão.

—Que idade tem?

—Dezessete meses. — Disse Shanna.

Heather o viu caminhar tranquilamente para sua mãe. — É um menino especial.

Shanna sorriu com orgulho. — Sim, é-o.

Trinta minutos mais tarde, Heather chegava com sua caminhonete Chevy à entrada de sua casa no Schnitzelberg.

—Bonita casa.

Emma abriu a porta do acompanhante para sair.

—Herdei-a de meus pais.

Heather adorava a velha casa Rainha Anna o amplo alpendre e o balanço.

Amava o artesanato de pão de gengibre ao redor do pórtico e do balcão do segundo piso. Mas sobre tudo, adorava o fato de que pudesse criar a sua filha na mesma casa onde tinha crescido.

Agarrou sua bolsa e a bolsa com a roupa interior de renda recém-comprada e os cartuchos para a escopeta. Emma não disse nada quando entraram na loja de descontos, por isso Heather já gostava.

—Por aqui. — Guiando-a pelas escadas até a porta principal.



Emma pendurou uma bolsa de asas sobre seu ombro e observou o pátio dianteiro.

—Não há porão?

—Eu gostaria. Poderia utilizar o espaço de armazenamento adicional.

Heather abriu a porta principal. Ela podia ouvir a televisão no interior. Fidelia ainda poderia estar acordada.

Emma franziu o cenho quando subiu ao alpendre.

—É uma casa preciosa, mas muito vulnerável. De quem é a habitação com balcão?

—A minha, mas tem todas as janelas e portas fechadas.

Emma não parecia impressionada.

—Deixe ir primeiro.

O coração do Heather tremeu. — Crie que Louie está aqui? - Com uma menina no interior?

—Não quero correr nenhum risco. — Emma agarrou um pau de sua bolsa e se meteu no hall de entrada.

Um pau? Seria mais silencioso que uma escopeta, mas Heather duvidava que fosse mais eficiente. Seguiu a Emma e fechou a porta.

Emma apareceu na sala, continuando, sussurrou: - É Fidelia?

Heather olhou para dentro. Fidelia estava dormindo no sofá com a televisão a todo volume em espanhol.

—Sim.

Emma olhou a escada abriu a porta de vaivém que dava à cozinha.

Heather não tinha paciência para isto. Tinha que saber se Bethany estava bem. Subiu as escadas até a habitação de sua filha.

A lâmpada da noite logo que deixava ver as rosas de cor rosa que havia espalhado nas paredes e ao redor das janelas. Cortinas de renda brancas brilhavam com o sol durante o dia, mas agora as persianas estavam fechadas.

Heather passou nas pontas dos pés além da casa de bonecas gigante e o carro de vime.

A cama estava coberta por um edredom que Sue, sua mãe, fazia. Deixou cair sua bolsa e a bolsa de compras ao pé da cama. Os pés de sua filha só chegavam até a metade da cama. Na cabeceira, cachos loiros se espalhados pelo travesseiro. Vê-la oprimia o coração do Heather.

Retirou os cachos para revelar uma suave bochecha. Se não alcançava nenhum de seus sonhos, se nunca desenhava roupa, nem nunca viajava a Paris, não seria uma grande perda, porque tinha criado já uma obra mestra.

Proteger-te-ei, carinho. Heather foi às janelas para assegurar-se de que estavam fechadas.

—Não te afaste de mim outra vez. — Sussurrou Emma da porta.

Heather se voltou. — Tive que me assegurar de que minha filha estava bem.

Emma assentiu com a cabeça ao entrar na habitação. — O primeiro andar está bem e todas as habitações do piso de cima.



Nossa, era rápida. E meticulosa. — Há um dormitório de convidados cruzando o corredor que pode usar.

—Obrigado, mas não. — Emma colocou sua bolsa no ombro. — Vou estar toda a noite vigiando.

—Pode agarrar o que quiser da cozinha.

Heather teve que admitir que dormiria muito melhor com Emma vigiando.

Graças a Deus que tinha conseguido evitar ao Jean-Luc Echarpe. O último que precisava era outro homem dominante em sua vida. E um famoso desenhista de moda? Certamente revisaria seu armário e atiraria tudo. Ou pior, ficaria ali, rindo-se.

Emma se aproximou da cama de Bethany e lhe sussurrou:

—É formosa.

Heather assentiu com a cabeça. — É tudo para mim.

—Entendo. — O sorriso da Emma sustentava um indício de tristeza. — Eu gostaria de ver o apartamento de cobertura agora.

—Vamos.

Heather foi ao corredor e puxou a corda para que baixasse a escada dobradiça.

—Necessita uma lanterna?

—Vejo muito bem na escuridão. — Emma subiu a escada. Ficou no apartamento de cobertura um momento e logo baixou. — É espaçoso. Eu gostaria de voltar a olhar lá fora.

—Está bem. — Heather fechou novamente as escadas que dava ao apartamento de cobertura. Emma já tinha baixado as escadas e saído pela porta, por isso Heather decidiu preparar-se para ir para a cama.

Agarrou suas bolsas da habitação da Bethany e foi a seu dormitório. Fechou as persianas das portas do balcão. Que noite! Uma oferta de trabalho de um desenhista famoso e uma ameaça de morte em uma só noite. Recordou os acontecimentos da noite enquanto arrastava uma cadeira para o armário. Por que um assassino queria matar a um desenhista de moda? A menos que... Ele fosse algo mais que um desenhista de moda. Jean-Luc tinha uma aura de mistério que o rodeava, parecia um James Bond.

Com um bufido, rechaçou essa teoria. A espionagem internacional não estava interessada no Schnitzelberg, Texas. Subiu à cadeira, para agarrar a escopeta da prateleira superior de seu armário, continuando, levou-a até sua cama. Não havia dito Jean-Luc algo a respeito de que Louie utilizava outros nomes? Cadillac? Não, algo mais. Inseriu dois cartuchos.

Talvez se se relaxasse um pouco, poderia recordá-lo. Sempre tinha tido uma grande memória. Tinha dado o susto de sua vida a seu ex-marido, Cody, quando recordou cada um de seus insultos e ameaças no tribunal. Despiu-se e colocou seu pijama favorito de seda verde. Adorava a sensação da seda contra sua pele nua, e a sensação a acalmava sempre. Sentou-se na peluda colcha de chinela, se aconchegou contra os travesseiros e fechou os olhos. Um assassino que tinha tido muitos nomes. Não



era Cadillac, mas se Ravallac. Jean-Luc tinha admitido ter detido ao Louie e por isso o assassino queria vingança.

Que classe de desenhista de moda detinha um assassino antes de levar a cabo seu malvado plano?

Começou a ouvir a banda sonora do James Bond, na cabeça. Não, não podia ser.

Estava deixando que sua imaginação a voltasse louca.

Girou seu computador e logo arrastou sua cadeira para trás enquanto arrancava.

Procuo no Google "Ravallac" e se sentou ali, aturdida. Era ainda mais louco que sua teoria do James Bond.

François Ravallac tinha sido executado em 1610 depois de assassinar ao Enrique IV.

Quatro cavalos o tinham desmembrado em quatro partes. Merda fizeram quatro certificados de falecimento?

Uma coisa era segura, o homem estava definitivamente morto. Inclusive se Louie tivesse conseguido viver quatrocentos anos, não podia ser Ravallac. E o governo francês tinha ordenado que o nome infame nunca voltasse a utilizar-se.

Na parte inferior da página Web, havia um vínculo a outro assassino chamado Damiens. Que era outro nome que Jean-Luc tinha mencionado. Fez clique no enlace.

Robert-François Damiens tinha tentado matar ao rei Luis XV em 1757. Havia fracassado e o tinham esquartejado como prêmio. Uma vez mais, os franceses tinham pedido que o nome não pudesse ser utilizado de novo.

Uma busca de Jacques Clément teve resultados similares. *Tinha matado a rei Enrique III em 1589. Tinha sido esquartejado e queimado.* Como professora de história, Heather encontrou tudo fascinante, mas confuso. Simplesmente não tinha sentido. Jean-Luc estava equivocado ou mentindo deliberadamente Ao... Algo muito estranho se estava passando.

Isto a trouxe para a lista de defeitos do Jean-Luc que já ia pelo número cinco:

A ambiguidade. Como podia confiar nele se sua história não tinha sentido? Ouviu-se um golpe suave na porta e Heather rapidamente minimizou a tela.

—Sim?

A porta se abriu e Emma apareceu dentro.

—Só quero que saiba tudo está seguro. Pode te relaxar por esta noite. Irei um pouco antes do amanhecer.

—Obrigada.

—Fidelia despertou, assim contou tudo o que se estava passando. Insiste em ler meu futuro.

—Ah, é certo. — Heather assentiu com a cabeça. — Joga as cartas do tarô a qualquer pessoa que chega a casa. É sua maneira de nos proteger.

—Junto com suas armas? Parece interessante. — Emma olhou o computador de Heather.

—Põe em dia o correio eletrônico?



—Sim. Vou demorar um minuto.

—Muito bem. Por favor, deixa a porta um pouco aberta, para que possa te comprovar durante a noite.

—Está bem. — Heather esperou que Emma saísse e logo se voltou de novo para seu computador. Procurou no Google ao Jean-Luc Echarpe e encontrou alguns sítios onde vendiam sua roupa. Não fez caso e procurou informação pessoal. Encontrou uma foto de há um ano, em seu desfile anual de Paris. Cabelo escuro, olhos azuis, um rastro de uma covinha em seu sorriso afável. Merda, como pode ser um homem tão bonito?

Voltou para o quarto defeito:

Muito bonito para seu próprio bem.

Ela encontrou um artigo recente, traduzido do jornal parisiense Le Monde. Todo o mundo se perguntava por que Jean-Luc Echarpe não tinha envelhecido em trinta anos. Hmm tinham que referir-se ao pai Jean-Luc. Jean-Luc parecia ter uns trinta anos. Aparentemente o velho Jean-Luc não tinha sido visto por vários meses.

Os meios de comunicação suspeitavam que se submetesse a outra cirurgia estética.

Heather encontrou outro artigo com treze anos. Este tinha uma foto. Merda era exatamente o mesmo que tinha visto esta noite. Não tinha nenhum sentido. Procurou a data de nascimento do Jean-Luc, mas não a encontrou.

Voltou para o defeito número cinco:

A ambiguidade. Algumas mulheres poderiam chamar uma aura de mistério, Heather não gostava das surpresas quando se tratava de homens. Apesar de que era intrigante... Por que teria chamado ao Louie por um montão de nomes que haviam desaparecido faz séculos? E por que estava igual há treze anos atrás? Cirurgia estética Ao... Um pensamento cruzou por sua mente. Um pensamento totalmente estranho, sem dúvida provocado pela hora tardia e sua imaginação hiperativa.

Sempre tinha sido um de seus programas favoritos de TV, Os Imortais que viviam séculos, lutando contra seus velhos inimigos com espadas. Isto explicaria por que Jean-Luc e seus amigos lutavam com as espadas. E por que falava de assassinos que viveram faz séculos? Inclusive seus amigos usavam kilts dos Highlanders. A forma em que se reuniram na sala, murmurando entre si, podia ver-se, definitivamente, como um grupo de meninos com um segredo.

Poderia Jean-Luc ser imortal?

Com um bufido, Heather apagou seu computador. Suas teorias eram cada vez mais e mais ridículas. Imortal? Podia acreditar também em duendes e fadas. Por desgracia, tinha aprendido que os maus trolls existiam. Ela tinha vivido com um durante seis anos.

À medida que descia pelas escadas, para ir procurar um copo de água, deu-se conta de que a televisão estava apagada.



Podia ouvir a voz, com um ligeiro acento da Fidelia. — A carta do Ermitão investida poderia significar que sofre de uma profunda solidão.

Emma não parecia estar sozinha. Heather se deteve na entrada da sala de estar. Ficou com a boca aberta. Não era Emma.

Jean-Luc estava ali. Sua espada estava apoiada contra o sofá. Seus olhos azuis brilharam quando a viu em pijama.

— Vim verte. Emma me deixou entrar.

Tinha sido enganada. Heather apertou os dentes. Deveria ter sabido que Emma era cúmplice com este tipo.

— Onde está Emma?

— Está acima, vigiando a Bethany.

Fidelia piscou um olho a Heather. — Este jovem diz que jurou te proteger. É algo machista, não?

Jean-Luc fez uma reverência. — Estou a seu serviço.

Heather reprimiu uma réplica zangada. O homem se negava a aceitar um não por resposta. Voltou para o defeito número um:

Teimoso como uma mula. E a maneira em que Jean-Luc Echarpe se inclinou, parecia antiquada. Muito antiquada.

Teve que perguntar-se até que idade poderia viver uma mula.

Capítulo 5

Era formosa, inclusive quando estava zangada. Jean-Luc admirava o brilhante fogo verde nos olhos do Heather. E a forma em que o top de seda se aferrava a seus peitos não estava má, tampouco. Fulminou-o com o olhar quando pôs suas mãos nos quadris. O movimento causou que seus peitos se agitassem ligeiramente.

Nenhum prendedor. Sempre tinha tido um bom olho para o detalhe.

— Jean-Luc, — murmurou. — Não te esperava.

— Por favor, me chame Jean. — Seria tão fácil deslizar suas mãos debaixo do top e encher suas palmas com o peso doce e suave de seus peitos. Levantou o olhar para sua cara e notou suas bochechas avermelhadas. Captou o aroma de seu sangue, amontoando-se na sua cara, inchando suas veias sob a pele delicada. Tipo AB.

A fome envolvia seu ventre e lhe enviava brilhos de desejo a todo seu corpo.

Felizmente havia algumas garrafas de sangue sintético escondidos em uma geladeira em seu carro. Isso se faria cargo de sua necessidade física, mas pouco a pouco foi tomando consciência de



uma fome diferente, uma fome provocada por anos de abstinência. Sentia falta de fazer amor, mas era mais profundo que isso.

Sentia falta da satisfação, a satisfação de sentir-se tranquilo emocionalmente vinculado com uma mulher amorosa. Devido ao Lui, essa alegria havia sido impossível por um longo tempo.

Heather cruzou os braços sobre seu peito, o que só apertou o material liso contra seus peitos.

—Não me diga que está pensando em passar a noite aqui.

—Devo. É meu dever e honra te proteger.

—É tão romântico, — disse Fidelia desde o seu assento no sofá. Moveu seu corpo quadrado para um lado para poder ver a Heather na porta. — Não o crê?

—Não - Heather franziu o cenho. — Não é romântico se me impuser sua presença.

—Garota, não é como se estivesse tratando de te seduzir. Ele só quer te proteger.

Os olhos de Fidelia brilharam quando olhou para Jean-Luc. — Ao menos isso é o que diz.

Seduza-la? Jean-Luc tinha evitado mulheres mortais desde o assassinato de Claudina em 1832. Seu sentido da honra tinha pedido que não expusesse a outra mulher inocente à retorcida vingança do Lui. Mas Lui já acreditava que estava envolto com a Heather. A razão mais premente para resistir a ela se foi. Esse raciocínio enviou uma sacudida de desejo diretamente de seu coração a virilha.

Seduza-a. Você sabe que a quer.

Mas por que ia dar as boas-vindas a qualquer avanço dele? Sua vida e a vida de sua filha estavam em perigo por sua causa. Era mais provável que o esbofeteasse, a que sucumbisse a seus beijos apaixonados.

Ele respirou fundo. — Asseguro-lhe, mesdames, que minhas intenções são honoráveis.

Heather soprou e lhe deu um olhar duvidoso.

Questionava sua honra? Merde. Mas ela estava correta, dada à direção que tomavam seus pensamentos.

—Por isso Emma me disse, poderia estar em perigo, também. — Os olhos marrons de Fidelia brilhavam com picardia. — Onde está meu guarda-costas? Têm como um catálogo...?

Jean-Luc piscou. — Posso protegê-las a ambas, mas se preferir um guarda próprio, poderia chamar o Robby...

—Roberto? - Fidelia soprou para cima seu cabelo negro, comprido e desordenado. Infelizmente, duas polegadas de cor cinza se mostravam nas raízes. — É “Muy macho” como você?

—Eu... Não sei. — Jean-Luc tirou seu telefone celular do bolso interior de sua jaqueta de smoking.

—É um escocês em uma saia escocesa, — murmurou Heather. — Tem uma espada maior que Jean.

Que demônios significa isso? Jean-Luc se deteve em meio da marcação para encontrar-se com seu olhar desafiante. — Uma claymore é naturalmente maior que uma folha, mademoiselle, mas seu peso não causa que o espadachim seja mais lento.



Lançou-lhe um olhar suave. — Lento é bom. Eu gosto de lento.

Deu um passo para ela. — Delicadeza é melhor. E não se esqueça da experiência e o momento perfeito. Eu sou um campeão, já sabe.

— Assim é. — Ela bocejou. — Mas sabe como é. Só aqueles que carecem, clamam que o tamanho não é importante.

Apertou os dentes. — Não careço de nada, mademoiselle. Com muito gosto o provarei. Tão lentamente como quer.

Fidelia se pôs a rir. — Ooh wee, se só fosse vinte anos mais jovem. Bom, talvez trinta, mas de todos os modos, não estou em espadas ou homens com saia. Tenho todos os homens que posso dirigir.

Jean-Luc arrastou os olhos do Heather para centrar-se na babá. — Não quer ao Robby?

— Diabo, não, só estava brincando... contigo. — Fidelia levantou sua grande bolsa em seu regaço e procurou no interior. — O que faria eu com um escocês quando tenho este agradável moço alemão, o Sr. Glock? - Tirou um revólver, acariciou-o com carinho, e o pôs sobre a almofada a seu lado. Tirou outro. — Logo está o Sr. Makarov da Rússia com amor. — Acomodou a pistola junto à primeira. — E meu mel italiano, o Sr. Beretta.

Enquanto Jean-Luc deslizava seu telefone celular no bolso, deu conta de que as seguranças nos gatilhos estavam colocados em todas suas pistolas. — Quantas armas têm?

— Um por cada marido que tive. Ao menos estes não disparam a branco. — Rindo, Fidelia colocou as pistolas de novo em sua bolsa. — Meu favorito, o Sr. Magnum, está acima em minha habitação. Muito pesado para minha bolsa. — Piscou um olho. — Mas falando de tamanho...

— Fidelia, necessito algo da cozinha. — Heather fez gestos com a cabeça para a parte posterior da casa.

— Então vá buscá-lo. — Os olhos de Fidelia se abriram quando Heather inclinou a cabeça uma vez mais para a cozinha. — Ah, certo. Deixa que te ajude. — ficou de pé, balançando sua bolsa contra seu enorme peito.

— Estaremos de volta, Juan. Não vá.

— É óbvio. — Ele se inclinou ligeiramente à medida que Heather andava a grandes passos pelo corredor.

Fidelia rebolava atrás dela, com sua larga saia. Olhou para trás com um sorriso divertido.

— Estou segura que é só que perdeu algo. Como seus sentidos.

Jean-Luc retornou para o hall de entrada para observá-las, e uma vez que a porta da cozinha deixou de girar atrás de seu passo, retrocedeu a uma velocidade de vampiro pela porta principal para seu BMW.

Tirou uma garrafa de sangue sintético da geladeira e a engoliu. Odiava as comidas frias, mas em seu caso, foi o melhor. Encher-se de sangue-frio era o equivalente vampiro de tomar uma ducha fria. Justo o que necessitava, porque tinha fome de algo mais que mantimentos.



Contemplou a casa de dois pisos da Heather, emoldurada por madeira azul com toques brancos. Tão cálida e atrativa. Tão diferente de seu castelo de pedra ao norte de Paris. Era impecável e formal, frio como um mausoléu. Esta casa estava cheia de gente vibrante, e se via tão... Viva. Sua atenção para o detalhe tinha tomado nota de todos os sinais. Um par de sapatilhas pequenas de esporte úmidas à esquerda no alpendre. Um afegão de ponto e meio terminado derramava de uma cesta junto à chaminé. As almofadas do sofá ficavam permanentemente afundadas. Uma amostra do ponto de cruz na parede, rogando a Deus para benzer sua casa. Obras de arte exuberantes, obviamente, elaboradas por a filha da Heather, exibidas no suporte da chaminé com orgulho.

Era um verdadeiro lar. Uma família real. Como a que nunca tinha tido. Merde. Poderia pensar que em 500 anos, teria conseguido algo disto. Uma coisa era certa, não podia deixar ao Lui destruir esta família. A batalha seria difícil, sem embargo, porque não sabia quando nem onde Lui daria o próximo golpe.

O medo mais terrível do Jean-Luc, o sentimento de impotência, escondia-se nas sombras, esperando um momento de debilidade. Não sucumbiria. Pelo bem de Heather, tinha que proteger e vencer ao Lui.

Jogou uma olhada ao pátio e a rua antes de deslizar-se de novo na casa. Em silêncio fechou a porta de entrada. Com seus sentidos superiores de vampiro, ouviu a voz de a Fidelia sussurrar.

—Por que não deixa que te proteja? O que tem contra ele?

Houve uma pausa. Ele fechou a porta em silêncio.

—Há algo estranho nele, — disse Heather finalmente. — Posso ver seus defeitos óbvios, mas há algo mais que não posso entender.

—Que defeitos óbvios? - Perguntou Fidelia.

Exatamente. Que defeitos óbvios?

Jean-Luc caminhou facilmente pelo corredor da entrada, com o cenho franzido.

—Ele é muito bonito, — anunciou Heather.

Jean-Luc sorriu.

—E arrogante, — continuou, e seu sorriso desapareceu. — Juro-lhe isso, se tiver que ouvir falar de seu campeonato uma vez mais, vou tirar lhe essa espada e fazer dele um novilho campeão de cinta azul.

Ele se estremeceu.

—Não seja tola - vaiou Fidelia. — Se te colocar com a equipe de um homem, então para que serviria?

—Estive-me perguntando isso por perto de quatro anos, — murmurou Heather.

Jean-Luc se conteve de entrar na cozinha e atirar à senhorita Heather Westfield sobre a mesa por alguma iluminação muito necessária.

Fidelia riu entre dentes. — Bom, se ele ficar aqui durante algum tempo, é possível que o averigue.



Malditamente certo. Jean-Luc assentiu com a cabeça.

—Ele não vai permanecer aqui, — insistiu Heather.

Malditamente incorreto. Franziu o cenho à porta.

Heather baixou a voz. — Quero saber se você está recebendo algum tipo de vibração estranha dele.

—Não, nada ainda. Você sabe que a maioria de minhas visões vem em sonhos pela noite.

—Então, vá para a cama.

Fidelia pôs-se a rir. — Não posso garantir que vou sonhar com ele... Mas você poderia. Posso dizer que você gosta.

Jean-Luc se colocou nas pontas dos pés mais perto da porta da cozinha. Tinha que escutar a resposta da Heather, mas em seu lugar, só ouviu alguém pinçando.

—Ficamos sem sorvete de triplo chocolate? - Heather fez um som de exasperação na porta do congelador que se fechou de repente.

—Está em negação, — anunciou Fidelia.

—Não, sou plenamente consciente de que tenho sobrepeso.

—Não, — replicou Fidelia. — Não vais admitir que se sente atraída pelo Juan.

—Seu nome é John.

Ele fez uma careta. Nenhuma delas o pronunciava bem.

—É muito bonito, — sussurrou Heather. — Mas é muito dominante.

—Não, não garota, não é nada como seu ex. É só que pensa que todos os homens são maus neste momento.

—Há algo estranho nele que me faz desconfiar.

Fidelia fez um som de cacarejo. — Então vamos terminar sua leitura e ver o que revelam as cartas.

Jean-Luc se lançou de novo na sala de estar e olhou as cartas na mesa de café.

Depois que Fidelia as tinha baralhado, tinha-o convidado a selecionar sete cartas.

Só uma tinha sido posta de barriga para cima até o momento, essa maldita carta do ermitão. Normalmente não acreditava nessas tolices. Tinha visto muitos enganadores ao longo dos séculos. Entretanto, ouvir que alguém anunciava sua solidão tinha picado seu orgulho.

É óbvio, estava sozinho. Como ia cortejar a uma mulher sabendo que Lui tentaria matá-la?

—Não estou segura de que ele seja o que diz que é, — as suaves palavras da Heather vinham da cozinha. — Ele tem... segredos.

Era uma mulher perspicaz. Jean-Luc se inclinou sobre a mesa de café e colocou a seguinte carta. Seu coração se congelou.

Os Amantes. Era tão tentadora a esperança de um futuro feliz e uma união gloriosa com uma mulher amorosa. Mas como poderia passar com a Heather? Inclusive se ela sobrevivesse ao Lui, perdoar-lhe-ia por pô-la em perigo? Como ia aceitar a um amante que era um não-morto?



Ouviu-as entrar no corredor da entrada. Rapidamente, agarrou a carta dos amantes e a colocou de novo na coberta. Tomou outra carta ao azar e o pôs boca abaixo, onde a carta dos amantes tinha estado. Logo se sentou na poltrona de orelhas e assumiu uma expressão aborrecida.

—Estamos de volta! - Fidelia entrou na habitação, com sua saia larga. Deixou-se cair devagar no meio do sofá e pôs sua bolsa a seu lado.

—Posso te trazer algo de beber? - Heather assinalou para a cozinha com uma mão que sustentava um copo de água gelada. Os cubos tilintaram como melodiosos sinos.

—Não, obrigado. — Jean-Luc apertou os braços de sua cadeira para evitar ficar de pé.

Tinha vivido através de vários séculos, quando as boas maneiras ditavam que um homem devia manter-se em pé sempre que uma mulher estivesse de pé. Esses hábitos são difíceis de romper, mas seria ainda mais difícil de explicar por que tinha esse hábito. Heather já suspeitava muito.

—Que tal se terminarmos sua leitura? - Fidelia se inclinou para diante, apoiando os cotovelos nos joelhos.

Heather deixou sua taça em uma montanha próxima aos cartões. — Importa-te se vir?

—Não. Não tenho nada que ocultar. — Era um mentiroso.

Lançou lhe um olhar suspeito quando se sentou no braço do sofá. Arrastou um travesseiro de chenilla azul em seu regaço e retorceu a franja ao redor de seus dedos.

—Muito bem, a segunda carta. — Fidelia a retornou.

Graças a Deus que se livrou dos Amantes. O que fora pela que a tinha substituído tinha que ser uma melhora.

—O parvo - anunciou Fidelia.

Fez uma careta.

Heather riu entre dentes, e logo apertou os lábios quando a olhou.

—Não quer dizer que seja tolo, — Fidelia lhe assegurou com um sorriso. — Significa que tem um desejo secreto de saltar ao desconhecido e começar uma nova vida.

—OH. — Isso pode ser certo. Jogou uma olhada a Heather. Abraçava o travesseiro contra seu peito, seus dedos acariciavam ligeiramente a suave chenilla.

Gosta das texturas. Gostava de tocar e sentir as coisas. Sua virilha reagiu.

Esperemos que goste das coisas duras, assim como as suaves.

Fidelia virou a carta seguinte e franziu o cenho. — Meu deus. Dez de Espadas!

—É mau? - Uma pergunta tola desde que Jean-Luc podia ver a representação da carta de um homem morto no chão com dez espadas nas costas.

—Desolação, — respondeu Fidelia. — Seu destino é ser rastreado, e não há nada que possa fazer para evitá-lo.

—Louie, — Heather sussurrou, e apertou o travesseiro mais forte.

—Não vou deixar que te faça mal, — Jean-Luc assegurou.



Fidelia volteou a quarta carta. — Oito de Espadas, investido. Seu passado voltou para aparecer em seu contrário. — moveu-se em sua cadeira. Isto estava muito perto para sua comodidade.

Fidelia derrubou a quinta carta. — Cavalo de Espadas. — Sacudiu a cabeça com uma olhar confuso.

—Isso é mau, também?

—Não, é bom. É valente como Sir Lancelot e um defensor da mulher. — Suspirou Fidelia. — Só acho estranho tantas cartas de Espadas. Há outros três paus. A possibilidade de escolher cartas de um só pau é estranha.

Jean-Luc encolheu os ombros. — Sou um espadachim.

—As espadas representam a razão. — Fidelia reduziu seus olhos. — Deve significar que se concentrou em seu intelecto e ignorou as necessidades de seu coração.

Não tinha escolha. Não podia me arriscar a uma relação com qualquer pessoa devido ao Lui.

—Que idade tem Louie? - Sussurrou Heather.

Jean-Luc ficou rígido, então, obrigou-se a retroceder em sua cadeira com indiferença. — É maior que eu...

Heather o observava de perto, pressionando com os dedos na suave almofada de chenilla. — Que idade seria?

Merde. Estava sobre ele. Como ia ganhar sua confiança se tinha que seguir mentindo? - Não sei sua idade exata. — Pelo menos isso era certo.

Fidelia revelou a sexta carta. — A Lua. — Deu-lhe um olhar estranho.

Jean-Luc tragou. — Algo a ver com a caça?

—Não. Significa engano. — Fidelia olhou a Heather. — Também poderia significar algo sobrenatural.

Os olhos da Heather se abriram.

Ele se inclinou para diante. — Não te deixe levar pela superstição. Jurei te proteger, e o farei.

—Quero acreditar. Só não estou segura de que posso. — Seus olhos procuraram os dela, e tratou de verter toda sua preocupação e admiração por ela em seu olhar. Ela não apartou o olhar. Uma faísca de esperança se acendeu em seu interior. Queria sua confiança, sua amizade, seu respeito. Queria tudo o que ela podia lhe dar.

—O momento para a última carta, — anunciou Fidelia. — Esta é muito importante, porque significa o resultado de nosso dilema atual. — Ela alcançou a carta.

O timbre soou.

Heather ficou de pé.

Fidelia alcançou sua bolsa. — Quem viria a esta hora da noite?

Jean-Luc entrou no corredor da entrada com a mulher seguindo-a de perto. Ouviu Angus no alpendre dianteiro, enviando uma mensagem psíquica a sua esposa. — Não é Lui. Ele nunca se incomodaria em tocar o timbre.



Heather acendeu a luz do alpendre e olhou através de um painel de vidro com chumbo na porta.

— Está bem, — assegurou-lhe Jean-Luc. — Acredito que é Angus. Permita-me a mim. — Abriu a porta. Angus se deslizou dentro e assentiu com a cabeça para ela. — Boa noite, moça. Como vai tudo por aqui?

Heather encolheu os ombros. — Está bem, suponho. Não esperava que Jean-Luc aparecesse.

Angus franziu o cenho. — Não tinha outra opção. É uma questão de honra. — Seu rosto iluminou-se quando sua esposa saltou alegremente pelas escadas. — Aí estas.

Emma sorriu e se dirigiu diretamente a seus braços. — Já sentia saudades?

— Aye. — Angus a abraçou com força.

Jean-Luc gemeu para si mesmo. Era tão fácil para o Angus distrair-se nestes dias.

— Há alguma novidade?

— Não. — Angus descansou o queixo contra a frente da Emma. — Robby e eu procuramos em toda a cidade. Não há sinais do Lui.

A frustração carcomeu no Jean-Luc. Queria desesperadamente caçar ao Lui, mas não podia ignorar seu dever de proteger a Heather. — Precisamos mais homens.

— Vou à Nova Iorque para organizar mais guardas, — assegurou-lhe Angus.

Jean-Luc assentiu com a cabeça. Roman e Gregori se haviam teletransportado já de retorno à Nova Iorque, levando a Shanna e o bebê com eles.

Angus se voltou para a Heather. — Vamos trazer alguém aqui para te ajudar durante o dia, também.

Seus olhos se abriram. — Tudo isto é realmente necessário?

— Sim. — Respondeu Jean-Luc, ao mesmo tempo em que Angus disse, — Aye. — Angus abriu a porta. — Eu gostaria de um momento a sós com minha esposa antes de ir. Boa noite.

Levou a Emma ao alpendre dianteiro.

Ela olhou a Heather, sorrindo. — Volto em um momento. — Fechou a porta.

Houve uma pausa incômoda, enquanto outros esperavam no corredor de entrada, então, alguns sons atravessaram a porta fechada, um chiado da Emma, seguido de uma risada masculina e uma risada nervosa feminina.

Jean-Luc suspirou. — Recém-casados.

Heather assentiu com a cabeça. — Tanta alegria realmente pode ser molesto.

— Oui. — Jean-Luc cruzou seus braços. — Sobre tudo quando não é possível para o resto de nós.

Fidelia soprou. — Vocês dois são tão deprimentes que me dá vontade de beber. — Se dirigiu à cozinha. — Alguém mais quer uma cerveja?

— Não, obrigada. — Heather viu balançar a porta de cozinha, então, inclinou-se dando um olhar curioso para o Jean-Luc. — Soa quase... Invejoso do Angus e Emma.

— Que homem não deseja ser amado com uma paixão tão grande como a sua?



—Alguns podem encontrar esse tipo de paixão muito limitante.

—Só se o amor se utiliza para encarcerar. — Jean-Luc a observava de perto. — É isso o que te aconteceu?

Ela encolheu os ombros e apartou o olhar, mas sentia que era um sim.

Deu um passo para ela. — Acredito que o amor deve te fazer sentir mais poderoso e forte, mais livre e capaz de obter o que desejas.

Seu olhar fixo encontrou o dele. — Um amor como esse, é muito estranho.

—Tem esse tipo de amor por sua filha?

Seus olhos se abriram, então brilharam pela umidade. — Sim. Tenho-o.

—Então, é possível para ti.

Ela se mordeu o lábio inferior. — Por que crie que não é possível para ti?

—Nunca quis expor a uma mulher à vingança mortal do Lui. — Inclusive com o Lui fora, ainda estaria o problema de ser um não-morto. Mas Roman e Angus tinham trabalhado em torno desse problema. Talvez ele também pudesse fazê-lo. — Seria difícil encontrar a uma mulher que pudesse me amar como sou.

A boca da Heather se curvou. — É-te tão difícil te levar bem com alguém? Deixe-me adivinhar. Roncas como uma correria de búfalos.

—Não. Em realidade sou bastante silencioso em meu sono.

—Não fica acordado toda a noite para polir seus troféus de esgrima?

Ele sorriu. — Não.

Estendeu as mãos com exasperação. — Dou-me por vencida. Não posso dizer o que está mal contigo.

Deu um passo mais perto. — Então está disposta a admitir que você gosta.

Suas bochechas se tornaram rosas, e o doce aroma do sangue tipo AB flutuava para ele. Ela elevou o queixo. — Está terrivelmente seguro de ti mesmo.

Sorriu lentamente. — Um desafortunado subproduto de minha arrogância.

Sua boca se curvou com um sorriso relutante. — Tenho problemas para me desgostar contigo.

—Me dê tempo. O fará.

Ela pôs-se a rir, e o alegre som encheu seu coração de cálida alegria. Não havia desfrutado da companhia de uma mulher como esta em muitos anos. Centenas de anos. Deu-se conta com uma sacudida que Heather era uma mulher estranha. Sua mente rápida era um agradável desafio. Não só era bela e inteligente, mas sim possuía um coração valente e carinhoso. Tinha vindo a seu resgate esta noite, quando apenas o conhecia. E apesar de que o devia, negou-se a tomar vantagem. Havia uma nobreza antiga nela que lhe tocou a alma.

O telefone soou, e ela saltou.

—Meu deus! Quem chama tão tarde? É passada da meia-noite. — Apressou-se à sala e agarrou o telefone da pequena mesa junto à cadeira de orelhas. — Olá?



Com seus sentidos superiores, Jean-Luc podia ouvir uma irada voz masculina no telefone. Ele aparecia à entrada da habitação, tão perto que podia escutar, mas o suficientemente longe para que parecesse que não o fazia.

Heather tinha os ombros tensos. — Sabe que horas são?

— Sim, é muito tarde para que tenha um noivo aí - burlou-se a voz masculina. — Por que não espera até o fim de semana quando tenho a Bethany? Não quero que a exponha aos malfeitores com os que dorme.

Jean-Luc respirou profundo. Esse tinha que ser o ex-marido da Heather.

— Tenho vários clientes de fora da cidade passando a noite, — Heather pressionou com força. — E não é de seu maldito assunto. — Ela pendurou o telefone. — Deus, odeio a Thelma.

— Quem é ela? — Perguntou Jean-Luc.

— Minha vizinha do lado. É a melhor amiga da mãe do Cody, e me espiona. Chama a mãe do Cody, que chama o Cody...

— E ele te chama, — Jean-Luc terminou a frase. Desejava que este Cody se apresentasse em pessoa. O bastardo precisava aprender a respeitar às mulheres.

— Será melhor que comprove a Bethany. — Heather se apressou à habitação. — O telefone poderia tê-la despertado. — Correu pelas escadas.

Jean-Luc se transladou à base das escadas para poder admirar seus quadris balançando-se.

Fidelia sussurrou através da porta da cozinha com uma garrafa de cerveja na mão. — Desfruta da vista? - Riu entre dentes enquanto se dirigia para as escadas. — Ai, caramba, é muito macho. Alegro-me de que esteja aqui, Juan.

— É um prazer. — Perguntou-se se a anciã tinha estado escutando. Provavelmente.

— Boa noite. — Fidelia começou a subir as escadas.

Deve ter esquecido a carta do tarô sem voltar de sua leitura. — Boa noite. —

Jean-Luc vagou de novo na sala de estar.

A última carta ficou de barriga para baixo sobre a mesa. Supostamente se tratava da carta que predizia a solução de seu dilema. Agachou-se e lhe deu a volta.

Puxou de sua mão como se tivesse sido queimado com prata. Um esqueleto montado em um cavalo.

A morte.

Capítulo 6



—Vamos, carinho. Há algumas pessoas que quero que conheça. — Heather levou a sua filha pelas escadas.

Bethany estava um pouco acordada quando Heather a tinha comprovado, e pensou que era melhor para seus quatro anos de idade, apresentá-la a seus novos guarda-costas. Quão último queria era que sua filha tivesse medo se despertava e encontrava a um estranho em sua habitação.

Bethany sujeitou com força a mão de sua mãe, baixando passo a passo com ela.

Heather chegou ao pé da escada e se voltou para sua filha. — Carinho, temos duas pessoas que nos visitam. Quero que conheça a Emma já que vai ficar em com você no dormitório esta noite.

—Por quê? - Bethany arranhava seu pijama rosa.

—Só para assegurar-se de que está segura. Algo assim como seu próprio anjo da guarda pessoal.

—OH. — Piscou Bethany. — Tem asas?

—Não, mas é tão linda como um anjo. — Heather levou a sua filha à sala de estar e viu o Jean-Luc na mesa de café. Deu um passo atrás e ficou rígido perto do sofá de orelhas.

Heather estreitou os olhos. Tinha detectado um indício de culpabilidade em sua expressão antes de virar branco. O que tinha feito? Jogou uma olhada à mesa do café. As cartas do tarô estavam reunidas em uma pilha ordenada. Perguntou-se qual teria sido a sétima carta. Jean-Luc a tinha visto? Arrastou seu olhar da pilha de cartas de novo para ele e se deu conta que olhava com curiosidade a ela e sua filha. — Trouxe a Bethany para te conhecer.

—Parece-se tanto a ti.

—Sim. Chama-se genética. — Heather teve a impressão de que não estava muito perto de os meninos. — Carinho, este é o senhor Echarpe.

Bethany levantou uma mão. — Olá.

Jean-Luc fez uma reverência. — Estou honrado de te conhecer, Bezanie.

Puxou do pijama de sua mãe e sussurrou: - Fala divertida.

—É da França. Como Belle, — Heather sussurrou a sua vez, consciente do olhar irônico que lhe estava dando.

—E a besta? - Perguntou Bethany.

Heather lhe retornou o olhar irônico. — Exatamente.

—É meu anjo da guarda, também? - Perguntou Bethany.

—Não. Emma o é. — Heather olhou a seu redor, mas Emma ao parecer ainda estava no alpendre dianteiro.

—Protegerei a sua mãe, — explicou Jean-Luc.

—OH. — Bethany assentiu com a cabeça. — Então dormirá na habitação de mamãe.

Heather tossiu. — Isso não vai acontecer.

—Vou cumprir os desejos de sua mãe. — Os olhos do Jean-Luc brilhavam enquanto a percorria com o olhar. — É o meu mais fervente desejo de vê-la, bom... Contente.



Heather se pôs a pele de galinha. Bom Senhor, despiu-a visualmente justo em frente de sua filha. Era uma besta. Suas bochechas se esquentaram.

Ele se limitou a sorrir.

Um som na porta os distraiu, e viu a Emma deslizar-se no interior.

—Comprovei a zona depois de que Angus se fora. — Emma fechou a porta de entrada. — Está tudo bem.

Bethany passou um braço ao redor da perna do Heather. — Esse é meu anjo?

—Sim. Emma, Ela é Bethany. Queria que te conhecesse já que vais estar em sua habitação esta noite.

—É óbvio. — Emma se aproximou deles, sorrindo a Bethany. — Santo céu, é tão bonita como uma princesa.

Bethany riu e soltou a perna de sua mãe. — Eu era uma princesa no Halloween. Mamãe fez meu traje.

—Estou segura de que era formoso.

Bethany olhou a sua mãe. — Ela fala divertido, também. É da França?

Emma pôs-se a rir, jogando um olhar divertido ao Jean-Luc. — Sou de Escócia. Vivo em um castelo.

Bethany passeou para ela. — Tenho um castelo em minha habitação. É de cor rosa.

Emma se inclinou. — Super. Amaria vê-lo.

Bethany olhou a sua mãe. — Posso mostrar-lhe

—É óbvio. — Heather estendeu seus braços para um abraço. — Deixe-me te dar o beijo de boa noite.

Bethany se lançou em seus braços, Heather continuou, — Não fique levantada até muito tarde.

—Está bem. — Bethany voltou-se para sua nova amiga. — Tenho uma casa de bonecas, também.

—Vi isso. — Emma tomou a mão da Bethany para dirigir-se ao piso de acima. — É tão grande.

—Há uma família que vive no interior, — anunciou Bethany tomando juntas a escada.

—Há uma mãe e uma menina.

—Já vejo - murmurou Emma.

—Havia um pai, — Bethany adicionou, — mas a mãe fez que se fosse.

Heather fez uma careta.

—Ele está bem, — continuou Bethany, ao chegar à parte superior da escada. — Vive no armário agora.

Heather tapou a boca para afogar um gemido.

—O armário é muito bom para ele, — sussurrou Jean-Luc. Girou-se para encontrá-lo de pé justamente a trás dela. O calor lhe queimava as bochechas.



Finalmente se resignou a aceitar seu amparo, mas não se sentia cômoda com ele, aprendendo tanto sobre sua vida pessoal. — Talvez agora entenda por que me neguei a ficar em seu lugar. Bethany passou por muito ultimamente.

—Quanto tempo faz que se divorciaram?

—Passou mais de um ano desde que foi legalizado, mas mudamo-nos para aqui faz quase dois anos.

Heather suspirou enquanto caminhava para o sofá. — Minha mãe acabava de morrer e deixou-me a casa. Graças a Deus tivemos um lugar aonde ir. — Sentou-se no sofá. — Nem todas as mulheres têm tanta sorte.

—Não teve tanta sorte com seu matrimônio. — Ele cruzou a habitação, logo se sentou na poltrona de orelhas.

—Cody é um idiota, certo, mas não posso lamentá-lo. — Arrastou o travesseiro de chenilla a seu regaço.

—Tenho a Bethany.

As lágrimas lhe alagavam os olhos, e as piscou para evitar ser muito emocional frente a este menino que mal conhecia. Mas nunca tinha passado um dia que não desse graças a Deus uma e outra vez por sua filha.

Devido a sua filha, tinha seguido lutando quando a situação parecia impossível. Se tinha absterido de derrubar-se no desespero ou a autocompaixão, inclusive quando queria, porque se negava a parecer débil ou insegura frente à Bethany.

Jean-Luc se inclinou para diante, apoiando os cotovelos nos joelhos. — É uma boa mãe. Tem sorte de te ter.

Que coisa mais maravilhosa para dizer! Seria tão fácil cair com um menino como este, mas ainda sabia muito pouco dele. Por isso estava ali no sofá depois da meia-noite apesar de estar esgotada. Precisava saber mais sobre este espadachim homem misterioso com smoking que insistia em protegê-la.

Respirou fundo. — Quanto tempo esteve matando Louie a suas noivas?

—Muito tempo. — Franzindo o cenho, puxou da gravata negra até que se desenredou. — Mas te asseguro, não vou deixar que te faça mal ou a sua filha. Seu reinado de terror terminou.

Seu cenho se transformou de repente em um olhar de alívio e esperança. — A carta da morte. É óbvio. Significa sua morte.

—Perdoa?

Fez um gesto à pilha de cartas do tarô. — Olhei a última carta. Era a morte. Não disse nada porque não queria te alarmar.

Heather riu. — A carta da morte não me assusta. Tirei-a para mim mesma muitas vezes nos últimos dois anos. Na realidade, não se refere à morte, a não ser o renascimento. Igual à morte de meu matrimônio me permite um novo começo.



—Ah. — Ele assentiu com a cabeça. — Isso soa muito melhor. Espero ter um novo começo, também.

—Sério? - Isso parecia estranho. Não era já rico e bem-sucedido? Mas então a riqueza e o êxito não sempre equivalem à felicidade. O que haviam dito as cartas sobre ele? O pobre homem estava sozinho. Isso tinha sentido se evitava as relações devido a Louie. — Se te puder... Desfazer do Louie, então poderia ter sua vida de novo. Poderia ter um novo começo.

Ele se inclinou para diante. — Não tenho previsto tão longe. Lamento que esteja agora em perigo, e minha principal preocupação é te manter a salvo.

—Mas poderia ser uma boa coisa que ele tenha retornado. Pode resolver esta confusão de uma vez por todas e estar livre para desfrutar de sua vida. — “E deixar de estar sozinho”.

—Descreve um futuro atrativo para mim, mas ainda assim, eu gostaria de renunciar a isso com muito gosto se pudesse eliminar as ameaças do Lui contra você.

Heather tragou saliva. Que homem tão generoso e honorável. Parecia muito bom para ser verdade. O que indicava a carta da Lua... engano? Tinha sido enganada antes pelos homens, por isso tinha que tomar cuidado. Mas a carta também podia significar algo sobrenatural. A teoria imortal ferveu a fogo lento na parte posterior de sua mente. Magníficos homens imortais tratando de cortar as cabeças de outros.

Então Louie seria imortal, também? Isto certamente explicaria os nomes antigos que Jean-Luc lhe tinha dado.

—É uma mulher excepcional, — disse em voz baixa.

Ela sim que tinha uma imaginação incomum. — Sou bastante normal, acredito.

—Não. Tenho a sensação de que está... Irritada comigo por invadir sua casa, mas não parece zangada porque te tenha colocado em perigo. A maioria das mulheres ficaria furiosas por isso.

—Mas não o está fazendo. Louie o faz.

—A maioria das mulheres ainda me culparia. — Jean-Luc se esfregou a frente. — E far-me-iam sentir ainda mais culpado do que já o faço. Mas você, você toma com calma, e segue sendo tão positiva. E valente.

Seus elogios encantadores esquentaram seu coração, embora fora difícil aceitá-los completamente. Cody fazia um bom trabalho fazendo-a sentir inferior. — Na realidade, fui uma covarde a maior parte de minha vida.

—Vi-te esta noite, atacando ao Lui. Foi muito valente.

—Estive tentando melhorar. Depois da morte de minha mãe, dava-me conta do muito que tinha deixado que o temor controlasse minha vida. Roubou-me meu sono. Matou a meus pais. Assim declarei a guerra ao medo.

Seus olhos brilhavam com o que só podia interpretar como admiração. — É uma lutadora. Eu gosto disso.



Ela sorriu. Realmente poderia acostumar-se a isto. Cody sempre a tinha feito menos para poder sentir-se superior. Mas Jean-Luc era diferente. Havia uma força tranquila, segurança em si mesmo emanando dele, e era tão atrativo. É óbvio que era atrativo, deu-se conta da ironia.

Fê-la sentir-se bem consigo mesma.

—Diz que o medo matou a seus pais. Como pôde ser?

Seu sorriso se desvaneceu. — É uma longa história. — E dolorosa. Mas se ela confiava em Jean-Luc, talvez lhe dissesse algo de si mesma. Ou talvez o pusesse a dormir.

—Eu gostaria de escutá-la. — Ele descansou as costas e esperou.

Teve que admitir que tinha curiosidade de como ia reagir. Assim tomou uma respiração profunda e soltou:

—Meu pai era o oficial do povo. Era muito bom em seu trabalho, mas minha mãe vivia aterrorizada que pudesse acabar morto. Pressionou-o durante anos para que o deixasse.

—Fê-lo? - Perguntou Jean-Luc, ao parecer interessado.

—Não. Queria fazer a diferença. E a fez. — Heather sorriu, recordando. — Quando tinha uns seis anos, havia um menino desaparecido. Todo mundo estava tentando encontrá-lo. Não havia nenhuma nota de resgate, por isso meu pai acreditava que o moço tinha vagado no bosque e se perdeu.

—Encontraram-no?

—Meu pai organizou as pessoas em grupos de busca, mas não houve sorte. Então procurou a ajuda de uma psíquica em uma cidade próxima. Conseguiu algumas críticas por isso. Havia umas poucas senhoras de idade na cidade que pensavam que Fidelia era uma espécie de adoradora de Satanás, mas sim ajudou a meu pai a encontrar ao menino.

—Fidelia é psíquica?

—Sim. Meu papai não necessitou a ajuda da Fidelia outra vez, mas minha mãe estava encantada de encontrar a alguém que pudesse lhe dar a tranquilidade que necessitava. — Heather se inclinou para trás para ver o teto ao recordar todas as vezes que sua mãe a tinha arrastado para a miserável casa velha de Fidelia, que se desmoronava.

—Cada semana fomos vê-la, e Fidelia anunciava que meu papai ia estar seguro por uma semana mais.

—Por um preço, — adicionou Jean-Luc.

Heather riu. — Sim. Não me dava conta até que minha mãe faleceu que fomos a principal fonte de ganhos da Fidelia. Ela estava na ruína, e eu necessitava uma babá, por isso nos unimos.

Jean-Luc assentiu com a cabeça. — Posso dizer que se preocupa com você e sua filha.

—Bom, sim, sim só pudesse impedir de disparar a alguém para prová-lo.

Jean-Luc sorriu. — É um bom sinal de seu caráter que lhe inspire essa fidelidade.

Heather respirou profundo. Esse tinha que ser o elogio mais impressionante que alguma vez tinha recebido. Realmente podia fazer-se viciada em Jean-Luc. — Obrigada.



Encolheu os ombros como se não fosse um milagre que um homem dissesse coisas maravilhosas. — Falava-me de seu pai?

—Ah, certo. Quando tinha dezesseis anos, fui com minha mamãe ver Fidelia. Estava estudando para um exame na cozinha. Então ouvi todos esses gritos da sala de estar.

—Uma discussão? - Perguntou Jean-Luc.

—Uma má leitura. Fidelia tratou de acalmar a minha mãe, mas depois de dez anos de leituras, minha mamãe sabia o que significavam todas as cartas. Assustou-se totalmente. No momento em que chegamos a casa, minha mamãe estava histérica. Chamou papai e insistiu para que viesse para casa imediatamente. Ele sabia que estava molesta, assim que se deteve em uma loja de abarrote para comprar umas flores.

Heather se esfregou a frente, de repente receava continuar com a história. — Dois homens com gorros irromperam, agitando suas armas. Meu pai tratou de detê-los, e lhe... Dispararam.

—Sinto muito.

Os olhos de Heather se encheram de lágrimas. — Se minha mãe não o tivesse chamado tão molesta, não teria estado nessa loja. Foi seu temor que cresceu e cresceu até que se fez realidade.

Jean-Luc ficou em pé e passeou pela habitação. Parecia absorto em seus pensamentos.

Heather respirou profundo para recuperar o controle. Tinha chegado muito longe na vida para converter-se em uma débil chorona.

—Sua mãe se culpou? - Perguntou em voz baixa.

—Não, isso nunca lhe ocorreu. De fato, sentiu justificado seu medo tinha sido provado como certo.

Jean-Luc meneou a cabeça enquanto seguia o ritmo.

Heather desejava saber o que ele estava pensando. — A obsessão de minha mãe com o medo aumentou, mas com um novo enfoque. Eu.

Deteve-se e a olhou.

Heather baixou o olhar para o travesseiro em seu regaço e puxou da franja. — Meu sonho de deixar Schnitzelberg e me converter em uma desenhista de modas foi considerado muito perigoso. Tinha que ficar em casa e ter uma carreira segura. O menino com quem estava saindo na escola secundária era muito perigoso, também, porque queria dedicar-se a fazer cumprir a lei. Cravou os dedos no travesseiro quando uma onda de ira se precipitou através dela. — Deixei que minha mamãe ordenasse tudo para mim a meu redor. Era tão miserável depois que papai morreu, e queria que fosse feliz. Mas nunca foi feliz. Quanto mais dava, mais me exigiu. Inclusive escolheu um marido para mim.

—Cody?

—Sim. Era tão confiável. Portanto previsível. E ainda mais controlador que minha mãe. Sentia-me tão afogada, igual a todas as necessidades criativas dentro de mim que pouco a pouco se foram estrangulando até a morte.

Jean-Luc se sentou a seu lado no sofá. — Pelo menos tem uma filha formosa.



Heather sorriu. Menino, este homem sabia como dizer o correto. — Bethany faz tudo bem. Ela é a criação mais perfeita.

—O que aconteceu à sua mãe?

—Fidelia ligou uma manhã. Tinha tido um pesadelo sobre um acidente de carro. Minha mamãe tinha que ir vê-la esse dia para a leitura, mas Fidelia lhe rogou que ficasse em casa. Bom, minha mamãe se negou a conduzir a qualquer lugar então. Ela me chamava todos os dias para que fizesse mandados para ela, eu tinha minha própria casa e um bebê de dois anos para manter ao dia. Era tão molesto, mas fiz o que pude.

—Tem a paciência de um santo.

—Quer dizer capacho. Minha mamãe saiu um dia para pegar o correio. — Heather assinalou para o pátio dianteiro. — A caixa do correio está fora junto à calçada. O gato de um vizinho correu à rua quando um carro vinha. O carro se desviou para evitar ao gato.

—E golpeou a sua mãe?

—Não, consegui frear a tempo. — Heather se voltou no sofá para fazer frente a Jean-Luc. — Minha mãe estava tão assustada, tão segura de sua própria morte que lhe deu um ataque cardíaco. Foi o medo que a matou.

—Que terrível!

—Foi. Estava devastada. Mas ao mesmo tempo, tive uma súbita revelação. — Se inclinou para ele. — Tinha que deixar de permitir que o medo controlasse minha vida. O medo provocou as mortes de meus pais. O medo me levou a tomar todas as decisões equivocadas. Eu não vivia. Estava acurralada em uma prisão feita por mim mesma!

Seus olhos se estreitaram. — Entendo-o. Muito bem.

—E foi então quando declarei a guerra ao medo. Pedi o divórcio no dia seguinte. Todo mundo pensava que estava atuando estranhamente pela pena, mas necessitei algo tão ruim como a pena para me fazer abrir os olhos e recuperar minha vida.

Jean-Luc apoiou sua mão sobre a dela. — Dá-te conta do que deve fazer?

—Hmm? - Era difícil pensar com seus dedos magros envolvendo-se ao redor dela.

—Deve perseguir seu sonho. Toma o trabalho que te ofereço.

—Não quero que se sinta em dívida comigo por isso do Louie.

Apertou sua mão entre as suas. — Ofereci-te o trabalho antes que Lui viesse. Tem talento, Heather. Não é muito tarde para que seus sonhos se tornem realidade.

—Como sabe sempre a coisa perfeita para dizer? Não estou acostumada aos homens que... São inteligentes.

Sua boca se arqueou. — Suponho que é um elogio. Qualquer que seja a sabedoria que tenho, é de ver às pessoas com os anos. Eles vivem e morrem, a vida tão curta e precária. Sei que sua vida é muito curta para ser desperdiçada.



Uma vez mais, perguntou-se quantos anos tinha. — É... Muito amável. — Ela recuperou a mão de seu agarre. — Nada que ver com meu ex. Juro que o homem é como um vampiro...

Jean-Luc ficou rígido. — Não. Ele não o é.

—Quero dizer que é como um vampiro emocional. Ele me drenava completamente. Todos meus sonhos, minha autoestima, minhas crenças, minha energia. Me. Chupou tudo até que tudo o que ficava de mim era um capacho sem vida.

Jean-Luc a olhou com uma expressão de desgosto em seu rosto. — Assim é como imagina a um vampiro?

—Um emocional, sim. Graças a Deus, o verdadeiro, arrepiante, monstro não existe.

—Certo. — Jean-Luc afrouxou seu pescoço.

—Mas você, é justamente o contrário.

Ele a olhou com receio. — Como é isso?

—Você me escuta. Aceita minha história e minhas conclusões. Reconhece meu sonho como algo precioso e valioso, e está disposto a ajudar. Não destrói a outros para te enaltecer. — Lhe tocou o braço. — É um homem doce, Jean-Luc. Obrigada.

Pôs sua mão sobre a dela.

—Crê que sou bom?

—Sim. — sorriu. — E não estou dizendo isso porque é meu novo chefe.

Devolveu-lhe o sorriso.

—Então vais ter de trabalhar na segunda-feira?

—Sim. — Ampliou seu sorriso. Ela ia atrás de seu sonho.

—Me alegre. — Apertou-lhe a mão.

Seu coração se sentia o suficientemente ligeiro para flutuar para o teto. O agradável brilho em seus olhos parecia tão real. Bom Senhor, havia por fim encontrado ao homem perfeito? Um homem que entendia seus sonhos e queria que tivesse êxito.

Seu olhar baixou a sua boca e se voltou mais quente. Sua garganta secou. A luz, a sensação de ligeireza cresceu mais, mais elétrica. Mais pesada com o desejo.

Com um sobressalto, deu-se conta que queria beijá-lo. Uma corrente de emoções se estendeu por ela quando seu coração se acelerou. Ela se sentiu adulada.

Emocionada. Tentada. Aterrorizada.

Saltou a seus pés. — Hora de deitar-se. Quero dizer... - Suas bochechas ardiavam com o calor. — É tempo dizer boa noite. — Passou junto a ele e a mesa de café.

Ficou de pé. — Como deseja.

—Boa noite, Jean-Luc.

—Jean.



O que seja. Ela se apressou a entrar no vestíbulo. Preferia o nome do Jean-Luc. O fazia soar como um capitão de espaçonave, mas jovem. E com cabelo. — Se necessita algo da cozinha, só se sirva.

—Vou estar bem. — Seguiu-a. — Emma e eu iremos pouco antes do amanhecer. Temo que esteja sozinha durante o dia até que Angus possa enviar um guarda-costas.

—Vamos estar bem. — Dirigiu-se ao início das escadas.

—Vou retornar amanhã de noite justamente depois do entardecer.

Seu coração parou. Sábado de noite com um homem magnífico. — Está bem.

—Heather, um momento por favor.

Deteve-se com a mão no corrimão. — Sim?

—Mencionou como Fidelia encontrou o menino desaparecido. Se pudesse nos ajudar a localizar ao Lui, seria de grande ajuda.

—OH. Essa é uma boa ideia. Seria mais fácil se pudesse tocar algo que pertença a Louie.

Os olhos do Jean-Luc se iluminaram. — Temos a espada e a bengala que utilizou a modo de bainha. Vou trazê-los amanhã de noite.

—Está bem. — Fez uma pausa, sem saber o que dizer. — Boa noite. — Correu pelas escadas.

—Dorme bem, Heather. — O sussurro de suas palavras a seguiram, lhe chegando como uma suave carícia. Meteu-se em sua habitação, seu coração ainda pulsava com força. Emma lhe tinha pedido que deixasse a porta entreaberta, mas a fechou com firmeza. Necessitava uma barreira entre ela e Jean-Luc. Era muito atraente, e tão condenadamente misterioso. Ela não sabia quase nada dele, exceto que parecia muito bom para ser verdade. Tinha aprendido muito sobre ela esta noite.

E ainda assim, tinha querido lhe dar um beijo.

Deveria tê-lo deixado, uma voz interior lhe arreganhara. Não deveria acovardar-se. Não estava em guerra contra o medo? Mas devia tomar cuidado. Quanto aos homens que se refere, tinha cometido alguns equívocos. Mas não havia aprendido deles?

Amanhã de noite viria de novo. Teria outra oportunidade para conhecê-lo.

E talvez, só talvez, amanhã de noite deixaria que a beijasse.

Capítulo 7

Na noite seguinte, Jean-Luc se apressou para o povo do Schnitzelberg com uma geladeira cheia de sangue sintético engarrafado sujeita no assento do passageiro de seu BMW negro. O sol se pôs fazia dez minutos. Bebeu o sangue de uma garrafa de tipo AB positivo, ainda fria, já que tinha muita pressa para esquentá-la.

O problema era que, se ele estava acordado, também o estaria Lui. E se Lui havia descoberto quem era Heather e onde vivia, podia já estar ali. Jean-Luc tinha querido teletransportar-se a sua casa



nada logo ao despertar, mas Emma o tinha convencido de que precisava chegar como um humano normal.

Heather tem que estar bem, tranquilizou-se quando saiu da estrada e entrou na cidade. Emma teletransportou-se para o seu pátio traseiro fazia cinco minutos.

O teria alertado telepaticamente se algo andasse mal.

Entretanto, odiava não lá estar. Odiava que Heather e sua filha se vissem arrastadas para a sua luta com o Lui. Se lhes tinha ocorrido algo... Como poderia suportar a culpa pela morte de mais mortais inocentes?

A noite passada, a história de Heather fez dar-lhe um olhar a si mesmo. Agora se dava conta que se ocultava debaixo de sua culpa e ira.

Medo.

Tinha avançado muito desde seus humildes começos como um moço de quadra órfão. Era um cavalheiro para o tempo em que Roman o transformou em 1513. Tinha-se convertido em um mosqueteiro, proprietário da maioria das prestigiosas academias de esgrima de Paris, um tenente coronel no exército Vampiro, e agora era amo do Aquelarre da Europa ocidental, além de ser um desenhista e empresário de êxito.

Tinha investido toda sua energia no êxito exterior, em um esforço por ser o dono de seu próprio destino. Mas debaixo de todo isso, ainda o atormentava o mesmo velho sentimento. O temor a sentir-se impotente. Como um humilde moço de quadra, tinha sido incapaz de fazer frente aos caprichos e as maquinações políticas dos amos sobre ele. Tinha jurado nunca mais voltar a ser um peão. E tinha-o conseguido até que Lui entrou em sua vida em 1757.

Ele deveria ter deixado morrer o Luís XV esse ano. Mas não, Jean-Luc tinha cumprido com seu dever como guarda-costas do rei, e tinha detido ao Damiens, o assassino mortal.

O mortal tinha sido só um peão. Lui desfrutava exercendo o controle mental sobre os mortais para obrigá-los a fazer seu trabalho sujo. Tinha-o obtido em duas ocasiões, usando cabritos expiatórios mortais para matar a dois reis: Enrique III em 1589 e Enrique IV em 1610.

Jean-Luc tinha frustrado o terceiro assassinato real de Lui. A noite seguinte tinha recebido uma nota. Graças a ti, o rei vive. Graças a mim, sua rainha morre. Não havia nenhuma assinatura na nota, mas o documento, dobrado e selado com cera, levava impressa a letra L.

Duas noites mais tarde, tinha encontrado o corpo mutilado de seu amante, Yvonne. Além das feridas a arma branca e as marcas das presas, havia encontrado a letra L gravada a fogo em sua carne.

Tinha declarado a guerra ao inimigo ao qual chamou de Lui. Depois de vinte anos de fugir da captura, Lui tinha desaparecido. Jean-Luc tinha esperado que o idiota estivesse morto. Logo, em 1832, encontrou sua amante, Claudine, assassinada, com a letra L gravada a fogo em sua carne por cima do coração.

Jean-Luc tinha decidido que o único modo honorável de proceder era evitar outra relação. Mas seu bate-papo com a Heather tinha lhe aberto os olhos sobre a verdade. Sua honra tinha mascarado o



medo que, se entrava em outra relação, seria incapaz de salvar a vida da mulher. Ele não vivia de forma honorável. Vivia com medo.

Essa revelação lhe causou vergonha. E ira. Maldito seja ao inferno, se queria uma relação com Heather, tê-la-ia. Poria fim à tortura do Lui e mataria a esse idiota de uma vez por todas.

Jean-Luc se deteve no caminho de entrada. Quando saiu do carro, Emma se separou da sombra de um grande carvalho. Estava bebendo de uma garrafa de sangue fria, sua bolsa pendurada de seu ombro. Manteve-se oculta, por isso parecia que tinham chegado juntos.

—Estão bem, — informou em voz baixa. — Escutei suas vozes no interior. Tranquilas e felizes. E o perímetro está limpo.

—Bem. — Exalou com alívio, logo tomou a garrafa vazia da Emma e a pôs dentro de seu automóvel. Recuperou a espada e a bengala do Lui do assento traseiro, junto com sua própria espada. Fechou o carro e se dirigiu para o alpendre dianteiro.

—Esperas que Fidelia possa localizar ao Lui? - Perguntou Emma.

—Sim, — viu o pequeno par de patins junto à porta principal e o livro de bolso apoiado na almofada do assento do balanço. A vida tinha continuado durante o dia, e ele o tinha perdido.

—Eu também sou psíquica, — disse Emma em voz baixa. — O mais habitual nos Vampiros. Estive atenta a qualquer signo de telepatia vampírica na zona, mas até agora, esteve tranquilo.

Jean-Luc suspirou quando soou o timbre. — Lui é muito bom mantendo-se oculto. Deus sabe que tentei encontrá-lo durante séculos. — E sempre falhei.

Seus depressivos pensamentos desapareceram quando a porta se abriu e Heather apareceu, sorrindo. Levava um vestido cor turquesa e sandálias a combinar. O brilho de seus olhos e sua tez resplandecente acendeu uma faísca de desejo em Jean-Luc. Parecia realmente feliz de vê-lo.

—Vamos entra, — deu um passo atrás. — Temos um pouco de lasanha que sobrou do jantar, se estão interessados.

—É muito amável, mas já comemos. — Esperava não ter fôlego a sangue.

Fechou a porta com chave.

A menina, Bethany, deslizou-se perto de sua nova amiga. — Olá, Emma. — Olhou com acanhamento para Jean-Luc. — Olá.

Ele se inclinou ligeiramente. — Boa noite, Bethany.

—Olá, amor. — Emma se ajoelhou para dar à menina um abraço. — Teve um bom dia?

—Sim, — Bethany se inclinou e lhe sussurrou em voz alta, — minha mamãe queria estar bonita para o Sr. Sharp.

—Bethany! - A cara d Heather se voltou rosa. — Por que não leva a Emma acima e lhe ensina... Algo?

—Você gostaria de ver meu novo livro? - Perguntou Bethany com olhos brilhantes.

—Sim. Por favor. — Heather olhou para Fidelia, que estava junto à escada rindo entre dentes.

Jean-Luc tinha vontades de rir, também, mas se conteve para ficar tranquilo.



—Vamos - Emma levou a menina para a escada. Olhou-a, seus olhos faiscavam de alegria.

—Vejo que trouxeste a espada do Louie e a bengala, — Heather se apressou a trocar de tema.

— Fidelia está preparada para nos ajudar a localizá-lo. — Fez um gesto para a sala de estar.

Jean-Luc a seguiu. — Teve um êxito maravilhoso.

—No que? - Ela olhou para trás. — Em estar viva? O dia esteve muito tranquilo.

—Isso é bom. Mas referia ao que disse sua filha. Esta muito bonita.

Heather fez um gesto de despedida com a mão. — Bethany converte tudo em romance. Inclusive seus animais de pelucia estão casados entre si. Ela realizou as cerimônias. Hoje casou a um Chihuahua macho com um gorila fêmea.

Fidelia riu entre dentes enquanto se instalava no sofá com sua bolsa. — Esse cão ladra à árvore equivocada.

Jean-Luc apoiou a espada na poltrona de orelhas. — Meu amigo Roman sempre diz que com amor, tudo é possível.

—Sim, como um duplo homicídio. — Fidelia acariciou sua bolsa.

Heather soprou. — Ou as batalhas por custódia de menores.

Jean-Luc lhe dirigiu um olhar irônico.

—Perdeste toda a fé no amor?

Ela olhou para outro lado, com as bochechas rosadas. — Não. Sempre há esperança. Começamos?

—Muito bem. — Colocou a espada do Lui e a bengala na mesa de café frente à Fidelia.

Ela colocou a bengala em seu regaço. Fechando os olhos, passou os dedos ao longo da madeira polida. Heather se sentou em silêncio junto dela. Jean-Luc se instalou na poltrona de orelhas e esperou.

—É um lugar escuro, — sussurrou Fidelia.

Isso não era surpreendente. Todos os vampiros necessitavam um lugar escuro durante o sono de morte diurno.

—Um porão, — continuou Fidelia. — Feito de pedra. Não há janelas. — Ela sacudiu a cabeça. — Está muito escuro. Não posso ver nada.

—Pode saber o tão longe que está? - Perguntou Jean-Luc.

—Não muito longe, mas não muito perto. Não na cidade, acredito. — Fidelia inalou bruscamente. — Sente-me. — Seus olhos se abriram, e colocou a bengala sobre a mesa. — Isto é um engano. Eu... acredito que pode ser psíquico.

Lui podia ter habilidades psíquicas de vampiro, mas isso não era algo que Jean-Luc queria admitir.

Fidelia lhe lançou um olhar de preocupação. — Sentiu-me. Pude senti-lo. Tinha frio, muito frio. — Ela estremeceu.

—Está bem. — Heather esfregou as costas da mulher de idade avançada. — Terminou.



Fidelia negou com a cabeça. — Estava tratando de rastrear sua localização. Acredito que ele estava fazendo o mesmo comigo.

Jean-Luc fez uma careta. Zut, possivelmente deveria ter levado a Fidelia a outro lugar para fazer isto.

A cara da Heather empalideceu. — Está-nos caçando.

—Heather, tenho que te perguntar de novo se quer ir para minha casa, — disse Jean-Luc. — É só questão de tempo o que Lui se dê conta de quem é e onde vive.

—Só terá que encontrá-lo antes que nos encontre. Se soubéssemos mais a respeito dele, poderia ser útil. — Seus olhos se estreitaram. — Quem é exatamente?

Jean-Luc se sentou. — Oxalá soubesse. Se soubesse seu verdadeiro nome, haver-lhe-ia açoitado e matado faz muitos anos.

—Você... Cometeria um assassinato?

—Faria algo para proteger aos que amo.

Fidelia assentiu com a cabeça. — É um homem de bem, Juan.

Jogou uma olhada para a Heather, perguntando-se se estaria de acordo. Ela ficou perplexa.

—Disse faz muitos anos, — murmurou. — Quantos anos têm?

Merde. Não havia maneira de responder a isso.

—Tenho vinte e seis anos, — disse ela. — E você? - Moveu-se em sua cadeira. — Sou mais velho que você.

—Quanto?

—Tinha vinte e oito quando... — Ele se esfregou a frente. —Tinha três anos quando minha mãe morreu...

—Sinto muito. Não me dava conta... — Seus olhos refletiam simpatia. — Feridas emocionais demoram mais tempo em curar-se.

—Sim. — Ouviu um carro avançando pelo caminho. Ficou de pé, agarrando sua espada. —Temos companhia.

Heather ficou de pé. — Não pode ser Louie, verdade? Não tão rápido.

—Estou preparada para ele. — Disse Fidelia escavando em sua bolsa.

—Não acredito que seja Lui. — Jean-Luc o duvidava, seu arqui-inimigo não usava carros muito frequentemente. Mesmo assim, deslocou-se para o corredor de entrada com sua espada. Ouviu o golpe da porta do carro e, continuando, pesados passos que se aproximavam dos degraus do alpendre dianteiro.

Heather chegou à porta de entrada quando um punho golpeou com a força suficiente para sacudir os painéis de vidro chumbados da porta. Jean-Luc se manteve a seu lado.

—Posso vê-lo! - Gritou uma voz masculina. — Tem seu noivo passando a noite aqui de novo, não?

—OH, não! É Cody, — gemeu Heather. — Thelma deve ter visto chegar, e avisou a sua mãe.



Jean-Luc olhou pela janela da porta. O homem no alpendre era grande e com a cara avermelhada pelo álcool.

—Posso verte idiota! - gritou Cody. — Quer te atarraxar a minha ex? Adiante, mas ponha um dedo em minha filha e eu...

—Basta! - Assobiou Heather enquanto abria a porta.

—Não deve deixá-lo entrar, — disse Jean-Luc em um sussurro.

—OH, por favor, deixe, — disse Fidelia arrastando as palavras. Ficou de pé nas escadas, movendo seu Glock no ar. — Me alegre o dia.

—Fidelia, guarda a arma, — ordenou Heather. Ela abriu a porta. — Como te atreve...?

Cody irrompeu no vestíbulo e fulminou com o olhar ao Jean-Luc. — Quem demônios é?

Jean-Luc lhe devolveu o olhar. — Não tenho por que te responder.

—Jean... - Começou Heather, mas seu ex a interrompeu.

—John? Assim está trazendo seus Johns para casa? - Cody se dirigiu ao Jean-Luc. — Está deixando seu carro estacionado em frente. Agora todo mundo no povo sabe que está atarraxando a minha esposa!

—Ex-esposa, — disse Jean-Luc estreitando seus olhos. — Você é o parvo que a deixou ir.

—Basta já! - Heather se interpôs entre eles. — Cody, baixa a voz ante que Bethany o ouça. Está bêbado, e não tem direito a me espiar ou me julgar.

Respondeu-lhe com desprezo. — Sim, posso. Minha filha vive aqui, e posso pedir uma demanda por sua custódia completa agora que todo mundo sabe que é uma puta.

—Não o sou. E nunca vou deixar que a separe de mim.

Cody soprou. — Me olhe.

A duzentos anos, Jean-Luc haveria simplesmente trespassado ao filho de puta e lançado seu corpo em um rio, mas o mundo moderno tendia a franzir o cenho ante essa solução. Assim assaltou ao homem com uma onda psíquica. É uma barata.

Em seu estado de embriaguez, Cody não podia oferecer nenhuma resistência ao controle mental de um vampiro. Caiu ao chão e correu engatinhando ao redor do vestíbulo.

Com um chiado, Heather saltou para trás. — Cody, qual é seu problema?

—Sou uma barata, — murmurou com voz estridente.

—Hmm, faz tempo que sei que o é, — Fidelia deu um passo atrás quando roçou sua larga saia.

Cody tratou de subir as escadas, mas tropeçou e caiu sobre suas costas. Retorceu-se, agitando os braços e as pernas.

—Já basta, Cody, — exigiu Heather. — Sai daqui antes que assuste a Bethany!

—O que se está passando? - Emma desceu as escadas, olhando com receio para Cody que se retorcia no chão.

Fidelia riu entre dentes. — Consigamos uma lata de inseticida.

—Raid! - Cody se colocou a quatro patas e se escapuliu pela porta principal.



Voltará para a normalidade quando sair o sol ordenou Jean-Luc.

—Sim, amo. — Cody caiu de cabeça a baixo pelas escadas do alpendre.

—Meu deus, o homem se tornou louco! - Heather fechou a porta e fechou-a a chave.

—Isso foi interessante, — assinalou Emma jogando uma olhada ao Jean-Luc. Provavelmente tinha ouvido suas ordens psíquicas. Perguntou-se brevemente se Lui o tinha ouvido, mas duvidava que o tivesse dito o suficiente alto para deixar um rastro para o Lui.

—Está bem Bethany? - Heather se apressou pelas escadas.

—Ooh wee, necessito um gole. — Fidelia se cambaleou para a cozinha, ainda com sua Glock. — Necessito uma cerveja, isso é o que necessito. Querem uma cerveja, Juan, Emma?

—Não, obrigado. — Caminhou de novo para a sala e apoiou a espada contra a cadeira.

Emma se apoiou contra a porta, sorrindo. — Uma barata?

Devolveu-lhe o sorriso. — O homem o merecia.

Ela assentiu com a cabeça. — Vou ao piso de acima. — Fez uma pausa e logo adicionou: - Acredito que causaste uma grande impressão na Bethany. A mamãe de brinquedo que vive na casa de bonecas tem um novo noivo chamado John. É um boneco G.I. Joe que parece capaz de tirar a merda do Ken que vive no armário.

—Sério? - O coração do Jean-Luc se apertou em seu peito. Poderia realmente ser bem-vindo nesta família? Sempre tinha querido ser parte de uma família. Seu pai tinha morrido quando tinha seis anos, três anos depois de que sua mãe tivesse falecido no parto. Roman e Angus eram o mais próximo que tinha tido como verdadeiros irmãos.

Olhou ao redor da sala e se deu verdadeiramente conta do solitária que havia sido sua vida durante séculos. Heather o atraía em muitos aspectos, mas sua família, Bethany e Fidelia, também tocavam seu coração. Que diferente seria se em sua vida houvesse verdadeiro companheirismo e amor que enchessem cada noite! Ante isso, toda sua vida nos séculos anteriores parecia vazia e sem sentido.

Mas poderiam aceitá-lo tal como era? Poderia Heather amá-lo?

—Sinto muito que tivesse que presenciar essa cena com meu ex, — disse Heather, entrando na habitação. Voltou-se a olhá-la. Zut, tinha estado tão absorto em seus pensamentos, que não tinha dado conta de que Emma se foi e Heather tinha retornado. Tinha que estar mais alerta que isso. — Não importa.

Heather suspirou. — Não sei o que Cody tem na cabeça.

—Bethany está bem?

—Sim. Graças a Deus. — Heather se deixou cair no sofá. — Estava vendo um DVD com o volume ao máximo, assim não escutou nada.

—Isso é bom. — Jean-Luc se sentou junto a ela. Imediatamente, escutou o pulsado acelerado de seu coração. Um bom sinal.

Olhou-lhe timidamente. — Onde foi Fidelia?



—À cozinha por uma cerveja.

—Eu gostaria que não bebesse e dirigisse armas ao mesmo tempo.

Estendeu um braço sobre o respaldo do sofá. — As armas têm segurança.

—É claro que sim. Foi um pedido para que pudesse mudar-se aqui.

—Viveu nesta área toda a vida, correto?

Ela suspirou. — Sim. Sempre quis viajar, mas isso nunca aconteceu.

Ele fez uma nota mental para levá-la a todos os lugares que queria ver.

—Pode pensar em algum lugar que coincida com a descrição de Fidelia? Um lugar nos subúrbios da cidade. Provavelmente abandonado.

—Com um porão de pedra? - Ela inclinou a cabeça, pensando. — O parque estatal tem um edifício de pedra antiga construído durante a Grande Depressão.

—Vou comprová-lo.

Odiaria deixar a Emma aqui com as mulheres e levar ao Robby com ele.

—Irei contigo.

Ele piscou. — Não. Absolutamente não. É muito perigoso.

—Já estou em perigo. Lutei com o Louie antes e o fiz bem. E sei onde está o parque.

—Posso procurar a localização do parque na Internet.

Levantou o queixo. — Eu vou. Não ficarei aqui acovardada pelo medo. Estou em guerra com o medo, recorda?

—Há uma diferença entre o valor e o mau julgamento. — Fez uma pausa, quando seu desenvolvido ouvido detectou um som lá fora. — Alguém se está aproximando do alpendre dianteiro.

Ficou de pé em silêncio e tomou sua espada.

Heather se levantou e lhe sussurrou, — Devo agarrar minha escopeta?

—Não. — Esperava que o que estava fora, fora Lui. Destruiria ao bastardo e... Mas o que aconteceria se cometia um engano fatal e perdia? Lui simplesmente entraria na casa e massacraria a Heather. — Sim, agarra sua pistola. Avisa a Emma, e esperem no interior. Se entrar, disparem a seu peito.

—Se entrar, então estaria... — Apertou-lhe o braço. — Tome cuidado.

A preocupação em seus olhos era genuína. Mon Dieu preocupava-se com ele.

Tocou-lhe a bochecha. —Va.

Seus olhos estavam frágéis, com um olhar sonhador, logo piscou. — Certo.

Correu para as escadas.

O tapete amortecia o ruído das sandálias correndo pelas escadas.

—O que se passa? - Fidelia saiu da cozinha, sustentando uma garrafa de cerveja meio vazia. Jogou uma olhada a Heather desaparecendo nas escadas. — A estas perseguindo de novo?

Jean-Luc levou um dedo aos lábios, logo assinalou ao exterior.



Os olhos marrons da Fidelia se abriram. — Deixei meu moço alemão na cozinha. Volto em seguida.

—Não quero que saia. Poderia ser perigoso. — Jean-Luc gemeu quando Fidelia foi à cozinha. Era melhor que atuasse com rapidez antes que as mulheres da casa se encarregassem do resgate. Ele sorriu para si mesmo. Não era de estranhar que gostasse tanto delas.

Em silêncio foi à porta e a abriu.

Capítulo 8

Jean-Luc saltou sobre o alpendre dianteiro, apontando com sua espada ao intruso.

Uma mulher loira gritou e cambaleou para trás. O salto de seu sapato ficou apanhado entre duas pranchas de madeira, e se estrelou no alpendre. — Merda!

Parecia familiar. — Quem é? - Exigiu. Era mortal, mas isso não significa que estivessem a salvo. Lui desfrutava utilizando seu controle mental vampiro para coagir aos mortais na execução de seus assassinatos.

—Maldita seja. — A mulher esfregou os ossudos tornozelos. — Será melhor que seja capaz de caminhar. — Fulminou-o com o olhar. — É um louco imbecil! Assustou-me a morte com essa espada!

Nesse momento a reconheceu. Sasha Saladine, a modelo que Alberto havia contratado. Obviamente não tinha nem ideia de quem era.

Ainda atirada no alpendre, tirou os sapatos e examinou os saltos tachonados com diamantes artificiais. — Juro-lhe isso que se meus sapatos estão danificados, me verá pedindo seu traseiro. Estes custam quatrocentos dólares, sabe? Só compro o melhor.

Já estava sentindo saudades da Heather. Quando o desafiava, gostava. Era engenhosa e divertida. Esta mulher era simplesmente molesta. Enquanto seguia-o repreendendo com sua voz estridente, examinou o pátio procurando qualquer sinal de movimento.

—Vai ficar aí toda a noite como um idiota ou me ajudará a me levantar?

Ela olhou ao redor do alpendre. — Esta é a casa da Heather, não? Aqui é onde ela vivia na escola secundária. — Olhou por cima do ombro para seu carro. — Merda. Disse-me que não tinha noivo. — Lançou lhe um olhar cauteloso. — O que está fazendo com essa monstruosa espada?

—Prefere uma arma? - Fidelia empurrou ao Jean-Luc ao passar, sustentando uma cerveja em uma mão e seu Glock na outra.

—OH, Meu deus! - Sasha saltou sobre seus pés e levantou as mãos. — Não dispare.

Pensei que esta era a casa da Heather.

—Fidelia, tome cuidado! - Heather correu ao alpendre, com sua escopeta nas mãos.

Sasha ficou sem fôlego. — E pensei que Nova Iorque era perigosa.



Jean-Luc gemeu para si mesmo. — Heather, não lhe disse que permanecesse no interior?

Heather não fez caso e se dirigiu à modelo loira. — Sasha? O que está fazendo aqui?

—Estou a ponto de receber um disparo, ou de me converter em uma brochete, não sei qual das duas.

—Bom, decida-se. Não tenho toda a noite. — Fidelia colocou sua cerveja no alpendre e tirou um jogo de chaves do bolso de sua saia. Procurou entre as chaves, tratando de liberar a que correspondia ao seguro do gatilho de sua pistola.

—Não faça isso, — advertiu Heather. — Bebeste muito.

Fidelia soprou. — Não estou bêbada. Estou em completo controle. — Arrancou o seguro do gatilho.

Bang! A arma disparou, dando em um carvalho próximo. As mulheres gritavam. Jean-Luc fez uma careta. Um esquilo caiu da árvore e aterrissou no pátio com um ruído surdo.

Fidelia encolheu os ombros. — Não queria fazer isso. Malditos roedores! Penetram na casa. E roubam todas as nozes de nossa nogueira.

Heather pôs as mãos nos quadris. — Não te hei dito um milhão de vezes que a mantenha assegurada?

Fidelia baixou a cabeça, com olhar arrependido. — Vou ter mais cuidado. — Em seguida, fechou o seguro, lançou uma olhada ao Jean-Luc e assinalou. — Eu sei como fazer frente a uma bolsa de escória com nozes.

Sua boca se torceu. — Vou ter isso em consideração.

Nesse momento, Emma apareceu no alpendre, com uma estaca na mão. — Está aqui?

—Não, — respondeu Jean-Luc. — Falso alarme.

Emma olhou a seu redor. — Mas ouvi um disparo.

—Sim. — Jean-Luc assinalou para o pátio dianteiro. — Tivemos uma baixa.

Os olhos da Emma se abriram. — Fomos atacados por um esquilo?

—Condenadamente certo, — disse Fidelia. — Já me encarreguei dele.

—OH, Meu deus, Heather, — sussurrou Sasha. — É traficante de drogas?

—O que? - Heather se voltou para ela. — Não!

—OH. — Sasha parecia decepcionada. — Então, o que acontece com todas essas armas?

Heather suspirou. — Posso explicar isso. Mais tarde.

—Visto que tudo está bem, vou voltar para meu posto. — Emma se inclinou para Jean-Luc e lhe dirigiu um divertido olhar enquanto se dirigia de novo ao hall de entrada. — E você pensava que o Texas seria aborrecido. — Ele assentiu com a cabeça.

—A vida tornou-se muito mais interessante ultimamente.

—tive suficientes emoções por um dia, — anunciou Fidelia e entrou cambaleando detrás de Emma. — Vou tomar um banho quente e ir para a cama.



—Boa noite. — Heather colocou sua escopeta para baixo no alpendre. — Estupendo. Agora tenho que lutar com o esquilo.

—Não há nada a fazer, — assegurou-lhe Jean-Luc. — O esquilo está morto.

—Não posso deixá-lo aí. Bethany o verá, e pensará que é Sandy, a amiga de Bob Esponja.

Jean-Luc não tinha nem ideia do que estava falando. — Posso enterrá-lo. Inclusive dizer uma oração. — Sabia-as de cor depois de escutar ao Roman realizar mais de uma centena de vezes o rito para seus companheiros mortos durante a Grande Guerra Vampírica.

Os bordos da linda boca de Heather se inclinaram para cima. — Não me dava conta de que nosso esquilo era católico.

Estava rindo-se dele? - Está bem, se não quiser.

—Não, por favor. Sim que quero. — Deu-lhe de presente um brilhante sorriso. — Acredito que é muito doce.

Seu coração se expandiu. Mon Dieu, um homem poderia fazer-se viciado neste sentimento. — Tem uma pá?

—Sim, na garagem. — Fez um gesto para sua esquerda.

Apressou-se a baixar os degraus do alpendre e girou à esquerda para a entrada.

Manteve sua espada com ele, no caso de Lui estar escondido nas sombras. Ou na garagem.

Sasha Saladino o olhou afastar-se, continuando, assobiou a Heather. — É uma mentirosa! Disse-me que não tinha noivo.

—Não é meu noivo, — sussurrou Heather.

Jean-Luc seguia escutando sua conversa enquanto caminhava para a garagem independente.

—Onde demônios o encontrou? - Sussurrou Sasha.

—Conheci-o ontem à noite na inauguração.

—Está brincando! Esse bonito galã estava ali? Maldita seja, atarraxeimei-me ao tipo equivocado.

—Sasha!—

—Dormiste com ele?

—É óbvio que não, — soprou Heather. — Só o conheci ontem.

Sua indignação fez sorrir ao Jean-Luc. Deteve-se na porta lateral da garagem para escutar mais.

—Se não o quiser, eu o pego, — acrescentou Sasha. — Alberto foi um pouco decepcionante. Mas me prometeu mais voltas na passarela. Assim, o diz?

—Uh, felicitações?

—Não, estou falando do menino bonito com a espada. Posso fazer um movimento para ele ou não? Você o quer?

Esforçou-se por escutar a resposta.

—Jean! - Gritou Heather. — A porta está fechada?



Girou o trinco e a porta se abriu. — Está bem! - Deslizou-se no interior, mas deixando a porta entreaberta para poder escutar. Olhou a seu redor. A garagem estava vazia.

—John? — Perguntou Sasha. — John o que?

—Jean Echarpe, — respondeu Heather. — É filho do Jean-Luc Echarpe.

Sasha ficou sem fôlego. — Está brincando! OH, merda! Realmente me atarraxeí ao tipo equivocado.

Jean-Luc meneou a cabeça. Como se pudesse desejar a alguém tão vão. Agora, Heather era outra história. Adoraria ver seus olhos verdes abrir-se aturdidos de prazer quando lhe acariciasse os peitos ou entre suas doces coxas. Gostaria de ver acenderem-se suas bochechas com o calor, a boca aberta com um gemido gutural. Era... Era melhor que parasse antes que seus olhos comessem a brilhar. Agarrou a pá e saiu da garagem. As mulheres seguiam falando, mas ele já não era o tema.

—Onde está seu carro de aluguel? - Perguntou Heather. — Como chegou aqui?

Sasha estava descansando no balanço do alpendre, empurrando-o com um pé descalço sobre o alpendre. — Alberto me trouxe. Acabamos de jantar, e pensou que havia bebido muito para conduzir. Mas juro-lhe que só bebi duas margaridas.

—Comeste algo?

—Claro. Mas não o conservei se souber o que quero dizer. — Sasha assinalou com o dedo índice em sua boca.

Jean-Luc fez uma careta. Era bulímica. Essa era precisamente a razão pela que tinha utilizado a Simone e Inga como seus modelos principais. Eram vampiros, porque nunca teriam que danificarem-se a si mesmas para manterem-se magras.

Infelizmente, os meios de comunicação estavam começando a perguntar-se por que não envelheciam.

—Não deveria brincar a respeito da bulimia, — queixou-se Heather. — É uma enfermidade.

—É desespero. Tenho vinte e seis anos, e estou tentando competir com bebês.

Sasha se deu conta de que Jean-Luc voltava e ficou em pé. — OH, senhor Echarpe, é um prazer conhecê-lo. Espero que não se sinta ofendido por algo que disse. — Seu olhar vagou pela espada, ainda em sua mão direita. — Heather me disse que estava aqui para protegê-la. Acredito que é muito nobre de sua parte.

Estava-o adulando. Jean-Luc estava acostumado a isso. Não tinha nada que ver com ele. Deu-se conta faz muitos anos que algumas modelos saltariam da torre do Notre Dame se com isso pudessem subir nas suas carreiras.

—É uma honra te conhecer. — Voltou o seu olhar para Heather. — Onde você gostaria que o enterrasse?

Ela olhou ao redor do pátio dianteiro. — Que tal sob o carvalho? Essa era sua casa, assim acredito que gostaria.



—Como queira. —Jean-Luc avançou para a árvore. Viu um espaço vazio entre dois maciços de flores e começou a cavar. Se as mulheres fossem para o interior, poderia utilizar sua velocidade de vampiro e terminar a tarefa em poucos segundos.

O balanço do pórtico rangeu quando Sasha se sentou outra vez. — A gente fala de quão bom é viver em cidades pequenas, mas não é certo. A anciã senhora Herman me jogou de sua casa onde alugava cama e café da manhã. Pode acreditá-lo?

—Isso é estranho, — respondeu Heather. — Ela é viúva. Acreditava que necessitava de dinheiro.

—É uma anciã dissimulada. Convidei ao Alberto a noite passada, e quando o viu sair esta manhã, ficou toda suscetível e me disse que não dirigia um bordel. Alberto e eu tentamos voltar ali depois do jantar, e não nos deixou entrar o juro, é só um velho pau frígido!

—Era nossa mestra na escola dominical, — murmurou Heather - Tem onde ficar?

—Bom, realmente não quero ficar com minha psicótica mãe em seu reboque de má morte, assim pensei me deixar cair por aqui, — murmurou Sasha. — O que lhe parece?

—Onde está sua bagagem?

—Não o necessito. Durmo nua.

—Estupendo, — murmurou Heather.

—Irei buscar as minhas coisas e meu carro de aluguel pela manhã. Não posso esperar para sair desta cidade. Amanhã vou ao SPA d'Elegance em Santo Antonio. Quer vir?

—Tenho que ficar aqui.

—Como pode? - A voz da Sasha se voltou estridente. — Não posso suportá-lo mais. Não há centros comerciais, nem discotecas. Pedi um frappé de laranja no jantar, e olharam-me como se fora uma espécie de extraterrestre.

Heather suspirou. — Viveu aqui dezoito anos. Já sabe como é.

—Acredite-me, assegurei-me de esquecer tudo o que diz a este poço negro esquecido de Deus.

A voz da Heather era baixa e tensa. — Eu ainda vivo aqui.

Jean-Luc fez uma pausa com sua pá para olhar às mulheres no alpendre. Podia ver a cor rosa nas bochechas da Heather, e o verde brilho de ira em seus olhos.

Sasha encolheu os ombros. — Bem, você perde com isso.

—Pensou em cavar uma fossa maior. Já que não tem carro nem outro sítio a aonde ir, — continuou Heather, — ignorarei seus comentários insultantes e te mostrarei a habitação de convidados, — a boca do Jean-Luc se inclinou com um leve sorriso. Apesar de seu recente divórcio, Heather ainda mantinha sua bondade e sua natureza compassiva. Mas seria igual de pormenorizada se soubesse a verdade sobre ele? Seu sorriso se desvaneceu ao recordar sua descrição da última noite sobre um vampiro. Horripilante monstro. Como poderia aceitá-lo alguma vez?

—Caralho, Heather, — Sasha deixou cair seus magros ombros. — Não era minha intenção ferir seus sentimentos. É a única verdadeira amiga que tenho. Todo mundo quer me usar. Bom, eu os uso, também. Mas, você é a única com a que posso falar realmente.



A cara da Heather se suavizou, e deu um abraço à modelo. — Está bem. — Abriu a porta principal. — Vamos conseguir-te uma cama.

Quando a porta se fechou, Jean-Luc observou a casa uma vez mais. Era mais que uma casa, era um refúgio para os necessitados. Heather tinha acolhido a Fidelia, e agora a Sasha. Com sua generosidade, e seu coração cheio de amor, Heather sempre teria amigos e familiares.

Uma imagem cruzou por sua cabeça. Uma foto de família - Roman e Shanna Draganesti e seu pequeno filho, Constantine. Jean-Luc apertou suas mãos ao redor da manga de madeira da pá. Ele nunca teve uma família. Nunca a teria. Cravou a pá no chão. Com sua força de vampiro, a folha se afundou na terra até ao punho, cortando a raiz da árvore. Agora a tumba era o bastante grande para o esquilo, assim caminhou para o animal morto. Deu dois passos, e se deteve.

Um carro de polícia branco avançou até deter-se frente à casa da Heather. Na lateral do carro, as letras fluorescentes compunham as palavras Xerife do Condado. Merde. Como a maioria dos vampiros, Jean-Luc era muito cuidadoso em cumprir a lei. Os Vampiros não podiam permitir-se ser interrogados em uma dessas habitações com espelhos, não quando seus corpos não se refletiam.

Olhou para sua espada, que descansava apoiada contra a árvore. Aproximou-se de novo e a deslizou sob uns grossos arbustos na base da árvore.

Enquanto isso, o funcionário tinha saído do carro patrulha. Partiu para a casa, luzindo muito oficial com seu bem engomado uniforme caqui completado com o cinturão e a capa da pistola. Olhou ao Jean-Luc com os olhos entrecerrados e rodou um palito de dentes de um lado a outro de sua boca.

—Se afaste da árvore. Levante as mãos onde possa as ver, — ordenou.

Jean-Luc deu um passo para um lado e abriu as mãos, as palmas para frente.

—Há algum problema, xerife?

O jovem oficial se deteve e mordeu o palito de dentes. — Quem demônios é?

— Sou Jean Echarpe. —

—Johnny Sharp, né? De onde é senhor Sharp?

Jean-Luc pensou que era melhor deixar acontecer o mal-entendido. — Sou de Paris.

O xerife assentiu com ar de conhecimento. — No norte de Dallas. Estive ali.

Jean-Luc ficou surpreso por uns segundos. — Há um Paris no Texas?

—Sim. Mas você fala muito estranho, inclusive para alguém do norte. Suponho que é um desses frenchies.

Jean-Luc apertou os dentes. — Sou da França.

—Isso é muito mau. — O olhar do xerife se centrou na tumba recém-escavada. Tirou o palito da boca e o lançou ao chão. — Tenho um relatório de um dos vizinhos sobre uma arma que disparou aqui. E agora o encontro em pleno ato de cavar uma tumba.

Jean-Luc indicou o buraco. — Como pode ver, é uma tumba muito pequena.

—Bom talvez você goste de cortar a suas vítimas e as enterrar em partes. — O xerife apoiou uma mão em sua pistola.



Jean-Luc fulminou-o com o olhar. — Não assassinei a ninguém. — Entretanto. Assinalou a um lado. — A vítima jaz ali.

—Merda. — O xerife se aproximou do esquilo morto, continuando, fulminou com a olhar ao Jean-Luc. — Olhe senhor Sharp, eu não gosto quando estrangeiros vêm aqui e disparam a nossos esquilos.

—Eu não lhe disparei.

O xerife soprou. — Sim, trata-se de um suicídio. — Levantou uma mão quando Jean-Luc aproximou, — fique atrás. Esta é a cena de um crime, e não quero que a polua.

Jean-Luc suspirou. Obviamente, não se passava grande coisa nesta cidade. — Disse a Heather que enterraria o esquilo por ela.

Os olhos do xerife se estreitaram - Conhece a Heather?

—É óbvio - Jean-Luc levantou o queixo. — Esta é sua casa, se por acaso não sabia.

—Já sabia. — O xerife separou as pernas e cruzou os braços. — Saímos dois anos na escola secundária. Quanto faz que a conhece?

Assim que este era o menino que a mãe da Heather tinha decidido que era muito perigoso. Se não tivesse interferido, teria se casado Heather com este grande bobo em lugar de com outro? Uma sensação de ira se enroscou como uma serpente no ventre do Jean-Luc. Com uma sacudida a reconheceu. Ciúmes. Merde.

Não os tinha sentido em mais de 200 anos.

—Billy! - Gritou Heather do alpendre. — O que está fazendo aqui? - Fechou a porta e baixou os degraus.

—Hey, Heather. — O xerife agitou uma mão em sinal de saudação. — Thelma chamou por que ouviu um disparo. — Lançou ao Jean-Luc um olhar suspeito. — E me encontrei com este cavando uma tumba em seu pátio. Provavelmente em busca de caracóis para comer. — Riu de sua própria brincadeira.

Heather franziu o cenho. — Jean é meu hóspede. E é tão amável de me ajudar com este pobre esquilo morto.

Ela o estava defendendo. Uma vez mais. Jean-Luc adorou. Mas ele sabia que Billy não estava impressionado. Billy se via totalmente com o saco cheio.

—Vais pedir a um estrangeiro que enterre seu esquilo? Isso é um trabalho para um homem de verdade. — Billy agarrou o esquilo morto e se dirigiu para a tumba.

Jean-Luc olhou a Heather para ver se se deixava impressionar pelas táticas do Neandertal. Por sorte, ela não olhava ao Billy com o culto ao herói em seus olhos. Via-se muito molesta. — Isso não é necessário, Billy. Jean tem tudo sob controle.

Billy lançou o esquilo na tumba. — Deveria me ter chamado, Heather. Já te hei dito antes que se necessitar algo me chame. — Agarrou a pá rapidamente, mas ficou parado. Puxou com força, mas esta não se moveu.



—Posso? - Jean-Luc se dirigiu para a tumba.

—Fique quieto. — Billy abriu as pernas e agarrou a pá com ambas as mãos. Puxou. Um grunhido baixo retumbou em sua garganta. O suor cobriu sua frente. A pá não se moveu.

Olhou ao Jean-Luc. — Que maldita coisa tem feito com esta pá?

—Deixe-me deixe ver. — Jean-Luc colocou uma mão ao redor da manga e tirou a pá da terra. — Ah, tinha razão. O trabalho requer um homem de verdade.

Heather tapou a boca para ocultar seu sorriso.

Billy fulminou-o com um olhar incerto, como se não estivesse seguro de se tinha sido insultado. Antes que tivesse tempo para decidi-lo, seu walkie-talkie rangeu e se ouviu uma voz. Pulsou um botão. — Aqui o Xerife. O que acontece?

—Alguém chamou por uma alteração da ordem pública atrás do Bar Schmitt, — informou uma voz de mulher.

—Cathy, utilize o número de código correto, — grunhiu Billy.

—Não há nenhum número para um homem atuando como uma barata! - Gritou a mulher. — Subiu ao contêiner de lixo e começou a derrubar-se nela.

Barata? Jean-Luc olhou a Heather. Tinha que ser seu ex-marido. Ela franziu o cenho, mas permaneceu em silêncio.

—Maldito bêbado - murmurou Billy em seu microfone. — Vou para lá. — Franziu o cenho em direção ao Jean-Luc. — Estarei observando, senhor Sharp. —Dirigiu-se para seu carro patrulha.

Jean-Luc utilizou a pá para colocar a terra sobre o esquilo.

—Acredito que meu ex se tornou louco, — sussurrou Heather.

—Devia estar louco para deixá-la ir. — Jean-Luc utilizou o extremo plano da folha para aplanar o montículo de terra.

—Muito amável de sua parte, mas estou preocupada com deixar a minha filha com ele.

—É difícil encontrar gente em que se possa confiar.

—Isso é certo. — Franziu o cenho para o carro patrulha que se afastava.

Jean-Luc tirou sua espada de debaixo dos arbustos e utilizou a ponta para gravar uma cruz na terra sobre a tumba. — Não confia no xerife? - Quando ela negou com a cabeça, continuou, — isso pensava. Não lhe falou a respeito do Lui.

Dirigiu-lhe um olhar interrogativo. — Não, você tampouco.

Pôs-se a andar para a garagem para guardar a pá. — Estou acostumado a me encarregar de meus próprios problemas.

Caminhava junto a ele. — E eu sou um de seus problemas?

Deteve-se. — Não, absolutamente. Estou desfrutando de meu tempo contigo. Sinto muito que você e sua filha estejam em perigo.

Lançou lhe um olhar cauteloso. — Então, admite que esteja em perigo por sua culpa.

Aonde queria chegar? - Sim. — Ele reatou seu caminho até a garagem.



—Então, estará de acordo em me deixar ir contigo procurar o Louie.

Deteve-se de novo. — Não estou de acordo.

—Mas o estará. Deve entender que estou em guerra contra o medo.

—Sim, faço-o, mas não quero te pôr em mais perigo do que... - Se interrompeu quando se aproximou e apoiou uma mão em seu peito. A forma em que o olhava, com olhos suplicantes, foi muito difícil evitar deixar cair a pá e a espada e abraçá-la.

—Sra. Westfield, está tentando convencer-me com argúcias femininas?

Ela tirou a mão de seu peito. Então sorriu e pôs sua mão de novo. — Não, acreditas que poderia fazê-lo?

—Talvez. Como de... persuasiva pode ser?

Dobrou sua mão sobre a lapela de seu casaco negro. — Fui vadiação durante tanto tempo de minha vida. Tenho que tomar o controle.

—Então, o plano é me seduzir?

—Não. Só quero ir contigo. Tenho que tomar um papel ativo nisto.

—Que decepção?

Ela soprou. — Porque quero determinar meu próprio destino?

—Não, de que não me está seduzindo. Acredito que eu gostaria de uma mulher forte, determinada a me seduzir.

Ela pôs-se a rir, e logo lhe ofereceu um olhar coquete. — A noite ainda é jovem.

Ele sorriu. — Sim, é-o.

—Então temos um acordo, — anunciou. — Vou contigo.

Merde. Seu sorriso se desvaneceu. Quando tinha perdido o controle nesta relação? Heather Westfield estava-o envolvendo ao redor de seu dedo mindinho.

E Deus o ajudasse, gostava.

Capítulo 9

—A entrada está a poucos quilômetros por este caminho. — Disse Heather, olhando ao Jean-Luc enquanto conduzia.

—Está bem. — Suas mãos se apoiavam ligeiramente no volante do BMW como se estivesse acostumado a ir a cento e dez quilômetros por hora.

Era uma noite clara com estrelas e uma lua meio brilhando no alto. A bolsa da Heather descansava no piso do automóvel com a Glock da Fidelia dentro. Sentiu-se reconfortada pelo peso da pistola contra sua perna. Robby MacKay se encontrava no assento traseiro com sua claymore e Jean-Luc levava uma espada mais leve. Jean-Luc tinha insistido em recolher ao escocês pelo caminho.



Robby tinha-se oposto a que ela os acompanhasse, mas Jean-Luc tinha defendido sua decisão.

Esse era um bom sinal. Não era um monstro do controle depois de tudo. Podia respeitar suas decisões inclusivamente se não estava de acordo com ela.

Ainda havia muito que não sabia sobre o Jean-Luc, mas realmente gostava de tudo o que tinha aprendido até agora. Jogou-lhe uma olhada enquanto conduzia. Tinha um rosto magro, maravilhosamente acentuado com uma mandíbula forte e maçãs do rosto proeminentes. A noite passada, bem barbeado asseado e com seu elegante smoking era um atraente James Bond. Esta noite estava ainda mais sexy.

O restolho negro sombreava sua mandíbula, seus cachos negros caíam desordenadamente sobre sua cabeça como se tivesse tido muita pressa para se raspar ou pentear o cabelo. Suas negras calças folgadas e camiseta pareciam desgastadas e cômodas, e o casaco comprido e negro dava-lhe um ar de perigo.

Como era de esperar, Billy tinha-o tratado com suspeita. Jean-Luc parecia misterioso e selvagem. Era imaginativo e criativo em seu desenho de roupa para mulheres e, entretanto, caçava assassinos como Louie.

Nunca tinha conhecido um homem tão fascinante e complexo. Definitivamente albergava segredos. Mas, Bom Senhor, que homem tão atraente era.

Realmente esperava que o seduzisse? Pela forma de lhe falar e olhá-la, Heather suspeitava que fosse ele quem estava seduzindo. Sua mente corria, imaginando todo tipo de possíveis situações. Se se atrevia, não o deteria. Estava segura disso por a forma em que a olhava.

Seu olhar se centraria na cara com uma intensidade quente que lhe curvaria os dedos dos pés. Olharia seu corpo, detendo-se aqui e lá. Só pensando-o fazia que lhe picasse por toda parte. Era muito consciente dele. O ar entre eles parecia cantarolar com algum tipo de corrente magnética que tratava de reuni-los.

—Está bem? - Disse ele olhando-a.

—Sim. — Ele deve ter sentido seu olhar. Era consciente dela, também. — Essa é a entrada. — Ela assinalou um letreiro fracamente iluminado à direita.

Jean-Luc foi mais devagar e deu uma volta no caminho estreito.

—É um sítio bastante isolado - observou Robby. — Um bom esconderijo.

—Os campistas estão aí abaixo. — Assinalou Heather para um caminho de terra que se desviava à esquerda.

—Os campistas? - Disse Jean-Luc olhando ao Robby com preocupação.

—Filho de puta - murmurou Robby.

Um calafrio se apoderou dos braços nus de Heather. — Crie que os campistas podem estar em perigo?

—Se Lui tiver aqui, sim. — Disse. Jean-Luc desceu pelo caminho olhando a direita e esquerda.

—Pôde necessitar dinheiro e... a comida. Esse é o lugar? - Assinalou para frente.



Heather entrecerrou os olhos, logo que podia distinguir a estrutura de pedra diante. — Sim. Pode estacionar aí pela zona de jogos.

Os tobogãs e balanços brilhavam inóspitos e cinzas sob a luz, um círculo de luz rodeava o abajur cheio de insetos zombadores. Os balanços penduravam completamente imóveis no quente, ar úmido.

Heather saiu do estacionamento, agarrou a lanterna de sua bolsa e a acendeu. Em apenas uns segundos, estava flanqueada pelo Jean-Luc e Robby. Ambos levando suas espadas.

Pendurou sua bolsa sobre seu ombro. — Preparados?

Jean-Luc apoiou a ponta dos dedos ligeiramente em seu cotovelo. — Fica junto a mim.

Robby se adiantou para entrar no refúgio de pedra em primeiro lugar. Ela subiu os degraus com o Jean-Luc a seu lado.

As enormes janelas alinhadas a ambos os lados do refúgio estavam abertas para permitir que a brisa soprasse dentro nos quentes dias do verão. As folhas se amontoavam dispersas pelo frio piso de cimento e a revoada de asas dos pássaros se repetia nas vigas. Havia uma série de mesas de piquenique de madeira em metade da habitação.

Robby inspecionou o perímetro, e ao parecer era capaz de ver sem uma lanterna.

—Não há porta do porão aqui.

—Está fora. — Heather iluminou o caminho das escadas. — À direita.

Robby se adiantou enquanto que Jean-Luc se manteve pego a ela. O ar quente era espesso e úmido contra sua pele nua. Um mosquito zumbia em seus ouvidos e ela o espantou. — Maldito chupa-sangue.

—Onde? — Disse Jean-Luc levantando sua espada e girando para olhar ao redor.

Heather riu. — Vais matar um mosquito com uma espada? Boa sorte.

Dirigiu-lhe um olhar tímido. — Pensei que referia a algo um pouco maior.

—Como o que? Um morcego? Não acredito que tenhamos morcegos vampiros no Texas.

—A gente nunca sabe, — murmurou e logo assinalou ao Robby. — Encontrou o porão.

Heather escutou ruído de cadeias. Assinalou com sua lanterna para o ruído e viu Robby inclinado sobre a porta do porão.

—Não me diga que está bloqueado. Supõe-se que é um refúgio de tornados para os campistas.

Robby tirou as cadeias da porta.

—O cadeado está quebrado.

Ele intercambiou um olhar com o Jean-Luc.

Heather se perguntou se o escocês era completamente honesto. Devia sê-lo. Não podia ser o suficientemente forte para romper um cadeado.

—Deixe-me ajudar.

Jean-Luc abriu uma das portas, enquanto que Robby abria a outra.

Heather enfocou sua lanterna para o grande buraco negro. Merda, o que a havia possuído para vir aqui? - Então, quem quer entrar primeiro no poço negro da condenação?



—Fá-lo-ei eu.

Robby começou a descer pelas escadas, com a claymore preparada.

—Não necessita a lanterna? - Perguntou Heather.

—Posso ver - Murmurou Robby.

Ela manteve a luz para o buraco.

—Tinha razão - sussurrou ao Jean-Luc. — Não deveria ter vindo.

—O que tem que ser a proprietária de seu próprio destino?

—Ainda acredito isso e acredito que posso me proteger. Mas tenho medo de que tenha que estar mais pendente de meu amparo que da captura do Louie.

—Tem razão. Por isso trouxe o Robby.

—Não quero te atrasar, ou te pôr em perigo.

—Estarei bem.

Ele se transladou a sua direita com a espada ao alto.

—Fique perto detrás de mim. — Começou a baixar as escadas.

Ela respirou fundo. Está em guerra contra o medo. Seguiu-o para baixo, apoiando uma mão em seu ombro.

Quando chegou no final, agarrou a mão para o centro da habitação.

Ela girou iluminando com a lanterna o escuro porão. Ajustava-se à descrição da Fidelia.

Escuro. Sem janelas. Paredes de pedra. Uma grossa capa de pó no piso de pedra fazia que lhe picasse o nariz. A sujeira e os escombros estavam amontoados em pequenos montículos ao longo das paredes.

—Verifica o teto. — Disse Jean-Luc em voz baixa.

—O teto? - Apontou sua lanterna para cima. De verdade esperava que Louie tivesse pendurado do teto? Isso era estranho.

—Esta vazio. — Anunciou Jean-Luc.

Ela deixou escapar um suspiro de alívio. — Genial nenhum maníaco homicida aqui.

—Não. É o suficientemente seguro.

Robby percorreu a habitação. Quando se aproximou de um canto escuro, ouviram-se umas pequenas patas correndo.

—Um rato! - Heather agarrou o braço do Jean-Luc e o apertou. Sua lanterna se agitou grosseiramente.

Ele tomou a lanterna e enfocou a criatura.

—Não se preocupe. É só um camundongo.

—Está brincando? É enorme.

—É um pequeno camundongo de campo.

—Não ouviste que tudo no Texas é grande?



—Nossos ratos na França ririam de seu camundongo. — Jean-Luc pôs seu braço ao redor de seus ombros. — Não viveste até que não tenha visto os ratos de Paris.

—OH, isso é tão... Pouco romântico.

—Ah, agora há um grande com garras gigantes e dentes afiados.

Ele pôs-se a rir quando ela lançou seus braços ao redor de seu pescoço. — Não.

—O que?

Ela se deu conta de que seu rosto estava junto ao dele.

—Estava brincando. — Disse abraçando-a. — Mas não posso pedir desculpas. Estou muito contente com os resultados.

—Patife. Assustaste-me.

Deveria golpeá-lo com força ou ao menos afastar-se dele, mas se sentia tão bem com seus fortes braços a seu redor e a calidez de seu peito sólido pressionando contra ela.

Ele esfregou o queixo contra sua frente. O roce suave da barba era muito masculino e reconfortante.

—Não acredito que Lui estivesse aqui, — anunciou Robby. — Tão poeirento como está o piso, haveria rastros.

—Estou de acordo. — Jean-Luc manteve seus braços ao redor de Heather.

Robby murmurou algo em voz baixa. — Tenho que deixá-los sós?

Jean-Luc riu entre dentes.

—Já vamos. — Disse enquanto se separava da Heather e lhe entregava a lanterna. — Havemos feito o suficiente por esta noite.

Suficiente de procurar o Louie ou suficiente de abraçar-se? Ela teria desfrutado com uns poucos minutos mais de abraços. Ou uma ou duas horas. Acompanhou-o até a escada e se agarrou à mão do Jean-Luc para subir os degraus. O ar da noite cheirava a fresco em comparação com a umidade, do ar do porão.

—Tentá-lo-emos de novo amanhã. — Disse Jean-Luc enquanto ele e Robby fechavam as portas do porão.

—Amanhã é domingo. Tenho planos, mas podemos ir depois.

—Que planos? - Disse Jean-Luc quando se dirigiam ao carro. — Não posso te deixar sem segurança.

—Tenho que ajudar na feira. A igreja está tentando de arrecadar dinheiro para algumas equipes esportivas. Tenho que estar ali cedo para colocar as cadeiras e essas coisas. Fidelia e Bethany também irão.

Jean-Luc franziu o cenho. — Um lugar público pode ser perigoso. Robby e eu teremos que ir.

Robbie se queixou.

Heather sorriu. — Bem! Começa às sete. No Parque Riverside.



—Bem. — Disse Jean-Luc pressionando o comando a distancia para abrir o carro. E logo lhe abriu a porta. — E depois, vamos continuar nossa caça do Lui. Se for possível, pensa em mais lugares que se adaptem à descrição da Fidelia.

—Está bem. — Subiu ao carro e ele fechou a porta.

Podia ouvir o Jean-Luc e Robbie discutindo em voz baixa, provavelmente a melhor estratégia para mantê-las a ela e Bethany com vida. Colocou a lanterna em sua bolsa, junto à Glock. Com a chegada do Jean-Luc Echarpe, sua vida se tornou muito mais emocionante. Não ia deixar que Louie lhe tirasse a vida tão rápido.

Mas podia ser que somente perdesse seu coração pelo Jean-Luc.

Na noite seguinte, Heather estava colocando cadeiras no Parque Riverside. Tinha sido outro dia sem complicações e sem indícios do Louie. Tinham ido à igreja pela manhã, logo depois tinha passado o resto do dia fora. Jean-Luc tinha prometido que iria logo, depois do entardecer. Havia-se encontrado ansiosa por que o dia passasse para poder vê-lo outra vez.

—Necessita ajuda com isso?

Ela se encolheu ante o som da retumbante voz e rezou porque não fora dirigida a ela. Levantou a vista. Nope, o treinador Gunter rebojava para ela. O treinador de futebol do Guadalupe High tinha estado tentando um encontro desde faz mais de seis meses. O fato de que Heather não lhe tivesse permitido um primeiro lançamento não o dissuadiu.

—Não, obrigado. — Disse lhe dando as costas enquanto abria uma das cadeiras de metal.

Ainda lhe faltava à última fila, frente ao estrado, onde os meninos cantariam.

O treinador Gunter ficou diante dela, para que não pudesse ignorá-lo, adotando sua posição habitual do Superman, com as mãos nos quadris e estirando o peito. Também levava seu traje habitual: Uma camiseta sem mangas que mostrava seus bíceps avultados e umas calças curtas para mostrar suas pernas musculosas.

Heather o considerava um cavernícola em miniatura: baixo de estatura e mais curto de cérebro.

Havia mulheres elegíveis às que gostavam de colecionar miniaturas. Deveria tentar com elas. A algumas mulheres impressionava seu físico varonil e o treinador sabia. Podia dizer que ele esperava que deixasse seu trabalho e o admirasse, mas continuou alinhando as cadeiras. Bethany a ajudava, sentando-se em cada cadeira para assegurar-se de que funcionassem corretamente.

—Você gosta de meu traje de banho? - O treinador se girou, sem dúvida para exibir seus músculos de aço.

—Está bem. — Disse Heather colocando outra cadeira dobradiça da pilha próxima.

—Estou na cabine molhada, — continuou o treinador. — Poderia vir mais tarde a ver como me molho. — Piscou-lhe um olho.

Heather fez um som evasivo, grunhindo quando colocou outra cadeira aberta e a pôs na fila. Sorriu a sua filha. — Como funciona esta?



Bethany se meneou sobre a cadeira. — Está bem, mamãe. — Olhou ao treinador. — Vou cantar esta noite.

—Sim, sei. — Disse o treinador olhando-a com dúvidas, então seu rosto se iluminou. — Ouça, você gostaria de sair com sua mamãe e comigo, mais tarde esta noite, a comer um gelado?

Bethany se retorceu em sua cadeira, sorrindo. — Eu adoro o sorvete.

Olhou a sua mamãe espectador.

OH, jogo sujo! Heather acabava de agarrar outra cadeira de metal e considerou dar-lhe com ela na cabeça. Mas o sentiria? Com sua sorte, ele o consideraria algum tipo de jogo prévio do Neandertal.

Ela sacudiu a cadeira para abri-la e deu a sua filha um olhar pormenorizado.

—Sinto muito, carinho, mas o treinador deveria me ter perguntado primeiro. — Endireitou-se, olhando ao treinador. — Já temos planos para esta noite.

Ele levantou o queixo. — Assim que os rumores são certos? Tem um novo noivo?

Às vezes, esta cidade era um pouco, muito pequena. Heather viu como se escondia o sol ao longo das taças das árvores. Em menos de uma hora, Jean-Luc chegaria.

—Estou esperando uns amigos.

—Sim, claro - murmurou o treinador. — Você não sabe o que perde. — Ele se afastou.

Com um suspiro, Heather agarrou outra cadeira. Só três para terminar. A feira se iniciava em cinco minutos. Já havia uma fila de pessoas na bilheteria.

—Você não gosta, mamãe? - Perguntou em voz baixa Bethany.

—Do treinador? - Heather colocou uma cadeira ao lado de sua filha. — Ele não me ajudou com as cadeiras, verdade?

—Eu te estou ajudando. — Disse Bethany sentando-se na cadeira que acaba de pôr.

—Sim, está fazendo o controle de qualidade. Estas fazendo um grande trabalho. — Heather tomou outra cadeira do montão.

Bethany enrugou o nariz, como se estivesse refletindo profundamente.

—Ele pensa que é bonito.

—O treinador? - Heather riu enquanto abria a cadeira. — Acredito que tem razão. É uma pequena muito inteligente.

Bethany encolheu os ombros como se fora um fato. — Eu gosto de Emma.

—Eu também. — Disse Heather agarrando a última cadeira.

—Ela me verá cantar?

—Acredito que sim. — Heather abriu a última cadeira e se sentou junto a sua filha.

—Eu gosto do homem que fala estranho, também.

O coração do Heather se sobressaltou. — O Sr. Echarpe?

Tinha tentado não pensar nele em todo o dia, mas ainda assim se introduziu em seus pensamentos uma dúzia de vezes. Por hora.



Bethany cruzou as pernas, imitando a um adulto, continuando, cruzou os braços e apoiou o queixo em uma mão. Golpeou ligeiramente seu queixo com um dedo. Era sua atitude de reflexão.

Heather considerava que era adorável e sempre fazia que quisesse arrastar a sua filha em um grande abraço. Absteve-se, entretanto, sabia que devia deixar respirar a sua filha a pensar por ela mesma. Olhou para o sol uma vez mais, tentando de estimar quanto tempo demoraria em ocultar-se. E quanto tempo faltava para que aparecesse Jean-Luc.

—O Sr. Sharp não sabe que é bonito, — disse Bethany. — Mas o é.

A boca do Heather caiu aberta. Meu deus tinha dado a luz a um gênio. — Acredito que é brilhante.

—Tenho fome. Posso comer um pouco de algodão? Quero um rosado.

—Depois do jantar. — Heather olhou o estrado. — Olha. A Senhorita Cindy quer que vá acima.

Bethany se levantou e correu para onde todos os meninos em idade pré-escolar estavam reunidos.

Um dos professores, a senhorita Cindy, procedeu a pô-los em duas filas, os mais altos detrás.

Heather se esfregou o pescoço. O trabalho físico, o calor do Texas e a falta de sono faziam racho nela. Ao menos uma vez que ficasse o sol, a temperatura baixaria uns graus. Jean-Luc era inteligente ao esperar.

Ali estava outra vez, em seus pensamentos. Esta noite tinha estado dando voltas por uma hora antes que o sono a alcançasse. Havia sentido a tentação de baixar e fazer-lhe companhia toda a noite. Deus sabia que ainda havia muito que tinha que aprender dele. Tinha-lhe contado a história de sua vida, mas ele havia compartilhado muito pouco com ela.

O que estava fazendo no Schnitzelberg, Texas, quando o mundo da moda tinha seu epicentro em Paris?

Qual era a verdadeira história detrás do Louie? Estava realmente em perigo como Jean-Luc dizia?

Apesar de todas suas perguntas, sentia-se atraída por ele. Seu coração se acelerava sempre que olhava seus olhos azul céu. E queria seus braços rodeando-a.

Mas só o conhecia fazia duas noites. Era perigoso apaixonar-se por um homem tão rápido. Seria perigoso, mas se sentia maravilhosa e emocionante. Uma razão a mais para manter-se em guarda.

Tinha sobrevivido a muita agitação em sua vida para estragar tudo agora. Sua primeira prioridade devia ser manter um ambiente tranquilo e amoroso para sua filha.

Fidelia se deixou cair a seu lado e pôs sua bolsa no regaço. Em honra à festa levava sua saia vermelho brilhante com lentejoulas douradas.

—Mulheres tolas da igreja. Ofereci-me a pôr um barraco de adivinhação, mas elevaram seus narizes presumidos e disseram que era muito pagão para uma festa da igreja.

Heather fez uma careta.

—Sinto muito. — Não duvidava que uma dessas senhoras da igreja fora a mãe de Cody.



A senhora Westfield já havia dito a Heather que insultava ao Bethany permitindo que uma cigana vivesse em sua casa.

Quando era pela segurança de sua filha, Heather se preocupava mais que Fidelia levasse armas, que lesse o tarô. Jogou uma olhada a sua infame bolsa. — Trouxe armas?

—Só a Glock, eu fiz um corte. — Fidelia baixou a cabeça. — Sinto-me mal pelo esquilo.

Heather lhe deu umas tapinhas no braço. — Senti-me aliviada de ter sua arma comigo a noite passada.

Fidelia assentiu com a cabeça. — Se esse Louie aparecer aponta à cabeça. Não importa se for ao cárcere por isso, tampouco. Teve a amabilidade de me dar uma casa, inclusive depois do que aconteceu com sua mãe. — Seus olhos brilhavam pelas lágrimas

Heather se voltou para fazer frente a sua velha amiga.

—Não falhou a minha mãe. Fez sua melhor tentativa de adverti-la.

—Se tivesse mantido a boca fechada, seus pais ainda poderiam estar vivos. Talvez as senhoras da igreja tenham razão. Talvez não seja boa.

—Não vou deixar que diga isso. Minha mãe pagou por seus serviços. Minha mãe a teria incomodado daqui até a segunda vinda por seu conselho. Você sabe. Era impossível dizer a minha mãe que não.

Fidelia sorveu seus mucos e secou os olhos.

—Farei algo para te proteger a ti e à menina. Devo-te muito.

—Não me deve nada. Sempre estive aí para mim. Como uma segunda mãe.

Heather riu para deter suas próprias lágrimas. — Mas muito mais divertida que minha verdadeira mãe.

Fidelia assentiu com a cabeça. — Era uma mulher resolvida.

—Obstinada e temerosa. — Corrigiu Heather. — Não quero viver com temor nunca mais. Não quero que nenhuma o faça, tampouco.

Fidelia deu umas tapinhas em sua bolsa. — Tenho meu valor aqui.

—Tem o valor dentro de ti. E é uma boa pessoa. Se não estivesse aos cem por cento segura disso, não confiaria em ti para que cuidasse de minha filha.

Fidelia piscou as lágrimas e logo ficou séria.

—Observei a multidão e os arredores como me pediu. Não há nenhum estranho com o cabelo branco e uma bengala.

—Bem. Obrigado. — Heather olhou para o sol. Em uns trinta minutos Jean-Luc chegaria.

—Tiveste algum sonho ontem à noite?

—Tive um estranho. Acredito que era Juan, mas era difícil de dizer. Parecia um homem desse filme que vê tanto. O orgulho e algo.

—Orgulho e prejuízo? Parecia um homem da regência?



Fidelia entrecerrou os olhos, tratando de recordar. — Acredito que sim, mas só por um segundo. Logo se parecia... Ao George Washington, mas mais elegante.

—Isso é estranho.

—Sim. E logo o vi... Não sei. Levando meias e umas divertidas calças curtas que se inflavam como globos.

—Como um homem do Renascimento?

Fidelia encolheu os ombros. — Não sei o que significa.

Heather respirou fundo. Tinha desprezado sua teoria imortal por considerá-la muito estranha, mas agora o perguntava.

Fidelia observava-a de perto. — Tem uma ideia?

—É muito estranho.

—Está falando comigo, carinho. Nada é muito estranho.

—Acredito que Jean poderia ser diferente de algum jeito...

Fidelia pôs-se a rir.

—É diferente a qualquer homem desta cidade. Mas poderia ser o correto para ti.

—Quero dizer realmente diferente.

—Quer dizer de uma maneira sobrenatural? - Fidelia inclinou a cabeça, pensando. — Poderia ser.

—Poderia acreditar isso?

—Hei-lhe isso dito um milhão de vezes. Há muitas coisas que não sabemos. Mas isso não quer dizer que não seja certo.

Um homem imortal? Se Jean-Luc era um, Louie também e, e levavam séculos lutando. A pesar do calor, Heather se estremeceu.

—Mamãe! Tia Fee! - Bethany correu até elas. — Viram-me no cenário?

—Certamente que sim. — Heather a atraiu para seu regaço. — Esteve fabulosa.

—Vais sentar-te na primeira fila para ver-me cantar?

—É óbvio.

Heather colocou o alfinete do cabelo de sua filha. Era azul para combinar com o vestido de verão da Bethany.

—Tenho fome.

Heather sorriu. — Sempre tem fome.

—Quando olhei os barracos vi que havia cachorros quentes e salsichas alemãs em um palito. — Disse Fidelia.

Heather fez uma careta. Carne de porco ou carne porco.

—Quero um cachorro quente! - Bethany saltou do regaço de sua mãe. — Com grande quantidade de ketchup.



Uma imagem mental passou pela mente de Heather enquanto caminhavam para o barraco dos cachorros quentes. Bethany subindo ao cenário com uma grande mancha de ketchup na parte dianteira de seu vestido do verão azul.

—Vamos tranquilas com o Ketchup.

—Você querará um de um pé de comprimento. — Disse Fidelia.

—Não tenho tanta fome.

—Carinho, está falando de comida? - Fidelia lhe piscou um olho.

Com um bufido, Heather negou com a cabeça.

—Deveria provar um com um rico pão-doce francês.

Heather riu. — Deixei os hidratos de carbono faz muito tempo.

—Olha! Que bonito urso. — Assinalou Bethany para um enorme urso amarelo que estava em exibição em um barraco.

—Posso o ter?

—Posso tentá-lo. — Heather tirou um maço de bilhetes de um dólar do bolso de seus jeans. Pagou cinco dólares por cinco bolas. Quatro vezes deu na pilha de garrafas de leite, mas nunca caíram.

—Estão trucadas. — Murmurou Fidelia.

—Já me dava conta. — Suspirou Heather. — Pelo menos é por uma boa causa.

Outros cinco dólares mais tarde, as garrafas de leite se mantinham em pé. O homem entregou-lhe um urso pequeno, de cor verde.

—Temo que isso seja tudo o que conseguimos.

Heather deu o urso a sua filha.

—Está bem. É um bebê. — Bethany o embalou em seus braços enquanto se afastavam. Ela olhou com nostalgia a enorme mamãe urso amarela.

Compraram os cachorros quentes e se sentaram em um banco sob um carvalho gigante.

Fidelia brincou com a Heather sobre estabelecer um posto de cachorros quentes de seis polegadas de comprimento, enquanto Heather observava à multidão. Havia alguns homens de cabelo branco com bengalas, mas os conhecia da igreja.

O sol desapareceu no horizonte. As luzes da rua que rodeavam o parque se acenderam. Tudo os barracos se acenderam e o cenário brilhou com luzes brancas. O único ponto escuro era a zona do rio. Estava deserta à exceção de uns poucos adolescentes roubando beijos. A maior parte da gente do povo estava nos barracos, rindo e gastando dinheiro.

Os estudantes de secundária estavam reunidos ao redor do barraco da banheira, tentando em vão que o treinador Gunter se molhasse. Ele os incitava, seu vozeirão se ouvia em todo o parque.

Fidelia seguia entretida com seu cachorro quente de um pé de comprimento, por isso Heather deixou a Bethany com ela para comprar um algodão de açúcar. Por desgracia, o vendedor de algodão de açúcar estava justamente em frente do barraco do treinador.



—Vamos inúteis! - Gritou o treinador aos meninos. — Quem me vai molhar?

—Não temos dinheiro, treinador. — Respondeu um.

—Folgações! Consigam um trabalho! - Gritou o treinador.

—Oi, senhora Westfield! - Disseram vários estudantes.

Ela os saudou por seu nome.

—Sra. W. — gritou o treinador. — Vem e joga comigo.

Os estudantes riram baixo. Heather gemeu para si mesma e lhe virou as costas para esperar na fila do algodão de açúcar. Às vezes, esta cidade era realmente muito pequena.

—Encontrei-te. — A voz profunda, de suave acento lhe fez saltar o coração.

Ela se voltou e encontrou ao Jean-Luc detrás dela.

Capítulo 10

—OH. Fê-lo. — Heather se arreganhou a si mesma em silêncio por soar com tão falta de fôlego.

— Eu... tem fome?

—Já comi. — voltou-se para o Robby, quem tinha optado por uns jeans negros em lugar de uma saia escocesa. — Vamos estar bem.

—Vou comprovar o perímetro então. Boa noite, Senhora Westfield.

Inclinou a cabeça, e logo partiu.

Heather notou como a camiseta do Robby se estendia através de suas largas costas.

Definitivamente nenhuma arma escondida aí. — Sem espadas? - Sussurrou.

—Tem uma adaga amarrada à panturrilha, — disse Jean-Luc em voz baixa, — e eu tenho isto. — Golpeou ligeiramente o chão com uma bengala de mogno. — Há uma espada em seu interior.

Heather olhou a manga adornada em bronze. — Parece uma antiguidade. — Era o único dono também?

Jean-Luc examinou a multidão. — Estou muito elegantemente vestido.

Heather sorriu. Suas calças cinza tinham classe, e sua camisa azul fazia jogo com seus olhos. — Vê-te bem para mim.

—Senhorita? - O vendedor interrompeu. — É seu turno.

—OH. — Tinha estado muito distraída para notar que era a seguinte na linha. — Um algodão de açúcar cor rosa. — Jogou um olhar ao Jean-Luc enquanto tirava dinheiro de seu bolso - A menos que queira um?

—Não, me permita. — Tirou um bilhete de cinco dólares de sua carteira e o entregou ao vendedor.



—Obrigada. — Heather franziu o cenho enquanto tomava o palito de açúcar. Não estava segura de querer que ele pagasse.

Jean-Luc desprezou com a mão o troco que o vendedor quis dar-lhe e sorriu para ela. — É para a equipe do pátio de jogos, não?

—Assim é, — devolveu-lhe o sorriso. Estava sendo generoso com o pré-escolar. Não deveria ler mais nisto.

—É esse seu amigo, Heather? - Rugiu a voz do treinador.

Heather fez uma careta. — Ignora-o.

Jean- Luc deu um olhar ao treinador. — Quem é esse homem? O que é essa máquina?

—É uma cabine molhada.

—Ah, entendo. — Jean-Luc assentiu com a cabeça. — Se não se afogar, então é uma bruxa.

—Não, só é repulsivo. É um jogo. — Uma bruxa? Isso soou medieval. Anotação de outro ponto para a teoria imortal. Heather fez gestos para o banco onde sua filha e Fidelia estavam sentadas. — Elas esperam.

—Hey, Senhora W. — A saudou o marechal de campo.

—Olá, Tyler. — Agarrou o braço do Jean-Luc, mas este não se moveu.

—Wow. — A noiva do Tyler olhou ao Jean-Luc e levantou um polegar para cima a Heather - Muito bem, Senhora Westfield.

—Obrigada, — murmurou Heather, puxando o braço do Jean-Luc. Esta cidade era muito pequena.

Jean-Luc se inclinou perto. — Conhece todas estas pessoas?

—São estudantes. Sou sua professora de história. E todos conhecem todo mundo nesta cidade.

—Heather! - Gritou o treinador. — Onde encontrou a este efeminado menino de cidade?

Jean-Luc ficou rígido. — Refere-se a mim?

—Ignora-o, — pediu-lhe Heather. — Eu o faço. Constantemente.

Jean-Luc estudou ao treinador e logo se voltou para a Heather com um olhar cauteloso. — Todos os homens neste povo a desejam.

Ela pôs-se a rir. — Sim, claro. Os velhos meninos do asilo de anciões entram em parada cardíaca sempre que caminho perto.

Seu olhar vagou sobre ela. — Posso acreditar.

Estava louco? Levava umas gastas calças curtas azuis Jeans, e o calor da tarde tinha deixado sua pele quase tão rosa como seu Top sem mangas. Seu cabelo escapava de seu rabo-de-cavalo para enrolar-se na frente e pescoço. Era um desastre, e Jean-Luc a olhava como se fora tão doce como o doce de algodão cor rosa que sustentava.

—Hey, você! Menino da cidade! - Gritou o treinador. — De certeza que não consegue fazer com que me molhe.

Jean-Luc se voltou para a cabine, entrecerrando os olhos.



—Por que não consegue algumas bolas, huh? - Gritou o treinador.

Os meninos riram.

—Amigo, vais conseguir te queimar. — Murmurou Tyler.

A mandíbula de Jean-Luc trocou de posição.

Heather puxou seu braço. — Vamos.

—Insultou minha honra. — Anunciou Jean-Luc - Devo desafiá-lo a um duelo.

—O que? - Heather se perguntou se falava sério. Ainda existiam os duelos em França? - Quer dizer pistolas à madrugada?

—Eu sempre preferi as espadas. — Jean-Luc caminhou para a cabine molhada.

—Espera! - Heather o seguiu. — Não pode falar a sério.

Deteve-se, e um canto de sua boca se inclinou para cima. — Não se preocupe chérie. Já não mantenho duelos.

—OH. Bem, isso é bom. — Já não?

—Mas o homem claramente me desafiou, e tenho que defender minha honra de alguma maneira.

—Isso é fácil, — Heather assinalou à pilha de bolas sobre o mostrador. — Só tem que comprar umas bolas e fazer que se molhe.

Jean-Luc olhou para o mostrador. — Isso seria mais singelo que matá-lo.

—Sim, sê-lo-ia. — Ela não podia acreditar que estivessem tendo esta conversa.

Jean-Luc sorriu lentamente, seus olhos brilharam. Bom Senhor, só estava burlando-se dela? Suas bochechas se aqueceram.

—Molhá-lo-ei imediatamente. — Jean-Luc golpeou um bilhete de dez dólares sobre o mostrador e lhe deram duas bolas.

—OH, assim finalmente consegui algumas bolas, né? - Incitava-o o treinador. Tirou-se a camiseta e a jogou em um lado. — Olha Heather. Ainda estou seco. — Flexionou seus braços para mostrar seus bíceps avultados.

Thwack. A primeira bola do Jean-Luc se estrelou contra o objetivo, golpeando de retorno a um pé. O cabide do treinador se foi, derrubando-o dentro da tina de água.

Os estudantes aplaudiram. O treinador salpicava e borbulhava na água. A água só tinha cinco pés de profundidade, mas para a altura do treinador, era virtualmente extremamente profunda.

—Justiceiro. — Tyler aplaudiu ao Jean-Luc nas costas.

—Sei, certo? - Acordou outro atleta.

—Amigo isto é como o... carma, já sabe, — disse Tyler. — O treinador sempre me faz correr até que vomito.

O treinador subiu pelas escadas. Seu mau corte de cabelo estava esmagado em sua cabeça quadrada, e seu traje de banho estava gotejando. — Grande coisa, traseiro doce! Assim teve um



golpe de sorte. Pressionou o assento para assegurar-se de tê-lo colocado em seu lugar, logo se sentou nele. — Nunca o fará de novo...

Thwack. O treinador se desabou de novo na água.

Os estudantes se voltaram loucos, saltando acima e abaixo. Duas animadoras realizaram alguns saltos.

—Amigo, é assombroso! - Tyler levantou sua mão para chocar os cinco.

Jean-Luc levantou uma mão e olhou um pouco surpreso quando foi espalmado.

—Estivemos tentando molhar ao treinador faz tempo, — a noiva do Tyler gritou por cima do ruído. — Mas é muito caro, ficamos sem dinheiro.

—Entendo. — Jean-Luc estendeu ao Tyler um maço de bilhetes de vinte dólares. — Todos vocês deveriam continuar jogando.

—Amigo, é verdadeiramente um justiceiro! - Tyler se voltou para os outros atletas, agitando o dinheiro. — Bolas para todos! Graças ao novo noivo da Sra. W.!

Heather fez uma careta. Agora todo o povo pensaria que era verdade.

Os estudantes aplaudiram, nomeando ao Jean-Luc o tipo mais cool da cidade.

Todos faziam fila para comprar bolas.

O treinador olhou ao Jean-Luc enquanto se instalava de retorno em seu cabide. — Você bastardo!

Jean-Luc sorriu. — Acredito que meu trabalho aqui acabou. — Tomou o braço da Heather no seu.

Ela o levou para sua filha e Fidelia. — Dá-te conta que é um herói agora?

Assentiu com a cabeça, sem deixar de sorrir. — É esse o mastro de Maio?

Heather seguiu seu olhar. — Não é um mastro bandeira.

—Ah. É verdade. Estamos em Agosto. É sempre assim quente no Texas?

—No verão, sim. E o verão segue uns oito meses. — Heather gemeu para si quando viu o Billy dirigir-se para seu caminho. Estava com seu uniforme, com o habitual palito de dentes em sua boca.

Deteve-se frente a ela e deu ao Jean-Luc um olhar desdenhoso. — Heather, quero falar contigo a sós.

—Por quê? Não tenho feito nada de mal.

Billy franziu o cenho. — Quer falar de seu ex-marido em frente de este estrangeiro?

Heather estremeceu, recordando o comportamento estranho de seu ex a noite anterior. — O que fez Cody?

—Tive que encerrá-lo a noite passada. Estava resmungando como um idiota, afirmando ser uma barata. Esta manhã estava bem, assim que o deixei ir. Diz que não recorda nada.

Heather assentiu com a cabeça, seu coração se afundou. Como poderia deixar a Bethany só com ele? - Obrigada por deixar-me saber.

Billy mandou seu palito ao chão. — Suponho que estar casado contigo o voltava louco.



Ouch. Heather mal teve tempo para registrar o dano antes de dar-se conta que poderia haver um problema mais sério. Jean-Luc tinha dado um passo frente a ela, suas mãos empunhadas ao redor de sua bengala.

Sua voz era suave, mas mortal. — Não insultará a honra desta mulher.

Billy colocou os polegares em seu cinturão, perto da capa de sua pistola. — Estas ameaçando a um oficial da lei?

—Isso é suficiente. — Heather rodeou ao Jean-Luc e olhou ao Billy. — Sabia que Sasha está no povo? Estava em minha casa ontem à noite. Que pena que não a alcançasse.

O rosto do Billy ficou pálido - Está aqui? Sasha voltou?

Heather quis lhe golpear os dentes com o pé. — foi a Santo Antonio esta tarde. Mas retornará. É a estrela no espetáculo de beneficência na loja do Jean dentro de duas semanas.

Billy assentiu com a cabeça - Grandioso. Estarei lá.

—Nos desculpe. — Heather puxou do braço do Jean-Luc para escapar. Dirigiu-se para o banco onde Fidelia e Bethany estavam esperando. Emma se tinha unido a elas, e Bethany estava falando com ela sem parar.

—Está molesta com o Xerife, e não é só pelo insulto, — sussurrou Jean-Luc.

—É uma longa história. — queixou-se Heather.

Jean-Luc se deteve. — Eu gosto de suas histórias.

Olhou seus olhos azul céu, e sua ira se diluiu. — É uma velha ferida. Não deveria deixar que me incomodasse.

—Há-o dito você mesma. Feridas emocionais demoram mais a sarar.

Na realidade recordava coisas que ela havia dito. Incrível. — Minha mãe queria que rompesse com o Billy desde que começou a trabalhar como policial. Quando o fiz, me disse que só tinha estado pendurado a meu redor para poder estar perto da Sasha.

—O bastardo. — Jean-Luc se voltou para olhar à figura do Billy em retirada. — Se não me engano, suspeito que se preocupe com ti mais do que pensa. Estava claramente zangado quando te viu em minha companhia.

—Talvez, mas só sou a segunda opção. Se pensasse que Sasha está disponível, esqueceria tudo sobre mim. — Heather levou ao Jean-Luc para sua filha.

Bethany estava na metade da explicação como tinha adquirido seu ursinho novo. — Este é um ursinho, mas realmente queria o grande urso amarelo. A tia Fee diz que está arrumado de modo que ninguém possa conseguir o urso grande amarelo.

—Assim é, carinho - Fidelia assentiu com a cabeça - Sua mãe fez todo o possível.

Com um suspiro, Heather entregou o algodão de açúcar a sua filha. — Aqui, carinho.

—Yummy! - Bethany sorriu enquanto começava a preencher de penugem rosa sua boca.

Heather imaginava que estava perdoada pelo fracasso do urso gigante. — Obrigado por vir, Emma.



—Estou feliz de ajudar. — Ela olhou ao Jean-Luc. — houve um problema com o Xerife?

Jean-Luc trocou seu peso. — É um... Problema de insetos.

Emma levantou as sobrancelhas. — A barata?

—Estou muito preocupada por isso. — Heather assinalou com a cabeça para Bethany. Não sei se é seguro que esteja com ele agora.

—Estou segura de que vai estar bem. — Emma deu ao Jean-Luc um agudo olhar - Talvez você pudesse dar certa tranquilidade?

Sabia ele algo? Heather olhava de atrás para diante da Emma ao Jean-Luc. Havia algo sem dizer passando entre eles dois.

Jean-Luc se esfregou a frente. — Heather, se pudesse falar contigo a sós...

—Grande ideia! - Fidelia assinalou para o rio. — Por que não vão vocês dois dar um passeio? Estaremos bem aqui.

Piscou os olhos a Heather.

Heather lhe retornou um olhar fulminante. Poderia Fidelia ser mais óbvia? - Tenho que levar a Bethany de volta ao cenário em dez minutos para o show.

—A gente ocupa-se dela, — declarou Emma. — Vocês dois vão.

Era uma conspiração. Jean-Luc a tomou pelo cotovelo e a conduziu para o extremo escuro do parque. Sem a multidão de gente e as luzes do parque, o ar era um pouco mais fresco. O ruído da multidão deu passo ao zumbido dos gafanhotos.

Colocou uns cachos rebeldes detrás de sua orelha. — Há um banco ao final deste caminho, com vista ao rio.

—Posso-o ver, está ocupado.

—Está-o? - Heather entrecerrou os olhos, mas não pôde distinguir o banco ainda. Talvez precisasse fazer um exame da vista. — Tem uma vista realmente boa.

—Sim - A escoltou fora do caminho para dar um passeio entre duas fileiras de árvores de nogueira. — Entendo que está preocupada com a segurança de sua filha com seu pai.

—Estou-o. É tão impróprio no Cody. Sempre foi tão... normal, quero dizer em um modo totalmente previsível, no sentido aborrecido. O homem tem um plano de dez passos para tudo e nunca se desvia da rotina estabelecida.

—Dez passos? - Jean-Luc soava divertido. — O que acontece se algo pode fazer-se em nove passos?

—Então, o mundo chegará a seu fim. — Heather riu. — Sério, tem dez passos para polir seus sapatos, dez passos para estripar um peixe, dez passos para limpar o pátio. A única exceção é fazer amor. — Oops. Ela esboceou. Isso não devia ter-lhe escapado. Com o Jean-Luc era muito fácil falar.

—Mas, é óbvio. Para isso seria necessário muito mais de dez passos.

Ela se estremeceu de novo. Era melhor manter a boca fechada.

—Quantos passos tomaria?



Olhou a seu redor, apesar de que não podia ver quase nada.

— Parece que vamos a ter uma boa colheita de nozes de pacamã este ano.

Ele se deteve. Sua mão apertando ao redor de seu cotovelo, fazendo que ela se detivesse, também. — Quantos passos para fazer amor?

Exalou. — Três. E prefiro não falar disso.

— Três? Como é isso possível?

Apertou os dentes. — Já me divorciei dele, sabe.

— Isso não é fazer o amor. — A voz do Jean-Luc se voltou profunda pela ira. — Isso é... Uma abominação.

Deu um passo atrás. — Está terminado. Não deixe que isso te incomode.

— Mas ele claramente não tinha desejos de te agradar, e isso é o principal propósito de fazer amor. Um homem não pode estar satisfeito se sua mulher não o estiver.

Heather cavou o cabelo da parte posterior de seu pescoço. A temperatura deve ter subido ao redor de dez graus.

— Fazer amor deve ter centenas de passos, — anunciou Jean-Luc. — Inclusive um beijo tomaria pelo menos dez passos.

Heather soprou. — Não acredito. Os lábios se encontram, os lábios se apartam. Esses são só dois passos.

— Sem língua?

— Ah, certo. É francês. Bom, os lábios se encontram se insere a língua, os lábios se apartam. Três passos.

Ele suspirou. — Não foste devidamente beijada.

— Me perdoe. Estive beijando por doze anos.

— Fui beijado por mais tempo.

Ela cruzou os braços. — Sim, posso imaginar isso.

Deu um passo para ela. — Dez passos para um beijo apropriado.

— E um inapropriado? — Ela gemeu por dentro. Sabichão. Agora estava procurando problemas.

Seus dentes brancos brilharam quando sorriu. — Só há uma maneira de averiguá-lo. — Deixou cair a bengala ao chão e se aproximou. — Teremos que pô-lo à prova.

Capítulo 11



Jean-Luc estava encantado com o giro da conversa. No momento que havia visto a Heather essa tarde; tinha querido tocá-la. Suas longas pernas nuas o atormentavam. Sua pele rosada, ruborizada com sangue, fazia que suas células nervosas de vampiro zumbissem com energia.

Mon Dieu, entretanto parecia que todos os homens no povo a desejavam.

Como poderiam não fazê-lo? Suas calças curtas abraçavam seu doce traseiro. Sua camiseta se aferrava a seus peitos, logo se inundava em sua cintura. Queria-lhe arrancar a roupa com os dentes.

Mas por agora, se conformaria com um beijo.

Emma o tinha repreendido telepaticamente por fazer que Heather se preocupasse, e tinha insistido em que lhe explicasse sobre o Cody. Pretendia fazê-lo, mas não tinha ideia de como explicar o transe hipnótico que tinha lançado sobre seu ex-marido sem expor-se a uma grande quantidade de perguntas não desejadas. Mas beijar... este tipo de consolo o podia dirigir. E dez passos seriam fáceis.

Ele tomou um de seus cachos e esfregou os fios de seda entre seu dedo polegar e índice.

—O primeiro passo é o nascimento da ideia.

Ela encolheu os ombros, — é óbvio.

—Mas essencial. Encontro este primeiro passo muito excitante. — Tocou seu pescoço, descansando seus dedos contra sua artéria carótida. Pulsava rápido e forte. A pesar de sua atitude despreocupada, estava tão excitada como ele.

—Nossos lábios não se encontrariam por puro acidente. — Estudou sua boca - Me perguntaria como se sentiriam seus lábios, como saberiam. E meu desejo se incrementaria até me afligir. Todos meus pensamentos, toda minha respiração se centraria em minha necessidade de te beijar.

Sua boca estava ligeiramente aberta, sua respiração era rápida - Isso é... um bom começo.

Ele sorriu. — O segundo passo é a consciência. Agora é consciente de meu desejo.

—Está bem - Ela lambeu seus lábios.

—Ah, moveste-te ao passo três.

Seus olhos se abriram - Fi-lo?

—Sim. O passo três é sua resposta. Reconheceu meu desejo e me lançou um convite.

Ela inclinou sua cabeça, franzindo o cenho. — Não acredito.

—Disse que sim quando lambeu seus lábios.

—Não o fiz. Não deveria fazer tais hipóteses gerais. — Lambeu-se os lábios de novo, logo fez uma careta. — Ignora isso. Foi uma lambida involuntária.

—Não acredito. Seu corpo está reagindo para mim. — Deu um passo mais perto. — Seu corpo está gritando, sim, tome.

—Em seus sonhos. — Deu um passo atrás, cruzando os braços sobre seu peito. — Estou em completo controle de mim mesma.

—No momento.

Olhou-o com receio - Em que passo estava?

—Três. Seu corpo emite um convite. No quarto passo, meu corpo responde.



—Assim estamos totalmente descerebrados neste ponto.

Ele pôs-se a rir. — Normalmente, tudo isto ocorreria em questão de segundos, e não te daria tempo para contradizer tudo o que digo. Mas por alguma estranha razão, realmente desfruto de seus desafios.

—OH, — torceu sua boca. — Isso é muito amável de sua parte.

—De nada. Passo quatro, respondo a seu convite. Move-me para o beijo. — Se aproximou e deslizou sua mão ao redor da parte traseira de seu pescoço.

—Ainda não hei dito que sim.

—É por isso que estou esperando. O passo cinco é sua aceitação. Inclusive seu cérebro inteligente deve estar de acordo agora. Se um homem saltar este passo, arrisca-se a ofender a sua dama e perdê-la para sempre.

—Porque poderia me retirar - ela sussurrou.

—Sim, poderia. — Ele se inclinou mais perto, a só uns centímetros de sua boca. — Mas sei que o deseja. E não deseja romper meu coração.

—Não é justo usar a culpa.

Acariciou o flanco de seu pescoço. — Posso ser implacável quando se trata de obter o que quero.

—E eu posso tentar fazer que seja difícil. — Apesar de suas palavras duras, inclinou a cabeça para facilitar as carícias em seu pescoço.

—Adiante, chérie. Será então que seja difícil para mim. — Ele sorriu porque era sem dúvida difícil. Deslizou seus dedos ao longo da linha de sua mandíbula. — quanto mais difícil seja, mais doce será sua entrega. E estará rendida. Você deseja este beijo.

Ela estremeceu. — E você? Quer isto, ou só quer demonstrar que tem razão a respeito dos dez passos?

Ele a tomou gentilmente pelos ombros. — Importa-me um nada a quantidade de passos que toma. Sua felicidade é o único que importa.

Ela suspirou. — Como sabe sempre a coisa perfeita a dizer?

—Sinto que te conheço. Conheço seu coração. É... tão parecido ao meu.

—Jean-Luc - sussurrou. Tocou-lhe o cabelo da têmpora. Moveu-se mais perto até que sua frente se apoiou na dela. — O passo seis é a aceitação. Sabemos que o beijo acontecerá.

—Fala por ti mesmo.

—Mulher - grunhiu - Continua me desafiando.

Ela pôs-se a rir. —Sei. É muito divertido. Sinto-me tão... Dura. Completamente oposta ao velho felpudo. É a nova eu.

Sorrindo, tocou-lhe a bochecha. — Eu gosto de seu novo eu. É formosa, forte, e... excitante.

Ela deslizou seus braços para cima por seu peito e ao redor de seu pescoço. — Está em um grande problema agora, amigo. Se nos beijarmos, seriam só sete passos.



—Mas há muitos passos anexos ao beijo, e vou insistir em fazê-los todos. Saborear, tocar, mordiscar, sugar a língua, a raspagem de dentes...

—Esta bem! - Suas mãos se apertaram na parte de atrás de seu pescoço - Vem por isso.

Seu coração deu um tombo. Estava rendendo-se. Seu sangue correu para a virilha. Sem dúvida, seus olhos estavam de cor vermelha brilhante agora. Manteve suas pálpebras parcialmente fechadas, esperando que não desse conta. — Passo sete. A prova do beijo.

Pressionou seus lábios brandamente contra os dela.

Seus olhos piscaram fechados. — Passamos?

—OH, sim - Ele escovou seus lábios através de sua bochecha, e logo plantou pequenos beijos de volta para sua boca. Abriu-a para ele, seus lábios suaves e úmidos. Seu corpo inclinado para ele.

Ele tomou, beijando-a a fundo, fazendo que seus lábios se movessem com ele.

Era suave, dócil, deliciosa. Envolveu um braço ao redor de sua cintura e a devorou com força contra ele. Ela abriu a boca, sua respiração mesclando-se com a dele. Não havia dúvida de que podia sentir toda a longitude de sua ereção agora, apertada contra seu ventre.

Aprofundou o beijo, explorando sua boca com a língua. Tinha sabor de mostarda e molho, moderno e americano, mas estranho e exótico para ele. Acariciou-lhe a língua com a ponta da sua, tirando um áspero gemido do mais profundo de sua garganta. Seus dedos entraram em seus cachos, devorando-o mais perto. — Que passo é este? - Ela suspirou contra sua boca.

Apoiou sua frente contra a dela - Não posso recordar.

Precisava dar marcha atrás. Sua ereção estava em um ponto máximo de resistência à tortura. Ia explodir logo.

Tomou uma respiração profunda. O aroma de seu sangue o apanhou, negando-se a deixá-lo ir. O palpar de seu coração vibrava dentro de seus poros, dentro de seus ossos. Deus o ajudasse, não podia deter-se.

Com um grunhido de rendição, puxou o lóbulo de sua orelha dentro de sua boca e sugou. Seu gemido ressonou através dele. Acreditava que gemia de volta, mas já não estava seguro. Já não podia distinguir entre o tamborilar de seu coração e o seu próprio. Estavam-se convertendo em um. Quis entrar nela. Ele pertencia a seu interior.

Estendeu suas mãos sobre seu traseiro e puxou-a mais forte contra ele. Ela ofegou e apertou mais o agarre por seus ombros. Esfregou seu nariz contra sua artéria carótida, deixando que sua cabeça se enchesse com a essência da precipitação de seu sangue.

Suas gengivas se estremeceram. Agarrou-a por detrás, moendo-a contra sua ereção.

—Mon Dieu, desejo-te. — Ele inclinou a cabeça para trás, tentando recuperar um pingote de controle. Não podia permitir que suas presas saíssem. Ou que seu pênis disparasse. Tentou pensar através da bruma da luxúria. Não podia deitar-se com ela aqui. Se se teletransportasse, poderia tê-la em sua antecâmara em questão de segundos, mas sem dúvida notaria a repentina mudança de cenário.



As estrelas acima lhe piscaram os olhos, burlando-se dele por estar sem uma mulher durante tanto tempo. Mas esta não era uma mulher qualquer. Esta era Heather. Estava parada nas pontas dos pés depositando beijos como plumas através de seu peito. Era doce e generosa. Apertou-lhe o traseiro. Talvez o convidasse de novo a sua casa e a seu quarto. Sim, esse era o plano. Depois de que Bethany estivesse profundamente adormecida, ele penetraria dentro da habitação da Heather e lhe faria amor toda a noite.

Ao longe, ouviu os anjos cantar, com doce inocência. Seu coração disparou. Possivelmente esta vez, funcionaria. Possivelmente esta vez, ia encontrar um amor verdadeiro e duradouro. Mataria ao Lui e ganharia o coração da Heather. Pela primeira vez, teria uma família.

Com um sobressalto se deu conta de seu engano. O canto era real. Com suas habilidades inferiores, provavelmente Heather não podia ouvi-lo.

Ele a agarrou pelos ombros. — Heather, os meninos começaram a cantar.

O olhar aturdido em seus olhos se limpou em um instante - OH, Meu deus! - Ela o empurrou - Isto é terrível!

Heather correu de retorno à pracinha tão rápido como pôde. Bom senhor, chegava muito tarde. Já os de três anos de idade foram deixando o cenário e os de quatro anos de idade estavam sendo alinhados para cantar. Viu dois assentos vazios na primeira fila junto à Fidelia e Emma. Graças a Deus que tinham guardado alguns assentos para ela e Jean-Luc.

Estava tudo bem. Desacelerou, lutando por respirar. Jean-Luc se deteve junto a ela, seu fôlego nem sequer se agitou. Nesse momento, a mãe do Cody e outra mulher se deixaram cair nos dois assentos vazios, fazendo caso omisso dos protestos da Fidelia.

—OH não! - Heather trouxe um pouco de oxigênio enquanto esquadrihava as filas de cadeiras que tinha acomodado antes. Todos os assentos das primeiras oito filas estavam ocupadas. — Isto é terrível! Disse que estaria na primeira fila. Buscar-me-á e não vou estar aí! - Sua voz se elevou em pânico.

—Shh! - Uma mulher de idade avançada na última fila se voltou para silenciá-la.

Heather lutou por outro fôlego. Bom Senhor, tinha entrado em pânico. Como podia fazer isto? Como podia ter estado tão absorta beijando a um menino que tinha conhecido só uns poucos dias? Que classe de mãe era?

—Encontrarei uma cadeira vazia e a moverei a primeira fila. — Ofereceu Jean-Luc.

—Muito tarde, — o coração da Heather se afundou. Bethany estava no cenário, seus olhos muito abertos enquanto examinava a primeira fila. Sorriu e saúdo com a mão a Fidelia e a Emma, então, um olhar confuso de desânimo se apoderou de seu rosto.

Heather fez um gesto com a mão no ar, mas Bethany não a via. Estava inspecionando as cadeiras das diferentes primeiras filas, e sua expressão ferida transpassou o coração da Heather. A senhorita Cindy os fez começar a primeira canção, mas Bethany não se uniu a eles. Com a busca de sua mamãe, não se tinha dado conta da senhorita Cindy.



Heather saltou acima e abaixo, agitando os braços no ar. Bethany a viu e instantaneamente se iluminou. Heather lhe soprou um beijo, e Bethany sorriu, logo se uniu ao canto.

Heather respirou fundo e piscou para conter lágrimas de alívio. — Ela está bem. — Voltou-se para o Jean-Luc. Foi-se. Maldição. Como pôde ter desaparecido assim? Estava envergonhado do que faziam antes da apresentação do Bethany? Uma onda de culpa alagou a Heather. Não foi de todo culpa dela. Tinha sido uma participante muito disposta, totalmente distraída por esse beijo.

E bom Senhor, que beijo. Suas bochechas arderam com o calor. Esse canalha tinha insinuado que podia lhe fazer perder o controle, e o tinha feito. Não queria pensar no longe que teria chegado se não se detivesse.

E em onde estava agora? Estava seduzindo mulheres, e as deixando logo? E não estava supostamente protegendo-a?

A primeira canção terminou, e Heather aplaudiu enquanto olhava a seu redor.

Robby estava parado a um lado, parcialmente escondido por um bosque de pinheiros. Ele assentiu com a cabeça enquanto seu olhar passava de comprimento. Ela levantou a mão em sinal de saudação, logo se voltou para ver sua filha. Os meninos começaram “Deus benza a América”, sempre um favorito do público.

—Talvez isto ajude - sussurrou Jean-Luc.

Ela saltou. Bom Senhor, o homem podia mover-se em silêncio. Olhou-o, de repente ressentida com ele por irromper em sua vida e alterar o delicado equilíbrio que tinha trabalhado tão duro para obter.

Então seu olhar se posou sobre o que levava em seus braços, e todo seu ressentimento se evaporou. As lágrimas ameaçaram saindo, já que sentia como se um pedaço de seu coração se derreteu, também.

Sem uma palavra, entregou-lhe o grande Urso amarelo. Envolveu seus braços ao redor com suavidade, abraçando-o contra seu peito. Não sabia se o tinha roubado ou comprado, mas sabia que era o homem mais doce que alguma vez tinha conhecido.

Viu a Bethany no cenário, sorrindo e saltando de cima abaixo. A vista de Heather estava imprecisa pelas lágrimas. Jean-Luc entendia o muito que sua filha significava para ela. Entendia o amor, tinha que ser um em um milhão, e estava seriamente atraída por ele.

Mas com seu histórico de relações fracassadas, tinha que ser cuidadosa. E realista. Provavelmente não havia futuro com o Jean-Luc. Tão maravilhoso como era, tinha segredos que não parecia estar disposto a compartilhar. Para proteger seu coração, não permitiria que a relação fosse mais longe. Manteria seus sentimentos para si mesma, envoltos como um pacote de sementes pelo que não poderiam jogar raízes e crescer.

Entretanto, sentia-se bem. Sentia-se bem saber que ainda havia homens bons no mundo. E se sentia bem saber que a relação com sua filha era tão doce como sempre. Depois de toda a comoção



que tinha sofrido nos últimos anos, tinha aprendido que a forma mais segura de manter-se sólida e forte era contar suas bênçãos. Assim que o fez agora. A vida era boa.

Fechou os olhos, apoiou seu queixo na enorme cabeça do urso, e deixou que as doces vozes dos meninos a arrulhassem. Por este pequeno momento no tempo, tudo estava bem no mundo. Desfrutaria deste momento enquanto durasse.

A canção terminou e a multidão aclamou.

Abriu seus olhos. — Obrigada - se voltou para o Jean-Luc, mas se tinha ido uma vez mais. Ah, bom. Suspirou. Tinha sabido que não podia durar. O menino era diferente de alguma maneira. Imortal, talvez. Ou pior.

Viu-o junto ao Robby, enfrascado em uma conversação com seu guarda-costas e o outro escocês, Angus MacKay, quem tinha retornado ao parecer de Nova York.

Havia três meninos mais, parados na sombra dos pinheiros. Um adolescente em uma saia escocesa e dois homens altos, jovens com calças cor cáqui e camisa polo azul marinho. Um homem era branco e o outro negro. Todos pareciam molestos.

Heather franziu o cenho. Estes meninos estavam definitivamente guardando segredos. Ficaram nas sombras, mas mesmo assim, as cabeças da audiência estavam começando a vultear-se. Estranhos na cidade sempre se notavam.

Com o show terminado. Bethany tinha saltado a escada do palco para unir-se a Fidelia e Emma. Heather se dirigiu para elas lentamente. Dado que a maioria da gente se estava indo, ia contra o tráfico.

Todo mundo ficou sem fôlego quando soou o alarme cruzando a praça do povo, na estação de bombeiros voluntários. Um punhado de homens arremeteram violentamente do parque. As pessoas se reuniram em pequenos grupos para fofocar e especular. Heather se moveu ao redor deles para chegar a sua filha. Em menos de um minuto, a sirene do caminhão de bombeiros ressonava no povo. Com todo o povo olhando, os bombeiros fizeram tempo recorde.

Heather alcançou a sua filha e lhe deu um forte abraço.

Com um chiado, Bethany agarrou o urso. — Mama, fê-lo! Conseguiu o urso! - Ela o abraçou fortemente. — Viu-me cantar?

—Claro que sim. Esteve maravilhosa. — Heather sorriu a Fidelia e Emma. — Obrigada por cuidarem dela.

Seguiram à multidão do mirante.

Emma se deteve perto do Heather - Onde está Jean-Luc? Deveria estar te custodiando.

—Está lá. — Heather assinalou o bosque de pinheiros, onde os homens estavam amontoados. — Está falando com um grupo de meninos. Seu marido está aí.

—Angus está de volta? Vamos. — Emma se dirigiu para o montão de homens enquanto Jean-Luc se aproximava da Heather, Bethany e Fidelia.

Emma abraçou a seu marido, e ele começou a lhe sussurrar com urgência.



Heather notou quão preocupado parecia Jean-Luc. — O que está mau?

— Houve alguns problemas - percorreu uma de suas mãos através de seus cachos negros. —
Recorda a meu amigo Roman Draganesti de Nova York?

Heather tragou saliva com dificuldade, recordando ao homem arrumado, sua esposa, Shanna, e a seu adorável bebê. — O que aconteceu?

— Eles vão à missa todos os domingos de noite no Romatech. Roman tem uma capela construída aí, e a missa começa sempre às onze. Acreditam que a bomba deve ter explodido antes de tempo, graças a Deus.

— A bomba?

— Oui. Felizmente, ninguém ficou ferido com gravidade. Mas se a bomba tivesse explodido quando a capela estivesse... - Jean-Luc fez uma careta, e sua voz saiu estrangulada. — Poderíamos tê-los perdido a todos.

Heather encolheu os ombros ante a ideia de que aquela família tão encantadora pudesse perder a vida. — Quem faria uma coisa assim? - Sacudiu-se com uma ideia repentina - Foi Louie? Seu objetivo são todos seus amigos?

— Sabemos quem o fez, e não foi Lui, — explicou Emma enquanto se unia a eles. — foi uma noite terrível.

— Aye, — Angus MacKay se dirigiu para eles. — Em uma noite houve quatro bombardeios. O primeiro golpeou o lar do Zoltan Czakvar em Budapest. Perdeu a dois... amigos.

— Isso é terrível! - Heather se perguntou quem era este menino Zoltan. E Budapest?

Tinham estes meninos uma câmara secreta de imortais?

— O castelo do Jean-Luc na França também foi golpeado. — Continuou Angus - Ninguém está ferido, mas escutei que o dano é extenso.

— Tem um castelo? - Heather perguntou ao Jean-Luc.

Ele encolheu os ombros. — Só a metade de um agora.

Com o cenho franzido, Angus passou um braço ao redor dos ombros da Emma. Logo nosso castelo na Escócia foi golpeado.

— Pelo menos não teve mortos, — Emma lhe deu um olhar alentador. — E sempre podemos reconstruí-lo.

— Sim. — Angus seguia com o cenho franzido. — Por isso posso dizer, Casimir avisou a todos os que foram a nos resgatar a Emma e a mim na Ucrânia.

— Quem é Casimir? - Perguntou Heather. Não estava segura, mas pensou que Louie tinha mencionado esse nome a noite que tinha atacado ao Jean-Luc.

— É o que pagou ao Lui para me matar. — Jean-Luc confirmou suas suspeitas. Embora tenha a certeza que ao Lui não importaria fazê-lo de forma gratuita.

Heather negou com a cabeça. — Não o entendo. Todos vocês parecem ser meninos muito bons. Por que estes cretinos querem matá-los?



Jean-Luc, Angus e Emma intercambiaram olhadas.

—Está seguro de que Roman e sua família estão bem? - Jean-Luc trocou o tema.

—Estão bem. — respondeu Angus. — Connor quer que se ocultem. Roman resistiu ao princípio, dizendo que isso era de covardes, mas por fim escutou razões. Não permitiremos que algo aconteça com Shanna ou Constantine.

Jean-Luc assentiu com a cabeça. — Aonde irão?

—Connor se nega a dizê-lo. Estive de acordo. Emma e eu vamos para Europa à caça de Casimir. Se formos capturados... bom, não queremos saber mais do necessário.

Heather fez uma careta. Isto soava como uma guerra.

Um olhar feroz apareceu no rosto da Emma. — Temos que nos encarregar de Casimir de uma vez por todas.

—Irei com vocês. — Jean-Luc agarrou sua bengala com ambas as mãos.

—Não. Você tem de ficar aqui - Angus olhou para a Heather.

Ela ficou rígida - Podemos cuidar de nós mesmas.

O olhar do Jean-Luc vagou sobre ela, Bethany e Fidelia. — Não, Angus tem razão. Tenho que ficar aqui.

—Casimir e Lui já sabem que estás no Texas, — advertiu-lhe Angus. — Assim é vulnerável. Já que Connor vai com o Roman esta noite, trouxe uns quantos homens dos que posso prescindir. — Fez um gesto ao grupo junto ao Robby. Ian, Phineas, e Phil, estão aqui para ajudá-los.

—*Merci*. — Jean-Luc tocou o ombro da Heather. — Temos um montão de guardas agora. Você e sua família estarão seguras.

—Obrigado, — com um calafrio, Heather se perguntou o que se iria passar.

—Heather! - O grito à distância lhe chamou a atenção. Billy estava caminhando para ela, com o rosto sombrio.

Algo incompreensível crepitava em seu walkie-talkie, e baixou o volume.

—Heather, tenho más notícias. Alguém pegou fogo a sua casa.

Capítulo 12

Maldito fora Lui! Jean-Luc não tinha nenhuma dúvida de que o bastardo estava detrás de tudo isto. O olhar de horror no rosto da Heather o atormentava enquanto viajavam para sua casa em chamas. Teria querido conduzir a Heather, mas o xerife tinha insistido em que fora com ele. Assim, Jean-Luc se sentou no assento dianteiro do passageiro de seu BMW, enquanto Robby conduzia. Tinha estado na casa dela só duas vezes, entretanto tinha um sentimento de perda.

Heather tinha que estar sentindo-o mil vezes mais.



Seu sofrimento lhe doía muito mais que a destruição da metade de seu castelo em França. Tinha-o comprado fazia trinta anos, por isso podia fingir que tinha raízes que remontavam a uma velha família nobre. Mas a verdade era, que nunca tinha tido uma família, e um montão de rochas frias não produziram o sentimento de calidez e conforto que tinha desejado.

Enquanto conduziam através da pequena zona de negócios do Schnitzelberg,

Jean-Luc notou que uns poucos edifícios velhos tinham sido fechados. — Estes lugares podem ter porões de pedra.

—Aye, — respondeu Robby - Os revisaremos depois.

—Pensa que Lui pode estar escondido em um destes? - Pergunto Ian do assento traseiro do BMW. — Angus nos contou um pouquinho a respeito do Lui.

—Sim, que tipo tão mau, — adicionou Phineas McKinney - Querendo matar a todas as suas velhas damas, né?

Jean-Luc se removeu em seu assento para olhar para trás. Conhecia o Ian desde fazia séculos. O vampiro podia parecer ter 15 anos, mas era muito mais velho. Angus tinha-o transformado na batalha do Solway Moss em 1542. Sentado ao lado de Ian estava um homem alto e negro com o pouco provável sobrenome McKinney.

—Não acredito que nos conheçamos. Sou Jean-Luc Echarpe.

—Meu nome é Phineas, mas pode me chamar Dr.Phang.

—Obrigado por vir. — Voltou-se para o terceiro homem no assento traseiro. — Você é um dos guardas diurnos do Roman.

Phil assentiu com a cabeça. — Com o Roman e Connor fora, não fica ninguém a quem resguardar durante o dia, — o mortal sorriu. — Mas alguém tem que velar por vocês meninos.

—É cool, irmão, — declarou Phineas.

Jean-Luc esteve de acordo. Um mortal de confiança era difícil de encontrar. Os Malcontents viam os mortais como ganho inferior e desfrutavam alimentando-se deles e matando-os. Os Vampes se alimentaram dos mortais, também, antes da invenção do sangue sintético do Roman, mas nunca tinham sido assassinos. De fato, tratavam de proteger aos mortais dos Malcontents. Tinham matado a centenas do Malcontents na Grande Guerra Vamp de 1710.

Mas agora, o líder dos Malcontents, Casimir, estava transformando ladrões e assassinos para engrossar as filas de seu repugnante exército. Sua missão, apagar aos Vampes bons do planeta e aterrorizar ao mundo mortal.

Angus tinha sido o general dos Vampes em 1710, com o Jean-Luc como seu segundo ao comando. Angus estava sempre em busca de bons Vampes para recrutar.

Encontrar mortais dignos de confiança era até mais complicado.

Só uns poucos mortais estavam dispostos a arriscar suas vidas para proteger os Vampes. Phil era um deles.

—Obrigado por vir, — disse-lhe Jean-Luc.



—Nenhum problema. Mas vou retornar num avião. — Jogou ao Ian um olhar cauteloso. — Realmente não quero enganchar um passeio quando estão teletransportando-se. Só sei que algum dia vou materializar-me com a cabeça ao reverso.

Ian riu entre dentes. — Angus sempre comprova debaixo de sua saia escocesa para assegurar-se de que não perdeu nada importante.

Robby clareou a garganta enquanto dava volta para a Rua do Heather. — Pensa que Lui iniciou este fogo?

—Sim. — Jean-Luc se apoderou do punho de bronze de sua bengala. — Quando me atacou faz duas noite me ouviu chamar a Heather por seu nome. Estava relativamente segura até que descobriu seu sobrenome e onde vive. Este fogo é sua maneira de anunciar que agora sabe tudo.

—Por que não a atacou na feira? - Perguntou Phil.

—Desfruta jogando gato e ao camundongo. Vai prolongar isto para me torturar. — A culpa alagou ao Jean-Luc quando viu o caminhão de bombeiros frente à casa de Heather.

Uma multidão de pessoas se reuniram na rua. O carro do xerife, estacionado na rua, iluminava a cena com luzes intermitentes. Heather havia estado tão golpeada pela notícia que não tinha protestado absolutamente quando Billy a arrastou fora de seu carro.

Angus lhe tinha pedido as chaves de sua caminhonete, para poder trazer sua filha e à babá à casa. Aturdida, Heather tinha entregado as chaves sem perguntar. Angus tinha comprovado cuidadosamente sua caminhonete por qualquer artefato explosivo antes de permitir que Emma, Bethany e Fidelia subissem.

Robby desacelerou o BMW a passo de tartaruga já que se estavam aproximando da multidão. — A Sra. Westfield não poderá permanecer em sua casa.

—Sei - Jean-Luc assentiu com a cabeça. — Tenho que convencê-la para que se mude comigo. É o único lugar seguro para ela agora.

Robby estacionou o BMW atrás do carro do xerife. Enquanto Jean-Luc saía, contemplou a cena. O ar estava carregado com o aroma de madeira queimada, mas não havia chamas à vista. Os bombeiros já tinham apagado o fogo.

Golpeou sua bengala na rua enquanto examinava a multidão. Lui poderia estar à espreita ainda.

—A casa de frente parece bem, — comentou Robby. — Deve ter sido um pequeno fogo.

Jean-Luc assentiu com a cabeça. — Sua intenção não era destruir, só enviar uma mensagem.

Angus estacionou a pequena caminhonete do Heather atrás do BMW. Emma, Fidelia e Bethany estavam apertadas dentro, e desciam agora. O olhar assustado no rosto de quatro anos de idade golpeou ao Jean-Luc como um murro no estômago.

Angus se dirigiu a seus empregados, Robby, Ian, Phineas e Phil. — Revisem a área. Se Lui os atrair para uma batalha, chamem por reforços.

Os guardas se separaram em silêncio.



Angus se aproximou do Jean-Luc e entregou as chaves da Heather. — Emma e eu iremos agora. É muito tarde para nos teletransportar a Budapest, mas iremos à Nova York esta noite e viajaremos amanhã.

—Entendo-o. — Jean-Luc guardou em seu bolso as chaves da Heather. Sabia os perigos de viajar a este.

Um vampiro se fritaria se se teletransportasse à luz do sol. — Espero que encontre a Casimir.

—Precisamos matá-lo antes que exploda outra guerra.

O peito do Jean-Luc se apertou com temor. Tinha conhecido ao Angus desde 1513, o ano em que Roman os tinha transformado aos dois. Converteram-se nos irmãos que nunca teve. Se os perdesse, realmente estaria sozinho. — Tome cuidado, mon ami.

—Você também. — Angus descansou uma mão no ombro do Jean-Luc. — Sempre o admirei em batalha. Investe com força e ferocidade. — Olhou para a casa de Heather. — Deve viver da mesma maneira. Merece ser feliz.

Jean-Luc assentiu, compreendendo a mensagem não dita. Angus aprovava a Heather.

A grande pergunta seria se Heather podia aprová-lo a ele. — Deus te acompanhe.

—E a ti também. — Angus se voltou rapidamente. Sem dúvida, o grande escocês não queria ser visto com olhos chorosos. Tomou a Emma pela mão, e os dois deram grandes pernadas pela rua.

Jean- Luc sabia que se teletransportariam no momento que encontrassem um lugar afastado. Uma pequena mão se enroscou ao redor de seus dedos, e olhou para baixo para ver a Bethany, sustentando sua mão. Em seu outro braço, sustentava o urso amarelo que tinha ganhado. Depois de quebrar três pirâmides de garrafas de leite rapidamente, o vendedor entregou com gosto o urso com o fim de manter a existência de garrafas de leite longe da destruição.

—Há muita gente. Não posso ver. — Sussurrou a pequena menina - Ainda está minha casa aí?

—Sim, a frente está bem. O fogo já se foi.

Seu lábio inferior tremia. — Quero a minha mamãe.

Eu também a quero. — A encontraremos. — Levou a Bethany através da multidão.

—Quem acreditas que iniciou o fogo? - perguntou Fidelia enquanto caminhava junto a eles. — Foi esse menino mau, Louie?

—Isso acredito.

—Deveria ter ficado em casa. Estaria cheio de chumbo se o tivesse apanhado. — Disse, acariciando sua bolsa.

Bethany se deteve e puxou da mão do Jean-Luc - Não quero que meus bonecos se machuquem.

Sua garganta se contraiu ante a vista de uma lágrima rodando por suas bochechas. Pôs-se de cócoras diante dela. — Se perder algo, o trocarei.

Seus olhos verdes eram do mesmo tom que o de sua mãe. Considerando que os olhos da Heather podiam relampejar com ira, brilhar com alegria, ou endurecerem-se com receio, os olhos da Bethany estavam simplesmente largos com a preocupação e a necessidade. No fundo, sentia a seu



coração responder. Era assim como se sentia um pai? Mon Dieu era algo que nunca esperou sentir. Era... estranho.

Sempre tinha pensado que a paternidade era tudo a respeito do amparo e o dever. Não esperava uma onda tão forte de... ternura. Não estava seguro de que o gostasse. Sentia-se tão condenadamente vulnerável. Se algo acontecesse com esta pequena menina, Como poderia viver consigo mesmo?

—Tudo estará bem. — Limpou sua lágrima com o polegar e esperou ter divulgado convencido.

Endireitou-se e a escoltou através da multidão.

—Mamãe! - Rompeu Bethany soltando-se e correndo para a esquerda. O pequeno urso verde caiu de seu bolso ao chão.

Heather estava parada a uns quinze metros de distância, falando com o xerife. Voltou-se ao ouvir a voz de sua filha, inclinou-se e abriu os braços.

—Mamãe, meus brinquedos estão bem? - Bethany saltou aos braços de sua mãe.

Heather se endireitou, sustentando ainda a sua filha. — Estão bem, carinho. O fogo não chegou até sua habitação. — Seu olhar se encontrou com a do Jean-Luc, logo olhou para outro lado.

Fez uma careta ante a dor que tinha visto aí. Agarrou o ursinho e se dirigiu para elas. — Sinto-o muito.

—Por quê? - Billy o olhou com receio. — Teve algo que ver com isto?

—É óbvio que não, — saltou Heather - Estava conosco na feira.

—Poderia ter pagado a alguém para fazê-lo, — murmurou Billy. — Tem uma agenda oculta, posso dizer.

—Tenho minha agenda oculta aqui mesmo, — grunhiu Fidelia, apertando a bolsa em seu peito.

—O quanto danificada está a sua casa? - Jean-Luc entregou o pequeno urso verde a Fidelia para guardá-lo.

—Tivemos sorte. — Heather baixou a sua filha para o chão.

Perdemos só a cozinha na parte de trás. Meu papai a ampliou quando eu era pequena, por isso havia uma seção que sobressaía na parte posterior da casa. Essa quase há desaparecido, mas a parte principal da casa está boa.

—Tem sorte de ter uma vizinha tão entremetida. — Billy assinalou à casa da direita. — Thelma viu um homem estranho rondando pela parte traseira da casa da Heather. Já estava chamando o 911 quando começou o incêndio.

Jean-Luc não tinha dúvida de que o homem estranho era Lui. — Descreveu ao homem?

—Por que lhe importa Sr. Sharp? - Billy o fulminou com o olhar - É alguém que você conheça?

Jean-Luc apertou os dentes - Nunca faria mal a Heather ou a sua família.

—Bom alguém quer fazê-lo. — Grunhiu Billy - Tem inimigos Heather? Algum outro noivo?

—Não.

—Zangou a alguns estudantes?



—Não.

Billy se tornou para trás sobre seus talões - Suponho que poderia ser seu ex. Cody tem estado atuando realmente estranho ultimamente.

Heather atraiu para ela a sua filha e olhou ao Billy. — Este não é o momento para discutir isso.

—Por agora a casa está fora dos limites. Ninguém vai entrar.

Heather o olhou atônita. — Mas nossa roupa...

—Ninguém entra. — Repetiu Billy. — Não podemos deixar que estrague a cena do crime.

—Isso é ridículo. — Respondeu Heather. — O crime ocorreu na cozinha. Podemos entrar pela porta principal e subir direto para nossas habitações.

—Quero meus brinquedos. — Choramingou Bethany, abraçando seu urso amarelo gigante.

Billy apontou com um dedo a Heather. — Não vai entrar. Isso é definitivo.

As bochechas do Heather se ruborizaram de ira.

—Não se preocupe, — assegurou-lhe Jean-Luc. — Assegurar-me-ei de que tenham tudo o que necessitem.

Dirigiu-lhe um olhar exasperado. — Não posso deixar que faça esse gasto. — Se voltou para olhar Billy. — Quando poderemos voltar para dentro?

Ele encolheu os ombros.

—Poderiam ser um par de semanas. Ou meses. Vou colocar a um ajudante na rua para me assegurar de que ninguém entre para roubar as suas coisas. — Tem um lugar onde ficar?

Ela suspirou. — Encontrarei algo.

—Ficarão comigo, — anunciou Jean-Luc. — Tenho uma habitação que podem utilizar.

Billy entrecestrou os olhos. — É você o dono dessa nova loja luxuosa nos subúrbios da cidade?

—Sim. *O Chique Echarpe*.

—Como é, — murmurou Billy. — Assim que a loja é sua residência, também?

—No momento, sim.

—Nos desculpe um minuto. — Billy agarrou o braço da Heather e a arrastou uns quantos metros.

Jean-Luc apoiou uma mão sobre o ombro da Bethany para impedi-la de correr detrás de sua mãe. Voltou-se para olhar a casa, mas ainda podia ouvir as palavras sussurradas do Billy.

—Não sei por que, mas o tipo está detrás de ti, Heather. Poderia ter preparado o incêndio para te forçar a viver com ele.

—Ele não faria isso, — murmurou Heather.

—Como sabe? Há quanto tempo faz que conhece este tipo?

Heather suspirou. — Desde sexta-feira.

—E vais viver com ele? Não pensei que fosse tão estúpida.

Jean-Luc agarrou com força a manga de bronze da bengala. Já tinha tido suficiente. Caminhou para eles.



—Realmente confia nele? — Perguntou Billy.

Jean-Luc se deteve, contendo a respiração enquanto esperava a resposta de Heather.

—Sim, — sussurrou. — Faço-o.

Era exatamente o que esperava ouvir, mas ainda chispava através dele como uma pequena onda de choque. Voltou-se e se encontrou com seu olhar. Um sorriso vacilante puxou das comissuras de sua boca, mas seus olhos conservavam certa cautela.

Talvez pudesse dizer que confiava nele, mas tinha a impressão de que não estava do todo confortável com isso. Teria que atuar com cautela. Se descobrisse a verdade sobre ele antes do tempo, poderia perdê-la por completo.

Havia algo único a respeito da Heather. Não estava seguro do que se tratava exatamente, talvez uma combinação de coisas. Tinha um formoso rosto e cabelo, mas em sua linha de trabalho, via isso frequentemente. Tinha um corpo que lhe fazia água na boca. Queria morder cada centímetro dela.

Mesmo assim, seus sentimentos foram além da simples luxúria. Gostava da forma que falava, a forma em que sua mente trabalhava seu senso de humor e sua compaixão. Simplesmente gostava. Era tão simples, mas se sentia tão profundo.

—Quer vir para casa comigo? - Perguntou-lhe.

Estudou seus olhos, e suavizou sua expressão. — Sim. Só me dê um minuto.

Billy agarrou o braço de Heather e franziu o cenho quando ela o sacudiu. — Vou passar pela manhã para me assegurar de que está bem. — Disparou ao Jean-Luc um olhar de advertência.

—Estará a salvo comigo. — Tocou-lhe o ombro. Felizmente, não se afastou.

Billy se voltou e se dirigiu a grandes passos através do pátio dianteiro de Heather.

Gritou a um ajudante para que trouxesse a cinta para a cena do crime.

—Não posso acreditar que isto esteja acontecendo, — sussurrou Heather enquanto que começavam a correr a cinta amarela através de seu alpendre. — Não temos roupa.

—Tem sorte. Faço roupa.

Dirigiu-lhe um olhar duvidoso. — Tem roupa de desenho que fique a Bethany ou a mim? Ou a Fidelia?

Ele olhou à mulher maior. Era quase tão larga como alta. — Tenho alguns lençóis de desenho.

Heather pôs os olhos em branco. — A moda de toga poderia voltar-se velha em uns poucos dias. Só vou passar pela loja de desconto e comprarei algumas roupas. Por sorte está aberta 24 / 7.

Ele fez uma careta. — Preferiria que tivesse algo lindo.

—É tudo o que posso me permitir agora mesmo.

—Não vais pagar por isso. — Fez um gesto para sua casa. — Sou responsável por isto.

—Você não iniciou o fogo.

—Sei quem o fez.

Seus olhos se abriram. — Está seguro de que foi ele?

—Sim. Esta é a forma doente de Lui anunciar que conhece sua identidade.



Um olhar fugaz de pânico cruzou sua cara antes que recuperasse o controle. — Tinha medo disso.

—Então, dá-se conta plenamente do perigo no que está. Lui tentará algo pior a próxima vez.

—É por isso que estou tão desesperada por me mudar contigo.

—Pensei que confiava em mim.

Dirigiu-lhe um olhar exasperado. — Tenho alguma opção agora?

Isso doeu. — Pode confiar em mim, Heather. Prometo mantê-las, a ti e a sua filha, a salvo.

Ela procurou seus olhos. — Quero confiar em ti. Acredito que confio em ti, mas tudo está passando tão rápido. O urso que ganhou para minha filha, isso foi realmente muito doce, é a coisa mais doce que jamais vi em um homem.

—Obrigado. — Ele se moveu mais perto. — O beijo não foi tão mau, tampouco.

Suas bochechas floresceram com uma atrativa cor rosa, e olhou para outro lado. — Não só... Não sei o que...

Ele colocou um dedo debaixo de seu queixo para obrigá-la a olhá-lo aos olhos. Seu olhar subiu até seu queixo, e logo se deteve. — Preciso que me prometa algo.

Seu olhar subiu e se fechou no seu. — O que?

—Nunca deve abandonar o escritório sem um guarda. Isso serve para a Fidelia e Bethany, também. Deve estar protegida em todo momento.

—Podemos fazer isso.

—E tem que seguir minhas ordens sem vacilar.

Ela se retirou. — Não vou deixar que ninguém me controle.

—Não tenho desejos de te controlar. Quero te manter com vida.

Ela se mordeu o lábio inferior. — Bom, não vou discutir isso.

—Bem. Quando Lui atacar, não haverá tempo para discussões. Deve fazer o que te diga.

Sua boca afinou.

—Planeja matá-lo, não?

—Não tenho outra opção. É ele ou nós.

Ela se estremeceu. — Por uma vez, alegre-me que Fidelia tenha todas essas armas de fogo.

—Levar-te-ei às compras agora. Meu automóvel está aí. — Fez um gesto para seu BMW.

Ela franziu o cenho. — Vamos comprar só um par de coisas. Um pouco de roupa e alguns livros para colorir para manter ao Bethany ocupada. Pode voltar-se louca, sem seus brinquedos.

—Sério?

—Alguma vez viu um menino de quatro anos sem nada que fazer? Não é um bonito espetáculo.

—OH. — Ele olhou para a casa, agora completamente passada com os laços cinta amarela.

Um ajudante do xerife montava guarda na escalinata. — Não se preocupe. Ocupar-me-ei disso.

—Como?



—Confia em mim. — Assinalou a seu BMW. — Espera no automóvel. Não está fechado. Vou estar ali em breve.

—E minha caminhonete? Minha bolsa está lá dentro.

—Tenho as chaves. Robby a trará para o escritório mais tarde.

—Está bem. — Caminhou para a Bethany, e lhe deu um abraço. Enquanto falava com Fidelia, Jean-Luc enviou uma mensagem psíquica ao Robb, Ian, Phineas, e Phil. Encontrem-me na caminhonete do Heather. Se virem o Phil, tragam-no também. Não estava seguro de quão perito era o guarda mortal em recolher as mensagens psíquicas.

Robby foi o primeiro a aparecer. Jean-Luc lhe entregou as chaves da caminhonete de Heather com instruções para conduzi-la até o escritório. Ian, Phineas, e Phil se uniram a eles.

—Não há sinais do Lui? - Perguntou Jean-Luc.

—Não, — respondeu Ian. — Ajudaria se soubéssemos como é.

—Nunca o vi da mesma maneira duas vezes. Reconheço sua voz, sem engano. E seus olhos. São negros com um brilho estranho. Pode sentir o ódio, mas há algo mais... Um pouco desenquadrado.

—Assim que esse amigo é um psicopata. — Comentou Phineas.

—E muito perigoso, — adicionou Robby. Fez um gesto para a multidão. — Estas pessoas são mortais. Pode cheirar a diferença.

Phil se se pôs a rir. — Está dizendo que empestamos?

Robby sorriu. — Alguns poderiam dizer que sim, mas eu não. Acredito que os mortais cheiram... doce.

Phil negou com a cabeça. — Não me sinto nada adulado.

Phineas cheirou e lançou ao mortal um olhar curioso. — Você cheira um pouco diferente, irmão.

O sorriso Phil se desvaneceu, e intercambiou um olhar cauteloso com o Robby. Jean-Luc franziu o cenho, sentindo uma profunda tendência que ele não tinha conhecimento, mas este não era o momento para discuti-lo. Pediu ao Phil que se unisse a ele na viagem às compras, logo, explicou a missão secreta aos três vampiros. — Podem fazê-lo?

—Sim, é pão comido, — respondeu Robby. — Vereemo-los mais tarde.

Jean-Luc se sentiu aliviado ao ver a Heather e sua família sentadas no assento traseiro do BMW. Ele subiu no assento do condutor.

Phil se instalou no assento do acompanhante, logo se voltou para as mulheres. — Sou Phil Jones. Vou ser o segurança durante o dia.

—Muito prazer, — murmurou Heather.

—Olá, Felipe. — Disse Fidelia com voz rouca.

Phil rapidamente olhou à frente.

Na loja de desconto, Phil lhe disse que acompanharia a Fidelia, enquanto que Jean-Luc vigiava ao Heather e Bethany.



No departamento de meninas, Heather selecionou algumas pequenas camisetas e calças curtas com cinquenta por cento de desconto. Quanto mais tratava de economizar dinheiro, mais irritado ficava Jean-Luc. Viu o melhor vestido que a loja tinha e o jogou no carro.

—Ela tem bonitos vestidos em casa, — protestou Heather.

—Disse que não discutiria.

Ela soltou um bufido. — Isso era para momentos de perigo extremo.

—O qual poderia ser agora. Lui poderia estar à espreita no corredor dos brinquedos em estes momentos.

—Vamos ver isso. — Ela empurrou o carrinho de compras para os brinquedos. Uma das rodas fazia um chiado molesto com cada rotação.

Jean-Luc caminhou detrás dela, com sua bengala fazendo clique no piso de linóleo, com os olhos cada vez mais vigilantes. A loja parecia deserta em sua maioria.

Bethany saltava junto a sua mãe, abraçando seu urso amarelo. Deteve-se logo, os olhos muito abertos. — Olha mamãe. Essa Barbie vem com um crocodilo.

Heather voltou e selecionou um par de livros para colorir. — Tem um montão de Barbies em casa.

—Mas não uma caça crocodilos. — Jean-Luc a jogou no carro.

—Sim! - Bethany saltou para cima e para baixo.

Heather deu a volta para olhá-lo. — Essa era a minha decisão para resolver.

Estava com a razão, mas a Jean-Luc surpreendia-se muito o quanto desfrutava fazendo dançar à menina com alegria. Trocou seu peso, com o cenho franzido.

—Tentarei me refrear.

A boca de Heather tremeu. — É isso tão difícil? Juro-o, se tiver algum filho, será terrivelmente malcriado.

Seu coração se congelou por um segundo, e logo se desabou para seu estômago. Ele não podia ter filhos. Nesse momento entre a morte e a transformação, o esperma de um vampiro morria. Ao cair do sol cada noite, seu coração se sacudia de novo à vida, seu sangue reatava sua carreira através de suas veias, e sua mente voltava de novo na consciência. Mas o esperma permanecia morto.

Roman, sendo um cientista brilhante, tinha encontrado uma maneira de evitá-lo. Ele tinha tomado o esperma vivo de um humano, logo apagado o DNA do doador e inserido o seu. Shanna já estava grávida quando Roman tinha descoberto um problema. O DNA vampiro não era exatamente o mesmo que o de um mortal.

Roman tinha vivido com medo pelo que tinha feito a Shanna, mas depois de nove meses deu a luz a um saudável bebê sem presas e um apetite pelo leite de sua mãe.

Jean-Luc se deu conta com uma sacudida que podia ter filhos. Com o procedimento do Roman, em realidade poderia ser pai. Seu olhar se posou em Heather, e imaginou grávida com seu filho.

—Há algo ruim? - Perguntou-lhe ela.



—Não. Tudo está bem. — Mas não era assim. Agora que a semente fora plantada na sua mente, não podia ignorá-la. Tinha invejado ao Roman por sua amada esposa e seu adorável filho. Nunca tinha ocorrido a Jean-Luc que podia ter uma família, também. Lui sempre tinha estado no meio, à espreita nas sombras como uma ameaça oculta. Mas a recente aparição do assassino poderia ser uma bênção disfarçada. Finalmente, Jean-Luc teria a oportunidade de desfazer-se dele. Mas como abria todo tipo de novas possibilidades.

—Havia um olhar estranho em sua cara. — Heather deixou cair uma caixa de lápis de cor no carro. — Pensei que poderia estar zangado.

—Estou zangado com o Lui e decidido a me desfazer dele.

Heather rodou o carro para o departamento de mulheres. — Vou estar muito contente quando as coisas voltem para a normalidade.

Normalidade? Era isso o que queria? Sua visão do futuro vacilou. Como podia convencer a Heather para casar-se com um vampiro e dar a luz a um menino com o DNA alterado? Não era exatamente o sonho americano.

E era de verdade o que ele queria? Estava muito atraído pela Heather, mas eram seus sentimentos verdadeiros ou uma simples reação ao perigo no que se encontravam? Poderia ter o tipo de amor por ela que ia durar através dos anos? Poderia dirigir casar-se com ela? Poderia dirigir o matrimônio com qualquer mortal?

Era justo para a Heather estar pega a um homem que estava morto durante o dia? Dava-lhe um novo sentido ao termino pai incompetente. Ele poderia ser um grande apoio financeiro, mas seria inacessível cada dia na vida de sua família.

Entretanto, Roman e Shanna pareciam muito felizes. Jean-Luc queria isso para si mesmo. Heather era a indicada?

Franziu o cenho enquanto a olhava selecionar os artigos mais baratos do departamento de mulheres. Bom, certamente não tinha que preocupar-se de que o endividasse. Mas merecia muito mais. Faria sua própria seleção para ela quando voltassem para o escritório.

—Tenho que me vestir para o trabalho? - Perguntou-lhe ela.

—Não. Estará sozinha durante o dia, com exceção do Alberto e os guardas.

Dirigiu-lhe um olhar curioso. — Quando trabalha?

—De noite. É a mudança de horário. Não me adaptei ainda. — Encolheu-se internamente por suas mentiras. — Sinto-me mais criativo na noite. — Todo isso era certo. Nem sequer podia criar um batimento de coração durante o dia.

Ela franziu o cenho, ao parecer confundida pelo horário de trabalho ou a falta de isso. — Quantas horas quer que trabalhe cada semana?

Encolheu-se de ombros. — Não terá que preocupar-se com isso. De fato, se não quer trabalhar, entendê-lo-ei completamente. Pode tomar toda a semana para descansar se o deseja.

—É muito amável, mas acredito que prefiro estar ocupada.



Ele assentiu com a cabeça. — Nossa primeira prioridade é sua segurança. A segunda é deter o Lui. O mundo da moda pode sobreviver sem nós por um tempo.

—Entendo-o. — Quando se voltou para examinar uma prateleira de calças jeans, tomou o sutiã barato que tinha deixado cair no carro e rapidamente comprovou o tamanho. *Tamanho C* trouxe um sorriso a seu rosto.

A risada de Bethany o fez voltar, e Heather se voltou para vê-lo sustentando prendedor.

Suas sobrancelhas se elevaram. — Há algum problema?

Ele deixou cair o prendedor. — Não. É uma medida preciosa.

Um rubor invadiu suas bochechas. — Tenho que perder dez libras. Bom, vinte na realidade.

—Heather...

—Não pude perder as últimas dez libras da gravidez do bebe...

—Heather, acredito...

—E então ganhei dez mais com muita terapia de chocolate durante meu divórcio.

—Heather, acredito que é perfeita tal como é.

Seu rubor se aprofundou. — Só diz isso.

—Porque acredito, sim.

—Mas desenha para modelos magras.

Encolheu-se de ombros. — A gente espera ver isso na passarela. Não quer dizer que eu o prefira dessa maneira. Eu gosto, Heather. Pensei que tinha deixado isso claro esta noite.

Ela puxou um par de calças jeans no carro e se afastou. Deu-se conta de que era-lhe difícil aceitar um elogio. — Não diz bem meu nome. Ou o do Bethany.

Ele sorriu. Era isso uma provocação? - Você não diz bem meu nome, tampouco.

—Faço-o, também. — Ela deixou cair uma camiseta verde lisa no carro. — Mas gosto de Jean-Luc mais que Jean. Jean é tão plano, mas Jean-Luc é poderoso e sexy e... Capitanearão.

Gostava da parte poderosa e sexy. — O que é capitanearão?

—Igual a um capitão de espaçonave. Você é o capitão Jean-Luc. — Deu-lhe um sorriso irônico.
— Está acostumado a dar ordens.

—Refere ao John-Luke.

—Bom duh. Esse é seu nome.

—Não em francês. Deve pronunciá-lo como o fazem os franceses.

—Sério? - Ela plantou uma mão em seu quadril e trocou o peso de pé. — Explique-me.

—Como deseja. — Ele deu um passo mais perto. — Em primeiro lugar, não pronunciamos o n no Jean.

—Que preguiça de sua parte.

Ele levantou uma sobrancelha. — O n representa uma a nasal. Jean. Tenta-o.

Enrugou o nariz e produziu o som mais nasal que jamais tinha ouvido. — Isso foi suficiente francês para ti? - Ela sorriu docemente.



Afogou um sorriso. — Ainda não. Está a questão do Luc.

—Luke.

—Non. Luc com o francês ou.

—Era essa uma vocal, ou acaba de chupar um limão?

Ele se se pôs a rir. — Agora vamos, tenta-o.

—Não sei como produzir um som tão estranho.

Deu um passo mais perto. — É fácil, chérie. — Levantou-lhe o queixo com um dedo dobrado - Franzido os lábios.

Suas bochechas se acenderam de cor rosa. — Não vou franzi-los no meio de uma loja. Ou diante de minha filha.

—Do que tem medo? - Lhe roçou os lábios com o polegar. — Pensei que confiava em mim.

Bethany riu. — Adiante, mamãe!

Com um bufo, ela deu um passo atrás. — É uma conspiração.

Jean-Luc piscou um olho a sua filha. — Bethany é uma garota muito inteligente.

—Sou-o! - Ela saltou ao redor, sorrindo.

Heather o olhou. — Ainda não está dizendo nossos nomes corretamente.

Sabia que seus sons de th saíam mal. Era um problema típico já que o som não existia em francês. Entretanto, não pôde resistir aguilhoá-la, por isso repetiu suas palavras anteriores. — Me explique.

—É bastante simples na realidade. Olha como o faço. Vê como a língua vai contra os dentes superiores? - Ela o demonstrou.

Ele se aproximou e se inclinou para estudar sua boca. — Já vejo.

—Agora tenta-o. A língua contra os dentes superiores.

Ele tirou sua língua e com um movimento rápido, apertou-a contra ele e tocou seus dentes com sua língua.

—Aagh! - Ela se puxou para trás. — Seus dentes, não meus!

Bethany explodiu em risadas.

Jean-Luc deu um passo atrás com um olhar inocente. — Devo ter entendido mal.

—Sim, claro. — Franziu lhe o cenho, mas logo torceu a boca. Ela olhou para outro lado, sorrindo. — É impossível.

Ele sorriu. — Mas ainda assim você gosta?

Lançou lhe um olhar molesto. — Sim. Devo estar demente.

Bethany abraçou seu urso amarelo. — Eu gosto, também.

Um calor suave floresceu no peito do Jean-Luc. Aqui, nesta loja de desconto muito esquecida de Deus, longe do glamoroso mundo da moda, estava experimentando uma das mais belas noites de sua larga existência.



Capítulo 13

Parecia mais um museu que uma loja, pensou Heather quando ficou de pé frente a seu novo lar temporário. Colunas gregas, de pedra, estendiam-se até o alto teto a duas águas. Perto do alpendre havia um pôster O Chique Echarpe pintado em uma bonita escritura itálica.

—É grande - sussurrou Bethany.

—E caro, — adicionou Fidelia. — Juan tem que ser muito rico.

—É Jean. — Heather estremeceu ao recordar a forma em que Jean-Luc havia praticado sua pronúncia.

Estava na porta de sua loja, sua bengala agarrada em sua mão direita enquanto falava com o Phil e outro homem vestido igual a Phil. Ao parecer, as calças de cor cáqui e camisa polo azul marinho eram o uniforme oficial do guarda.

Os dois guardas desapareceram dentro do edifício com as bolsas das novas coisas compradas na loja de desconto.

Jean-Luc baixou os degraus até onde Heather esperava no caminho de entrada.

—Phil e Pierre estão levando as bolsas a sua habitação. — Olhou ao redor do jardim. — Vais estar mais segura no interior com o sistema de alarme aceso.

—Voou-te vou mostrar seu seguro. — Fidelia deixou cair sua bolsa no capô do BMW e tirou sua Glock. — Se aparecer Louie, estarei preparada para ele. Agora, onde está a chave do maldito seguro? - Pinçou através da bolsa.

—Pierre é o outro guarda? - Heather nunca tinha sido boa em recordar os nomes e tinha conhecido a muita gente nova nos últimos dois dias.

—Oui. O guarda de dia. — Jean-Luc golpeou sua bengala com impaciência no caminho de tijolos. — Devemos entrar agora.

—Escutei que temos companhia. — Disse uma voz da porta principal.

Heather se voltou e reconheceu o interlocutor. Ele era com quem Sasha havia "falado" na sexta-feira de noite. Alberto Alberghini. Encontrava-se entre as duas belas modelos das que Sasha tinha fofocado. Heather não podia recordar seus nomes, mas se lembrou de que havia rumores sobre elas e Jean-Luc. Ao menos se aferravam ao Alberto e não ao Jean-Luc. Entretanto, quando o jovem italiano as escoltou pela escada, desejou que tropeçassem com seus compridos vestidos de noite.

Ciúmes, repreendeu-se. Que emoção tão desagradável. Seria mais fácil de suportar se as duas mulheres não fossem tão condenadamente perfeitas. Perfeita tez pálida, maquiagem perfeitamente aplicada, corpos de proporções perfeitas.

Juntas eram ainda mais surpreendentes porque eram opostas.

Uma tinha o cabelo comprido negro e olhos escuros e amendoados. Levava um elegante vestido negro de raso que brilhava a luz da lua igual a sua perfeita cortina de cabelo negro e sedoso. A outra



modelo levava o cabelo em cascata pelas costas com cachos de pálido loiro. Seus olhos eram de um transparente, gelado azul.

Sua pele era tão pálida como seu vestido branco brilhante.

—É uma princesa? - Sussurrou Bethany.

As duas modelos olharam à menina, mas suas perfeitas caras não registraram nenhuma expressão. Seus olhares passaram por ela e pela Fidelia, continuando, posaram-se no Jean-Luc. Heather sabia que tinha sido descartada.

Jean-Luc fez um gesto para a de negro. — Esta é Simone. — Moveu sua mão a de branco. — E Inga.

—Encantada de conhecê-las. Sou Heather Westfield, e esta é minha filha, Bethany.

—Ah! -Fidelia extraiu um chaveiro de sua bolsa. Olhou duas vezes a Inga. — Santa Maria, moça, come uns tacos, e toma o sol. Vê-te como um fantasma fraco.

A loira lhe deu um olhar suave, logo se afastou.

Simone olhou ao Jean-Luc, seus olhos escuros ferviam a fogo lento pela ira. — Estão por debaixo de ti.

Jean-Luc não disse nada, mas lhe devolveu o olhar, seus eram olhos intensos.

Heather se perguntou por quanto tempo continuaria o concurso. Bethany bocejou.

Fidelia amaldiçoou em voz fraca em espanhol enquanto trabalhava no seguro do gatilho.

Finalmente Simone baixou o olhar. Ela se inclinou ligeiramente, como se reconhecesse a capitulação.

Quando se endireitou, dirigiu um olhar a Heather, um olhar tão cheio de ódio, que fez que Heather se estremecesse.

Os olhos frios da Inga foram à deriva além da Heather como um vento frio, continuando, centraram-se no Jean-Luc. — Não é próprio de ti, ter mau gosto.

Ela se girou e subiu as escadas junto à Simone, e Alberto se revolia detrás delas.

Heather encolheu os ombros enquanto deslizava as mãos nos bolsos de seus jeans.

—Isso foi um inferno de um comitê de bem-vinda. — A boca do Jean-Luc se estreitou.

—Não estão acostumados a estar perto...

—De plebeus? - Interrompeu Heather.

—Consegui-o! - Fidelia eliminou o bloqueio do gatilho da Glock, logo, girou para a porta principal.

—Maldita seja, é muito tarde. Eu queria fazer um pouco de caça de princesa. Montar uma de suas estranhas tiaras em cima de minha chaminé.

—Não deixe que as incomodem, — disse Jean-Luc. — Só estão aqui pelo espetáculo de beneficência dentro de duas semanas. Depois disso, se irão embora. Alberto, também. Todos retornarão a Paris. Via-se tão triste por isso, Heather não podia deixar de perguntar-se por que estava aqui. — Por que deixou Paris?



—É uma longa história.

Ela apostava que o era. Também se perguntou que tão perto estava das modelos do inferno. — Conhece a Simone e Inga faz muito tempo?

—Sim. — Ele começou a subir as escadas, fazendo gestos para que o seguisse. — Vem. Estará mais segura no interior. — Esperou na porta principal, revisando o terreno com os olhos entrecerrados.

—Acreditas que Louie virá aqui? - Heather acompanhava a sua filha pelas escadas.

—Não se sabe o que fará a seguir. — Jean-Luc sujeitou a porta aberta. Fidelia e Bethany entraram na casa, mas Heather ficou junto a ele no alpendre.

—Simone e Inga, são... Só seus modelos?

—Sim. — Arqueou sua boca. — Preocupa-se chérie?

—Não, estou bem. — Não era mais que uma mentirosa ciumenta, isso era tudo. Entrou no hall de entrada que se abria na sala de exibição da loja. — Fidelia, ponha de novo o seguro a sua pistola. Acredito que compartilhará habitação com a Bethany e comigo. — Deu ao Jean-Luc um olhar inquisitivo.

—Sim. Por desgracia, só tenho uma habitação acima. — Ele fechou a porta principal e bloqueou-a, e logo golpeou alguns números em um teclado de segurança na parede.

—Só uma habitação? - Então, Simone e Inga não vivem aqui?

Jean-Luc franziu o cenho. — Eles ficam aqui. Alberto e todos os guardas, também. — Ele fez um gesto à direita. — Você gostaria de um tour?

—Estaria bem. — Heather suspeitou que estivesse tratando de trocar de tema.

—Olha a grande escada! - Bethany estava boquiaberta pela grande escada que se iniciava à direita da sala de exposição e curvava com graça até uma passarela no segundo piso, com vistas à sala de exposição. — Nossa habitação está lá encima?

—Sim, mas primeiro, quero te mostrar onde vai trabalhar sua mãe. — Jean-Luc as levou pelo corredor que se iniciava sob a curva da grande escada.

Heather tomou a mão da Bethany e o seguiram. Havia um montão de pessoas que viviam aqui. Onde dormiam todos?

—Suponho que o dormitório principal está no primeiro piso.

—Não há habitações neste piso. — Jean-Luc as dirigiu pelo corredor, que examinava o lado direito da casa. As paredes estavam decoradas com fotos de marco negro de modelos usando alta costura do Jean-Luc Echarpe.

Fez um gesto às portas da direita ao passar por elas. — O banho de mulheres, banho dos homens e sala de conferências.

Só havia uma porta no lado esquerdo da sala. — Este é o escritório de desenho. — Deteve-se nas grandes duplas portas e pulsou alguns números no teclado.



Heather não podia ver a seu redor. — Se for trabalhar aí dentro, não deveria saber a combinação?

Duvidou-o. — Alberto sabe. — Abriu a porta.

Não confiava nela com a combinação? Heather entrou no escritório, com o cenho franzido. — Alberto trabalha aqui também?

—Oui. — Jean-Luc ligou as luzes.

Bethany ficou sem fôlego. — É tão grande!

Fidelia assentiu com a cabeça. — Gigante.

—Sim, é-o. — Heather examinou o enorme quarto. Não havia nem rastro da batalha da sexta-feira de noite. O manequim quebrado tinha sido limpo.

Jean-Luc assinalou uma escada de caracol na esquina da esquerda. — Isso leva a passarela sobre a sala de exposição. Seria um atalho para o seu quarto lá em cima.

—Já vejo. Podemos ir lá agora? Bethany está muito cansada.

Vacilou e logo inclinou a cabeça, franzindo o cenho. — Vai estar preparado logo. Vamos, devem saber onde está a cozinha.

Heather o seguiu ao corredor e viu uma porta no outro extremo da sala. — É uma saída?

Olhou para a porta. — Essa leva ao porão. Não tem nada que fazer ali. — Caminhou rapidamente na direção oposta, de volta à sala de exposição.

—Vamos fechar a loja ao público. Será mais seguro.

Seguiram-no à sala de exposição.

Fidelia se deteve a olhar uma vitrine cheia de bolsas feitas com a assinatura do Jean-Luc em tecido de flor de lis. — Poderia utilizar uma bolsa maior para todas minhas pistolas.

—Pode ter a que mais você goste - Jean-Luc ofereceu enquanto continuava para a sala da esquerda.

Heather franziu o cenho de desaprovação a Fidelia, mas a babá se limitou a sorrir de novo.

—Posso ter uma bolsa, também? - Perguntou Bethany.

—Não! - Heather fez uma careta ante a ideia de alguém de quatro anos de idade, levando uma bolsa de oitocentos dólares.

Ao entrar no corredor que dividia em duas a parte esquerda da casa, Jean-Luc indicou a primeira porta. — Este é o escritório de segurança. Se necessitarem ajuda, deve vir aqui.

—Tenho-o. — Heather notou o teclado ao lado da porta.

—Os armazéns. — Assinalou Jean-Luc para a esquerda. — O escritório do Alberto. — Se deteve em uma porta à direita. — Esta é a cozinha. Pode usá-la tanto como queira. — Abriu a porta e se pôs de lado para deixá-las entrar.

Era mais que uma cozinha. Tinha um pequeno comilão e uma sala de estar, com um cômodo sofá, poltronas e um televisor. Uma lavandaria com máquina de lavar roupa e secadora.



Heather vagou pela cozinha e admirou os aparelhos virgens, todos novos e brilhantes. Os armários estavam cheios de formosos objetos de cristal e pedra.

—Eu adoro os pratos de estilo toscano, — disse. — Estava pensando em comprar alguns na loja de desconto. De onde vêm os teus?

Sua boca se arqueou. — De Toscana.

—Ah, certo. — Suas bochechas se esquentaram. Os ricos viviam em outro mundo.

A geladeira de aço inoxidável continha nada mais que um bolo de caranguejo e alguns salgadinhos de queijo, e três garrafas de champanha sem abrir, as sobras, sem dúvida, da noite da festa da sexta-feira. A despensa estava completamente vazia.

Fechou a porta da despensa. — O que comem vocês por aqui?

Jean-Luc fez uma careta. — Esqueci-me disso. Vou ordenar que os guardas se ocupem.

Como podia esquecer a comida? Heather notou que sua filha se desabou no sofá, a ponto de adormecer sobre o urso amarelo. — Realmente temos que ir para a nossa habitação.

Inclinou a cabeça como se estivesse escutando algo. — Está preparada agora.

—Está bem. — Intercambiou um olhar inquisitivo com a Fidelia.

A psíquica negou com a cabeça ligeiramente. Ou não sabia ou não queria falar com respeito agora.

Heather ajudou a sua filha a ficar de pé. — Vamos, carinho. Já quase estamos ali.

À medida que saía da cozinha, Heather notou ao Alberto emergindo de uma habitação no outro extremo da sala. Ele tropeçou no corredor, sua mão pressionava seu pescoço. No outro braço, levava dois vestidos de noite.

Voltou a olhar a porta aberta. — Vou arrumá-lo justo como o quer.

—Verei que o faça. — sussurrou a voz da Simone antes que a porta se fechasse.

Alberto se apressou pelo corredor. Reduziu a velocidade quando os viu.

Jean-Luc apertou tanto a bengala, que os nódulos se mostraram brancos. — Há algum problema?

Heather o olhou, surpreendida pelo tom zangado de sua voz.

Alberto se ruborizou. — São difíceis de agradar.

—De fato - Jean-Luc o fulminou com o olhar - Um homem sábio não faria à tentativa.

Alberto baixou o olhar. — Sei que tem razão, mas são tão formosas... — esfregou-se o pescoço.

Heather entrecerrou os olhos. Havia uma mancha de sangue em seus dedos?

—Desculpem. — Alberto continuou para a porta que conduzia a seu escritório pessoal e se fechou lá dentro.

—Por aqui. — Assinalou Jean-Luc para que seguissem.

Heather intercambiou outro olhar com a Fidelia.

Ele se deteve. — Estas são as escadas de serviço. — Efetivamente, havia um pequeno conjunto de escadas que subiam ao segundo piso.



Heather olhou ao fundo do corredor e a porta que tinha cruzado Alberto. Outro teclado. — Esse é o dormitório, onde as modelos ficam?

Jean-Luc olhou para a porta, com o cenho franzido. — Leva ao porão. Não terá nenhum negócio ali. — Ele começou a subir as escadas.

Heather dirigiu um último olhar à porta proibida antes de seguir ao Jean-Luc pela escada. A ascensão foi lenta devido a que Bethany subia passo a passo e insistiu em levar o enorme urso amarelo. A mente da Heather vagou de novo à porta do porão. Por que se mantinha sob chave? E porque uma segunda porta ao porão, no outro extremo da sala? Estava fechada, também? O que havia ali?

Monstros? Simone e Inga certamente encaixavam nessa descrição. Com um bufido, Heather se repreendeu por ter uma imaginação louca. Era mais provável que fosse um pouco relacionado com a empresa, como uma fábrica que explorava imigrantes ilegais. Chegou ao topo da escada.

—Este é meu escritório. — Jean-Luc indicou uma porta com outro teclado. — Mostrar-lhe-ei isso mais tarde.

—Está bem. — Viu uma câmera de vigilância. Justo nesse momento uma porta ao final do corredor se abriu e surgiram dois homens. Ou um homem e um menino,

Heather pensou, com um olhar mais próximo. Recordava lhe tê-los visto antes com Angus MacKay. O adolescente com uma saia escocesa sorriu. — Sua habitação está pronta, senhora Westfield.

—Obrigada. Por favor, me chame Heather.

—Bem. Sou Ian, e este é Phineas.

—O que te acontece? - O homem negro levava o uniforme de calça cáqui e polo azul marinho.

—Agora vamos. — Indicou Ian seguido pelo Phineas. — Vereemo-los amanhã pela noite.

—Boa noite. — Notou a espada atada nas costas do Ian ao passar. Eles baixaram pelas escadas.

Que estranho que o que parecia ter quinze anos e atuasse como se tivesse maior hierarquia.

—Não é um pouco jovem para ser um guarda?

—É maior do que parece. — Jean-Luc abriu a porta pela que Ian e Phineas acabavam de sair.

—Este é seu quarto.

Bethany correu dentro e chiou.

—O que? - Heather se apressou ao interior e se deteve, aturdida.

Fidelia correu dentro e se chocou com ela. — Ai, caramba. — Sussurrou, olhando ao redor da habitação.

—Meus brinquedos! - Bethany deixou o urso amarelo no chão e se ajoelhou diante de sua casa de bonecas.

Heather piscou, sem palavras. Estacionado junto à casa de bonecas estava o carro de bonecas da Bethany.



Deu-se conta de que seu estojo de maquiagem estava na penteadeira. — Como há feito isto? Havia um agente vigiando a porta.

—Meus guardas são excelentes - disse Jean-Luc.

Tinham que ser bons se tinham conseguido escapulir todas estas coisas da casa.

Fidelia deixou cair sua bolsa em uma das camas tamanho rainha e se sentou. — Como fizeram isto?

—Já parece. — Parecia preocupado. — Pensei que te faria feliz.

—Estou feliz! - Anunciou Bethany.

E eu estou desconfiada. Heather olhou lentamente ao redor da habitação. As paredes estavam pintadas de um suave verde. As duas camas estavam cobertas com colchas azul damasco. Um formoso abajur de vitral estava em uma mesinha de noite entre as duas camas. Não havia nenhum espelho sobre a cômoda, a não ser uma formosa pintura do Monet. Contra a parede descansavam as bolsas de coisas que tinha comprado na loja de desconto.

—Heather? - Jean-Luc se aproximou dela. — Está bem?

—Sim. — Evitou o contato visual. — Obrigada. — Tinha tentado, obviamente, fazê-la feliz, mas tinha acontecido o contrário. Não sabia o que pensar.

—Estarei em meu escritório sobre o corredor durante a seguinte hora mais ou menos, se me necessita. Robby estará aqui logo com sua caminhonete.

—Está bem. — Isso pareceu estranho a Heather. Não tinham utilizado sua caminhonete para levar os brinquedos da Bethany?

—Dava-me conta de alguns edifícios enclausurados na cidade, — continuou Jean-Luc.

—Sim, a loja de desconto os fez sair do negócio.

—Robby e eu os visitaremos mais tarde esta noite.

—Quer dizer que...? - Pensavam que Louie poderia estar escondido em um de eles? - Quer que vá com vocês?

—Não, — respondeu rapidamente. — Passaste suficiente por esta noite, sua filha também.

Todo isso era verdade. Heather não pensava que pudesse dirigir qualquer emoção a mais neste momento.

—Veree-te amanhã?

—Amanhã de noite, sim. Phil e Pierre velarão durante o dia.

E onde estará? Olhou aos olhos, ainda havia muito mistério lhe rodeando.

—Boa noite, chérie. — Tomou a mão e a levou a boca. Seus lábios eram suaves, sensuais.

A cara da Heather se alagou de calor quando lembranças deliciosas varreram sobre ela. Seu beijo tinha sido glorioso. Havia-se sentido tão segura e maravilhosa em seus braços. Desejou que o sentimento pudesse repetir-se, mas se tinha ido. Em troca, sofria de uma sensação persistente de que algo estava muito mal.

—Que durmam bem. — Saiu da habitação, fechando a porta detrás dele.



—Juan é muito romântico, — observou Fidelia. — Muito macho.

—Muito algo, — murmurou Heather. — Levemos a Bethany para a cama... - e então poderemos falar. As palavras penduravam na final da frase, sem se dizerem.

Trinta minutos mais tarde, Bethany estava profundamente adormecida na cama que compartilhava com sua mãe.

Fidelia e Heather se alternavam para lavar-se.

Heather saiu do banho e agitou uma mão para a casa de bonecas. — Como crê que obtiveram isto?

—Não sei. — Disse Fidelia cavando os travesseiros contra a cabeceira de sua cama, em seguida, deslizou-se por debaixo da colcha. — Devem ter passado as escondidas do guarda.

Heather pôs uma mão no quadril. — Não acredito que Billy e seus ajudantes sejam assim tão incompetentes.

Fidelia riu entre dentes. — Nunca se sabe. Pelo menos temos aos inteligentes de nosso lado.

—Inteligentes ou simplesmente... Furtivos? Há algo muito estranho acontecendo aqui.

Fidelia assentiu com a cabeça. — Juan parecia estar escutando a alguém. Pode que seja psíquico.

—Tenho essa impressão, também. — Heather se encarapitou no extremo da cama de Fidelia. — Não pôde escutar nada?

—Não, mas estou sentindo uma... estranha energia. Talvez sonhe esta noite algo que ajude.

Heather assentiu com a cabeça. Ela não estava disposta a expressar suas suspeitas de que Jean-Luc pudesse ser imortal. Ainda parecia muito estranho.

—Esta é a única habitação de cima - continuou Fidelia. — E Juan disse que não há nenhuma no primeiro piso.

—Isso me pareceu estranho, também. — Reconheceu Heather.

—Onde dorme a gente nesta casa? - Perguntou Fidelia.

Heather fez uma careta de dor, recordando as portas do porão fechadas. — Suponho que estão no porão.

—Isso é estranho, — murmurou Fidelia. — E o que aconteceu com Alberto? Acredito que essas cadelas arranharam-no, ou o cortaram. Havia sangue em seus dedos.

—Vi isso. E Jean-Luc nos disse que nos mantivéssemos afastadas do porão. Pois claro, que poderia ser uma boa advertência com as psico-mulheres vivendo ali.

Fidelia fez um ruído de cacarejo. — Por que chegou tarde para ouvir cantar a Bethany? Isso não é próprio de ti.

Um rubor esquentava as bochechas da Heather. — Estava... Distraída.

—Pelo Juan? Foi longe de mais contigo?

Seu rubor cresceu mais quente. — Estava disposta. Muito disposta. Eu... eu... acreditei que me estava apaixonando por ele.



—E agora?

—Não sei, estou atraída por ele. É formoso e sexy.

—E rico.

Heather lhe deu um olhar molesto. — Isso não é o que me importa. Cody tinha um montão de dinheiro, e seguro que não me fez feliz.

—Então, o quê você gosta do Juan?

—Acredito que é um homem honorável, inteligente, amável. Foi muito doce à maneira em que conseguiu o urso para a Bethany. E gosta como sou. Trata-me com respeito. Na realidade me escuta e se preocupa comigo e meus sentimentos.

Fidelia assentiu com a cabeça. — É um bom homem, estou bastante segura disso.

—Bastante segura?

Fidelia encolheu os ombros. — As aparências podem ser enganosas. Sinto algo... Incorreto.

Heather soprou. — Não faz falta ser psíquico para saber que há segredos neste lugar. Segredos que Jean-Luc quer ocultar de mim.

—Estou de acordo.

—Então, como posso confiar nele?

Fidelia descansava com as costas apoiadas no travesseiro, com o cenho franzido.

—Deve ter muito cuidado.

Os olhos da Heather queimaram pela ameaça de lágrimas não desejadas. Queria acreditar no Jean-Luc. Tinha parecido tão perfeito. Mas não tinha outra opção, tinha que manter a distância entre eles. Não podia apaixonar-se pelo Jean-Luc Echarpe.

Capítulo 14

Jean-Luc entrou no seu escritório. Tinha cometido um engano estúpido. Tinha pensado que com a visão dos brinquedos de sua filha lhe levantaria o ânimo. Bethany sem dúvida animou-se. Mas Heather... Somente tinha conseguido deixá-la desconfiada. Era inteligente. Não podia subestimá-la outra vez. E era muito independente, não tão facilmente impressionável com presentes ou grandes gestos como as mulheres que havia conhecido no passado. Não parecia necessitar presentes. Necessitava honestidade... O único que não se atrevia a dar.

Ao vê-la perto da Simone e Inga tinha confirmado seus fortes sentimentos para ela. As modelos mantiveram a perfeição com a morte, sua beleza congelada para sempre, como estátuas de deusas. Heather era vida. Imperfeita e imprevisível. Em uma noite, derreteu-se em seus braços, tinha-o beijado com paixão. E o tinha cuidadoso, com receio. Era volátil, cheia de emoção. Excitante.



Também era doce, leal e carinhosa. Gostava de vê-la interatuar com sua filha e Fidelia. Elas formavam uma forte unidade familiar, e cada vez mais, queria ser parte disso.

A ideia de perdê-la fez arrastar suas pernas com dificuldade. Deteve-se frente à janela que dava à sala de exposição. Sua mercadoria estava ali, ainda à vista, embora a loja estivesse fechada.

Para que era todo isso? Faz trinta anos, tinha desfrutado da construção de um império da moda, e se tinha deleitado com seu êxito financeiro. Mas em algum lugar com o passar do tempo, tinha perdido a necessidade de provar-se a si mesmo. Tratava-se simplesmente de trabalhar para encher o tempo.

Queria mais, algo além de si mesmo. Queria que Heather estivesse orgulhosa dele. O tipo de pânico que tinha experimentado quando temeu perder a apresentação de sua filha, ele queria que sentisse isso com força a respeito de seus shows. Já não queria criar sozinho. Queria que ela criasse desenhos com ele. Queria companhia. E a criação de roupa já não era o suficiente. Queria mais. Do que servia um império financeiro se não tinha filhos para herdá-lo? Ele queria ter filhos com o cabelo e olhos da Heather, seu coração generoso e sua inteligência. Tudo o que tinha que fazer era mantê-la a salvo do Lui e ganhar seu coração.

Suspirou. Era pedir muito?

Viu o Robby entrar na sala de exposição através da porta principal.

Provavelmente tinha estacionado o carro da Heather à esquerda na rua.

Ian e Phineas entraram na sala de exibição a seu encontro. Jean-Luc considerou teletransportar-se para unir-se ao grupo. Em um segundo, materializou-se na base da escada.

A mão do Robby se deteve a meio caminho da espada. — Ouch, é você. Suas hóspedes desfrutaram da surpresa?

—A menina estava encantada, mas parece que deixei a Heather muito desconfiada.

Robby se estremeceu. — Tinha medo disso. Estas jovens modernas são muito inteligentes.

Ian soltou um bufido. — Prefere-as estúpidas?

Robby encolheu os ombros. — Tento evitar por completo às mortais. — Se voltou para o Jean-Luc. — Justo estava dizendo aos outros que necessitamos mais câmeras de vigilância aqui. Quando planejamos este edifício, pensei que só teria que custodiá-lo.

Jean-Luc assentiu com a cabeça. Neste momento, somente havia câmaras em seu escritório, fora dela, e dentro de seu dormitório. — Necessitamos uma câmera em cada habitação.

—E no exterior, — adicionou Robby. — Sei que Connor tem um estoque de reposições de segurança em seu escritório no Romatech. Vou teletransportar-me para lá e trazê-lo.

—Também temos que comprar um pouco de comida antes de amanhecer, — sugeriu Jean-Luc. — A despensa vazia parece suspeita.

Robby franziu o cenho. — Ouch, não pensei nisso. Pierre estava encarregue da comida. Mas estava sozinho aqui durante o dia e não podíamos te deixar sem vigilância.

—Irei à loja, — ofereceu-se Ian. — O que compro? Aveia e uma perna de cordeiro?



—Tio, está absolutamente fora de contato com o século XXI, — burlou-se Phineas. — Necessita-se Cheetos, Doritos, bolachas Oreo, Spaghettos.

—Isso é comida? - Perguntou Ian.

—Fodidamente certo. Sabe? Os anciões podem ser muito despistados. Será melhor que eu mesmo vá fazer as compras.

—Você é um vampiro jovem? - Perguntou Jean-Luc.

—Claro que sim. Pouco mais de um ano. Minha família ainda está viva, assim sei o que come a gente.

Jean-Luc arqueou uma sobrancelha. — Sua família está sã?

—Bom, minha tia é diabética e minha irmã um pouco gordinha.

—Comida sã. — Jean-Luc lhe entregou as chaves da BMW e várias centenas de dólares. — Traz um pouco de comida saudável.

—Está bem, frutas, verduras e lixo. Posso fazer isso. — Phineas se dirigiu para a porta principal. — Cool! Vou conduzir o BMW. — A porta se fechou detrás dele.

—Se já se foi, vou-me teletransportar ao Romatech e trazer mais câmeras. — Disse Robby depois de ouvir o chiado dos pneumáticos sobre a rua.

Jean-Luc fez uma careta. — É novo na companhia?

—Dr. Phang? -Sorriu Ian. — Angus e Emma o encontraram o ano passado. Os russos o tinham transformado, mas não quis morder às pessoas. Assim Angus o contratou.

—E o que passa com o Phil? - Questionou Jean-Luc.

—Totalmente confiável, — respondeu Robby. — Ele esteve protegendo ao Roman durante o dia por mais de seis anos.

Ian assentiu com a cabeça. — Conheço-o de todo esse tempo. É bom.

Jean-Luc recordou o momento incômodo quando Phineas tinha afirmado que Phil cheirava diferente do resto dos mortais. Tinha detectado algo estranho, também. — Há algo sobre o Phil que ainda não sei?

A cara do Robby ficou em branco. Ian parecia absorto de repente com as bolsas em exibição.

- Estou confiando nele à vida do Heather. E a minha própria, — adicionou Jean-Luc. — Deveria sabê-lo.

—É um assunto da empresa, — murmurou Robby. — Tudo o que te posso dizer é, que Phil mantém nossos segredos, e guardamos o seu. Vou ao Romatech agora.

—Faz rápido, — disse-lhe Jean-Luc, consciente de que Robby estava tentando trocar de tema. — Logo que Phineas volte com o carro, quero revisar esses edifícios vazios na cidade.

—Vou contigo, — ofereceu-se Ian.

—Necessito que você e Phineas fiquem aqui, — respondeu Jean-Luc. — Não podemos deixar às mulheres desprotegida.

Ian assentiu com a cabeça. — Vou fazer uma varri dela ao perímetro.



Enfocou e Robby teletransportou-se para fora, deixando ao Jean-Luc sozinho, perguntando-se sobre o Phil. Que tipo de segredo podia ter um mortal que inclusive os vampiros eram resistentes a compartilhar? Teve a tentação de chamar Angus, mas o maldito escocês seria tão discreto como seu tatara-tatara neto Robby. Pelo menos Robby e Ian estavam de acordo em que Phil era completamente digno de confiança.

Phil e Pierre estariam no porão agora, dormindo no dormitório especial para os guardas. Como mortais, esperava-se que dormissem na noite, para que pudessem vigiar durante o dia. Os vampiros eram totalmente vulneráveis durante o sono mortal, por isso a responsabilidade de velar por eles era enorme. Mesmo assim, os guardas durante o dia raramente se topavam com algum perigo. Os inimigos dos vampiros também estavam mortos durante o dia, e a maior parte do mundo mortal era ignorante de sua existência.

Alberto era um mortal que sabia a respeito dos vampiros. Jean-Luc tinha confiado em seu jovem protegido depois de que Alberto o tenha servido fielmente durante cinco anos. Foi um bom acerto.

Alberto guardou seus segredos, e, em troca, lhe brindaram oportunidades que eram estranhas na indústria da moda. Arrumava os shows e se acotovelava com os poderosos e influentes. Ele poderia apresentar seus próprios desenhos com a vantagem de a distribuição e comercialização de Echarpe. Converteu-se em representante do Jean-Luc durante o dia. Era um trabalhador perfeccionista com apenas um defeito.

Estava obcecado com a Simone e Inga. Ao inteirar-se de que eram Damas vampiro havia só aumentado seu desejo.

Elas desfrutavam jogando com ele, mas esta noite tinham ido muito longe. A Jean-Luc não lhe preocupava que Alberto atirasse as sementes a respeito dos segredos dos vampiros aos meios de comunicação. Ele e Robby poderiam utilizar o controle mental para apagar sua memória, se era necessário. Mas seria difícil substituí-lo.

Simone e Inga não se davam conta, tão vaidosas como eram, que seriam fáceis de substituir.

A lembrança dos dedos ensanguentados de Alberto disparou uma onda de ira através do Jean-Luc. Tinha-lhe advertido que se mantivesse afastado da Simone e Inga, mas obviamente o homem não pôde resistir ao atraente do proibido. A ironia da situação golpeava no branco. Jean-Luc tampouco pôde resistir ao proibido. Seria muito mais conveniente se pudesse apaixonar-se por uma Vampira, mas não, queria a Heather. Transportou-se de retorno a seu escritório e tratou de fazer algum trabalho. Pierre havia deixado uma fatura em seu escritório. O clavicórdio que tinha pedido chegou durante o dia. Bom. Jean-Luc não se considerava um grande músico, mas depois de 400 anos de prática, era sem dúvida aceitável.

Pierre tinha deixado uma nota de que tinha instruído aos operários para que colocassem o clavicórdio junto ao piano de cauda na sala de música. Jean-Luc estremeceu-se ante a ideia de mortais no porão durante o dia, mas Pierre o tinha assegurado de que somente veriam o corredor principal e a sala de música. Nenhum mortal suspeitaria que algumas das habitações escondiam vampiros em



seu sono mortal. Entretanto, Jean-Luc se sentia incômodo com qualquer mortal sabendo sobre o porão. Robby teria que visitar esses trabalhadores e apagar suas memórias.

E a respeito da Heather? Agora sabia que havia um porão. Quanto tempo podia lhe ocultar seus segredos? Como ia cortejar a uma mulher honrada com mentiras? Tinha-se negado a deixá-la ir com o Robby e ele porque imaginou que os edifícios enclausurados estavam fechados com chave. Robby e ele poderiam facilmente teletransportar-se para dentro, mas não o fariam se Heather estava com eles.

Quando se encontrasse com o Lui e o matasse, Heather teria liberdade para seguir com sua vida. Teria que deixá-la ir e apagar sua memória, também?

A ideia de passar a eternidade sem ela era difícil de suportar. Merde, a ideia de passar uma semana sem ela era dolorosa.

Jean-Luc se foi ao aparador e serviu-se um copo do Blissky. A mescla de sangue sintético e uísque queimaram sua garganta, mas não acalmou a dor.

Estava perdendo seu coração pela Heather, e não sabia como detê-lo.

Heather fez uma careta quando Bethany lhe deu outra patada. Entre dormir com um tornado vivo e sua preocupação pela casa e Jean-Luc, Heather tinha dormido apenas um pestanejo.

Fidelia se queixou de repente, fazendo que Heather despertasse completamente. Jogou uma olhada à cabeceira da mesinha de noite, onde os números vermelhos do relógio brilhavam na escuridão. Às cinco e meia A.M. O sol sairia logo.

Fidelia se queixou outra vez, golpeando-se braços e pernas. Heather considerou despertá-la, mas realmente queria toda a informação do sonho que Fidelia pudesse oferecer.

A anciã se sentou tão de repente, que Heather ficou sem fôlego.

—Fidelia, — sussurrou. — Está bem?

—Olhos brilhantes, olhos vermelhos na escuridão. Perigo.

Isso era horripilante, mas não lhe disse muito. — Algo mais?

Com um suspiro, Fidelia se apoiou na cabeceira. — Não pude ver muito. Estava escuro. De noite. Ouvi um grunhido. Um brilho de compridos e brancos dentes chiando.

Heather se estremeceu. A sala ficou em silêncio à exceção de Bethany e a sua lenta respiração.

Por último ficou de pé e se estirou. Não podia permitir que um mau sonho detivesse sua vida. E já que não podia dormir, bem poderia ir trabalhar. O primeiro que tinha que fazer era conseguir alguns mantimentos. — Quer algo da cozinha? - Ela soltou um bufido. — Um pouco de champagne?

Fidelia riu entre dentes. — Estou bem. Vou voltar a dormir. Levanto-me quando a pequena despertar.



—Está bem. Dorme bem. — Heather entrou no quarto de banho. Depois de uma ducha rápida, vestiu-se com a nova roupa interior, jeans e camiseta verde que havia comprado à noite anterior. Calçou seu velho calçado esportivo e saiu em silêncio para o corredor. Uma janela ao final da sala dava um pouco de luz tênue. A lua estava meio, e as estrelas brilhavam em um céu espaçoso.

Deteve-se frente ao escritório do Jean-Luc. Estaria no interior? Nunca haviam discutido sobre as especificações de seu trabalho. Uma luz vermelha no alto lhe atraiu a atenção. A câmera de vigilância estava trabalhando. Alguém a olhava?

Ela se deslizou pela escada do fundo e chegou ao corredor principal. Vazio. Havia um ruído apenas perceptível. Música.

Olhou para a porta do porão. Depois de uma rápida olhada a seu redor, em pontas de pés foi para a porta. O som da música se fez mais forte.

Apertou a orelha contra a porta. Era música clássica. Um piano e algo com um tilintem som. Um clavicórdio? Apertou os dedos ao redor do cavanhaque da porta e lhe deu um giro. Moveu-se ligeiramente, e logo, nada. Fechado.

—Posso lhe ajudar? - Uma voz profunda falou detrás dela.

Ela se voltou para encontrar ao Robby MacKay de pé no corredor. — Eu... bons dias. Estava procurando a cozinha.

—Por aqui. — Voltou-se para indicar a porta do outro lado da escada.

—OH, essa é a correta. Ainda estou aprendendo o caminho. — Ela se dirigiu para a cozinha. — Pensei em fazer uma lista de coisas que precisamos da loja. A despensa está vazia, já sabe.

—Já não está agora. Compramos um pouco de comida.

—OH. — Fez uma pausa fora da porta da cozinha. — Bem, obrigado. São muito eficientes.

Cruzou-se de braços, lhe dando um olhar pensativo. — Encontrei sua bolsa dentro de sua caminhonete. Está no escritório de segurança. A trarei.

—Excelente. Poderia ter que fazer algumas compras.

Ele franziu o cenho. — Se necessitar algo, peça a um dos guardas. Por razões de sua própria segurança, deve ficar aqui.

—OH. — Era uma prisioneira? - Já vejo. — Entrou na cozinha, logo se inclinou contra a porta, respirando profundamente. Não era uma prisioneira, recordou-se. Só estavam tratando das manter, a ela, Fidelia, e Bethany, seguras.

E guardavam seus segredos a salvo, também. A curiosidade matou ao gato, o velho ditado advertiu-lhe. Mas ela não era um gato. Era uma mulher, ouviriam seu rugido.

la descobrir todos seus segredos, um por um.

Capítulo 15



Jean-Luc sempre tinha amado tocar em dueto. A música crescia de ida e volta do clavicórdio até o piano. Às vezes ele tomava a iniciativa, e a melodia fluía por debaixo das gemas de seus dedos. Outras vezes se retirava a um segundo plano, golpeando as teclas para ajustar o ritmo ao do outro músico.

Era um pouco como a esgrima, refletiu. Com um bom companheiro, a ação varria uma e outra vez - estocada, retiro, impulso, rechaça. Ou como uma boa noite de sexo. Tomando a iniciativa, facilitando a retirada. Marcando o ritmo, golpeando uma e outra vez, às vezes com suavidade, às vezes duro. Usando seus dedos para fazer que Heather cantasse.

Sorriu para si mesmo. Persuadi-la-ia de algum modo, e quando o fizesse seria glorioso. Quando a tensão do fechamento se desvaneceu, seguiu com os dedos sobre as teclas para desfrutar da última pista de vibração. Mon Dieu, como a desejava.

Tinha pensado que a música lhe ajudaria a tirá-la da cabeça, mas só tinha feito que se doesse por ela.

—Vamos tocar outro, Jean-Luc? - Perguntou Inga desde seu assento atrás do piano.

—OH, sim, por favor. — Simone tinha-se divertido dançando um Minué. — Vamos chamar ao Robby para que dance comigo. Será uma verdadeira festa como nos velhos tempos.

Jean-Luc dobrou sua partitura. — Na realidade tenho algo sério que tratar.

Inga se desabou sobre a banqueta do piano. — Sempre é sério nestes dias.

—Por uma boa razão - replicou Jean-Luc. — Lui está de volta, e está ameaçando matar a qualquer um que tenha sob o meu cuidado.

Simone ofegou. — Não pode ser!

Jean-Luc se absteve de assinalar que nos duzentos anos que tinha conhecido a Simone e a Inga, Lui nunca as tinha ameaçado. Ele só parecia interessado na morte dos mortais. — Vocês falaram com ele na noite da sexta-feira. Disfarçou-se como um homem velho de cabelo branco e uma bengala.

—Era Lui? - Inga se via horrorizada quando apertou uma mão contra seu peito.

—Parecia encantador e inofensivo.

—E rico. — Simone derrubou seu comprido cabelo negro detrás de seus ombros.

—Ofereceu-me vinte mil dólares por minha companhia.

Inga soprou - Pensa que é uma puta?

—Em realidade estive considerando-o.

Simone assumiu um olhar ferido.

—Jean-Luc nos ignora terrivelmente. — Tinha estado escutando sua denúncia por mais de cinquenta anos.

—Nenhuma de vocês se deu conta que não era mortal?

Inga encolheu os ombros - A sala estava cheia de mortais fedorentos.



—E agora convidaste a alguns a viver sob nosso teto. — Simone se estremeceu. — Quelle horreur.

Jean-Luc empurrou para trás os bancos e se levantou. — Estão sob meu amparo. E vocês as tratarão com respeito. E outra coisa, deixem ao Alberto em paz.

Simone fez um gesto com a mão em sinal de demissão. — Ele não é ninguém.

—Ele é um empregado importante. Foi muito longe esta noite.

Simone se burlava. — Foi só um pequeno arranhão.

—E tenho regras em minha casa. Não mordas. Se não pode cumprir com minhas regras, tem que se ir embora.

A Simone lhe brilharam os olhos. — Jogar-nos-ias? - Inga se levantou da banquetta do piano. — Vamos. Fomos amigos muito tempo para este tipo de brigas tolas.

—De fato. — Simone olhou ao Jean-Luc. — Você não deseja que seja seu inimigo.

Jean-Luc a estudou em silêncio. — Pode deixá-lo quando quiser, Simone.

—Perdão pela interrupção, disse Robby da porta aberta.

—Robby, tem que dançar comigo, — exigiu Simone.

—Em outra ocasião, moça. Preciso falar com o Jean-Luc.

Jean-Luc se inclinou ligeiramente. — Boa noite, senhoras.

Caminharam pela porta, fazendo uma careta.

—É hora de ir à cama para tomar seu sono de beleza e rejuvenescimento.

Robby se pôs de lado para deixá-las passar.

—Sabem? Não se estão convertendo em vampiras mais jovens. Vocês sabem. — Simone lhe lançou um olhar sujo, mas ele riu entre dentes e Jean-Luc se uniu a ele na porta.

—É um encanto.

—Aye. — Robby assentiu com a cabeça. — Orgulho-me disso. — Seu sorriso se desvaneceu e sob a voz.

—Encontrei à senhora Westfield escutando a música na porta do porão.

—OH. — Ao Jean-Luc lhe acelerou o batimento do coração, só de pensar nela. Caminhou pelo corredor.

—É muito cedo.

—Aye. E suspeita como temíamos. Está na cozinha agora. Devolvi-lhe sua bolsa de mão.

—Já vejo. — Tinham um pouco de tempo antes que o amanhecer os forçasse ao sono mortal diário.

—Tentarei dissipar algumas de suas suspeitas.

—Bem. — Robby o acompanhou no subir das escadas.

—Fizemos alguns progressos esta noite. Instalaram-se seis câmeras fora.

—Bem.



Mas não tinha havido nenhum progresso na busca do Lui. Abandonaram a busca nos edifícios abandonados por que não encontraram nada. Jean-Luc abriu a porta do corredor do andar de baixo.

—Vamos fazê-lo de novo antes da mudança da guarda. — Robby se dirigiu ao escritório de segurança.

—Vejo-lhes amanhã.

—Boa noite. — Jean-Luc entrou na cozinha e se deteve na sala de estar.

—Heather? - Ela apareceu fora do quarto de serviço.

—Jean-Luc! Não esperava verte. — Ela se apressou à cozinha. — Estava lavando. — Evitava seu olhar e empurrou seu cabelo úmido e encaracolado detrás das orelhas. Deixou cair um lápis e um bloco de notas que tinha no mostrador ao lado de sua bolsa.

Parecia nervosa e lhe incomodou que já não estivesse cômoda com sua presença.

—Faz uma lista? — Perguntou-lhe.

—Sim. — Agitou sua mão para a despensa. — Encontrei-a sortida com todo tipo de coisas esta manhã. Fiz uma avaliação, mas há algumas coisas que faltam. Por exemplo, há espaguete, mas nenhum molho de tomate.

Não tinha ideia do que era um espaguete, mas tomaria a palavra.

—Pierre ou Phil podem conseguir o que seja que necessite.

—Suponho. — Golpeou o lápis contra a superfície de trabalho.

—Acredito que estou presa aqui até que o problema com o Louie se resolva.

—É o melhor. Não quero correr nenhum risco com sua segurança.

Ela franziu o cenho. — Vou necessitar um pouco de leite desnatado. — Adicionou-o à lista. — Tenho que fiscalizar cada caloria.

—Heather. — Descansou sua mão sobre a dela para evitar sua inquietação. — Acredito que é formosa tal como é.

Ela fechou os olhos brevemente com um olhar de dor. — Tenho que saber. — Deu-lhe um olhar suplicante. — Como trouxe os brinquedos da Bethany para aqui?

Era mais que uma solicitude de informação, deu-se conta. Estava pedindo honestidade. Queria recuperar sua confiança nele. E maldita seja, ele não podia lhe dizer a verdade completa. A verdade a espantaria mais rápido que qualquer outra coisa.

—Robby, Ian, e Phineas trabalharam juntos, — começou. — Só havia um delegado, por isso que não foi tão difícil que Phineas o distraía para a parte posterior da casa enquanto outros penetravam pela parte dianteira.

Não mencionou a teletransportação que implicava a parte de escapular-se. Ela se mordeu o lábio inferior. — Suponho que tem sentido. Como trouxeram as coisas aqui?

—Tiveram tempo de sobra para transportá-las enquanto estávamos a fazer as compras na loja.

Ela assentiu lentamente. — Provavelmente usaram minha caminhonete.



Não o fizeram, mas ele não mostrou desacordo. Sua mão estava cobrindo a dela, e ela não se afastou. Tirou o lápis de seu agarre.

—Esta tensa. Posso dizê-lo. Faz que se encurvem seus ombros.

—É óbvio que estou tensa. Um maníaco homicida prendeu fogo a minha casa, e quer me matar.

—Te relaxe. — Ele a rodeou.

—O que está fazendo? — Olhou para trás.

—Tratando de aliviar sua tensão. — Descansou suas mãos sobre seus ombros, logo amassou brandamente os dedos nos músculos ao redor de seu pescoço.

—Quero que saiba que sua segurança e de sua filha são mais importantes que qualquer outra coisa para mim.

—Obrigado. — Com um suspiro, ela inclinou a cabeça para frente.

—Suponho que Robby e você não encontraram ao Louie esta noite.

—Não. — Seguiu a massagem sobre seus ombros. — Ter-lhe-ia dito, mas pensei que estava dormindo.

—Não podia dormir. Pobre Bethany. Temo que isto seja ela que sofra. Ela caiu esgotada na cama.

—Sinto-o muito. — Levou a Heather para o sofá. — Vem. Parece cansada.

—Estou esgotada, mas tenho muito que fazer. Chamar à Companhia de seguros e à pré-escola de Bethany.

—Não estará aberto ainda. — Ele empurrou um tamborete grande até o sofá onde ela estava sentada. Então se instalou detrás dela, escarranchado sobre o banco.

—Deve estar cansado, também. — Olhou-o. — Segue usando a mesma roupa.

—Vou descansar um pouco dentro de um momento. — O sol se aproximava do horizonte.

Logo sentia o puxão do sono mortal. Mas por agora, poderia desfrutar de estar com Heather. Afundou os dedos em seus ombros. Ela deixou escapar um comprido gemido, logo o cortou abruptamente.

—Sinto muito, não quis fazer isso em voz alta.

Ele Sorriu. — Eu gosto de te ouvir gemer. — Massageou em círculos pelas costas. — Ainda mais, eu gosto de ser a causa.

—Isto sabe tão bem. — Suspirou. — Não sei o que pensar de ti. — Esfregou lhe a parte baixa de as costas.

—Tem que pensar em tudo?

—Sim. Cometi alguns maus enganos no passado. Tenho que ter muito cuidado agora, porque não é só minha vida a que pode ir-se ao traste, também a de Bethany.

Tocou-lhe o cabelo, desfrutando da sensação dos fios de seda.

—Você é meu ideal de uma boa mãe. — Retorceu-se para olhá-lo. — Isso é o mais amável que escutei.



—Heather. — Ele colocou um braço debaixo de suas pernas para colocá-la no seu regaço.

—Traz a bondade a mim. Faz-me desejar ser digno de ti.

Tocou-lhe a cara. — Por que não o seria?

—Não sou perfeito.

—Ninguém o é. Riscou sua mandíbula com os dedos. — Tem segredos. Sobre ti mesmo e sobre o Louie.

Ela queria saber mais. Escolheu suas palavras cuidadosamente.

—Lui assassinou a algumas importantes figuras políticas na França. Frustrei uma de suas tentativas, e foi minha praga após.

—Como pode um desenhista de moda deter um assassino?

—Eu... Não era um desenhista então. Trabalhava para o governo.

Seus olhos se iluminaram. — Igual a James Bond?

—Algo como isso.

—Sabia! - Ela sorriu. — É tão sexy como James Bond, e tem essa aura de perigo sobre ti.

Levantou as sobrancelhas. — Crê que sou sexy?

Suas bochechas avermelharam. — Eu disse isso?

—Sim. — Penteou o cabelo de sua frente. — Suponho que terei que viver de acordo com minha reputação.

—Suponho. — Seu olhar baixou a sua boca.

Isso era um convite. Roçou seus lábios contra os dela. Seus braços rodearam seu pescoço, atirando ele mais perto. Uma emoção se disparou através dele. Ela o desejava. Aprofundou o beijo, vertendo todo seu desejo no movimento de seus lábios e o redemoinho de sua língua.

Ela acariciou sua língua com a sua e gemeu. Deslizou sua mão junto a suas costelas e ao bordo do sutiã.

—Sim - suspirou contra sua bochecha.

Estendeu seus dedos para cobrir seu peito, e logo o apertou ligeiramente. — É tão formosa. — Acariciou lhe a orelha. Sua artéria carótida pulsava perto, enviando pulsos da essência AB de seu sangue.

Ela inclinou a cabeça para que fora mais fácil beijar seu pescoço, sem dar-se conta de quão intensamente erótico era esse movimento para um vampiro. Sua virilha começou a pulsar em sincronia com seu sangue.

—Heather. — Ele ia deixando beijos como plumas ao longo de sua bochecha. Zut! Que momento tão terrível. Precisava ser amada corretamente, e ele literalmente estaria morto em dez minutos. Passou-se as mãos pelo cabelo.

—Me beije. — Como poderia resistir? Ele moldou sua boca à sua uma vez mais e explorou com sua língua. Esfregou o polegar ao redor da ponta de seu peito e sentiu que o mamilo se apertava. O



inchaço na virilha se está convertendo rapidamente em tortura. — Quero ficar contigo. Quero te amar, mas tenho que ir.

—Por quê? - Lhe beijou a bochecha. — Aonde vai?

—Tenho... Reunião de negócios no Santo Antonio mentiu. — Mas vou estar de retorno esta noite. No momento, preciso descansar um pouco.

—Sentirei sua falta.

Acariciou lhe o cabelo. — Também sentirei falta.

Invadiu sua mente com um mergulho rápido e a sentiu tremer ante a presença fria de sua mente. *Dorme meu amor.* Ela exalou lentamente, e piscou fechando seus olhos.

—Tenho sonho, — murmurou.

—Já sei. — Recostou-a brandamente no sofá, pôs lhe travesseiros debaixo da cabeça, e logo agarrou uma manta da cadeira próxima e a cobriu. Beijou-a na frente.

—Doces sonhos, chérie. — Frisou sua boca em um sorriso, e logo sua cara ficou em branco. Jean-Luc apagou as luzes, e logo descendeu a sua cama solitária no porão.

A segunda-feira transcorreu pacificamente, e Heather estava agradecida por isso. Dormiu até o meio da manhã quando Fidelia e Bethany baixaram as escadas e a encontraram no sofá. Depois de um café da manhã rápido, começou a fazer chamadas telefônicas referentes à sua casa e informou na pré-escola que Bethany estaria fora por uma semana. Esperando que esta confusão com o Louie não se prolongasse por mais tempo que isso. Apesar de que não lhe importaria que sua relação com o Jean-Luc continuasse durante semanas ou meses. Ou anos. Ele era uma maravilhosa combinação de doce e atrativo. Ela não podia esperar a vê-lo outra vez esta noite.

Trouxe alguns brinquedos para baixo, e uma vez que Bethany estava feliz jogando, perguntou a Pierre se podia deixá-la entrar no escritório de desenho. Perguntou-lhe pela combinação, explicando que devia entrar e sair. Pierre se limitou a sorrir e baixou o batente da porta para mantê-la aberta. Logo se esqueceu da combinação da fechadura misteriosa quando se perdeu no trabalho.

Decidiu refazer o vestido branco da sala de exposição. Arrastou o manequim para o escritório e o colocou ao lado de uma mesa de trabalho. Então encontrou uma forma de vestido que se poderia ajustar a uma medida maior e a pôs ao lado do manequim.

Antes e depois, de medida zero a medida doze. Percorreu as prateleiras ao longo das paredes, procurando só o material adequado. Havia tantos tecidos excepcionais, que logo teve empilhados sobre a mesa dez cilindros. Sob a escada de caracol, se encontrou com as prateleiras cheias de material de escritório. Escolheu um bloco de papel de desenho e vários lápis de cores. Esboçou durante umas horas, logo voltou para a cozinha para o almoço.



Phil e Pierre se uniram a elas para os Hot dogs. Pierre a fez rir ao insistir em que eles chamavam a seu almoço o-hot-dog. Alberto finalmente fez ato de presença, deve ter dormido até tarde e olhou de esguelha para sua comida.

Heather notou que levava um pulôver de pescoço alto escondendo as marcas em seu pescoço, intercambiou um olhar com a Fidelia.

Ela sorriu. — Deve estar assando com esse pulôver, muchacho, farão noventa e seis graus hoje.

—Quer comer algo? - Perguntou Heather, ele se estremeceu.

—Vou à cidade para comer. Há uma padaria alemã na rua principal que é bastante boa.

—OH, sim.

Heather sabia qual era a que ele estava falando, já que era a única padaria alemã na rua principal. — Finkel faz o melhor strudel de maçã de todo o Texas.

—*Vraiment?* - Pierre entregou ao Alberto as chaves do carro e um bilhete de vinte dólares.

—Tem que trazer de volta strudel para todos nós, d'accord?

—Não sou um menino dos recados, — queixou-se Alberto. — Mas está bem. Ciao. — Agarrou as chaves e o dinheiro e se foi.

—Obrigado. — Heather sorriu ao Pierre. Ele encolheu os ombros.

—Estou um pouco nostálgico, em Paris, temos as *pâtisseries* em todas as partes. O pão mais delicioso e bolos. Sinto falta deles.

—Soa maravilhoso. — Suspirou Heather. — Sempre quis ver Paris. Ouvi que os ratos são realmente espetaculares.

Pierre balbuciou com um olhar horrorizado. — Paris é a cidade mais bela do mundo. Direi ao Jean-Luc que te leve. Minha mãe cozinha o melhor *coq au vin* que algum dia possa provar.

—Estou a favor disso.

Heather voltou a trabalhar, com o ânimo renovado, depois de uma hora de desenhar, ouviu Alberto entrar no escritório.

—O strudel está na cozinha. — Olhou o tecido na sua mesa de trabalho. — Vá, você gosta das cores.

—Sim.

Rodeou a mesa, examinando seu trabalho. — Eu gosto mais usar o negro e outros tons neutros, são mais sofisticados.

—Ah. — Isso devia significar que ela era menos sofisticada. Enrugou o nariz na forma em que tinha ampliado o vestido a um tamanho doze. — Isto é muito grande para a alta costura.

—Realmente não aspiram a ser... De luxo. Quero fazer algo que se veja bem em alguém como eu.

Abriu os olhos. — Por quê?

—Por que não? Eu também uso roupa.



—Bom, sim. — Seu olhar se desviou dolorosamente sobre sua camiseta e calças jeans. — Mas certamente entende que há uma diferença enorme entre a roupa simples e a moda.

—Já sei. Quero levar a moda às mulheres como eu. Quero que desfrutem de sua roupa, que estejam orgulhosas de sua aparência. — Parecia como se estivesse falando uma língua estrangeira.

—Sentir-se orgulhosa de ser um tamanho doze? Tem... Jean-Luc sabe o que está fazendo?

—Sim. Ele me pediu que fizesse isto.

As sobrelhas de Alberto se dispararam. — Deve estar brincando.

Ela apertou os dentes. — Não. É muito a sério. A moda deve ser acessível para todos.

Ele soprou. — Isto deve ser a estranha ideia Americana da igualdade.

—O tomarei como um elogio.

—Isso é uma fantasia, o mundo da moda pertence às pessoas formosas. — Alberto olhou-a outra vez. — Jean-Luc está te seguindo a corrente, está claro o que quer.

O calor alagou seu rosto. — Não só me insultaste, insultaste ao Jean-Luc. É o suficiente inteligente nos negócios para dar-se conta de que está perdendo um mercado enorme. Muitas mulheres nunca poderiam usar algumas das coisas estranhas que descendem das passarelas nestes dias. Jean-Luc tem a coragem e a visão para dar às mulheres roupa que na realidade possam usar.

O sorriso de Alberto era petulante. — Posso ver que ele é seu herói. Pergunto-me quanto tempo vai durar. Especialmente uma vez que conheça mais a respeito dele.

Caminhou para a porta. — Tenho trabalho que fazer em meu escritório, tenho moda real para criar.

Heather tratou de voltar para o trabalho, mas foi difícil concentrar-se. Estava Jean-Luc só seguindo a corrente porque se sentia atraído por ela? Olhou por cima de seus esboços. Via-se bem para ela, mas um desenho bem feito não garantia um vestido formoso. E o que quis dizer Alberto com esse estalido sobre ela e Jean-Luc? Supunha que com o Jean-Luc, quanto mais o conhecia menos sabia?

Respirou fundo e soltou o ar lentamente. Não se faria isto a si mesma. Não ia a deixar que o medo e a dúvida a afligissem. Estava em guerra contra o medo. Deus sabia que tinha muito que temer. Uma nova carreira, uma nova relação com o Jean-Luc, um assassino psicopata que queria vê-la morta. O fracasso não era uma opção.

Podia fazer uma carreira. Seria difícil, mas o que vale a pena nunca é fácil. E a relação com o Jean-Luc se via melhor que nunca. Tinha sido tão doce pela manhã e sexy. Seu coração se acelerava cada vez que pensava em seus beijos e a forma em que lhe tinha massageado as costas e acariciado o seu peito. Sua pele se arrepiou com pele de galinha, desejosa de sentir seu toque uma vez mais.

Havia dito que a desejava, e sabia que era verdade. O vulto em suas calças tinha se pressionado contra o seu traseiro e que Deus lhe ajudasse, tinha querido tocá-lo.

Tinha querido ter relações sexuais com um homem que tinha conhecido fazia só uns dias atrás. Graças a Deus que ficou adormecida quando o fez. O que se estava passando? Amor, respondeu-lhe



uma pequena voz interna. Não podia ser. Então por que estava constantemente em seus pensamentos? Por que desejava manter-se ocupada até vê-lo de novo? O amor.

Incapaz de concentrar-se deixou seus esboços sobre a mesa de trabalho e retornou à cozinha.

Fidelia estava vendo a televisão enquanto Bethany jogava na cozinha. O crocodilo dissecado estava perseguindo a Barbie sobre a mesa da cozinha, enquanto a boneca fazia todo o possível para proteger a caixa de strudel dos ataques do réptil. Heather serviu-se uma parte de strudel, logo jogou com sua filha.

Logo se ouviu o ronco da Fidelia na poltrona reclinável, um som que sempre fazia rir a Bethany.

Heather estava fazendo o jantar quando Fidelia bruscamente despertou com um grito. — O que é? — Ela se aproximou da anciã porque não queria que Bethany as ouvisse falar.

—Tive o sonho de novo, — sussurrou Fidelia. — Olhos vermelhos, brilham na escuridão.

Perigo.

Heather fez uma careta. — Ainda não encontraram ao Louie.

Fidelia se esfregou a frente. — Vi algo mais. Uma pintura ao óleo. Acredito que a vi antes.

Depois do jantar, Heather levou acima a Bethany para seu banho. Voltaram para a cozinha perto das oito, por isso Bethany poderia ter um lanche antes de deitar-se. Heather se perguntou se Jean-Luc tinha retornado de sua viagem de negócios,

Fidelia estava carregando a máquina de lavar louça.

—Lembrei-me de quando vi a pintura. Chamei e falei com a curadora, a senhora Bolton. — Entregou ao Heather uma folha de papel.

Os olhos de Heather se abriram ao ler a informação. — ouvi falar deste lugar. É um museu agora?

—Sim. A senhora Bolton, disse que ia mantê-lo aberto para ti até as nove de esta noite.

—Bem. — Heather dobrou o papel e o meteu no bolso dos jeans. Que lugar tão estranho para levar ao Jean-Luc. Perguntou-se de novo se estava de volta. Olhou à câmera de vigilância com sua luz vermelha piscando.

—Eu sei - murmurou Fidelia. — Eu não gosto de ser vigiada. — Quem estava vendo? Perguntou-se Heather. Quem quer que fosse, esperava que desfrutasse da saga em curso da Barbie vs o crocodilo. A porta da cozinha se abriu, e Robby entrou com seu tradicional Kilt a quadros verde e azul. Ele sorriu.

—Boa noite. Jean-Luc está no escritório de desenho, e gostaria de vê-la.

O batimento do coração da Heather se fez mais rápido. Abraçou a sua filha.

—Tenho que ir. O dever me chama. — O dever e a atração sem esperança.

Capítulo 16



—Jean-Luc, temos que falar.

Ele levantou a vista de um dos esboços de Heather para ver o Alberto entrando no escritório. — Existe algum problema em Paris?

—Não. O problema está aqui. — Alberto fez um gesto para o trabalho de Heather. — Isto... isto é um desastre.

Jean-Luc deixou o desenho. — Essa é minha decisão, Alberto. Não preciso defendê-la.

Baixou o olhar. — Não quero te contrariar, Jean-Luc, mas você mesmo me ensinou que seus desenhos são só para uns poucos privilegiados.

A ira do Jean-Luc se atenuou pelo desespero no rosto do Alberto. Era evidente que o homem acreditava que o projeto da Heather era um engano. — Sei que esta ideia é pouco ortodoxa, mas quero tentá-lo.

—Fara te de bobo no mundo da moda. Nenhuma das estrelas de Hollywood utilizará seus trajes se estão sendo usados pela gente comum.

—Você e eu provimos de gente comum.

—Sim, mas nos levantamos por cima disto. — Alberto fez um gesto à forma do vestido. — Ela está fazendo roupa para mulheres gordas!

Um pequeno grito de assombro na porta anunciou a chegada da Heather. Jean-Luc gemeu para si, sabendo que ela tinha escutado o comentário grosseiro do Alberto. Aproximou-se de seu protegido e entrecerrou os olhos.

—Está equivocado e vais desculpar-te.

A cara do Alberto se ruborizou. Olhou por em cima do ombro da Heather. — Sinto muito, Signora.

—É certo? - Heather caminhou para eles, sua expressão era de preocupação. — Meus desenhos danificarão sua reputação? - Ela deve ter ouvido mais que o insulto de Alberto. Jean-Luc encolheu os ombros.

—Os meios de comunicação são volúveis. Nunca sei como vão reagir. Podem rir disto, ou pode ser que nos chamem heróis e visionários.

Ela inclinou a cabeça, considerando-o. — Realmente importa o que pensem? Quero dizer, se as vendas forem boas, como podiam chamá-lo um fracasso?

Alberto soprou com exasperação. — Não se trata de dinheiro. A alta costura é uma arte.

—Acredito que se trata de fazer que a gente se sinta bem, — declarou Heather. — E se está gastando seu dinheiro em algo, então isso significa que os está fazendo felizes. — Jean-Luc sorriu, a confiança da Heather em si mesmo ia aumentando.

—Vamos fazê-lo, Alberto. Graças a Heather, a moda estará disponível para mulheres de todas as formas e tamanhos. — Alberto balbuciou enquanto Heather sorria. Jean-Luc queria puxá-la para seus braços, mas se chocou com uma ideia repentina. — Podemos usar a demonstração de caridade para



avaliar como reagirá a gente, — sugeriu. — Heather, pode ter alguns desenhos preparados para o próximo fim de semana?

—Acredito que sim. — Ela assentiu com a cabeça. — Seguro.

Jean-Luc não queria trazer mais modelos profissionais, já que não queria que os meios de comunicação soubessem sobre o programa ou sobre sua presença no Texas. — Sabe de algumas mulheres locais que pudessem modelar sua roupa?

Alberto soltou um bufido. — A cidade está cheia de mulheres gordas.

Heather olhou-o logo se voltou para o Jean-Luc. — Tenho algumas amigas que se encantariam fazendo de modelo. E não são gordas. — Lançou outro olhar zangado ao Alberto.

—Também pode mostrar alguns de seus desenhos, — disse Jean-Luc ao Alberto. — Simone, Inga, e Sasha desfilaram para ti.

—Podemos fazer uma competição? - Perguntou Alberto, lhe iluminaram os olhos. — E convidar a celebridades para julgar?

—Não. — Jean-Luc lhe deu um olhar de advertência. — Não celebridades, não aos meios de comunicação. E você sabe por que. — Alberto suspirou.

Heather olhou curiosa. — Por quê?

—Vai ser uma pequena apresentação só para a população local, — disse Jean-Luc interrompendo. — Devido a que os ganhos são só para a área local. — Esperava que tivesse suficiente sentido para lhe impedir de fazer mais perguntas.

Ela sorriu. — Acredito que é maravilhoso que arrecade recursos para a área escolar. Obrigada.

Ele encolheu os ombros. — Alberto dirige o assunto. — Era embaraçoso ser considerado como caridoso, quando em realidade estava subornando à construtora e ao prefeito para que guardassem silêncio a respeito de sua loja.

Estava começando a temer o show, depois disso, seu exílio oficial começaria. A loja fecharia para sempre. Alberto e as modelos retornariam a Paris. A gente assumiria que ele se foi também, mas se esconderia no edifício abandonado com seus dois guardas durante vinte e cinco largos anos. Como ia viver tão perto da Heather sem cair na tentação de vê-la?

—Quer algum de seus desenhos no show? - Perguntou Alberto.

Jean-Luc encolheu os ombros. — Não importa. — Isto não parecia importante quando se enfrentava a um encarceramento de vinte e cinco anos, sem esperança de ver Heather. Mas como ia perguntar lhe a ela e a sua família se compartilhariam a prisão com ele? Não tinham a possibilidade, como ele, de uma vida com séculos por diante. Sua vida era agora, sua única vida. Precisavam viver. Sem ele.

—Bem, — continuou Alberto. — Então, Heather e eu faremos um show com nossos desenhos para a... chusma local e logo vamos ver quais preferem. — Ele deu-lhe um olhar desafiante, e a seguir, saiu da habitação.

Ela se aproximou do Jean-Luc. — Está bem?



—Sim.

Olhou-o com o cenho franzido. — Parece que perdeste a seu melhor amigo.

Deu-se conta de que assim era. Estava em uma situação sem saída. No pior dos casos, poderia perder a Heather na vingança assassina do Lui. Mas não deixaria que isso acontecesse. Mataria primeiro ao Lui. Infelizmente, depois, perderia a Heather porque era a única coisa honorável a fazer.

Não podia pedir-lhe para renunciar a vinte e cinco anos de sua curta vida para compartilhar seu exílio.

Teria que deixá-la ir. Contrataria-la para que fizesse seus desenhos em Nova Iorque ou Paris.

Então, poderia viver sua vida de sonho. E devia que assegurar-se de que nunca lhes faltasse nada nem a ela nem a sua filha. Uma forte onda de emoção se apoderou dele, e deu-se conta que este planejamento não o fazia simplesmente por obrigação ou um sentido da honra. O fazia por amor. De algum jeito, em algum lugar durante os últimos dias, tinha começado a apaixonar-se.

—Tudo está bem, — assegurou-lhe. — Estou preocupado porque não encontramos Lui ainda.

—Queria falar contigo a respeito disso. — Ela pinçou no bolso de seu jeans e tirou uma parte de papel que lhe entregou. — Fidelia teve um sonho a respeito de uma pintura ao óleo, e a localizou neste museu nos subúrbios da cidade. A curadora o manterá aberto para nós.

—Então devemos ir. — Ele a acompanhou até a porta enquanto olhava no papel. — Chicken Ranch?

—Yap. O mais famoso do Texas, por isso o converteram em um museu.

Levou-a pelo corredor. — Fizeram um museu sobre frangos?

Ela se pôs a rir. — Era uma casa de prostituição.

—Ah. Devia me ter dado conta.

—Sim. — Heather fez uma careta. — Pergunto-me como é que Fidelia sabe a respeito?

Ao segundo que entrou na sala de exposição, Jean-Luc se deu conta que Robby estava instalando uma câmera perto do vigamento do teto de dois pisos de altura.

Infelizmente, não estava usando uma escada.

Agarrou ao Heather e lhe deu volta longe de onde Robby levitava. — Como passou seu... Dia?

—Bem. — Sorriu lentamente. — Começou com uma massagem maravilhosa.

Devolveu-lhe o sorriso, e logo olhou ao Robby. O escocês os tinha ouvido e desceu ao chão. — Eu gostei de seu esboço.

O sorriso da Heather se alargou. — Obrigada.

Robby agora estava no chão. — Agarra as chaves, Robby. E leva nossas espadas. Vamos de caça.

—Eu vou, também. — Heather correu para a cozinha, logo se voltou a dizer. — Vou pedir uma arma a Fidelia. Não se vão sem mim!

Robby franziu o cenho, movendo a cabeça. — Não é uma boa ideia.

—Ela vem. — Anunciou Jean-Luc, continuando, saiu pela porta principal antes que Robby pudesse discutir. A porta principal estava rodeada por duas luzes exteriores que iluminavam o escuro



pórtico. Jean-Luc deixou que seu olhar vagasse pelo terreno que separava sua guarida da estrada. Não viu nenhum indício de movimento. As árvores de cedro e grupos de palmeiras dedilhavam a zona delimitada pela larga entrada circular. Seu BMW e a caminhonete de Heather estavam estacionados perto. Tinha ordenado ao jardineiro que plantasse árvores de carvalho ao longo do caminho, mas eram pequenos agora. No momento em que saísse de seu exílio de vinte e cinco anos seriam grandes e impressionantes.

—Aí está! - Heather saiu ao alpendre. — Tinha medo de que me tivessem deixado.

—Realmente deveria fazê-lo, mas tenho descoberto um problema recente quanto a ti se refere.

—O que é...? - Ela enganchou a bolsa sobre seu ombro.

—Que não posso te dizer que não.

Ela pôs-se a rir. — Isso não é um problema.

—É-o se te põe em perigo.

—Posso cuidar de mim mesma. Estou em guerra contra o medo, recorda?

—Estou impressionado por sua vontade de enfrentar ao vilão. — Colocou uma mão na parte baixa de suas costas e a conduziu para o extremo mais escuro do pórtico. — Como se sente a respeito de confrontar esta atração entre nós?

Abriu muito os olhos. — Eu... Suponho que podemos admitir que esteja aí.

—E é cada vez mais forte. Ao menos para mim.

Ela se apoiou contra uma coluna e olhou para a estrada. — Está acontecendo muito rápido.

—Dúvidas que seja real?

Olhou-o. — Não. É real. Suficientemente real para sairmos feridos.

—Nunca te faria mal. Não intencionalmente.

—Já sei. — Ela colocou uma mão sobre seu peito. —Sinto-me... muito atraída por ti, Jean-Luc, mas estou tratando de não cometer enganos dos quais me arrependeria.

—Entendo-o. — Plantou uma mão em cada lado da coluna, fixando-a dentro. — Sei que devo resistir. Mas cada vez que está perto, não posso a não ser pensar no muito que te quero. — Beijou-lhe na frente. — Sigo recordando o bem que se sente em meus braços e quão doce é seu sabor. — Beijou-a na bochecha. — Recorda nosso primeiro beijo chérie? O do parque?

Os cantos de sua boca se curvaram. — Qual beijo? Beijamo-nos?

—Fundiu-se em meus braços, gemeu em minha boca. Provou-me com sua língua.

—OH. Esse beijo.

—E o fez de novo esta manhã.

—Bom, há algumas coisas que só tem que seguir fazendo até que as faça bem.

Sorriu. — Tem razão, Chérie. — Roçou seu pescoço com seus dedos. — Tudo no que posso pensar é em te beijar. Não posso trabalhar. Minha mente se tornou absolutamente inútil.

—Pobre bebê. — Ela inclinou a cabeça quando esfregou o nariz contra seu pescoço. — Não podemos te deixar ser inútil.



—Estou seguro de que encontraremos algo que possa fazer. — Tocou sua língua contra a pulsação artéria de seu pescoço. O aroma de seu sangue chispou através de ele.

—Como tentar me seduzir? - Ela parecia estar sem fôlego. Beijou o caminho para sua orelha.

—Não o tento. Estou-te seduzindo. — Desenhou o lóbulo de sua orelha dentro de sua boca e gemeu quando ela respondeu com um estremecimento. Chupando-o envolveu-a em seus braços. Suas mãos se deslizaram ao redor de seu pescoço. — Sim. — Sussurrou. Roçou-lhe a bochecha com seus lábios. — Quero-te assim.

—Já sei. — Soprou as palavras contra sua boca.

—Por que parece tão bem?

—Por que... Encaixamos. — Moldando sua boca contra a dela puxou-a com força contra ele. Encaixavam. Seus lábios eram perfeitos nos dele. Seus peitos se moviam contra seu peito na maneira correta. Percorreu suas mãos para baixo por suas costas. A parte baixa de suas costas se arqueou perfeitamente contra seu baixo ventre, seus quadris se enquadravam docemente contra sua virilha e seu ventre amorteceu sua dura ereção. Era perfeita em todos os sentidos. Como podia deixá-la ir? Talvez pudesse aprender a aceitá-lo como um vampiro. Talvez pudesse ter a aula de amor que Roman e Angus tinham encontrado. Talvez pudesse inclusive ter uma família. Um brilho de luz os golpeou enquanto um carro se deslizava sobre a estrada. Imediatamente a atraiu ao redor da coluna para a sombra.

—Acreditas que é Louie? - Sussurrou.

—Não. Não seria assim óbvio. — Jean-Luc viu o carro passar, a caminhonete de Heather e o seu BMW. Parou em seco ao passar a porta principal.

—É provavelmente um de seus admiradores da cidade.

—Não tenho admiradores, — murmurou.

—Então, quem era esse pequeno e ruidoso homem ao que tive que encharcar?

—O treinador Gunter. Ele é mais uma praga que um admirador. — Heather se torceu para jogar uma olhada ao redor da coluna, mas Jean-Luc a atraiu de novo para a sombra.

—Tome cuidado. — Entrecerrou os olhos quando um homem saiu do carro.

—Sim. Este está definitivamente apaixonado por ti.

—O que? - burlou-se ela.

—Heather, — gritou o homem da estrada. — Sei que estas aí!

—Cody? - Sussurrou com uma careta. — Meu ex não me quer. Odeia-me.

—Odeia o rechaço, — disse Jean-Luc em um sussurro. — Mas ainda te ama. Acredite-me, conheço os signos.

—Sério? - Dirigiu-lhe um olhar duvidoso.

—Vamos Heather - gritou Cody. — Vi-te no alpendre, beijando a esse homem.

—Ciumento, — sussurrou Jean-Luc.



—É notícia por toda a cidade. — Gritou Cody. — Todo mundo sabe que estão vivendo aqui. Sabem que estas convivendo com esse rico estrangeiro.

—Vou e o mato? - Perguntou Robby em voz baixa enquanto fechava a porta principal.

—Não, — Jean-Luc deu um passo fora das sombras para a luz da porta principal. — Está invadindo propriedade privada. Sugiro-lhe que se vá.

—Tenho direito a estar aqui! Têm a minha filha aí dentro. O que está fazendo com ela?

—Bethany está perfeitamente bem. — Heather se transladou à luz. — Pode recolhê-la no tempo que tem direito, na próxima sexta-feira. Agora vá para casa, Cody.

—Por quê? Assim pode foder com seu novo noivo? Não sabia que era uma maldita puta, Heather.

—Basta! - Jean-Luc derrubou todos seus poderes psíquicos na frente do Cody. O filho de puta se cambaleou para trás uns metros. *“Cada vez que amaldiçoe a Heather, se converterá em uma barata.”*

Cody se enrugou sobre o pavimento de tijolo.

Heather deu um passo adiante. — O que...?

—Deixa-o estar. — Jean-Luc lhe tocou o braço.

Cody se retorceu no caminho de entrada, logo se levantou e ficou de cócoras. — Sou uma barata, — chiou ele.

Heather ficou sem fôlego. — Não de novo.

Cody se arrastou para o BMW, e logo saltou por cima e se apressou através do capô. Jean-Luc se estremeceu ante o abuso que seu carro estava sofrendo. *“Não pode recolher a sua filha este fim de semana”.*

Cody foi pesadamente para seu carro. — Não posso recolher a minha filha este fim de semana. — Impulsionou-se através da janela aberta do condutor e caiu sobre ele.

—Está bêbado? - Heather fez uma careta quando o motor rugiu a vida. — Ele não deveria conduzir assim.

O carro saiu disparado para frente e ricocheteou contra a calçada na frente da garagem e logo virou de novo para a estrada.

“Conduza assim”, Jean-Luc entregou a mensagem psíquica, embora não estava seguro de que Cody pudesse conduzir em sua condição atual.

O carro deteve o bamboleio e tomou a entrada em linha reta.

Heather exalou um comprido suspiro. — Tornou-se louco. Graças a Deus que não quer a Bethany este fim de semana.

—Isso foi... diferente, — disse Robby detrás deles.

Jean-Luc olhou para trás para encontrar o olhar divertido do escocês. — Estão preparados para ir?

—Sim. — Robby baixou as escadas da entrada, com duas espadas. — Deixe-me checar o primeiro carro.



—É aqui. — Heather estudava a casa estilo rainha Ana iluminada pelos faróis do carro do Jean-Luc quando estacionou. Entre os espaçados arbustos de azáleas entre a cama de flores à frente, viu uma adega de pedra.

A casa de madeira de dois pisos estava em meio de um nada, mas fazia cinquenta anos tinha albergado a clientes de todo o estado. Um grande pôster perto da grande escalinata dizia “Chicken Ranch”, 1863. Heather assinalou um velho Chevy Empala no estacionamento, provavelmente o carro da senhora Bolton.

Heather recolheu a bolsa que continha a Glock da Fidelia e uma lanterna, e se reuniu com o Jean-Luc na calçada. Robby lhe entregou sua folha, e Jean-Luc a deslizou em uma bainha escondida debaixo de seu comprido casaco negro. Robby não se incomodou em ocultar a claymore atada a suas costas.

Heather negou com a cabeça enquanto subiam os degraus do alpendre. — A curadora não os vai deixar entrar com as espadas.

—Essa é a menor de minhas preocupações. — Jean-Luc bateu na porta.

Enquanto esperavam, Heather admirava o elaborado trabalho de “pão de gengibre”, de todo o alpendre coberto e os móveis de vime. — Mantiveram bem o lugar.

Jean-Luc voltou a chamar.

Heather franziu o cenho. — Disse que ia manter aberta.

Jean-Luc girou o pomo e a porta se abriu lentamente. — Manteve-a aberta.

Entrou no hall de entrada com pouca luz, seguido do Robby.

—Olá? - Chamou Heather e entrou na casa. Não houve resposta. Olhou a seu ao redor, reparando no tapete, os papéis, tapeçarias orientais e o piso de madeira. — Talvez esteja no quarto de banho.

Robby, obviamente, não acreditava em seu raciocínio prático, por isso tirou sua claymore.

Entrou na sala escura à direita, com a espada apertada em seu punho. Deteve-se bruscamente. — Senhor todo poderoso, — sussurrou.

—O que é? - Jean-Luc entrou correndo, logo se deteve.

Heather não podia ver o que estavam vendo, assim procurou ao longo da parede e acendeu o interruptor de luz. — Bom Deus.

A luz estava dirigida à parede do fundo, em uma pintura ao óleo gigante estendida através de cinco pés.

Uma vez que Heather o teve assimilado, não estranhou que Fidelia tivesse reconhecido esta pintura. Quem poderia esquecê-la? Uma curvilínea loira reclinada em uma cama de veludo, completamente nua enquanto se dava prazer a si mesma, uma mão em um peito gordinho e a outra



entre as pernas estendidas. A julgar pela expressão de sua cara, suas mãos podiam fazer milagres. — Mer... Isso não deixa muito à imaginação. — Agora Heather se fixou no resto da habitação. Camas de veludo vermelho como o da pintura se alinhavam nas paredes. Perguntou-se se as prostitutas tinham que representar a cena para que os clientes pagassem.

A cabeça de Robby estava inclinada enquanto estudava a pintura. — Suponho que seu propósito era ajudar a um homem a estar preparado.

Jean-Luc estava junto a ele, seu olhar também estava pego à pintura. — Isso tem sentido de um ponto de vista empresarial. Se os homens estiverem preparados para fazê-lo, então se pode mover aos clientes mais rapidamente.

—E ganhar mais dinheiro, — concluiu Robby.

—Olá? — Heather agitou uma mão diante de suas caras para chamar sua atenção. — Estamos procurando um maníaco homicida, recordam?

Robby se sacudiu como se saísse de um transe. — vou jogar uma olhada ao redor. — Voltou para o hall de entrada e subiu pela escada.

Heather jogou uma olhada à pintura, e logo franziu o cenho para o Jean-Luc. — Já terminou?

Torceu sua boca. — Sinto-me um pouco mal por ela. Todos os homens que passaram por aqui, e ainda assim, tem que encontrar o prazer por sua própria mão.

Heather encolheu os ombros. — Se quiser um trabalho bem feito, tem que fazê-lo você mesmo.

Ele arqueou uma sobrancelha. — Foi assim para ti?

Ela se burlou. — Não estava falando de mim mesma.

—Está segura? Seu ex não tem só três passos?

Heather sentiu que suas bochechas se esquentavam. — Pergunto-me o que aconteceu a senhora Bolton. — Dirigiu-se para uma porta fechada e chamou antes de abri-la.

—Olá?

—Permita-me. — Jean-Luc desembainhou sua folha, e logo entrou no primeiro quarto.

Heather percorreu a parede com sua mão e encontrou o interruptor. Uma aranha de cristal pequena estava pendurada no teto, rodeada por espelhos com um fio de ouro no marco ornamentado.

O espelho refletia a luz, fazendo que parte do teto faísasse, mas Heather suspeitava que o espelho tivesse outros fins, já que estava situado sobre um leito. As grandes janelas estavam cheias de cetim vermelho e renda. Papel tapeçaria vermelha com Cupidos negros, cobria as paredes. Um amplo escritório com gavetas estava na esquina.

—A sala da *Madame*, acredito. — Jean-Luc olhou dentro de um armário. — Embora pareça que fez alguns entretenimentos para si mesma.

—Sim. — Heather assinalou para um par de algemas colocadas através da cabeceira de ferro forjado do tabuleiro da cama. — Parece que tinha que estar ao comando todo o tempo.



Jean-Luc franziu o cenho. — Nunca poderia me submeter a isso. Eu não gosto de me sentir impotente.

Heather soprou. — Teria que confiar em que não te faria mal. — Ela fez uma careta. — Quero dizer, quem quer que seja que esteja contigo. — Seu rosto ficou quente.

Ele sorriu enquanto se aproximava lentamente. — Está-me convidando a sua cama, chérie?

—Não. Estava falando teoricamente. — Ela cruzou os braços. — Embora duvide que fosse necessário te encadear à cama.

—Não, não o seria. — Seus olhos brilhavam. — Mas eu necessitaria te encadear? Teoricamente falando.

Retirou-se o cabelo da frente úmida. Esta teoria era tão quente que queimava. — Preciso sentir que tenho o controle.

—Ah, agora me deste um desafio. — Ele deu um passo mais perto. — Para te fazer perder o controle.

Ela tragou saliva. — Acredito que nos estamos desviando do tema. Temos que encontrar à senhora Bolton. — Caminhou para outra porta. Jean-Luc a atravessou primeiro, e ela o seguiu. Parecia ser um salão menos formal, um lugar para que as mulheres se relaxassem quando estavam fora de serviço. Seguiram pelo vestíbulo e a habitação do lado, que era a cozinha. Ali encontraram à porta que dava ao porão. Robby se uniu a eles e insistiu em ir primeiro. Acendeu o interruptor de luz. Não passou se nada.

—Poderia ser um fusível queimado, — disse Jean-Luc. Heather recuperou a lanterna de sua bolsa e iluminou as escadas. Robby foi primeiro, seguido pelo Jean-Luc e Heather. Na parte inferior, com a lanterna iluminando ao redor, iluminou um pequeno armazém com prateleiras. A adega estava dividida, obviamente, em mais de uma habitação.

—Cheira isso? — Perguntou Robby em voz baixa.

—Sim. — Jean-Luc agarrou o braço da Heather. — Te vou levar de novo ao carro.

—O que? Por quê?

Ela viu o Robby entrar na habitação do lado. Farejou o ar, mas não podia cheirar nada mais que pó.

—Lui não está aqui, — disse Robby da habitação do lado. — Mas necessito a lanterna.

—Merde. — Jean-Luc envolveu seu braço esquerdo ao redor da Heather. — Fique comigo. — Ela se estremeceu, e a luz vacilou ao entrar na habitação do lado.

—A parede à esquerda, — ouviu-se a voz do Robby na escuridão. — Aí é onde cheira. — Dirigiu sua lanterna para a parede e ficou sem fôlego quando as letras em vermelho apareceram. Era uma mensagem, mas não estava em inglês.

—É francês. — Jean-Luc tomou sua lanterna e fez uma panorâmica através das palavras.

—Diz: *“Reunir-nos-emos no momento de minha escolha.” Assinado L.*

—Louie, — sussurrou Heather e deu um passo atrás. — Ele esteve aqui.



Robby se aproximou da parede e examinou as letras vermelhas. — Está fresca. — Com um grito de assombro, Heather se deu conta que não havia pintura na parede. Era sangue.

Sangre fresco. Deu um passo atrás, sua pele infestada de pele arrepiada.

—Deixou-nos uma mensagem. Sabia que vínhamos.

—Sim, — Jean-Luc continuou estudando a mensagem. A bÍlis subiu por sua garganta. De onde vinha todo este sangue? Deu um passo atrás e tropeçou.

—Aagh! - Caiu para trás e aterrissou em algo volumoso. Gritou de novo. Jean-Luc passou rapidamente o feixe da lanterna sobre ela. E o corpo morto. — OH, Deus meu! - Ela se afastou. O corpo de uma mulher jazia no chão do porão, com a garganta cortada. Jean-Luc e Robby se precipitaram para frente. Heather colocou uma mão sobre sua boca. Jean-Luc a agarrou. Tudo se voltou negro em um segundo, piscou náuseas e enjoos. Uma brisa soprou sobre seu rosto, e se deu conta que estava no estacionamento junto ao BMW do Jean-Luc. Deve ter desmaiado durante um minuto porque não podia recordar como chegou ali.

—Vamos para casa, — disse Jean-Luc colocando-a no carro. Com mãos trementes, ela deixou cair sua bolsa no piso. A pobre senhora Bolton. Converteu-se na primeira vítima do Louie no Texas. Com um estremecimento, Heather se deu conta de que tinha pensado na “primeira” palavra. Não podia deixar que Louie matasse de novo. Especialmente quando ela e sua filha estavam em sua lista

Capítulo 17

De volta em casa, Jean-Luc passeava pelo corredor fora da cozinha. Nunca mais.

Não importava quanto suplicasse Heather com seus bonitos olhos verdes, não a levaria em outra caçada. Não quando Lui deixava cadáveres detrás.

Merde. Havia muito sangue na parede. O aroma tinha sido tão poderoso, que não tinha detectado o cadáver no chão.

Heather se apressou a descer pela escada de serviço. Seu rosto estava pálido, e seu olhar revooou ao redor com nervosismo.

—Está tudo bem? - Perguntou.

—Sim. Bethany está dormindo, e Fidelia lê. Deu conta que algo andava mal, mas eu não queria falar disso.

Heather se dirigiu para a cozinha, e Jean-Luc a seguiu. — Não quero nem sequer pensar nisso. — Lavou as mãos na pia, e logo as secou com uma toalha. — Foi tão horrível.

—Não a devia ter deixado ir. — Serviu-lhe um copo de água. — Aqui. A menos que deseje algo mais forte.



—Isto está bem. — Ela tragou a metade do copo. — Fidelia estava certa. Louie estava escondido ali no porão.

—*Oui*. Mas já se moveu, e não sabemos onde.

—A pobre senhora Bolton. — Heather estremeceu. — Não entendo. Por que ia deixar que um assassino horripilante se instalasse no porão de sua casa? Estava ameaçando-a ou enganando-a de algum jeito?

Jean-Luc franziu o cenho. Ele teria que divulgar certa informação. — Lui provavelmente a controlou. Ele é perito na manipulação de mentes.

Os olhos do Heather se abriram. — Então Fidelia estava novamente certa. É psíquico.

—Sim. Usa às pessoas e logo se desfaz delas. — Com um gole, Jean-Luc se deu conta de que era hora de lhe dizer mais. Se queria que sua relação avançasse e durasse, e o fazia, então tinha que ser honesto com ela. Seu coração se acelerou. E se o rechaçava? Teria que ser muito cuidadoso.

Não podia deixá-la escapar e enfrentar ao Lui sozinha.

Ela suspirou. — Sei que Robby já chamou a Billy, mas temo falar com ele. Não quero voltar a viver essa cena horrível de novo. — Ela abriu o grifo e se enxaguou as mãos uma vez mais.

—Heather. — Ele fechou o grifo. — Não pode fazer que se vá.

Seus olhos brilhavam com lágrimas, e suas mãos tremiam enquanto as secava. — Estou tentando ser valente, mas sigo recordando seu corpo. Eu só quero que tudo se vá.

A porta da cozinha se abriu, e Robby olhou em seu interior. — O xerife está lá fora.

Heather esperou nas escadas, tamborilando seus dedos nas coxas. Billy estava ainda em seu carro de patrulha, tomando seu tempo. Manuseava através de seu bloco de papel de notas. Logo selecionou um palito de dentes novo de um dispensador de plástico.

Ela gemeu, fechando os olhos brevemente.

—Está bem, — disse Jean-Luc sussurrando a seu lado. — O xerife está declarando o controle da situação fazendo que esperemos.

Apertou os punhos para manter as mãos quietas. Já não podia duvidar que Louie fora um assassino. Não tinha nenhum respeito por qualquer vida humana.

Robby se colocou ao outro lado dela.

—Não deixaremos que alguém te danifique, moça.

Era realmente muito afortunada. Havia dois homens valentes que lutariam até a morte para mantê-la a salvo. Por não falar dos outros guardas e Fidelia.

Não estava sozinha como a pobre senhora Bolton. A lembrança de seu cadáver enviou outro tremor ao espinho de Heather.

Billy finalmente pôs o chapéu sobre sua cabeça e saiu do carro. — Boas noites, gente. — Fechou a porta do carro, continuando, girou ao redor do carro patrulha para parar no centro da faixa de rodagem. — Agora, algum de vocês chamou sobre um cadáver?

—Esse fui eu, Robby MacKay.



Billy o olhou. — Você é estrangeiro, também?

— Sim, da Escócia. Olhou já o corpo?

— Vou fazer as perguntas por aqui. — Billy pegou a caderneta e o lápis de seu bolso.

— Agora, onde exatamente está o cadáver? - Olhou ao Jean-Luc. — Não é outro esquilo, não?

— É a senhora Bolton. — Heather olhou ao Billy. — É a curadora do Museu do *Chicken Ranch*.

Encontrara-a... No porão. — As lágrimas encheram seus olhos quando a imagem espantosa encheu sua mente.

— O que estava fazendo no *Chicken Ranch*, Heather? - Perguntou Billy.

Ela respirou fundo, disposta afastar as lágrimas e a imagem. — Fidelia nos enviou ali. Ela teve uma visão.

— Estivemos procurando o homem que prendeu fogo à casa do Heather, — explicou Jean-Luc.

— Fidelia pensava que se escondia no *Chicken Ranch*, assim...

— Foi lá? - Interrompeu Billy, as aletas de seu nariz ondularam. — Deveria me ter chamado!

— Não havia forma de saber se a visão da Fidelia era correta, — disse Heather.

— Isso não importa. — Billy deu um passo para ela, assinalando-a com o dedo no ar. — Não deve fazer sua própria investigação. Deve me chamar. — Olhou aos dois homens que a flanqueavam. — Se algo tivesse acontecido a Heather, diria que os dois são responsáveis.

— Estamos-la protegendo, — disse Jean-Luc com os dentes apertados.

— Esse não é seu trabalho. — Billy lançou seu palito ao chão. — Assim está dizendo que o mesmo que incendiou a casa do Heather acaba de matar a senhora Bolton?

— Sim. — respondeu Robby.

Billy fez algumas notas em seu bloco de papel. — Alguma ideia de quem é este tipo?

— Não sei seu nome, mas assassinou antes, — disse Jean-Luc. — Na França.

— Merda. Outro estrangeiro. — Billy franziu o cenho. — Como é que a polícia francesa deixou escapar a este tipo?

Jean-Luc suspirou. — Ninguém sabe quem é. Ameaçou a Heather, e juramos protegê-la.

— Whoa! - Billy levantou uma mão. — Heather, se estiver em sua lista negra, tenho que te colocar imediatamente sob custódia de amparo.

— E onde poria a Bethany e a mim? - Perguntou Heather. — Vocês não estão equipados para este tipo de coisas.

— Já me ocorrerá algo, — disse Billy. — Sempre existe o cárcere.

— Não! - Heather fez uma careta. — Eu não vou pôr a Bethany no cárcere. Estamos a salvo aqui.

Billy entrecerrou os olhos. — Está segura disso? Parece-me que seus problemas começaram quando conheceu Sr. Sharp.

— Tenho cinco guardas, incluindo o Robby, e um sistema de alarme excelente, — declarou Jean-Luc. — Posso manter a Heather e a sua família a salvo.



Billy franziu o cenho, logo se voltou para a Heather. — É isto o que quer? Quer confiar sua vida a este estrangeiro?

—Sim. — Heather se sentiu surpreendida de que tivesse respondido com tanta facilidade. Apesar de que havia coisas que não sabia sobre o Jean-Luc, realmente confiava nele. Ela o olhou e viu o alívio em seu rosto.

—Preciso falar contigo a sós. — Billy se retirou para o seu carro de patrulha e esperou que ela se unisse a ele.

Baixou as escadas e atravessou a estrada. — O que é?

Ele olhou ao Robby e Jean-Luc e baixou a voz. — Você só os conhece a uns quantos dias. Está segura de que pode confiar neles?

—Sim.

Billy lhe dirigiu um olhar duvidoso. — Não estou seguro de que está pensando com clareza. Está aqui por sua própria vontade? Não está sendo forçada de alguma maneira?

—Não. Na verdade este é o lugar mais seguro para a Bethany e para mim.

Billy franziu o cenho. — Bom, a mãe está olhando como um falcão.

Heather olhou para trás. Jean-Luc os observava com atenção. — Ele se preocupa comigo.

—Há algo nele que não é de confiança.

—Billy, não confia em nenhum estrangeiro. De fato, você não gosta de ninguém que não seja um nativo do Texas.

—Bom, sim, isso é certo. — Deu volta à folha em seu bloco de papel de notas. — Vou dar meu número privado de telefone celular. Pode chamar a qualquer hora, de dia ou de noite, e venho correndo.

—Está bem. — Aceitou o papel.

—Digo-o a sério, Heather. Falhei-te antes. Não vou fazê-lo de novo.

As lágrimas voltaram para seus olhos. — Obrigada.

—Tenho que ir ver esse cadáver, mas vou voltar mais tarde com mais perguntas.

Assentiu com a cabeça. — Entendo-o.

Ele pôs uma mão em seu ombro. — Toma-o com calma.

—Obrigada. — Heather se voltou de novo para a casa, enquanto que Billy dava volta ao seu carro de patrulha. No momento em que chegou ao pórtico, seu automóvel se foi.

—Está bem? — Jean-Luc tomou seu cotovelo quando a acompanhou de novo pelo corredor da entrada.

—Estou cansada. — Heather esfregou os olhos. — Mas estou muito nervosa para dormir, e Billy poderia voltar com mais perguntas.

—Você gostaria de ver meu escritório? Poderíamos estar sozinhos e falar.



Falar? Ele ia terminar beijando-a outra vez, e tão formoso como soava, não queria jogar-se sobre ele para afastar sua mente do cadáver. — Não, não esta noite. Gostaria de estar sozinha por um momento. Acredito que vou trabalhar um pouco. — Dirigiu-se para o escritório de desenho.

—Deixar-te-ei entrar. — Ele caminhou a seu lado. — Heather, não quero que se sintas... Apanhada aqui. Sei que este é o lugar mais seguro para ti, mas se quer deixá-lo...

Tocou-lhe o braço. — Fico aqui.

—Bem. — Perguntou-se se tinha escutado sua conversação com o Billy. Se for assim, tinha um excelente ouvido.

Pressionou o teclado e abriu a porta para ela. — Estarei em meu escritório se me necessitar. E Robby no escritório de segurança.

—Vou estar bem, obrigada.

Com um olhar triste, tocou-lhe a bochecha, e logo se afastou.

Heather serpenteava a mesa de trabalho e olhava sobre seus esboços. Tomou algumas respirações profundas e tratou de afastar todas as lembranças desventuradas.

Somente um pouco de tempo, necessitava um escapamento. Precisava criar algo formoso.

Selecionou o desenho que queria fazer e o primeiro tecido, uma gaze de seda azul rei.

Logo foi trabalhar no padrão. Depois de umas horas, tinha um com o que estava feliz. Cortou o material.

—Sra. Westfield? - Robby apareceu na porta. — Sua filha acaba de descer pelas escadas. Jean-Luc a levou a cozinha. Pensei que gostaria de saber.

—Sim. Obrigada. — Heather se apressou pelo corredor e acompanhou ao Robby através da sala de exposição.

—Vi-a passar pela câmara fora do escritório do Jean-Luc, — explicou Robby. — O chamei, e ele a ajudou a baixar as escadas e entrar na cozinha. Espero que não lhe importe.

—Não, absolutamente. Alegro-me de que alguém estivesse acordado para cuidar dela.

—Se me necessitar, vou estar aqui. — Robby ficou no escritório de segurança.

—Boa noite. — Heather seguiu para a cozinha e abriu a porta sem fazer ruído.

Ouviu a voz de Bethany.

—Vou ser Barbie, e você pode ser o crocodilo.

—Muito bem - respondeu Jean-Luc em voz baixa.

—O que está fazendo? - Perguntou Bethany.

—Está fazendo uma reverência. "*Bom dia, senhora.*"

Bethany riu. — Os crocodilos não se arqueiam.

—Deveriam quando conhecem uma princesa.

Bethany riu um pouco mais. — É como o arco que faz quando me vê.

—Porque é uma princesa. Esta casa não tinha uma princesa até que você chegou.

O coração do Heather se ampliou. Que coisa mais doce acabava de dizer!



—Já sei! - Bethany soava emocionada. — Vamos supor que eu sou a princesa, e o crocodilo é uma rã.

—Ribbit, — grunhiu Jean-Luc.

Bethany explodiu em risadas. Heather sorriu para si.

—E então a princesa beija ao sapo. — Bethany fez um estalo forte. — E ele se converte em um príncipe. E agora, estão apaixonados para sempre.

Houve uma pausa, e Heather esperou escutar o que Jean-Luc diria.

Sua voz soou baixa e tensa. — Pode a formosa donzela amá-lo quando é... Uma feia criatura?

Heather quase gritou que sim. Mas sem dúvida Jean-Luc não se referia a si mesmo. Não era uma criatura. Era formoso e doce. O homem mais perfeito que jamais tinha conhecido. Não tinha sentido negá-lo por mais tempo. Apaixonou-se por ele.

—Eu acredito que sim, — respondeu Bethany séria. — *A Princesa Fiona* se apaixonou pelo *Shrek*, e é um ogro verde.

Heather sorriu com orgulho sobre sua brilhante filha.

—Não ouvi falar deste Shrek, — disse Jean-Luc.

—Não conhece o Shrek? - Bethany soava surpreendida. — Tenho-o em casa. Pode vê-lo comigo.

—Eu gostaria disso, — respondeu Jean-Luc.

Heather fechou a porta com um ruído surdo. — Olá? - Ela caminhava pela zona de estar e se deteve na mesa da cozinha.

—Mamãe! - Bethany saltou para ela. — Despertei e não estava na cama comigo.

—Sinto muito. — Ajoelhou-se para abraçar a sua filha. — Estava trabalhando até tarde.

Jean-Luc parou. — Dava-lhe um pouco de leite e bolachas. Espero que não te importe.

—Não, — sorriu-lhe. — É um amor.

O canto de sua boca se levantou, e seus olhos brilhavam de emoção. E, entretanto, parecia ter perdido as palavras. Heather encheu seu coração de amor e nostalgia.

A porta se abriu detrás deles, e Robby falou, — O oficial está de volta. Quer entrevistar a cada um de nós em separado.

—Eu vou primeiro. — Jean-Luc se dirigiu para a porta.

—Vamos, carinho. — Heather conduziu a sua filha para a porta, também. — Vamos voltar para a cama.

Levou a Bethany a seu dormitório e lhe leu um livro até que adormeceu.

Heather olhou o relógio. Pouco depois das 3 a.m. meu Deus, esta noite era interminável. Bocejando, baixou as escadas e encontrou o Billy esperando. Depois de trinta minutos de perguntas, feitas por ele, Robby o escoltou fora do edifício.

Com um suspiro, Heather se dirigiu às escadas. Finalmente, conseguiria um pouco de sono. Ouviu a música e se deteve a escutar. Música clássica. Ela se arrastou para a porta do porão e apertou a orelha contra ela. Um piano e clavicórdio.



—Posso lhe ajudar? - Robby caminhou para ela.

—Só ia para a cama. Boa noite. — Continuou até a escada do fundo para seu dormitório. Por que havia tanta gente no porão, quando a ela e sua família lhes fechavam a porta? O que era o que ocultava Jean-Luc? Um broto de cólera se apoderou dela.

Confiava nele com sua vida e com a vida da Bethany e da Fidelia. Por que não podia confiar nela?

Sabia que estava apaixonada por ele. Se queria ter uma relação bem-sucedida, não podia haver segredos entre eles. E se ele não ia revelar lhe seus segredos, descobri-los-ia por sua conta.

Nada a deteria. Especialmente o medo.

Capítulo 18

Olhos vermelhos brilhantes, perigo, brilho de brancos dentes rangendo. O cadáver da senhora Bolton estendido no chão. Heather despertou bruscamente.

—Mamãe, está bem? - Bethany estava perto da cama, os olhos muito abertos por a preocupação.

Heather respirou fundo. — Foi só um mau sonho. — A advertência da Fidelia a respeito de os brilhantes olhos vermelhos se filtrou em seus próprios sonhos e lembranças.

—Está bem? - Fidelia se sentou em sua cama, atando os cordões dos sapatos. Ela e Bethany já estavam vestidas.

—Estou bem. — Heather olhou o relógio junto à cama. Dez minutos depois das dez. — Fiquei dormindo até tarde. — Não a surpreendia, já que tinha ficado acordada até a madrugada. — Tiveste outro sonho? - Perguntou a Fidelia em voz baixa.

A mulher mais velha franziu o cenho e gesticulou com a boca a palavra fogo.

Fogo? Heather arqueou as sobrancelhas. Ela queria saber mais, mas não queria falar de isso frente à Bethany.

A menina correu para a porta. — Tenho fome.

—Vamos tomar o café da manhã. — Disse Fidelia ao sair.

—Era mau? - Perguntou Heather em voz baixa quando Fidelia estava fechando a porta. — O fogo?

Fidelia estremeceu. — Inferno. — E fechou a porta.

Inferno? Heather estremeceu. Esse era o plano do Louie? Prender a casa em chamas e matá-los a todos? Tomou banho, vestiu-se e foi à cozinha para um café da manhã rápido.

Depois, pediu ao Pierre que a deixasse entrar no escritório de desenho. — Abri-las-ia eu mesma se soubesse a combinação.



Pierre se apoiou nas portas abertas. — Perguntá-lo-ei ao Robby. Ninguém pode usar a combinação sem sua permissão.

—Já vejo. — Odiava as portas fechadas tanto quanto todas as câmeras de vigilância que estavam instaladas, mas não podia fazer nada. Entrou na sala e se deteve frente à mesa de trabalho. Por um segundo, não podia acreditar o que via. Piscou. Não, era real.

Sobre a mesa, seus esboços estavam rasgados em dois. A seda azul rei de gaze que tinha talhado tão cuidadosamente a noite anterior estava esfaqueada e mutilada. Ela gritou.

—*Madame?* - Pierre entrou na habitação. — Está bem?

Assinalou à destruição. — Meu trabalho.

—O que tem de mau? - Phil também chegou a seu encontro.

—Meu trabalho foi destruído. — Gemeu Heather. — Há tantos guardas nesta casa, e tantas condenadas câmeras. Por que ninguém viu isto?

—Não há câmeras aqui, — explicou Phil. — Estamo-las instalando neste momento.

—Quem faria algo tão mau? - Pierre agarrou duas metades de um esboço.

Phil franziu o cenho. — Quem tem mais a ganhar com isso.

Heather respirou profundamente. Alberto. Ele não queria que fizesse os desenhos para Jean-Luc. — Preciso falar com o Alberto.

—Acreditas que ele o fez? - Perguntou-lhe Pierre. — Conheço o Alberto há anos. Não acredito que o fizesse. Mas não se preocupe. Vamos investigar o assunto a fundo.

—Não voltará a acontecer, — assegurou-lhe Phil.

Heather assentiu com a cabeça.

Phil e Pierre foram-se, e ela ficou ali, olhando a destruição. Poderia Alberto realmente ter feito isto? Pelo menos havia um montão de gaze de seda ainda no parafuso. Teria que cortar um vestido novo. Se começava agora, poderia estar costurado para o meio-dia.

Alisou o material restante de cor azul na segunda mesa de trabalho, em seguida, acomodou as peças do padrão sobre ela.

—Buongiorno. — Alberto entrou na habitação. — Pierre disse que queria ver-me?

Heather respirou fundo para manter a calma. — O que sabe você disto? - Fez um gesto para a mesa detrás dela.

—OH, Meu deus! O que aconteceu? - Ele se aproximou para um olhar mais atento.

—Esperava que me dissesse isso.

Agarrou uma parte de tecido recortado. — Isto é terrível!

Ela o olhou. — Claro que o é.

Seus olhos se abriram de repente, e o material deslizou de seus dedos.

—Pensa que eu...? - O soprou com indignação. — Não tenho nenhuma necessidade de recorrer a isto. Sua linha de roupa falhará estrepitosamente por sua própria conta.



Heather vacilou. Parecia realmente ofendido. Mas se Alberto não tinha feito isto, então quem? - OH, é óbvio. As modelos. Simone e Helga...

—Inga. — Disse Alberto, esfregando seu pescoço sobre o raspão vermelho. — Elas não controlam bem sua ira.

—Pode dizê-lo outra vez. Qual é seu problema?

Alberto fez uma careta. — Por favor. Não diga ao Jean-Luc. Ele já está zangado com elas. As despedirá, seguramente.

—Merecem ser despedidas.

—Não! Por favor. Isso as destruiria.

Heather soprou. — São *Top model*. Poderiam trabalhar em qualquer lugar.

—Não, não podem. Jean-Luc é o único que as contrataria. Ele... ele entende... Seu problema. Tem uma, né, incapacidade.

—Assim é. Dava-me conta disso à primeira vista.

Seus olhos se aumentaram. — Sério?

—OH, sim. Chama-se cadela *psicopata*.

—Não! Elas... não podem sair ao sol. A maioria dos desenhistas não toleraria isso.

—Quer dizer que são alérgicas ao sol?

Alberto encolheu os ombros. — Pode-se dizer que sim. Imagine... não poder fazer sessões de fotos na praia. Nenhum outro desenhista as contrataria. Vão estar completamente arruinadas se Jean-Luc as despede.

Heather não pôde sentir nenhum pinga de simpatia. — Deveriam ter pensado nisso antes de voltarem-se loucas.

—Sentem-se ameaçadas por você. Jean-Luc nunca mostrou tanto interesse em outra mulher.

—Sério? - Estava começando a sentir-se um pouco magnânima agora. — Quer dizer que não teve uma longa lista de noivas?

—Não, absolutamente. Manteve-se afastado das mulheres durante anos. Mas isso modificou-se agora que a conheceu.

—O que acontece às outras garotas que Louie assassinou?

Alberto fez uma careta. — Isso já faz muito tempo.

Ela apostava que o era. Voltava para sua teoria de imortal.

Alberto apertou as palmas juntas. — Por favor, não diga ao Jean-Luc a respeito disto. Vou falar com elas. Assegurar-me-ei de que não lhes causem problemas de novo.

—Pode fazer que se comportem? - Ela deu um olhar duvidoso ao raspão no pescoço de Alberto.

—Se desejarem vestir meus vestidos no espetáculo, vão ter que fazer o que lhes peço. E a ajudarei. — Ele fez um gesto à mesa onde estava a ponto de voltar para cortar o vestido. —Mostrar-lhe-ei a maneira de cortar a saia na diagonal. Vai melhorar a fluidez quando a modelo caminhe pela pista.



—Isso seria genial. Obrigada.

—E estes esboços. — Tomou duas metades. — Eles nunca ficarão tão bons, mas pode pegá-los de novo e fazer cópias. De fato, deveria fazer cópias de tudo o que cria. Há uma copiadora excelente no escritório do Jean-Luc. Deveria usá-la.

—Eu não gostaria de incomodá-lo.

Alberto pôs-se a rir. — Ele não está ali durante o dia.

—Então, onde está?

Alberto tragou saliva visivelmente. — Ele está... Longe. — Ele agitou uma mão vagamente no ar. — Em um negócio.

—Onde?

—Vou dar-lhe a combinação, assim pode entrar em seu escritório, — apressou-se Alberto com suas palavras.

—Quatorze e oitenta e cinco. Não pergunte o significado. E é o mesmo número para o teclado desta sala.

—Sério? - Por isso eram tão resistentes a lhe dizer a combinação? Quantos teclados utilizavam o mesmo número?

—É um trato? - Perguntou Alberto. — Não dirá ao Jean-Luc o que Simone e Inga fizeram?

—Não, vou deixar o passar.

—Por favor, não diga a ninguém que lhe disse a combinação.

—Meus lábios estão selados. — Tinha encontrado um novo, inverossímil aliado. Alberto passou às duas horas seguintes ajudando-a a cortar o primeiro vestido, e sabia que era uma melhora com respeito ao que tinha talhado a noite anterior.

—Obrigada. — Ela recolheu os restos para atirar. — Gostaria de unir-se a nós para o almoço?

—Sinto muito, mas não posso. Vou encontrar-me com a Sasha para um almoço tardio.

—Não sabia que ela estava de volta na cidade.

Alberto franziu o cenho. — Não sabia que a tinha deixado.

—Foi no domingo. Ao Santo Antonio a algum balneário de luxo.

—Fizemos a entrevista no sábado passado. — Aproximou-se da porta, com o cenho franzido. — Espero que não a tenha esquecido.

—Não se preocupam as loucas da Simone e Inga? - Heather fez uma careta. Ela não devia ter perguntado. Não era seu negócio se Alberto fazia malabarismos com as três mulheres. Mas quando uma delas era sua velha amiga de secundária e as outras duas eram *psico-mulheres*, isto poderia voltar-se turvo rapidamente.

—Não saberão. — Alberto fez uma pausa na porta. — Não tenho nenhuma oportunidade com elas, de verdade. Deveria deixá-lo ir, mas têm algum tipo de poder sobre mim.

Heather levantou as sobrancelhas. — Espera! Como um feitiço? - E se as *psico-cadelas* eram em realidade *psico-bruxas*?



Suspirou. — Elas são... Diferentes. Nada bom pode vir de meu entusiasmo.

—Isso provavelmente é certo.

Deu-lhe um olhar de preocupação. — Deve tomar cuidado, também. Devo muito ao Jean-Luc. É um homem com classe e talento, mas... Deve permanecer longe dele. Se puder. — Alberto saiu correndo da sala antes que pudesse responder ou inclusive recuperar do choque.

Heather passou a tarde costurando, enquanto que Pierre e Phil instalavam duas câmeras de vigilância no escritório. A estranha advertência do Alberto se repetia em sua mente. Se admirava ao Jean-Luc, por que teria que adverti-la sobre ele? O que sabia que ela não? E qual era a importância do quatorze e oitenta e cinco? Uma data de nascimento?

Estremeceu-se. É óbvio que não. Sua mente criativa estava trabalhando horas extras.

Phil e Pierre se uniram a elas na cozinha para o jantar. Os fornecimentos de mantimentos se estavam esgotando, por isso Pierre se ofereceu a correr à loja. Desde que Alberto tinha tomado o BMW para ir ao encontro com Sasha, Heather entregou ao menino as chaves de sua caminhonete, junto com uma lista de compras.

Fidelia estava recolhendo a mesa quando se deteve de repente. Um prato caiu de sua mão e se estrelou no chão.

—O que? - Heather saltou a seus pés.

Fidelia disparou ao Phil um olhar de pânico. — Detenha-o! Agora!

Phil correu pelo corredor e saiu pela porta principal. Heather correu atrás dele e acabava de chegar à porta quando uma forte explosão a golpeou de volta. Seu coração se lançou até a garganta. Com um zumbido nos ouvidos, recuperou o equilíbrio e cambaleou até fora. Deteve-se.

Sua caminhonete estava envolta em um grande incêndio. As chamas se disparavam para cima. *Pierre*. Uma onda de náuseas bateu sobre ela.

Phil estava no caminho da entrada, com os punhos apertados. Deixou-se cair de joelhos, inclinou a cabeça para trás, e rugiu. Soava estranho através do zumbido em seus ouvidos. O intenso calor do fogo lhe golpeou as costas, e ela tropeçou com o marco da porta.

—Mãe?

Ela fechou a porta e se apoiou contra ela. Pontos negros piscavam ante seus olhos, e não podia pensar em nada que dizer.

Bethany saltou para a porta principal. — Aonde vai todo mundo? Posso ir também?

Heather tragou uma onda de bile e negou com a cabeça.

Fidelia entrou na sala, abraçando sua bolsa contra seu peito. Seus olhos brilhavam com lágrimas. — Foi muito tarde?

Heather tinha a visão imprecisa pelas lágrimas. — Foi tal como o sonhou. *Inferno*.

Capítulo 19



Jean-Luc se sentou atrás da secretária de seu escritório, olhando ao vazio. De vez em quando, Robby caminhava aos trancos através de sua linha de visão, mas apenas o notava. As vozes na habitação zumbiam como um molesto enxame de abelhas.

Devia estar em estado de choque. Nunca se sentiu assim durante a batalha. Sempre foi depois da batalha que se sentia insensível.

Robby golpeou uma garrafa do *Blissky* em seu escritório e lhe sugeriu um copo. Jean-Luc estudou a garrafa em silêncio. A mescla de sangue sintético e o uísque escocês não resolveriam nada. Não traria Pierre de volta à vida. Não lhe tiraria a dor ou a culpa.

Todos os homens da habitação estavam agitados, suas vozes altas, seus braços agitando-se. Piscou quando o punho do Robby golpeou em seu escritório. A garrafa do *Blissky* saltou.

—Como pôde esquecer comprovar a caminhonete? - Gritou Robby. — Pensei que o havia treinado melhor que isso.

—Estou seguro de que o fez. — Ian tomou um gole de seu copo do *Blissky*. — Não deveria te culpar a ti mesmo.

—Deveria tê-lo comprovado eu mesmo. — Phil se desabou em uma cadeira e pressionou o talão de suas mãos nas têmporas. — Posso cheirar explosivos. Deveria ter comprovado o maldito caminhão.

Isso cravou a névoa na cabeça do Jean-Luc. Phil podia cheirar uma bomba?

—Pierre deveria sabê-lo melhor, — Robby murmurou enquanto passeava pela habitação.

—Maldição! - Ele deu um murro na mesa de novo. O *Blissky* cambaleava perto do bordo.

Ian agarrou a garrafa e voltou a encher seu copo. — Onde estava o BMW?

—Alberto o tinha, — explicou Phil. — Voltou por volta das sete. Tinha um encontro com essa modelo, Sasha, mas o plantou. Estava molesto, assim foi às compras a São Antonio.

Jean-Luc se recostou em sua poltrona e fechou os olhos. Não queria escutar isto. Queria estar com a Heather. Como o estava fazendo? Teria se dado conta de que a bomba tinha estado destinada a ela? Estava lutando contra o medo sozinha? Logo que tinha ouvido as notícias, tinha tentado vê-la. Precisava saber se estava bem. Tinha que ver se Bethany estava bem. Precisava tranquilizar a Heather, lhe dizer que estariam protegidas, que Lui morreria por seu crime.

Dois passos para a cozinha, e tinha sido recebido com uma Glock apontada a sua cara. Fidelia lhe tinha pedido cortesmente que se fora. Não se aceitavam visitantes.

Tinha captado só uma olhada da Heather, sentada no sofá com sua filha. Negou-se a olhá-lo sequer.

Culpava-o, sem dúvida. Ela e sua família estavam em grave perigo por sua causa. E estava provavelmente zangada porque se apresentou três horas depois da explosão. Em seu momento de necessidade, tinha estado morto para o mundo. A terrível sensação de impotência se deslizou outra



vez. Era a pior parte de ser um vampiro, sendo totalmente impotente durante o dia. Se Heather o necessitava então, falhar-lhe-ia.

Abriu os olhos. — Como está Heather?

—Perguntava porquê nenhum de vocês estava ali, — disse Phil. — Disse-lhe que todos estavam de viagem de negócios, mas parecia suspeitar. Ela insistiu em que chamasse os bombeiros e o oficial. Depois de que o fogo foi extinto, o xerife insistiu em que se fosse com ele, mas se negou.

Graças a Deus. Jean-Luc respirou fundo. Esperava que isto significasse que ainda confiava nele. Ou talvez estivesse confiando nas armas da Fidelia. Ficou de pé e transladou-se à janela que dava à sala de exposição. — Estou farto de que a gente morra por mim.

—Lui é o assassino, não você, — queixou-se Robby. — Vou chamar à mãe do Pierre e...

—Não, — disse Jean-Luc. — Eu o farei. — E se asseguraria que à família do Pierre nunca lhes faltasse nada. — Por que estamos aqui? Devemos custodiar a Heather.

—Ela está bem, — disse Robby. — Phineas a está vigiando. E sabe que se Lui se teletransporta dentro do edifício, vai ativar um alarme. Todos estaríamos sobre ele.

Jean-Luc estabeleceu o passo através da sala. — Necessitamos um plano. Necessitamos mais guardas.

—Pedi mais, — assegurou-lhe Robby. — Infelizmente, Angus está utilizando cada um na busca de Casimir.

—Estou só durante o dia. — Phil se sentou para frente e apoiou os cotovelos nos joelhos.

—A menos que conte com a Fidelia e suas armas.

—Posso ajudar com isso. — Ian recuperou um frasco de seu sporran. — Roman me deu um montão deles. É a fórmula que mantém um vampiro acordado durante o dia.

Robby se aproximou para olhar o líquido esverdeado. — Pensei que Roman tinha proibido essas coisas.

—Eu também acreditava, — disse Jean-Luc. — Por cada dia que o usou, envelheceu um ano inteiro.

—Sim, fê-lo. — Ian elevou o queixo. — Mas me ofereci a prová-lo para ele.

Jean-Luc franziu o cenho. — Acredito que queira parecer mais velho, mas não te quero experimentando contigo mesmo.

—Não necessito de um tutor, Jean-Luc. — Ian deixou o frasco de novo em seu sporran. — Tenho quatrocentos e oitenta anos de idade. Posso tomar uma maldita decisão por mim mesmo.

Jean-Luc suspirou. Não podia proibir o uso desta droga ao Ian, mas ainda não gostava. — Há algum efeito secundário?

—O cabelo do Roman se voltou cinza nas têmporas, isso é tudo, — murmurou Ian. — Estou-o fazendo. Vocês não podem me deter.

—Muito bem. — Jean-Luc se sentou na esquina de seu escritório. — Temos que fechar o lugar por completo.



—Estou de acordo. — Robby voltou para seu ritmo. — Sempre devemos mantê-las juntas. Vai ser mais fácil protegê-las dessa maneira.

Jean-Luc assentiu com a cabeça. — Vamos cancelar o show de caridade. — Sabia que incomodaria ao Alberto e Heather, mas mais valia acautelar que curar. — Lui definitivamente fará um movimento então.

Robby se deteve. — Talvez deversem deixá-lo.

Jean-Luc meneou a cabeça. — Não quero usar a Heather como isca.

—Mantemo-la rodeada e segura, — insistiu Robby. — Prefere à alternativa? Ficar encerrados aqui como um rebanho de ovelhas assustadas?

—Vamos seguir buscando-o, — disse Jean-Luc. — Fidelia descobriu que estava escondido no *Chicken Ranch*. Talvez o possa encontrá-lo de novo.

—Tentou isso antes, — disse Phil. — Antes que vocês meninos despertassem. Estava tão molesta sobre o Pierre, jurou que encontraria ao Lui e o encheria de balas. Dava-lhe a espada e a bengala.

—O que viu? - Perguntou Jean-Luc.

—Nada. — Phil se encolheu de ombros. — Disse que se foi. Estava muito longe para alcançá-lo.

Jean-Luc passeava pelo quarto, digerindo esta informação. Poderia Lui realmente ter-se ido? Matar a curadora do museu e ao Pierre foi suficiente para satisfazer sua necessidade de vingança? Mas Lui tinha ameaçado a Heather e a ele. De fato, Lui tinha afirmado que Casimir lhe pagaria uma pequena fortuna por matar ao Jean-Luc. — Não pode ter desaparecido. Não terminou.

—Estou de acordo. — Robby se sentou, franzindo o cenho. — Pode ter-se retirado por uns dias, mas só para nos acalmar, uma falsa sensação de segurança.

Jean-Luc assentiu com a cabeça. — Vai estar de volta. Justamente como dizia a mensagem que escreveu com sangue. Reunir-se-á conosco num momento de sua escolha.

—Devemos permanecer aqui, — sugeriu Phil. — Isso o obrigaria a cá vir.

—E queremos estar preparados para ele. — Reduziu os olhos no Ian. — Certamente que vai aparecer na noite do desfile de modas.

—Nem sequer sei que aspecto tem, — recordou-lhes Jean-Luc. — E poderia utilizar o controle mental em qualquer pessoa envolta com o espetáculo ou inclusive assistir à feira. Qualquer pessoa poderia ser um assassino.

—Então vamos limitar a assistência a uns poucos, — sugeriu Ian.

Jean- Luc passeou através da sala. A única maneira de livrar-se do Lui era enfrentar-se a ele. Podia manter a Heather segura. Nunca a deixaria de lado. — Muito bem. Vamos fazer um plano para matá-lo na noite do desfile de modas.



Heather estava acordada na cama, olhando ao teto. Seus olhos queimavam pelo cansaço, mas não queria fechá-los. Cada vez que o fazia, sua mente cintilava a mesma horrível imagem de sua caminhonete em chamas com o Pierre no interior.

Desejava poder apagar a imagem de sua memória. Ou voltar o tempo atrás, pelo que Pierre ainda poderia estar vivo. Ou retroceder ainda mais, por isso a senhora Bolton poderia estar viva. Que tão distinto seria tudo se na sexta-feira passada, tivesse feito como Jean-Luc tinha pedido e fugisse. Mas tinha querido ser valente e resgatar ao Jean-Luc. Agora não tinha mais remédio que ser valente. A bomba estava destinada a ela.

Tinha que assegurar-se de que ninguém mais morreria. Tinha que ser valente prudente e inteligente. Por que depender unicamente do Jean-Luc e seus guardas para manter sua segurança e a da Bethany? É óbvio que não eram infalíveis.

Fidelia tinha armas de fogo, e estava disposta usá-las. Heather precisava ser dura. Precisava armar-se de conhecimento. Isso era o que os profissionais faziam quando estavam em guerra. Faziam investigação de inteligência. Sentou-se na cama. Era o momento de descobrir alguns dos segredos deste lugar. Depois de tudo, sua vida estava na linha. Não tinham direito a mantê-la na escuridão. Quatorze e oitenta e cinco. Seriam os números que a meteriam no porão?

Olhou o relógio de noite. Três e vinte a.m. deslizou-se da cama e se perguntou se deveria trocar de roupa. Não, demoraria muito, e o ruído poderia despertar a Fidelia ou ao Bethany. Ficaria em seu pijama azul e amarelo barbante da loja de desconto.

Apareceu no corredor. Estava vazio. A princípio da tarde, Phineas tinha ficado fora de sua porta, e ela tinha ouvido o tráfico entrando e saindo do escritório do Jean-Luc. Agora tudo estava tranquilo.

Observou a câmera sobre a porta do escritório. Se passasse pela escada de serviço, os guardas poderiam vê-la. Deteriam na antes que pudesse aventurar-se perto do porão.

Deslizou pela porta e andou nas pontas dos pés na direção oposta. Seus pés descalços eram silenciosos sobre o grosso tapete. O corredor deu um brusco giro a direita, onde se ampliava para a passarela na parte posterior da sala de exposição.

A luz da lua se filtrava através das altas janelas traseiras, formando largas sombras cinza pelo piso de mármore da sala de exposição. Os manequins posavam, seus braços nus brancos brilhantes e duros.

Havia duas câmeras altas nas paredes, mas estavam dirigidas à habitação de baixo. A passarela estava suportada por uma parede até a cintura a cada lado.

Ela se agachou para não ser vista e se lançou através da passarela. Terminou na porta traseira do escritório de desenho. Marcou quatorze e oitenta e cinco no teclado e sentiu uma pequena rajada de ar quando se abriu a porta. Deslizou-se no interior.

O escritório estava escuro à exceção das barras de luz de lua derramada através das portas francesas. Com muito cuidado, desceu pela escada de caracol.



Os degraus de metal eram gelados contra seus pés nus. Deslizou-se através do escritório, abraçando as sombras ao longo das paredes e a esperança de que não aparecesse nas câmeras.

Abriu a porta e saiu para o corredor. A porta do porão estava no extremo da sala. E no outro extremo, perto da sala de exposição, havia uma câmera.

Maldita seja. Não havia maneira de evitá-la. Mas tinha chegado muito longe para dar-se por vencida. Se corresse, poderia estar na porta do porão em seis segundos.

Ela respirou fundo e correu. Com dedos trementes, ela golpeou o quatorze e oitenta e cinco. A porta se abriu. Seu coração deu um tombo.

Entrou, fechou a porta e se apoiou nela. Uma luz tênue iluminava acima de uma escada normal. As paredes estavam nuas, um piso de cimento, um corrimão de metal em frente dela. O débil som da música fazia um eco inquietante. Respirou fundo para acalmar seu coração que pulsava com força. Até agora, tudo bem. Não havia nenhum coco aqui, brandindo sua moto serra de Texas. Ela se moveu para o corrimão e viu para baixo pelas escadas. Cada degrau estava iluminado por uma luz vermelha. Baixou os degraus de cimento e logo voltou a baixar outro curto lance de escadas. O concreto era frio e áspero sob seus pés. Chegou a uma porta de madeira normal. Foi fácil de abrir, e aumentou o volume da música.

Era o piano e clavicórdio de novo. A melodia era lenta, formosa, triste e terrível. Estavam de luto, deu-se conta. Luto pelo Pierre.

De repente se sentiu muito intrusa. É óbvio que estavam de luto por Pierre. Tinham-no conhecido por anos. Ela o tinha conhecido só uns dias.

Considerou retornar, mas alcançou a ver o vestíbulo e se deteve.

Abriu a porta ainda mais, e sua boca se abriu. Depois da escada nua, esperava um ambiente mais espartano, mas isto era... Opulento. O corredor era o suficientemente amplo como para que cinco pessoas caminhassem juntas, e o chão estava coberto com um formoso tapete feito à mão. Sentia grossa e de lã a seus pés. Era de uma rica cor vermelha rubi com douradas flores de lis pulverizadas através dela em um padrão de grade. Outro padrão de rosas de ouro e marfim formavam um bordo largo ao redor do tapete.

O salão estava iluminado com candelabros de ouro ao longo das paredes, cada candelabro gotejava lágrimas de cristal. Inclusive o teto era de formoso marfim com molduras de luxo pintadas de ouro. As portas também eram de marfim com carpintaria dourada. Intercalados entre as portas cofres abombados e armários ornamentados. Antiguidades supôs Heather, e muito caros.

Caminhou em silêncio pelo corredor, pinturas a óleo antigas que pareciam pertencer a um castelo. A música se fez mais forte. Procedia de uma habitação onde as portas duplas estavam entreabertas, entrou no corredor.

Deslizou-se detrás de uma porta e apareceu pela fresta do marco. Viu o piano. Tratava-se de um piano a cauda decorado com volutas de ouro. Uma mulher estava tocando, com o cabelo comprido e loiro solto pelas costas. Inga.



Uma mulher cruzou a habitação, bloqueando a vista da Heather. Era Simone, fazendo uma espécie de dança. Um minuê? Deslizou-se fora do caminho, e Heather vislumbrou o clavicórdio. Jean-Luc? Conteve a respiração e se afastou, pressionando as costas contra a parede.

Jean-Luc era o que tocava o clavicórdio! Ficou ali, escutando a música melancólica. Era bastante bom, na realidade. Mas por que um homem moderno tocava um velho instrumento? Quanto mais conhecia dele, mais sentido fazia a teoria da imortalidade.

Estava doído, deu-se conta, já que as notas tristes atiravam de seu coração. Teria que ter falado com ele antes. Tê-lo-ia consolado. Conhecia-o suficientemente bem para saber que poderia culpar-se a si mesmo. Era um homem honorável com um profundo sentido da responsabilidade. Um tipo passado de moda. E poderia haver uma razão muito boa para ser passado de moda.

Mas se negou a vê-lo. Tinha chegado a um ponto no que um estímulo emocional a mais a teria enviado pelo bordo. Teve que retirar-se e estar sozinha por um tempo.

A música fez brotar lágrimas de seus olhos. Era um homem assombroso. Como podia não apaixonar-se por ele? Campeão de Esgrima, desenhista de modas, músico.

Um beijador infernal. É óbvio se era imortal, tinha tido séculos para desenvolver seus talentos.

Caminhou nas pontas dos pés pelo corredor, perguntando-se o que fazer a seguir. Deveria confrontá-lo? Talvez. Mas não com a Simone e Inga ao redor.

A música se deteve. Ela se voltou, de repente com medo de que tivesse sido vista. Mas não, o corredor estava vazio. Ouviu-se um estalo no outro extremo do corredor.

A porta se abria. Precipitou-se detrás de um armário alto e se colou à parede. Uns passos se aproximavam, amortecidos pelo grosso tapete.

—Robby, — exclamaram as damas. — Tem que ficar e dançar conosco.

Estava na sala de música, deu-se conta Heather. Poderia chegar à outra saída antes que saísse? Falava em voz tão baixa, que não pôde distinguir suas palavras.

Sua atenção se centrou na pintura a óleo em frente dela. Definitivamente uma antiguidade. O homem vestia negras botas de tubo de couro, calças de cor marrom ao joelho e colete e uma camisa branca com pescoço de renda largo. Uma capa de veludo se acomodava despreocupadamente sobre um ombro.

Sua folha estava a seu lado, a ponta plantada no chão, a mão apoiada ligeiramente sobre o punho ornamentado.

Heather sorriu. Parecia um dos três mosqueteiros. Ou um pirata, exceto que era muito limpo e bem vestido. Seu comprido cabelo negro encaracolado até os ombros e o chapéu widebrimmed ostentava duas plumas em branca e granada. Um estilo forte. Belos olhos azuis.

Seu coração congelou. A pele de galinha se estremeceu até seus braços. Meu Deus, conhecia esses olhos. Tinha beijado esses lábios.

Era certo. Realmente era imortal.

—Obrigado pela advertência, — ouviu a voz do Jean-Luc da sala de música. — Me ocuparei dela.



Ficou sem fôlego. Estava falando dela? OH Deus, saíam da sala de música. Não estava preparada para isto. Necessitava tempo para aceitar esta nova realidade. Homens Imortais. Abriu a porta mais próxima e se meteu dentro.

A habitação estava às escuras exceto por uma faixa de luz à esquerda. Quando seus olhos se adaptaram, distinguiu várias peças de mobiliário, um armário, uma cadeira de orelhas e um pufe situado junto a uma mesa e um abajur. Não havia dúvida da forma maior no quarto. A cama era enorme e escura. A cabeceira se estendia até a meio caminho do teto.

Genial, justo o que necessitava ser descoberta no dormitório de alguém. A faixa de luz atraiu sua atenção. Caminhou para ela, sentindo o frescor suave de um chão de madeira sob seus pés. À medida que se aproximava do pé da cama, subiu a um tapete grosso. Tecida à mão, de lã em um estilo do Aubusson.

A tênue luz procedia de um par de portas duplas que tinham ficado parcialmente abertas. Empurrou a porta mais aberta e conteve o fôlego.

Era o quarto de banho mais belo que alguma vez tinha visto. Chãos e prateleiras de mármore brilhavam em um bege suave, atrativo. Os grifos de ouro adornavam duas pias dentadas. A ducha era enorme e se compunha de três cabeças de ducha. Mas a característica mais surpreendente era a grande banheira de hidromassagem no centro da habitação. Era de forma retangular, com uma coluna de mármore em cada esquina. As colunas estavam cobertas com uma cúpula dourada.

Os degraus de mármore levavam até a banheira.

Subiu uns passos e olhou sob a cúpula. Estava pintado como um céu de verão, com sol e nuvens brancas e esponjosas. Enquanto olhava, o céu ficou mais brilhante. Não, toda a habitação era mais brilhante. Ela se voltou lentamente.

Jean-Luc estava de pé junto à porta com a mão no interruptor.

Ela tragou saliva. Pelo menos não parecia zangado. — Olá. Sei que não deveria estar aqui, mas...

—Você gosta? - Ele se moveu para a banheira gigante.

—Eu, sim. É... Muito bonito. Quero dizer, fantástico, de verdade.

—É muito bom para aliviar o estresse. Pode-a usar quando quiser.

—É... Sua banheira?

Ele assentiu com a cabeça e olhou por cima do ombro. — Meu quarto.

—OH. — De todos os dormitórios no mundo teve que cair em...

—Está bem? - Perguntou. — Estava preocupado por ti.

—Estou bem. — Ele não parecia muito molesto por sua intrusão. Mas se via pálido e preocupado. — Sinto-o muito, sobre o Pierre.

Seu olhar baixou ao chão. — Eu também.

O pobre tipo estava ferido. Facilmente desceu pelas escadas até o piso de mármore. — É tarde. Vou.

—Não. — Seu olhar se elevou para o dela. — Temos que falar.



Ela tragou saliva. Ia confessar a verdade sobre ser imortal?

—Como obteve a combinação do teclado? - Perguntou.

—Alberto, mas só estava tentando ajudar. Não esperava que me... Escorresse aqui embaixo.

Um canto da boca do Jean-Luc se inclinou para cima, embora seu sorriso ainda se visse triste. — Ele te subestima.

—Vi o retrato no salão. O menino mosqueteiro. — Quis lhe dizer você, mas as palavras estavam entupidas em sua garganta.

—Heather. — Ele deu um passo para ela, e ela retrocedeu. Deteve-se, e um olhar de dor cruzou seu rosto. — Nunca te faria mal.

—Já sei. Mas tudo isto é um pouco... Estranho.

—Faria algo para te proteger e a Bethany. Está a salvo comigo. — Fez um gesto a seu dormitório. — Vem sentar-te. Temos que falar.

Ela caminhou além dele dentro do dormitório. Não estava tão escuro, e podia ver a cama coberta com um edredom de veludo granada. O sofá de orelhas e um pufe marrom também. Sentou-se no pufe.

Empurrou a porta do banho fechando-a parcialmente, provocando que o dormitório estivesse mais escuro. Logo se aproximou de sua cama e se sentou no extremo da mesma. — Há algo que quis te dizer. Pode ser difícil de acreditar.

Ela respirou fundo como se se preparasse para inundar-se na parte mais profunda. Em guerra contra o medo, recordou-se. — Está bem. Conheço seu segredo.

Capítulo 20

Ela sabia?

Jean-Luc clareou a sua garganta. — Possivelmente devo começar desde o começo.

—Mil quatrocentos e oitenta e cinco? - Sussurrou. — Eu... pensei que poderia ser o ano de seu nascimento.

Tomou ar, e demorou um momento em reunir forças para dar uma resposta. — Sim, é essa.

Sua cara empalideceu. — OH Deus. — Ela trocou um pouco seu sentir para o velho homem. — Tinha razão. É imortal.

—Não exatamente. Podem-me matar.

Ela cabeceou. — É daí de onde vêm as espadas. Vi-o na televisão. Penso que Hollywood sabe sobre vocês?

Ele encolheu os ombros. — Houve muitas histórias que falam de nós, mas não tudo é verdade.

—O menino mau tentará cortar sua cabeça. É assim como você morreria.



Ele fez uma careta de dor. — A decapitação seria eficaz, mas há várias maneiras de me matar. — Deu-lhe um sorriso torto. — Poderia te fazer uma lista se quer saber. Pode ser prático se eu esqueço seu aniversário.

Ela sorriu brevemente, depois fez uma careta de dor. — Então Louie também é imortal. Por isso os nomes com os que você o chama já não existem faz séculos. Comprovei-o na Internet.

Ah. Ela tinha suspeitado desde o começo. — É muito esperta ao imaginar tanto. Espero que também saiba que pode confiar em mim. Estou fazendo todo o possível para mantê-las a sua filha e a você seguras.

Ela franziu o cenho. — Fez tudo, mas não me há dito a verdade.

—Não, tinha medo que te assustasse. Estaria muito vulnerável por seus próprios meios, seria muito fácil para o Lui te matar. Não posso permitir que lhe faça frente sozinha.

—Então encobriu coisas para me proteger.

—Sim. E para me proteger. Não poderia suportar que algo te acontecesse.

Uma expressão doída cruzou sua cara. — Quando morreram as outras mulheres?

—Assassinou a Yvonne em 1757 e Claudine em 1832. Após não houve ninguém especial.

—Isso é muito tempo.

Ele se encolheu. Surgiu um grande número de assuntos em uma noite num curto prazo, especialmente antes da chegada do sangue sintético. Ele necessitava de alguns copos cada noite, e uma boa e formosa mulher tendia a ser mais generosa. Mas isto não era algo que Heather pudesse apreciar.

—Depois que Lui assassinou a Yvonne, evitei qualquer relação séria. Não quis que houvesse outra mulher morta por minha culpa.

—Mas você... voltou a se apaixonar. Da Claudine?

—Sim. Pensei que seria seguro. Tinha caçado ao Lui por anos, mas tinha desaparecido. Logo que pensei que era seguro, ele voltou.

—Por que te odeia tanto?

—Tentou assassinar ao Louis XV, e o evitei. Era um dos guardas pessoais do rei nesse tempo então.

Ela estreitou os olhos com um olhar doído. — Conheceu rei Louis XV?

—Conheci a muitos reis.

Ela jogou uma olhada para suas mãos entrelaçadas. Seus dedos estavam tensos, tinham os nódulos brancos. — Viu a muita gente chegar e ir-se.

—Sim.

Ela fechou os olhos brevemente. Quando os abriu, brilhavam tenuemente pelas lágrimas. — Ouvi que chegue. Preciso ir. — Saiu rapidamente para a porta.

—Espera. — Disse, parando e bloqueando sua trajetória. — Há mais.



—Não. — Ela sacudiu sua cabeça, e as lágrimas apareceram em seus olhos. — Não pode haver nada mais. Não entre nós. Qual seria o ponto? Não importa se pensar que é incrivelmente doce e magnífico e inteligente.

—Importa-me.

—Não, não é assim. Porque para ti, iria em um abrir e fechar de olhos. Sou uma dessas pequenas formiguinhas que vêm e se vão. Estou inclusive surpreendida que se incomode em me manter viva.

—Como pode dizer isso? - Ele a pegou pelos ombros. — Pensa que sou totalmente cruel?

—Não. Mas por que me cuidaria se viverei até os trinta ou setenta? O que seriam uns quarenta anos para alguém que tem mais de quinhentos? Minha vida é apenas um ponto nessa tela de radar.

Meu Deus, ele quis sacudi-la. — Você é tudo para mim! É a mulher que amo.

Ela ofegou.

—É verdade. — Ele caminhou mais perto. — Amo-te, Heather.

Ela sacudiu sua cabeça. — Pôr-me-ei velha e cinza.

—E ainda te amarei. Por que teria que me preocupar se seu aspecto externo troca com o tempo? Esta é você, quem completa meu coração, e esperei quinhentos anos para te encontrar.

Ela expulsou uma respiração cambaleante. — Diz sempre as coisas mais formosas. — Uma lágrima desceu por sua bochecha. — É o homem mais maravilhoso, mas temo que isto nunca possa funcionar.

Ele enxugou a lágrima. — Recorda, Está em guerra contra o medo? - Ele passou as mãos por suas costas, atraindo-a. — Confia em mim, *chérie*.

—Eu quero. — Ela colocou as mãos em seu peito. — Mas isto é tão difícil...

—Temos este momento. — Beijo-lhe a frente. — Este momento é um tempo perfeito. — Beijou-lhe a ponta do nariz. — Deixe-me te amar. — Ele se colocou sobre sua boca.

—Jean-Luc. — Ela deslizou suas mãos até seu pescoço.

Beijou-a brandamente, ainda consciente de que podia fugir em qualquer momento.

Tomou um ritmo lento, seduzindo-a com suavidade. Seu corpo respondeu, moldando-se ao dele. Seu pau pressionava. Ele ignorou sua própria necessidade urgente e deslizou as mãos debaixo de sua camiseta. Lentamente acariciava suas costas.

Ela tremeu, fazendo a seus peitos menear-se levemente contra seu peito. Com um gemido, ele desenhrou seus lábios com sua boca e chupou. Seus dedos se cravaram em seu cabelo.

—Heather. — Murmurou em seu pescoço. Sua artéria carótida palpitou contra sua bochecha. Sua ereção cresceu mais dura. — Deixe-me te amar.

—Nunca posso me negar a ti, — sussurrou ela.

Isso era bom, mas queria mais. Queria sua declaração de amor. Estava seguro que ela o queria. Talvez ainda não se desse conta. Ou possivelmente tinha medo de admiti-lo. De qualquer maneira,



tinha que esclarecer isso. Fá-la-ia gritar com prazer, repetidamente, até que se desse conta da verdade.

Agarrou a prega de sua camiseta e a empurrou para cima.

—Espera! - Ela cruzou seus braços, cobrindo o pequeno pássaro amarelo de sua camiseta.

Seu coração caiu a pique. Abraçou-a e retrocedeu. — Me perdoe.

—Não é você. — Ela assinalou para a câmera da esquina superior de seu dormitório. — São eles.

—*Merde*. — Esqueceu-se disso. E a maldita luz vermelha ainda cintilava. Não se davam conta que isto era privado? Fez um movimento de corte através de sua garganta. A luz se apagou.

—Isto é embaraçoso, — murmurou Heather. — E se se a reacendem nos próximos cinco minutos, pensando que terminamos?

Ele arqueou uma sobrancelha. — *Cinco* minutos?

Ela resmungou. — De acordo, nunca participei de uma maratona. — Voltou-se para a câmera. — Ou qualquer demonstração de espetáculo.

Com um sorriso, caminhou para a sua mesinha de noite e mexeu lá dentro. Tomou o controle remoto, apontou para a câmera e apertou o botão de apagado. — Agora não podem nos interromper.

—Muito bem. — Ela o olhou cautelosamente enquanto se aproximava. — Eu... não estou totalmente convencida de que isto possa funcionar.

—Já sei, mas posso ser realmente persuasivo. — Tomou-a pelos ombros. — Durante toda a noite.

Ela tremeu enquanto roçava seu pescoço. — Posso usar um pouco de persuasão.

—Acredito isso. — Ele mordiscou seu ouvido. — Onde estávamos?

—Estava a ponto de protagonizar um desses vídeos de *“Garotas Sendo Selvagens”*

Ele não tinha nenhuma ideia sobre o que era isso, mas soava interessante. — Você quer ser selvagem, *chérie*? - Agarrou a prega de sua camiseta.

Ela tomou uma respiração profunda. — Que diabos? Somente se vive uma vez.

Isso era discutível, mas este não era o momento. Ele tirou a camisa sobre sua cabeça e a soltou. O pequeno pássaro amarelo caiu ao chão.

Seu primeiro pensamento foi admirar seus peitos por um momento, mas sabia que se desse a volta, poderia notar o vermelho de seus olhos, e não queria assustá-la. Não obstante, não podia resistir a uma olhada rápida. Seus seios eram arredondados, com as pontas rosadas que provocavam para tocá-las e as retorcer duramente. As pontas apertadas pedindo ser amamentadas. Baixou o olhar até a cintura, onde a agarrou e a lançou sobre o centro de sua cama.

—*Guaa*! - Disse ela em um sussurro, quando aterrissou na cama.

Ele aterrissou a seu lado e a empurrou sobre suas costas. — Fecha os olhos.

—O que?



Ele manteve sua cara girada longe dela, enquanto lhe desatava o laço com o que estava segura a parte inferior do pijama. — Fecha os olhos e te relaxe. Só deixe seu corpo sentir. — Inclinou-se sobre ela e tocou seu umbigo com a língua.

Ela estremeceu.

—Tem os olhos fechados?

—Sim.

Jogou uma olhada a sua cara. Seus olhos estavam fechados, e sua confiança enchia-lhe o coração. — É tão formosa.

Um canto de sua boca estava inclinada para cima sorrindo. — Está vendo meus peitos?

Ele fez uma careta. — Realmente, olhava sua cara. — Beijou-lhe a bochecha. — Mas seus peitos, também são formosos.

—Obrigada.

Ele deixou uma mão em sua cintura. — *Si belle*. — Ele deslizou seus dedos sobre suas costelas e entre seus peitos. Seu peito se elevou com uma respiração profunda.

Com a gema dos dedos, fez círculos ao redor de um de seus peitos, logo no outro. Seus mamilos ficavam mais escuros e apertados. E nem ainda os tinha tocado. Pressionou sua boca contra o mamilo esquerdo.

Ela suspirou. Enquanto cavava o direito e lhe dava uma suave massagem.

Ela gemeu.

—Você gosta de suave... ou duro? - Tomou o mamilo endurecido entre seu polegar e índice e apertou.

Ela ofegou.

—Ou possivelmente ambos. — Tomou o peito dentro de sua boca e formou redemoinhos com sua língua ao redor do mamilo.

Ela passou seus dedos por seu cabelo. — Jean-Luc.

—Hmm? - Beijou-lhe o peito, mordiscando e beliscando o mamilo. Deslizou a mão no interior de seu pijama, cada vez mais abaixo até que encontrou os cachos.

Lentamente, deu uma massagem em seu monte de cachos. Ela estava respirando cada vez mais rápido e mais erráticamente.

Ele sussurrou em seu pescoço. — Quero te provar.

—OH deus, — ela sussurrou.

—Quero te sentir estremeecer contra minha cara. — Lambeu-se os lábios, e a beijou. Colocou sua língua dentro de sua boca e a tirou. — Será como isto, mas melhor. Está preparada?

—OH sim, — ela respirou, mantendo seus olhos fechados.

Ele agarrou o cinto do pijama, puxou-o para baixo de suas pernas, e o lançou para um lado. Ela se cobriu a cara brevemente com as mãos, depois abriu os braços de par em par. Suas pernas se moveram levemente, dobrando os joelhos.



Ele agarrou seus tornozelos e acomodou seus pés separando-os firmemente sobre a cama.

Seu corpo se sacudiu, enviando um estremecimento por suas pernas que ele pôde sentir. Sua ereção se marcava contra suas calças, e rogou para poder resistir.

Precisava fazê-la gritar de prazer primeiro. Precisava escutar suas palavras lhe dizendo que o amava quando finalmente a reclamasse.

Agarrou seus joelhos e os separou mais. Ela ofegou.

Olhou-a fixamente. *Mon Dieu é formosa.* Cachos castanhos escuros. Carne atrativa ao comprimento das dobras externas. Uma cor de rubis mais escura no centro. Estava úmida. Sua fragrância o chamava.

Cheirava a doce desejo e a sangue avivado.

Ele aconchegou a bochecha contra a parte suave interna de sua coxa. — É preciosa além das palavras. Tão doce e molhada. — Passou seus dedos sobre ela, e suas pernas tremeram.

Seu gemido soava urgente e cheio de necessidade. Ela se agarrou à colcha e moveu os pés para trás.

Ele se moveu mais perto e a tocou com a língua. Uma só provada e estava perdido.

Agarrou-a pelos quadris e moveu sua língua por todo ela, explorando cada parte enquanto que se retorcia debaixo dele. Colocou sua língua, querendo chegar mais longe dentro dela. Afundou um dedo dentro, logo dois, e esfregava ligeiramente enquanto transladava sua língua a seu clitóris.

Ela agora ofegava, levantando os quadris. Beliscou-a, estalando sua língua, aumentando a velocidade de vampiro.

Gritou. Suas coxas o agarraram; seus músculos internos apertaram seus dedos.

Repentinamente o clímax ondulava através dela, e no momento em que mostrou que diminuía, tirou seu clitóris, movendo seus dedos. Ela gritou outra vez, e mais espasmos a atravessaram.

Ele sorriu. Respondia tão bem, sabia tão bem. Logo lhe confessaria seu amor. Ele desabotoou suas calças.

—Isso foi incrível. — Ela pressionou uma mão em seu peito. — É tão bom.

—Sim? - Em qualquer momento ela declararia seu amor eterno. Então a encheria e fá-la-ia dele.

—É maravilhoso e... aack!- O horror cintilava através de sua cara. — Seus olhos estão vermelhos!

OH! - Não é nada. Posso explicá-lo.

—Estão brilhando intensamente! - Ela se moveu longe dele. — Isso... isso não é normal!

—Heather te relaxe.

—Fidelia me advertiu. — Ela se apressou a levantar-se da cama. — Olhos que brilham intensamente vermelhos. Perigo.

—Não te farei mal!

—Fidelia teve razão sobre o fogo. Ela o sonhou. — Heather, agarrou as calças do pijama e as pôs. — Sonhou sobre olhos que brilhavam intensamente vermelhos e dente brancos que rangiam.



—Demônios, Heather, estou em total controle. — Ele parou ao lado da cama. — Não a vou morder.

Ela se congelou. Os olhos se abriram. — Me morder?

Merde. Ela não sabia. Assinalou para a cama. — Por favor, sente-se. Posso explicá-lo.

Ela retrocedeu um passo. — Não acredito. — Encontrou sua camiseta no piso e a recolheu. — Acredito que minha teoria é a correta. Admitiu que nasceu em 1485.

—Assim é.

Passou a camiseta sobre sua cabeça. — Que mais não me há dito?

—Morri em 1513.

Ela esfregou uma mão contra sua frente. — De acordo. Assim é como os meninos imortais descobrem que o são. Morrem, depois retornam.

—Feriram-me na batalha das *Esporas*. — Ele se sentou ao bordo da cama. — Meus companheiros fugiram, mas eu me neguei a me retirar. Os ingleses me rodearam. Apunhalaram-me muitas vezes e assim foi como morri.

Ela pressionou uma mão sobre sua boca e Luzia um pouco verde. — Isso é horrível.

—Com o tempo o sol se ocultou, estava apenas vivo. Roman me encontrou e me disse que poderia viver para lutar outra vez. Estive de acordo, e ele me trocou.

—Em um imortal?

—Não, *chérie*. — Ele tomou uma respiração profunda para preparar-se para sua reação. — Em um vampiro.

Sua cara empalideceu. Podia cheirar literalmente o sangue que passava por sua cara e mãos. Podia ouvir as palpitações de seu coração. — Isso... isso não pode ser verdade. Os vampiros não são reais.

—Heather. — levantou-se, colocando-se perto dela, mas se deteve quando ela saltou um passo atrás. — Não há nenhuma necessidade de me temer.

—Eu penso que se as houver. Acaso você... os vampiros não se alimentam de gente?

—Não, nunca mais. Bebemos sangue sintético em garrafas.

—Claro. É óbvio. Não está tentado a ter comida fresca? - Ela levantou uma mão ao ver que se aproximava, então assinalou. — Ao Alberto o morderam.

—E por isso tive uma discussão com a Simone e Inga. Sabem que não é permitido morder a ninguém em minha casa.

—O que é considerável da sua parte. — Lhe deu um olhar duvidoso. — Quantos dos que conheço são vampiros?

—Robby, Ian, e Phineas. Simone e Inga. Angus MacKay e Emma.

—Emma? - Heather parecia horrorizada novamente. — Deixei a um vampiro cuidar de meu bebê?

—Somos a melhor equipe para lutar contra Lui, sendo um vampiro, também.



—E Phil e Pierre?

—Mortais. Temos que confiar em mortais para nos proteger durante o dia porque somos... inacessíveis.

Ela enrugou sua frente. — Inacessíveis? Você apareceu três horas depois da morte do Pierre. Isso foi *Grosseiro!*

—Odeio ser separado de ti durante o dia. Odeio não estar para te proteger ou te confortar. Mas não posso te ajudar. Estou... morto.

Ela piscou. — Significa que você realmente está... morto?

Com um suspiro, sentou-se na cama. — Completamente Morto. É muito... molesto, mas é somente durante o dia.

—Claro. — Ela estreitou os olhos. — Suponho que tem presas?

Ele tocou um dente bicudo. — Não estão estendidos agora. Estou em controle total. Está totalmente segura.

Ela se burlou. — Segura? Essas coisas são armas. OH Merda! Você tinha a... boca por todas as partes sobre mim.

—Sabia o que fazia. E você gostou.

Ela se aproximou e o esbofeteou.

Ele fez uma careta de dor. — Por que está tão zangada, *chérie*? Disse-te a verdade.

—Agora me diz isso. — Ela se apressou por diante dele. — Há certas coisas que se supõe devem dizer-se antes de ter sexo. Temas como: A propósito, amor, tenho herpes. Ou, esta é uma das boas... Adivinha o que? Estas a ponto de fazê-lo com um homem morto!

Ele ficou quieto. — Não estou morto!

—Espera algumas horas! O estará.

—Os homens mortos podem ver-se assim? - Ele empurrou suas calças para baixo para revelar sua cueca de algodão. Não estava completamente erguido, mas estava o bastante inchado para ser notado. E ela o notou. Aumentou os olhos, logo desviou rapidamente o olhar.

—Um homem morto que esta rígido, — ela murmurou. — Imagine.

—Não estou morto. — Caminhou para ela. — Senti meus lábios mortos quando lhe beijei os peitos e quando chupei seu clitóris?

Ela retrocedeu. — Não é...

—Esqueceste já como te retorcia e gritava em meus braços? Estava excessivamente efusiva sobre mim. — Lambeu os lábios. — Posso te saborear ainda.

Ela cobriu sua cara brevemente. — Não o esqueci. Por isso isto é tão malditamente difícil. Eu... penso que é perfeito. Acredito que estou apaixonada.

—O estas, sei que você me ama.

—Não! Não posso... Dirigir isto agora mesmo. É muito. — Correu para a porta e a abriu apressadamente.



—Heather, — como relâmpago subiu as calças e saiu correndo para o vestibulo. Ela estava quase chegando à porta do porão. — Heather, por favor, não saia do edifício. É muito perigoso no exterior.

Ela se deteve e se girou para ele com um olhar incrédulo. — É perigoso dentro. Estou vivendo com um molho de vampiros loucos!

—Somos vampiros bons. — Ele caminhou para ela. — Nunca a danificaríamos. Juramos protegê-la. Por favor, me prometa que não irá.

Deu-lhe um olhar torcido. — Prometo-o. Acredite-me, estou dificilmente tentando não fazer algo absurdo. — Ela deu meia volta e se dirigiu à porta do porão.

Jean-Luc suspirou com alívio. Ela entendia que sair da casa seria absurdo.

Infelizmente, também implicava que ter uma relação com ele era absurdo.

Só teria que fazê-la trocar de ideia. De algum jeito, ganharia de novo. Mostrar-lhe-ia que podia confiar nele. Provar-lhe-ia que seu amor não era absurdo.

Capítulo 21

Heather colidiu com a porta que estava no final das escadas no andar de cima. *Vampiros?* Como podia ser? Mas por que mentiria Jean-Luc sobre algo tão tremendo? *Eu sei que me ama.* Suas palavras permaneciam com ela. Não! Ela não podia amar a um vampiro. Os vampiros eram monstros que caçavam a inocentes para sobreviver.

Fechou de repente a porta do porão detrás dela e andou aos trancos enquanto baixava ao vestibulo. *Vampiros. No Texas.* Talvez devesse chamar imigração.

Irrompeu além das portas do escritório de desenho. Bom senhor, seu chefe era um vampiro. E fantástico na cama. Fez uma careta de dor e tentou apagar esse pensamento.

Eu sei que me ama.

Demônios, ela não ia apaixonar-se por um demônio chupa sangue. Uma fita de um velho filme veio atormentá-la. Requeria de algumas respirações ruidosas e um acento grosso do país. *Sempre caio com a classe incorreta de homem.*

Yep, essa era ela. Tinha ido de um marido obcecado com o controle a um amante vampiro. Pelo menos o vampiro não podia controlá-la durante o dia. Estava morto. Uma risada escapou de sua boca. Bom Senhor, estava perdendo a cabeça.

Deteve-se a meio caminho da sala de exposição quando a porta do escritório de segurança se abriu.

Robby saiu e lançou lhe um olhar preocupado. — Está tudo bem, moça?

Vampiro. Ela deu um passo atrás.



Ele franziu o cenho. — Não tenha medo.

Claro. Só era um vampiro enorme, tosco com uma espada detrás dele, uma faca em sua meia, e presas em sua boca. Deu volta e correu pela magnífica escada para cima. Quando cruzou o corredor, notou que ele permanecia na sala de exposição, olhando-a.

Demônios, ela não ia ter medo. Estava em guerra contra o medo. Deslizou-se em seu dormitório.

—Tenho uma pistola apontando a seu traseiro, — sussurrou a voz da Fidelia na escuridão.

—Sou eu. — Heather fechou a porta.

—Precisamos falar. Mantém sua arma à mão.

—Não tenho minhas armas na cama. Acabo de fanfarronar.

—Trá-las. — Heather foi para o quarto de banho. — E vem aqui dentro. Não quero despertar Bethany.

Um minuto mais tarde, Fidelia se cambaleou no banheiro, com seu moedeiro agarrado a seu peito.

Heather fechou a porta do banho e acendeu a luz. — Estamos em um enorme perigo.

—Isso penso. — Fidelia tropeçou com sua pesada bolsa no mármore vanity. Seu cabelo atirava em diversas direções, e sua volumosa camisa de dormir rosa ostentava as palavras *Coisas Quentes*. — As cartas me estiveram advertindo.

Heather se encarapitou no bordo da banheira. Com uma desafortunada lembrança brilhando em sua memória. A banheira do Jean-Luc tinha sido incrível. E havia espaço para dois. Sacudiu esses pensamentos. — Escapuli-me no porão para descobrir o que me ocultava.

—Uh-huh. — Fidelia baixou a tampa da privada, depois se sentou nele. — Foi bom o sexo?

Heather tinha a mandíbula aberta. — Perdão?

—Sou psíquica. — Fidelia assinalou para ela. — E sua camisa esta ao reverso.

Heather jogou uma olhada abaixo, e o calor alagou sua cara. Ela trocou rapidamente o tema. — Descobri algo importante. Tinha razão sobre o Jean-Luc, é uns bons séculos mais velho. Nasceu em 1485.

Fidelia cabeceou lentamente. — Isso explica muito. Tem muita experiência. Deve ter sido bom na cama.

Heather se burlou. — Isso está muito fora de nosso propósito.

—Então é bom?

—Fidelia, seus olhos se voltaram vermelhos. Brilhavam intensamente.

Sua cara empalideceu. — Santa Maria. — Fez o sinal da cruzou rapidamente. — Viu suas presas brancas?

—Não, mas as tem. É um vampiro. Todos são vampiros. Exceto Phil. E o pobre do Pierre. Inclusive Louie é um vampiro.

Os olhos marrons da Fidelia se alargaram. — Está segura? Confessou-o *Juan-Luc*?



—Sim. — Ela pôs suas mãos juntas, perto de sua boca, sussurrando uma reza em espanhol, então fez o sinal da cruz outra vez. — Sempre senti que eram... diferente, mas nunca... - paralisou-se.
— Mordeu-te?

—Não. Nunca vi suas presas. — Heather fez uma careta ao pensar nas feias presas penetrando na formosa boca de Jean-Luc.

Fidelia se inclinou para frente para examinar seu pescoço. — Não tem nenhuma marca.

—Não me mordeu, — insistiu Heather. — Disse que estava em total controle.

—Controle, sim. — Fidelia se sentou comodamente, franzindo o cenho. — Ouvi que são muito bons em controlar a mente. Ele poderia te morder e depois apagá-lo de sua memória.

—Não acredito. Jean-Luc disse que não permite que mordam a ninguém em sua casa. Todos bebem sangue de garrafas.

—Realmente? - Fidelia tinha a frente escura levantada. — Então nenhum de estes vampiros te atacou?

—Não.

—*Juan-Luc* não utilizou o controle mental para te forçar a fazer coisas contra sua vontade?

Heather sacudiu sua cabeça, sentindo que suas bochechas ficavam quentes. Havia-a feito gritar, mas tinha estado bastante disposta. — Não acredito que me houvesse controlado. Estava bastante fora de controle. Estava gritando-lhe e golpeando-o.

—Gritou-te?

—Não. — Heather deslocou seu peso ao bordo da tina. — Ele me pediu que não saísse da casa. Está... preocupado por nossa segurança.

Fidelia tomou uma respiração profunda. — Deixe-me entender isto bem. Ele não a atacou nem te mordeu ou te controlou absolutamente?

—Não.

—Então por que estava gritando e dando-lhe palmadas?

—Porque são vampiros. Não é uma boa razão?

Fidelia se encolheu.

—Por isso posso dizer, que tentaram muito fortemente nos fazer sentir cômodas, e são sérios sobre nos manter seguras. Perderam a um dos seus.

—Pierre era mortal.

—Ele era seu camarada, e estavam transtornados por sua morte. Podia ter acontecido a algum deles. Ou a nós. Todos estamos em perigo.

Heather suspirou. — Pensa que devemos permanecer aqui? Unidas com estes... vampiros contra o inimigo comum?

—Louie é um vampiro, não? Acredito que nosso melhor amparo são outros vampiros. Devemos definitivamente ficar aqui.

Heather cabeceou. — Estou de acordo. Mas logo que matem ao Louie, nós vamos.



—E o que há sobre o *Juan-Luc*? Você também gosta dele?

—Não posso sair com um homem que viveu durante séculos mordendo a mulheres e lhes chupando o sangue.

—Eu apostaria que é um inferno agarrando.

—Fidelia! O homem é um monstro.

Ela alcançou a sua bolsa. — Quer que lhe dispare? O matarei esta noite.

—Não! - Heather saltou a seus pés.

Fidelia lhe deu um olhar conhecedor. — Falhou a prova, *garota*.

Heather fechou os dentes com força. — Não é o que você pensa.

—É muito bom na cama?

Sentou-se fazendo birra. — Não tem nada que ver com a atração. Odeio simplesmente a violência em geral.

—Você o golpeou.

—Estava transtornada. E agora me sinto mal por isso.

Fidelia se inclinou para frente em seus cotovelos. — Quando se confessou? Antes ou depois do sexo?

—Depois. — Heather esfregou sua frente. Tinha conseguido uma dor de cabeça.

—Ah. Por isso o golpeou. Bastardo. Tomou seu prazer de ti e satisfez suas próprias necessidades antes de te dizer a verdade.

Uma dor surda palpitou no corpo do Heather. — Realmente, nunca conseguiu... Quero dizer, empregou todo seu tempo em me satisfazer a mim.

—OH! - Os olhos da Fidelia se abriram. — Esse *Juan-Luc*. É muito homem.

Heather suspirou. Tinha tido o orgasmo maior de sua vida. Não é que se pusesse a pensar sobre ele outra vez.

—Então nunca tentou te morder e não procurou seu próprio prazer. — Fidelia inclinou a cabeça, considerando. — Então por que te levou a cama?

Heather tragou duro. — Disse que me ama.

—Ah. Amor.

Heather caiu. — Ele disse que tinha esperado quinhentos anos por mim.

—Mmm. Romântico.

—Mas é um vampiro.

Fidelia se encolheu. — Ninguém é perfeito. Meu segundo marido, tinha seis dedos em um pé.

—Isto é um pouco mais sério que isso. Jean-Luc está literalmente morto à metade do tempo.

Fidelia cabeceou. — Para a maioria dos homens, isso poderia ser uma melhora.

—Digo-o a sério! Tenho que permanecer longe dele. Quero uma vida normal para mim e Bethany. Vamos viver aqui no momento, mas vou evitá-lo a todo o custo.



—Está bem, — esteve de acordo Fidelia. — Não deve falar com ele, inclusive se for muito romântico. E inclusive deve tentar não pensar em que tão bom é o sexo. É realmente bom, não é assim?

—Não está ajudando. De que lado está?

Fidelia acariciou seu joelho. — Estou do lado de seu coração, garota. Seu coração te dirá o que deve fazer, se o escutar.

Heather gemeu enquanto outra espetada da dor atravessava seu corpo. Este não era o conselho que queria ouvir. Para quando chegasse a seu coração, ela temia que já o tivesse perdido.

Depois de lançar-se e dar voltas com muitas lembranças sexys de jogos sexuais que se repetiam em sua cabeça dolorida, Heather se levantou. Tomou uma larga ducha quente, vestiu-se, e baixou as escadas ao escritório perto das cinco A.M.

Quando se aproximou do escritório de segurança, a porta se abriu. — bom dia, moça, a saudou Robby.

Resmungou uma saudação e se apressou a passá-lo. Se só pudesse inundar-se no trabalho que amava, poderia esquecer todos os vampiros que estavam à espreita a seu ao redor. Provavelmente sabiam agora que seu segredo tinha sido revelado.

—Ey! Espera dudette!

Ela jogou uma olhada detrás. Grandioso. O Phineas a seguia. Continuou caminhando.

—O que se passa? - Alcançou-a.

—Nada. — deteve-se diante das portas do escritório e apertou quatorze e oitenta e cinco no teclado numérico. — Só quero trabalhar.

—Isso está bem. Não me importa. Só estou ao redor.

—Como um morcego? - Resmungou enquanto entrava no escritório.

—Mas bem como sua próprio escolta pessoal. — Fechou a porta detrás dela. — Queremos te manter segura.

—Como não, sentir-me-ia mais segura de algum jeito sem que um vampiro me seguisse.

Phineas parou com um olhar ferido. — Não vou te fazer dano.

Tinha machucado realmente seus sentimentos? - Nunca mordeste a alguma pessoa antes?

Ele fez uma careta de dor. — Não sou perfeito, mas trabalhei realmente duro para me controlar. Sei que era um vagabundo antes. Diabos era um verdadeiro perdedor quando estava vivo, mas Angus acredita em mim, e não vou decepcioná-lo.

Ela seguiu até a mesa de trabalho a organizar suas provisões. — Está dizendo que sua vida é melhor agora que está morto?

—Não estou morto. Pelo menos não agora. E sim, minha vida é melhor. Este é meu primeiro trabalho real, e estou fazendo-o realmente bem. Estou enviando dinheiro a minha família. E estou aprendendo autodefesa e artes marciais. Quer ver? - Antes que pudesse dizer que não, Phineas estava girando ao redor para fazer frente ao grupo de manequins no centro do quarto.



—Hai-ya! - Assumiu uma atitude de ataque. — Vais cair imbecil!

Agarrou um manequim masculino pelo braço, torceu-o, e dobrou sobre sua cintura.

Heather assumiu que o manequim supostamente voaria sobre seu ombro e se estrelaria no piso, mas infelizmente, o braço simplesmente saiu.

Phineas pareceu surpreso por uns segundos, depois lançou o braço ao piso. — Sim, vou patear seu traseiro. — Pavoneou-se de novo, levantando seus punhos. — Não me tirará o sarro, porco! Converter-te-ei em um homem com uma só mão!

Um sorriso atirava da boca do Heather, e se deu volta. A última coisa que queria recordar era o bastante que realmente gostava destes meninos. Vagou para onde estava a forma do vestido, empenhou-se em terminar as peças do primeiro vestido.

Havia uma nota cravada perto de um perno de costura. Jogou uma olhada sobre a negra escritura itálica para ler a assinatura na parte inferior.

Jean-Luc. Seu coração saltou. Retirou a nota.

Um começo excelente para seu primeiro vestido. A demonstração ocorrerá segundo o previsto, dentro de uma semana a partir deste sábado. A assistência estará restringida. Desejo-te o melhor com seus desenhos, mas minha primeira prioridade é sua segurança.

Isso era tudo. Educado e sério ao estilo empresarial. Quase estava decepcionada.

Tinha podido escrever algo como: Sinto-o Sou um vampiro, ou morreria outra vez antes de te morder. Mas não, não o fez inclusive nenhuma menção de seu papel como um demônio chupa sangue. E tampouco escreveu algo romântica.

Enrugou a nota e a lançou no cubo do lixo. Era melhor desta maneira. Era seu chefe, nada mais. Logo que Louie estivesse morto, ela estaria fora daqui. Sentou-se de frente à máquina de costurar para acabar a saia.

Phineas se sentou à mesa de trabalho. — Robby pensa que tem medo dele. Por isso me enviou a te cuidar.

—Não tenho medo. É só que isto é totalmente uma loucura. — Apertou o pedal de pie para acender a máquina de costurar.

—Demora tempo acostumar-se a nós. Homem voltei-me totalmente louco ao princípio quando me inteirei que era um vampiro.

Heather deixou de costurar. Tinha lido sua mente? Provavelmente a maioria das vezes é a reação universal para os vampiros era de loucura total. — Quanto tempo tem sendo... assim?

—Apenas um ano. — Phineas descreveu sua transformação nas mãos, ou os dentes, de certo mau tipo de vampiro, e como Angus o tinha salvado.

—Alguns malvados ainda se alimentam da gente? - Perguntou Heather.

—Sim. Inclusive matam gente. Odiamos-los. — Phineas soprou. — Somos os meninos bons.

—Então há bons vampiros e uns maus?



—Sim. Como diz Connor: A morte não troca o coração de um homem. Um tipo mau permanecerá mau, já vê.

—E um homem bom permanece bom? - Como Jean-Luc. Havia sentido sempre que ele era um bom homem. Um homem maravilhoso. Sei que você me ama. Suas palavras a obcecavam.

—Sim, é correto. — Phineas lhe contou uma longa história sobre um tipo realmente mau chamado Casimir.

Heather voltou para sua costura, mas se encontrou absorta na história e fez perguntas. Ao parecer havia dois grupos chamados *Vampes* e *Malcontents*, e estavam ao bordo de uma guerra total. Angus MacKay tinha sido o general *dos Vampes* em a grande guerra dos vampiros em 1710.

—Jean-Luc esteve nessa guerra? - Perguntou.

—Diabos, sim. Era o segundo ao comando. Connor me disse que Jean-Luc nunca deixou o lado do Roman. Tomou alguns cortes importantes para manter ao Roman a salvo.

Era um amigo leal, um herói entre sua própria classe. Mas seu mundo estava totalmente afastado do dela. Era um mundo perigoso, também. Não era um bom lugar para ela e Bethany. Tentou não pensar nele. — Quem é Connor?

—É o guarda costas principal do Roman. Atribuído geralmente à casa de Roman, mas Connor insistiu em ocultá-los.

—Estão em perigo? - Heather recordava o breve encontro com o Roman. Sua esposa tinha sido muito amistosa e... Heather se deteve com um grito de assombro. — Têm um menino!

—Sim. Roman é como um gênio científico, você sabe. Ele fez o sangue sintético que bebemos. E quando Shanna quis um bebê, ideou uma maneira de fazer que o bebê fosse dele.

Heather não podia acreditá-lo. — Esse doce menino pequeno é o filho de um vampiro?

—Sim. É um pequeno muito lindo, huh?

—Mas como pôde Shanna ter um bebê? Os vampiros estão mortos, verdade? — Isto era muito confuso.

—Shanna é mortal. — Phineas fez caretas. —Como você.

Heather tragou. Uma mortal casada com um vampiro? E dando a luz a seu filho. Como podia Shanna fazer isso? Mas parecia tão feliz. E o bebê era formoso.

—Mamãe!- Bethany entrou no quarto, seguida pela Fidelia com a sua bolsa e Ian.

Heather jogou uma olhada ao relógio. Eram passadas as seis. Abraçou a sua filha. — Levantou cedo.

—Tenho fome, anunciou Bethany. — Vem tomar o café da manhã conosco. — Fidelia caminhou mais perto e sussurrou. — Querem que permaneçamos juntas todo o dia.

—Mas tenho que trabalhar, — protestou Heather.

—Não se preocupe, — disse Ian. — Traremos uns poucos móveis para aqui dentro e nos asseguraremos de que todas estejam cômodas.



Logo Heather e sua família se sentavam ao redor da mesa da cozinha em que comiam cereais enquanto que Phineas fazia guarda. Ian tomou o assento reclinável do piso e o levou sobre sua cabeça como se pesasse não mais que cinco libras.

—Hmm, muito *macho*. — Fidelity se inclinou a um lado para olhar sua saída.

Heather tragou seus cereais com dificuldade. Os vampiros eram ao parecer muito fortes.

Ela recordava como Jean-Luc a tinha pego facilmente e a tinha arrojado à cama. Outras lembranças vieram detrás desta. Bom senhor, era tão quente. Mas com limites. Afastou as lembranças.

—Está um pouco quente aqui dentro, não? - Fidelity deu um sorriso ardiloso.

Heather gemeu internamente. Podia ser realmente molesto ter uma amiga psíquica.

Robby entrou, e sem uma palavra, levantou a poltrona inteira sobre um ombro e saiu tranquilamente do quarto.

—Ooh. — Fidelity moveu sua frente escura. — *Roberto*. Pergunto-me se leva algo debaixo essa saia.

—É uma saia escocesa. Indicou Heather com sua cabeça para sua filha. — Mantenhamos o café da manhã a rala, correto?

—Está bem, só me perguntava. — Fidelity franziu o cenho a seus cereais. — Na minha idade, isso é tudo o que fica.

Phineas fez uma careta. — É um bebê comparado com alguns dos veteranos por aqui.

—Obrigado, moço. — Fidelity lhe deu um olhar agradecido. — Eu gosto de todos os homens por aqui. Você é *muito Macho*. — Ela deu ao Heather um olhar carregado. — Não crê isso?

Ela resmungou em resposta. — Não me pressione.

Ian e Robby voltaram com a televisão e o suporte da TV. — Obrigada! - Disse Fidelity detrás deles. — Agora não sentirei falta de meus sabões. Estes homens são muito sensíveis a nossas necessidades, não o crê?

Heather lhe fez um gesto.

A risada de Phineas se tornou num bocejo. — Vem o sol. Posso senti-lo. Terei que ir logo.

Significava que ele estaria morto logo. Jean-Luc estaria morto, também.

Heather se estremeceu com o pensamento. Onde estava? Estaria nessa cama grande dela, já que podia tomar-se ali todo o dia tão morto como um prego de porta?

Phineas se parou. — Ey, irmão! O que há de novo?

—Ey! - Phil caminhou para eles. — Bom dia.

Heather o saudou com um sorriso. Ao fim, outro ser humano normal.

Phil observou a sala de estar vazia. — O que aconteceu?

—Movemos tudo ao escritório assim Heather pode trabalhar, — explicou Ian enquanto entrava na cozinha. Inclinou sua cabeça para a Heather. — Já está tudo disposto para o dia.

—Obrigada. — Heather recolheu as terrinas do café da manhã e os levou a pia.



—Phineas, já pode ir para baixo, — disse-lhe Ian. — Robby já se retirou.

—Claro. Até mais tarde. — Phineas se despediu de Heather - Vereei-te amanhã pela noite.

—Dorme bem. — Fez uma careta de dor. Era o apropriado para dizer? Morre bem?

—E você irmão? - Pergunto Phineas ao Ian.

—Tomei a droga, — respondeu Ian, com voz baixa. — Permanecerei acordado.

Phineas fez caretas. — Homem, isso é excêntrico.

Phil olhava ao jovem escocês cuidadosamente. — Sente-se bem?

Ian se encolheu. — Tive um pequeno enjoo ao princípio, mas agora me sinto muito bem.

Phineas sacudiu sua cabeça. — Tratei com as drogas antes. Não são boas, homem.

—Estarei bem, — insistiu Ian. — Agora vá.

—Está bem. — Phineas olhava a Heather. — Vigia-o. — Saiu do quarto.

Heather se aproximou dos dois guardas restantes. — O que acontece?

—Nada. — Ian cruzou seus braços, franzindo o cenho.

—Tomou uma droga experimental que lhe permitirá permanecer acordado durante o dia, — explicou Phil.

—É perigoso? - Perguntou Heather

—Não, respondeu Ian. — Sinto-me muito bem, e precisamos mais de um guarda durante o dia.

Heather mordeu seu lábio inferior. Estes vampiros faziam grandes esforços para protegê-la a ela e a sua família. Voltava-se cada vez mais difícil pensar neles como monstros.

Enquanto caminhavam de novo para o escritório de desenho, notou a escuridão. Os obturadores tinham sido colocados sobre todas as janelas. As luzes estavam acesas, mas produziam certa melancolia sem luz do sol.

—Eles fizeram muitas coisas enquanto tomávamos o café da manhã, — sussurrou ao Phil.

—Eles podem mover-se muito rápido, — respondeu ele.

Super forte e super rápido E super sexy. Deu-se uma palmada mental por esse último pensamento.

—Por que tem que estar tão escuro?

—A luz do sol queimaria a Ian, — sussurrou Phil. — O mataria estar exposto durante muito tempo.

Heather fez uma careta. O jovem escocês ficava em grande perigo. — Eu não vejo porquê precisamos a dois guardas de dia. Louis é um vampiro, verdade?

Phil cabeceou.

—Então atacaria somente na noite, — concluiu Heather. — A menos que esteja tomando a mesma droga que Ian.



—Estou seguro que não o está. Mas é um perito em controlar as mentes dos mortais. Utilizou a mortais para assassinar aos reis franceses. Ele podia lavar o cérebro a qualquer pessoa para vir aqui e nos matar, inclusive durante o dia.

Heather tragou. — Qualquer pessoa que venha à porta poderia ser assassino? Como... o carteiro?

—Correto.

O timbre soou.

Capítulo 22

Heather se moveu mais perto de sua filha. Ian desembainhou sua espada, e Fidelia tirou uma pistola de sua bolsa.

Phil olhou através das persianas da janela ao lado da porta principal. — É o menino do UPS. — Pulsou um botão no alto-falante de intercomunicação. — Deixe os pacotes no alpendre.

—Isto poderia ser legítimo. — Ian repousou a folha da espada em seu ombro. — Jean-Luc encomenda as coisas na *WEB* na noite de domingo.

—O que acontece, mamãe? - Sussurrou Bethany enquanto tomava a mão da Heather.

—É uma surpresa... — Uma agradável, esperava Heather.

Phil continuou vigiando pela janela. — Temos quatro caixas. Vai. Espera. O sol está no alto.

Ian se moveu fora do caminho. Phil abriu a porta, e uma faixa de luz solar se disparou através do piso da sala de exposições. Sobre o mármore brilhante, bolinhas de pó dourado iluminadas pelo sol dançavam no ar.

Heather olhou ao Ian para ver se se encontrava bem. Seus olhos brilhavam úmidos.

Caminhou para ele. — Dói-te?

Ele negou com a cabeça. — Passou muito tempo desde que vi a luz do sol. Nunca pensei que a voltaria a ver. É tão formosa...!

Heather se voltou. Era difícil manter seus preconceitos contra estes vampiros. A faixa de luz desapareceu quando Phil saiu e fechou a porta. Ela foi à janela onde Phil olhara antes.

—Não deveria chegar tão perto, — advertiu-lhe Ian.

Acreditava que os pacotes iam explodir igual a seu caminhão? Olhou pela janela para assegurar-se de que Phil estava bem. — OH, Meu deus, está cheirando as caixas.

—Phil pode cheirar uma bomba, — disse Ian. — Por favor, mova-se para trás.

—Phil pode cheirar...? - Sua pergunta se interrompeu quando Phil entrou com uma caixa.

—Esta é segura.

—Para quem é? - Bethany se adiantou para olhá-la.



—Traga-la aqui. — Ian embainhou sua espada e tirou uma adaga menor de seu ponto de tricô no joelho. — Abrírei-la para ti.

Bethany empurrou a caixa para o Ian enquanto que Phil empurrava para dentro uma segunda caixa. — Isto é divertido! - Empurrou a segunda caixa ao Ian. — Abre-a!

Ian já tinha talhado a cinta de embalagem da primeira caixa. Revolveu alguns amendoins de espuma de polietileno e tirou uma formosa boneca que levava um vestido elaborado. Bethany piscou e estendeu seus braços. — É para mim!

—Senhor, — sussurrou Heather, aproximando-se.

Ian tirou várias bolsas de plástico, cada uma com um precioso traje para a boneca.

—Och, posso dizer que um desenhista de modas escolheu isto. Muita imaginação.

—A amo! - Bethany girava ao redor, sustentando a boneca.

Heather voltou-se para a Fidelia. — Não podemos consentir isto.

Fidelia soprou. — Tenta tirar isso a sua filha.

Heather fez uma careta. — Está sendo ardiloso e manipulador.

—Eu diria que é inteligente e generoso, — murmurou Fidelia. — Mas, que diabos sei eu?

Ian esvaziou a primeira caixa e encontrou uns poucos livros ilustrados. Heather suspirou.

Jean-Luc seria um excelente pai, se não fosse um monstro. Com um sobressalto, recordou que Roman era pai. O que aconteceria se Jean-Luc utilizava o mesmo procedimento? Poderia realmente ser pai?

—Tudo preparado. — Phil empurrou as duas últimas caixas dentro, e logo fechou com chave a porta principal.

Enquanto isso, Ian tinha a segunda caixa aberta. Continha um jogo de antigas cartas de tarô pintadas à mão.

Fidelia as estreitou contra seu peito. Olhou a Heather. — Está louca se o deixa ir.

Heather franziu o cenho. — Não pode comprar.

Ian abriu a terceira caixa e tirou algo feito de rico veludo negro. O entregou a Heather.

Era um vestido negro de coquetel, e precisamente com as suas medidas. Jean-Luc provavelmente estava tentando substituir o que lhe tinha arrancado na sexta-feira passada. Admirou o estilo clássico e o magnífico trabalho. Provavelmente tinha-lhe custado uma pequena fortuna.

—Não pode comprar? - Perguntou com ironia Fidelia.

—Não. — Heather acomodou novamente o vestido na caixa. — Vou retornar isto.

Ian escavou na quarta caixa, logo a fechou. Com um rubor que cobria seu rosto juvenil, empurrou a caixa para Heather. — É para ti.

—O que é, mamãe? - Bethany dançou, agitando sua boneca no ar.

Heather tirou um pouco de cor vermelha e de renda. Um sutiã. Colocou-o de novo na caixa. — Não é nada. Só roupa.

—OH. — Bethany se voltou, decepcionada.



—Deixe-me ver. — Fidelia avançou mais.

Heather pinçou sob os amendoins e tirou outro artigo. Roupa interior de renda negra. Colocou-o de novo.

Fidelia riu entre dentes. — Esse *Juan-Luc*. É um peralta.

Heather negou com a cabeça. Tinha pedido isto no domingo de noite? Tinha planejado seduzi-la todo o tempo? Tirou uma camisola de seda azul escuro, com borde de renda. Sim, ao que parece, tinha-o feito.

—Mmm, Muito romântico, — sussurrou Fidelia.

Heather fechou a caixa, sentindo a calidez do rubor. Inclusive Ian e Phil pareciam envergonhados.

Estavam estudando uma sombra na parede.

—Não vou ficar com isto. — Empilhou as duas caixas cuidadosamente. — Nego a estar em dívida com ele.

Fidelia negou com a cabeça. — Não me importa o que diga Não vou retornar meus cartões novos.

Todos se dirigiram ao escritório de desenho. As cortinas estavam abertas através das portas francesas ao longo da parede do fundo. Os móveis da cozinha estavam organizados na esquina da frente, longe da máquina de costurar de Heather. Podia costurar todo o dia, sem interferir com a capacidade de Fidelia para ver a televisão.

A manhã transcorreu sem mais incidentes. O almoço foi um pouco horripilante quando Ian passeou pela cozinha, tomando um pouco de cor vermelha de um copo.

Alberto se uniu a eles um pouco mais tarde. — Tem alguma ideia de onde está Sasha? Não se apresentou a nossa entrevista para comer.

Heather se encolheu de ombros. — Está em um SPA no Santo Antonio.

—Chamei e ela tinha registrado sua saída.

—OH. — Heather tomou um bocado de seu sanduiche de peru enquanto o considerava. — Sua mamãe vive perto. Sasha poderia estar de visita. — Ou poderia estar evitando Alberto.

Franziu o cenho a seu sanduiche. — Suponho.

—Estou segura de que voltará a tempo para o espetáculo de beneficência, — disse Heather. — Não há maneira de que perca isso.

Alberto assentiu com a cabeça. — Isso me recorda. Temos que criar uma passarela na sala de exposição. Conhece algum carpinteiro local?

Phil sacudiu a cabeça. — Não queremos que trabalhadores estranhos entrem.

—Tenho uma ideia. — Heather levou seu prato a pia. — O instituto onde dou classes montou um musical o ano passado, e construíram uma passarela no fosso de a orquestra. Posso comprovar se ainda o tem.



—Bem. — Alberto parecia aliviado. — A ver se o podem trazer aqui. Vou trabalhar na lista de convidados.

—Não mais de vinte pessoas, — advertiu Ian.

Alberto se burlou. — Isso é ridículo!

Ian arqueou uma sobrancelha. — Pode dizê-lo depois do acontecido ao Pierre?

—Mas uma vez que convide aos membros do conselho escolar, e o prefeito e a câmara de vereadores da cidade, serão quase uma vintena de pessoas, — protestou Alberto.

—O espetáculo será pequeno, — repetiu Ian. — Ordens do Jean-Luc. A segurança ante tudo.

Alberto saiu da habitação, murmurando.

O resto deles retornaram ao escritório onde trabalhava, enquanto que Heather Fidelia e Bethany provavam todos os trajes na boneca nova. Eram quase as seis em ponto quando Ian tropeçou e se agarrou ao bordo de uma mesa de trabalho para manter o equilíbrio.

—Passa-se algo? - Phil caminhou para ele.

—Sinto-me extra...

Heather deixou de costurar para ver.

Ian se dobrou com um comprido gemido.

Correu para ele. — Está bem?

—Não. — Tropeçou para frente e logo se desabou sobre seus joelhos. Ele respirava com dificuldade, e o suor brilhava em sua frente. — Sinto-me muito... - Com um gemido, cobriu-se o rosto.

Heather se ajoelhou junto a ele. — Há algo que possamos fazer?

Gritou, e logo caiu ao chão.

Heather olhou ao Phil. — Temos que fazer algo.

Com uma careta, meneou a cabeça. — Não podemos levá-lo a qualquer parte. O sol o fritaria. E não há maneira de lhe explicar isto a um médico.

Ian deixou escapar um comprido gemido.

—Mas está sofrendo, — sussurrou.

—Mãe, o que acontece Ian? - Bethany caminhou para eles, mas Fidelia a pegou de volta.

—Não se preocupe, carinho, — respondeu Heather. — Está um pouco... Doente. Algo que comeu.

Ian voltou a gritar e de repente ficou rígido. Suas mãos cobriram seu rosto, os nódulos brancos.

—O que podemos fazer? - Heather se inclinou sobre ele. — Onde te dói?

—Em todas as partes, — sussurrou. — Minha cara. Sente-se como se se estivesse rasgando em dois.

Heather lhe tocou o ombro. — Não pode seguir tomando esse medicamento.

—Tenho que fazê-lo.

—Não, não. Phil pode nos cuidar durante o dia. Não tem que sofrer por nós.

—Isto não é só por vocês, — queixou-se Ian. — É por mim!



—O que quer dizer?

Phil ficou de cócoras a seu lado. — Ele envelhece um ano por cada dia que toma a droga.

Heather não podia imaginar por que alguém quereria isso.

—Tenho quatrocentos e oitenta anos de idade, — murmurou Ian. — Sou um homem adulto apanhado no corpo de um moço de quinze anos de idade. Não posso seguir assim.

—Mas isto te está fazendo mal, — protestou Heather.

—Não me importa. — Ian gritou de novo e ficou em posição fetal. — Eu... tenho que parecer mais velho. Quero encontrar o amor verdadeiro... Como você e Jean-Luc.

Começou a negar que sentisse um pouco de amor por Jean-Luc, mas se deu conta de que Ian tinha deixado seu corpo. Suas mãos se separaram de seu rosto.

—Ele... não está respirando.

Phil pressionou os dedos contra o pescoço do Ian. — Seu coração se deteve.

—OH, Meu deus. — Heather caiu sobre seu traseiro. — Isto não pode se estar passando. — Ela retornou a seus pés. — Não pode estar... Morto? Não estão já mortos os vampiros? O que... o que passará com ele?

—Não estou seguro. — Phil passou uma mão por seu espesso cabelo marrom. — Posso pensar em duas possibilidades. Poderia ser que a droga tenha desaparecido, e Ian está limitado a entrar em seu sono mortal. Isso seria bom já que ele não sente nenhuma dor.

—E a segunda possibilidade?

Phil franziu o cenho. — A droga poderia tê-lo matado.

—Não! - Lágrimas brotaram de seus olhos. — Ele não pode morrer. Tudo o que queria era um rosto velho e uma oportunidade com o amor verdadeiro. — Maldita seja, estes vampiros eram muito humanos.

—Não acredito que esteja morto. Ao menos, não de forma permanente. — Phil estudou o corpo inerte.

—Em minha experiência, um vampiro realmente morto se converte em pó.

—Quando vamos estar seguros? - Heather limpou seus olhos.

—Quando o sol se vá. Se ele estiver bem, seu coração começará a pulsar de novo. — Phil assinalou para sua cara. — Vê-o diferente?

—Não. — Heather o examinou mais de perto. — Na realidade, sim. Acredito que sua mandíbula é um pouco maior. E tem uma sombra de barba.

Phil assentiu com a cabeça. — A dor de crescimento. Isso é o que estava sentindo. A dor do equivalente a um ano de crescimento. Acredito que pode ser um pouco mais alto, também.

Heather franziu o cenho ante o cadáver. — O inventor desta droga não sabia que isto se passaria?

Phil sacudiu a cabeça. — Roman nunca sentiu nenhuma dor. É obvio, ele estava perto dos trinta anos. Desde que seu crescimento estava completo, não foi um choque para seu corpo.



—Roman tomou o medicamento ele mesmo?

—Sim. Depois que seu filho nasceu, tomou por uma semana para ajudar com o bebê. Mas então seu cabelo começou a encanecer, e se deu conta do que se estava passando.

Heather ficou em pé. — Não acredito que Ian deva tomá-la de novo. Seguro que há mulheres vampiros que entenderão seu problema e o aceitarão tal como é.

Phil parou. — Não sei. Mas acredito que essa é sua decisão.

Heather não estava de acordo e decidiu falar com o Jean-Luc a respeito.

Imediatamente depois de lhe retornar a roupa que tinha comprado. Merda, tanto por seu plano para evitá-lo por completo.

Olhou ao corpo do Ian. — Não podemos deixá-lo atirado aqui no piso frio e duro.

Os olhos azuis do Phil brilharam com humor. — Não sente nada, me acredite.

—Vê-se tão incômodo. — Heather procurou nas prateleiras e tomou dois cilindros de suave flanela. Deslizou uma debaixo da cabeça do Ian como travesseiro e desenrolou a outra para lhe fazer uma manta. Tomou um descanso para o jantar. Chamou à companhia de seguros para verificar sua casa. Então chamou o instrutor de drama da Secundária Guadalupe. Liz Schumann estava encantado de oferecer sua passarela e de modelar um dos trajes do Heather no show. Liz prometeu que seu novo noivo entregaria a passarela no final de semana, e Heather se comprometeu a lhe dar uns ingressos para o evento.

Depois do jantar, voltou para o escritório de desenho e ao cadáver no chão. Heather terminou o primeiro vestido e olhou o relógio. Às sete e meia. O sol se iria logo. Disse uma oração silenciosa para pedir que Ian despertasse. Logo sacudiu a cabeça com desalento. Estava acontecendo. Já não podia ver estes vampiros como monstros.

E se veria envolta em seu mundo.

Jean-Luc despertou com a sacudida eletrizante de costume que lhe atravessou o corpo e seu coração começou a pulsar. Apressou-se através de sua ducha e café da manhã, precisava saber o antes possível que nada mal tinha acontecido durante o dia.

Heather estava bem? Como tinha ido o Ian em seu primeiro dia com o medicamento para permanecer acordado? Vestiu-se com umas calças cinzas e um polo cor marrom. Só esperava que

Heather não o visse como a noite anterior, com esse olhar de horror e repugnância em seus olhos. Tinha que recuperá-la de algum jeito.

Revisou a cozinha, mas não estavam ali. Ao sair, viu a Fidelia guiar a Bethany para as escadas.

—OH, *Juan-Luc*! - Sorriu-lhe. — Obrigada pelos encantadores presentes. — Embalou a caixa de cartas de tarô em seu peito.

—Eu adoro minha nova boneca. — Bethany a levantou para que pudesse vê-la. — Seu nome é Princesa Katherine.

—Eu gosto. — Assim que os artigos que tinha pedido no domingo de noite tinham chegado. — Sabe onde está sua mãe?



Bethany assinalou para o corredor.

—Estão todos no escritório. — Fidelia baixou a voz. — Esperando a que Ian desperte.

Jean-Luc ficou rígido. — Não está... Acordado?

Bethany riu. — Ele dorme muito.

Fidelia fez uma careta. — Vamos, pequena. Vamos colocar-te na banheira. — Empurrou a Bethany até as escadas.

Jean-Luc quase voou para o escritório e se deteve.

Heather estava ajoelhada no chão, junto ao Ian, rodeada pelo Robby, Phineas, e Phil. Ela olhou ao Jean-Luc. Seu coração se sacudiu em seu peito. Seus olhos já não mostraram asco, mas brilhavam com dor. Sua natureza generosa fez que o dilema do Ian lhe chegasse ao coração.

—Preciso falar contigo. — Ficou de pé e se afastou, evidentemente, para que pudessem ter um pouco de privacidade. Ainda não sabia que não era necessário, os vampiros tinham um super ouvido.

—Como pôde deixá-lo fazer algo tão perigoso?

—Opus-me, — disse Jean-Luc, em voz baixa. — Mas não podia obrigá-lo a não fazê-lo. Era sua opção.

—Mas ele pôde ter morrido só para poder ter uma oportunidade de encontrar o amor verdadeiro. — Heather enxugou seus olhos. — É triste.

—Um homem de honra sacrifica tudo pelo amor verdadeiro.

Ela o olhou, seus olhos estavam muito abertos.

—Quando Roman tomou a droga, despertou tarde, também. — Jean-Luc se voltou para Ian. — Eu acredito que vai despertar.

Um silêncio caiu entre eles enquanto esperavam.

Robby se voltou para Phineas. — Vá ver se Fidelia e a menina estão bem lá encima. Vamos dizer-te se se passa algo.

—Está bem. — Phineas caminhou para fora da habitação.

—E você está fora de hora, moço, — murmurou Robby ao Phil. — Não necessita ficar.

—Sim, sei. — Phil cruzou os braços sobre seu peito.

Heather respirou fundo. — Temos as caixas de coisas que pediste.

Jean-Luc a olhou de frente. — Você gostou do vestido?

—É uma maravilha. — Evitava olhá-lo. — Mas não posso ficar com ele.

—Por que não? - Estava castigando-o?

—Não quero estar... Em dívida contigo. Já me deste um grande trabalho e um lugar seguro para ficar.

—Salvou-me a vida, Heather. Estou em dívida contigo.

—OH, estou segura de que poderia ter dirigido ao Louie por sua própria conta. — Fez um gesto com a mão lhe subtraindo importância. — É o campeão europeu de esgrima, recorda?

—Mas não tinha uma espada, recorda?



Com o cenho franzido, voltou-se para ele. — Estou bastante segura de que poderia tê-lo derrotado sem minha ajuda. É... Muito *macho*, como Fidelia diria.

—*Merci*. Embora não precisa estar tão molesta por isso.

Cruzou os braços. — Ainda assim não posso ficar com o vestido nem as... Outras coisas.

Aproximou-se. — Refere aos sutiãs?

—Havia mais de um?

—Três sutiãs, três calcinhas. — Seu olhar varreu sobre seu corpo. — Fui muito cuidadoso para obter o tamanho correto.

Suas bochechas se acenderam de cor rosa. — Eles vão de volta.

—Não, não vão. — Quando ela abriu a boca para protestar, continuou, — Por minha culpa, você e sua família estão em perigo. Devido a mim, sua casa foi destruída. O mais provável é que tudo em sua casa tenha sofrido danos pela fumaça e terá que ser substituído. Flanqueei-te uma fortuna. As poucas coisas que te comprei não começam a pagá-lo. Sou eu quem está em dívida contigo.

Ela deu um suspiro de derrota. — Está bem. Obrigada.

—Como se sente? - Não gostava de pensar que tinha causado as manchas escuras debaixo de seus olhos.

—Estou muito cansada. Não pude dormir ontem à noite.

—Peço desculpas pela forma em que soube a verdade. Devia-lhe ter dito isso antes.

Ela deslizou suas mãos nos bolsos de suas calças jeans estudando o chão. — Por que não o fez?

Fechou os olhos um momento, perguntando-se como lhe explicar. — Fui... Seduzido pela forma em que me olhou e me falou. Como se fora normal. Era como ser humano outra vez, com uma casa e uma família e uma formosa mulher que em realidade encontrava-me atrativo. O que nunca tive quando fui mortal.

—Alguma vez houve mulheres que não se lançassem sobre ti? Isso é difícil de acreditar.

—Nunca tive um lar e uma família. — Aproximou-se dela. — Tomou-me muito tempo a me dar conta de que é o que mais quero.

Desviou o olhar, mas ele captou o brilho de lágrimas em seus olhos.

—Permite-me a honra de te cortejar?

Ela deu uma curta risada nervosa. — Soas tão passado de moda.

—Talvez. — Sorriu com ironia. — Mas também estou muito decidido.

—Eu... não pertencço a seu mundo.

—Pode pertencer a qualquer lugar que deseje.

Esfregou-se a frente. — Esse é o problema. Não quero estar ali. Mas não quero te fazer dano. Eu... - lan se sacudiu, e seu peito se levantou com um grande fôlego.

—Está vivo! - Exclamou Robby com um sorriso.

—Sim! - Phil golpeou o ar com o punho.

Jean-Luc sorriu. — Graças a Deus.



—OH, sim, sim! - Heather ricocheteou para cima e abaixo. — Sim! - Ela lançou seus braços ao redor do pescoço do Jean- Luc.

Seu coração se inchou quando a envolveu em seus braços. — Sim.

Com um suspiro, apartou-se. — OH, não quis... o sinto. Estava tão feliz, que esqueci...

—Que sou um monstro? - Terminou por ela.

Suas bochechas se tingiram de cor rosa. — Não acredito...

—O que aconteceu? - Ian se sentou.

—Estiveste dormindo no trabalho. — Robby cruzou seus braços, com o cenho franzido. — Deveria descontá-lo de seu pagamento.

Ian olhou a seu redor com um olhar confuso. — Estou... Atrasado?

Robby riu e lhe estendeu a mão para ajudá-lo a levantar-se. — Estávamos preocupados, moço. Como se sente?

Ian agarrou a mão do Robby e pouco a pouco se levantou. — Estou bem, acredito.

—É pelo menos uma polegada mais alto, — anunciou Phil.

—Sou-o? - Sorriu. — Funcionou! Sou um ano mais velho. E estou sangrentamente morto de fome.

—Baixa as escadas e vá tomar o café da manhã. — Ordenou Robby.

—Eu gostaria que não tomasse o medicamento de novo, — disse Heather. — Tinha tanto dor.

—Sinto que o tenha visto, — disse-lhe Ian. — Mas não vou deter-me. — Ele e Phil saíram da habitação.

—Vou deixá-los sozinhos. — Robby se inclinou e saiu da habitação.

—Deveria ir, também. — Heather se dirigiu para a porta.

—E seu trabalho como vai? - Perguntou Jean-Luc.

—OH. — Voltou-se. — Terminei o primeiro vestido. — Fez um gesto para o manequim.

Ele se aproximou. — Decidiu não fazer as mangas, depois de tudo.

—Não. — Ela se moveu mais perto. — Estavam interferindo com o ajuste da blusa. Assim que pensei em fazer uma estola em conjunto que se possa pôr como um cachecol ou usar como um xale.

Ele assentiu com a cabeça. — Boa ideia.

—Estive-me perguntando... - Ela se mordeu o lábio inferior. — Quem faz o trabalho manual de seus desenhos?

—Diferentes mulheres da França e Bélgica, em função do que preciso fazer. Há uma mulher em Bruxelas, que faz a melhor renda, e outra em Bretanha, que faz a maior parte do bonito bordado.

—OH. — Tinha-o imaginado dirigindo uma oficina de exploração em alguma parte?

—Considero-as artistas e lhes pago muito bem. Poderia te levar se quer ver seu trabalho.

—Eu... não acredito. — Retrocedeu. — Deveria ir. Estou muito cansada.

Ele assentiu com a cabeça. — Teve um longo dia.

—Sim. Boa noite. — Virtualmente saiu correndo da habitação.



Jean-Luc suspirou. Ela se tinha negado a deixar que a cortejasse. Ainda parecia um pouco cautelosa, mas pelo menos já não parecia enojada. Estava fazendo progressos, mas era muito lento.

Caminhou pelo corredor para o escritório do Alberto e discutiu o evento de caridade.

Logo se teletransportou a seu escritório para ficar em dia nos negócios. Havia mais de umas centenas de mensagens de correio eletrônico e uma dúzia de informe de Paris para responder. Também era amo do Aquelarre da Europa ocidental, pelo que havia alguns conflitos por resolver.

Tomou um pequeno descanso depois da meia-noite, tomou outro copo de sangue sintético do esconderijo que tinha em seu escritório.

Eram passadas às duas da manhã quando soou o alarme. Jean-Luc tomou sua espada, correu à habitação da Heather, e abriu a porta. Estavam na cama, dormindo. O alarme não as tinha despertado, porque soava em uma frequência de vampiro e só os cães podiam ouvi-la.

O alarme significava uma coisa: um vampiro se havia teletransportado ao interior do edifício.

Dirigiu-se ao banho e comprovou o interior. Estava vazio.

—O que acontece? - Perguntou Heather dormitada.

—Nada, — sussurrou. — Só me assegurava de que está bem. Volta a dormir.

Viu o Robby no corredor, por isso entrou na sala e fechou a porta até a metade.

—O que aconteceu?

—Foi Simone, — explicou Robby. — Ela diz que se aborrecia, assim saiu.

—Aonde foi?

—Não o quer dizer, — respondeu Robby. — Se teletransportou para fora sem ser notada, mas quando voltou, disparou o alarme.

Jean-Luc recordou como Simone se gabou de que poderia ter uma aventura com o Lui.

—Poderia estar comprometida.

—Sei. A envio longe?

—Não. Queremos que Lui faça seu movimento para poder apanhá-lo.

—Está bem. Vou manter um olho nela. — Robby relampejou pelas escadas.

Heather apareceu pela porta entreaberta. — O que se está passando?

—Tudo está bem, — disse Jean-Luc.

Entrou no corredor. — Escutei-te falar. Crie que Simone poderia estar sob o controle do Louie?

—É possível. Em geral usa mortais, mas pode controlar a um vampiro, especialmente se tiver um rancor.

—Igual à Simone. — Heather franziu o cenho. — Este controle da mente... nunca o utilizaste em mim, verdade?

Ficou rígido. — Não, isso seria desonroso.

—Não foi minha intenção te insultar.

Seu olhar vagou por seu cabelo maravilhosamente revoltado e o pijama enrugado. — Se estivesse sob meu controle, estaria na planta baixa agora mesmo, em minha cama.



—OH.

—Nua. Eu estaria...

—Muito bem! Faço-me uma ideia.

Ele sorriu lentamente. — Foi bom para ti?

Dirigiu-lhe um olhar de aborrecimento.

—Vê-te formosa.

Ela soltou um bufido. — Não levo nenhuma maquiagem.

—É uma beleza natural.

—Vai durar muito pouco. Serei velha e enrugada.

—O tempo não me assusta. — Deu um passo mais perto. — Deixe-me te cortejar.

Dirigiu-lhe um olhar estranho, como se a cautela e o desejo lutassem dentro dela. — Vou pensá-lo. — Ela se deslizou dentro do dormitório e fechou a porta.

Sim, ia progredindo pouco a pouco.

Capítulo 23

Heather estava procurando algo que odiar de Jean-Luc. Sua condição de vampiro já não parecia uma razão suficiente para rechaçá-lo. Todos os vampiros na casa tomavam sua comida de garrafas. Todos os vampiros masculinos eram bem educados e considerados. Simone e Inga pareciam egoístas e vaidosas, mas Heather tinha a suspeita de que tinham sido dessa maneira desde antes que adquirissem as presas.

Fidelia confirmou a teoria de que a morte não trocava o caráter de uma pessoa.

Ela tinha visto provas através de sua experiência ajudando aos espíritos perdidos. Assim Heather não podia ignorar a verdade. Jean-Luc era tão formoso, inteligente e honorável como o tinha sido como mortal.

Seu sentido da honra se refletia na maneira em que dirigia os negócios. Não havia fábricas de exploração, os empregados não eram abusados na busca da riqueza. Phil lhe confessou que Jean-Luc estava cuidando da família de Pierre. Era um bom homem. Se tivesse sido mortal, Heather sabia que não duvidaria em perseguir uma relação com ele. Não negaria constantemente seus sentimentos por ele.

Assim que a pergunta real era, podia aceitá-lo e amá-lo como era?

Quinta-feira foi um dia tranquilo até a hora do jantar, quando Ian sofreu outro ataque.

Fidelia imediatamente levou Bethany para fora da cozinha, por isso a menina não teve que presenciar a tortura de Ian. Heather odiava vê-lo sofrer e lhe rogou que tomasse alguns analgésicos,



mas estoicamente se negou. Depois de meia hora de contrações e transpirando, finalmente caiu num pacífico sonho de morte.

Heather terminou a estola para o primeiro vestido e procedeu à etapa da criação de padrões do segundo traje. Conforme passava o tempo, encontrou-se desejando ver o Jean-Luc de novo.

Apresentou-se às oito e meia, tão bonito como sempre. Ficou sem fôlego, só de olhá-lo. *Sei que me ama*. Que Deus a ajudasse, Estava certa? De que outra forma poderia explicar a sua atração por ele, mesmo ela sabendo a verdade a respeito dele?

Ele olhava o seu trabalho enquanto esperavam que Ian despertasse. Ian despertou e tropeçou em seus pés para ver que tinha crescido. Heather entregou ao Robby uma cinta métrica.

—Agora mede seis pés de altura, — anunciou Robby. — E necessita te barbear. — Ian fez caretas, esfregando a barba em sua mandíbula.

—Devemos tomar um *Blissky* para celebrar, — sugeriu Phineas.

Ian riu. — Você sempre encontra uma razão para tomar algum *Blissky*.

—Tenho uma garrafa no escritório de segurança, — disse Robby. — Vamos.

Os três vampiros masculinos caminharam para fora, deixando a Heather só com o Jean-Luc.

—O que é um *Blissky*? - Perguntou.

—Uma mescla de sangue sintético e uísque escocês, — explicou Jean-Luc. — Roman fez as nossas comidas muito mais interessantes com sua *Cozinha de Fusão Vampiro*.

Heather fez uma careta. — Está brincando?

—Não. Agora temos *Chocolood*, sangue com chocolate, o favorito entre as senhoras vampiras, e *Bubbly Blood*, sangue com champanhe para essas ocasiões especiais de os vampiros.

Ela riu. — Quais seriam? Transladar-se a um ataúde novo e melhorado?

O canto de sua boca se inclinou para cima. — Agora te burla de mim. Sabe exatamente onde durmo, e não é um ataúde.

Sua cara se ruborizou com a lembrança de sua cama.

—Quer ver no que tenho estado trabalhando? Está em meu escritório.

Ela vacilou, não sabendo se estava preparada para estar a sós com ele detrás de uma porta fechada.

Seu sorriso se desvaneceu. — Nunca te faria mal, *chérie*. Faria tudo para te proteger.

Tudo menos de apaixonar-se por ele. E isso podia lhe causar muita dor em algum momento no futuro. Suspirou. O amor nunca chegava com uma garantia.

Era sempre um salto de fé. Só que não estava segura de querer dar esse salto.

Estava deixando que o medo governasse sua vida outra vez? A precaução era às vezes a opção mais sábia. Mas ao mesmo tempo, muita precaução podia ser muito aborrecido e... triste. Passaria o resto de sua vida lamentando sua prudente sabedoria?

Tomou uma respiração profunda. — Posso parar por uns minutos.



—Bom. — Ele caminhou lentamente para a porta, esperando-a para acompanhá-la. Não fez uma tentativa de tocá-la, e o agradeceu. Parecia entender que ela necessitava tempo. E necessitava respostas.

—Por que veio ao Texas? - Perguntou enquanto começavam a descer para o vestíbulo.

—Precisava desaparecer. Os tabloides se perguntavam por que não envelhecia.

—Então vais te esconder?

Ele cabeceou. — Por vinte e cinco anos. Então posso voltar para Paris, me fazendo passar como meu filho.

Ela quis lhe perguntar se nunca tinha considerado ter um filho real, mas perdeu a coragem.

—Então vai estar em Schnitzelberg durante algum tempo. — Como poderia voltar para sua vida normal, sabendo que o vampiro que amava vivia justamente ao fundo da estrada?

—Ainda posso viajar. Só devo tomar cuidado. Não posso me permitir ser visto pelos tabloides.

—Como viaja? - Ela se deteve brevemente enquanto entravam na sala de exposição. — Não me diga... Esconde-se em um ataúde na adega de carga de um 747.

Ele fez uma careta de dor. — Isso seria terrível. É realmente muito fácil para nós, viajar. Só nos teletransportamos.

—Se teletransportam? Ninguém se teletransporta, exceto na ficção científica.

—Nós os vampiros nos teletransportamos.

Ela olhou ao redor da sala de exposição, muda. Deu volta de novo para Jean-Luc, e ele desapareceu.

Ela ofegou. — Jean-Luc?

—Sim.

Saltou e se girou. Estava detrás dela. — OH. Isso foi muito ardiloso.

—Resulta muito prático. Assim é como meus guardas puderam trazer os brinquedos de sua filha aqui.

Ela estreitou os olhos. — Poderia teletransportar-se a meu dormitório sempre que queira, inclusive com a porta fechada?

—Sim. Mas não esqueça que sou um homem honorável.

Ela fez uma careta de dor com um pensamento súbito. — Então Louie poderia teletransportar-se aqui. Poderia ir direto a meu dormitório.

—Heather... - interrompeu-a, tocando seu ombro. — Um alarme soa no segundo em que qualquer pessoa se teletransportar dentro do edifício. Saltou ontem à noite quando Simone voltou.

—OH. Foi por isso que entrou em meu dormitório.

—Sim.

Ele realmente a protegia. — Agradeço que esteja trabalhando tão duramente para nos manter seguras.

Ele sorriu. — Quando tudo isto termine, acredito que deveríamos sair juntos.



—Refere-se a jantar e filme? - Burlou-se. — Não me estou oferecendo como voluntária para ser o jantar.

Ele riu entre dentes. — Não, mas poderia te levar a alguma parte longe do olho público, como o castelo de Angus na Escócia ou o chalé do Roman na Toscana.

O muito patife. Pendurava uma cenoura que ela achava difícil de resistir.

Sempre tinha desejado viajar.

—Tenho amigos vampiros por todo mundo que nos acolheriam com satisfação, — continuou Jean-Luc.

—Só temos que estar seguros de que me não reconheçam. Ou que o sol não subiu.

—Quer dizer que me levará quando se teletransporte?

—Sim. É muito simples, realmente.

Ela soprou. — É fácil para ti dizê-lo. Está falando de me converter em certa classe de... Vapor, e logo esperar que me materialize com a cabeça bem posta.

—É perfeitamente seguro.

—Não soa seguro.

Ele inclinou sua cabeça, considerando-a. — Mostre-te agora como funciona, assim não terá que preocupar-se disso.

Ela retrocedeu. — Estou bem com a preocupação. Estou realmente muito bem com a preocupação.

—Só iremos a meu escritório. — Assinalou à janela do segundo andar que dava à sala de exposição. — E logo, quando te levar em uma longa viagem, não terá medo.

Bom senhor, era tão tentador. — Pode ser que esteja de acordo com um encontro em algum momento no futuro. Mas isso não significa que estou de acordo com essa ideia do cortejo.

—Bem. Faremos sua primeira teletransportação agora. — Ele se moveu para mais perto.

Seu coração gaguejou. OH deus, ela estava de acordo em teletransportar-se.

Ele pôs suas mãos ligeiramente ao redor de sua cintura. — Há algumas coisas que deve fazer para que isto funcione.

—Como o que?

—Ponha seus braços ao redor de meu pescoço e o sustente firmemente.

Ela moveu lentamente as mãos até seu pescoço. — Agora o que?

Ele envolveu seus braços a seu redor. — Agora me beija.

Ela se burlou. — Nunca fizeram isso no *Star Trek*.

—Eles o perdem.

—E se se teletransporta sozinho ou com um menino?

Ele fez uma careta de dor. — Está bem. Menti. — Deu-lhe um sorriso pesaroso. — Não pode me culpar por tentá-lo.

Ela golpeou com força seu ombro.



Ele riu entre dentes. — Embora tenha que me agarrar forte.

O quarto começou a vacilar, e Heather agarrou seu pescoço por sua vida.

—Confia em mim. — Suas palavras foram suaves, sussurradas em seu ouvido momentos antes que todo se voltasse negro. Sentia-se flutuar, logo sentiu um piso sólido debaixo de seus pés. Abriu os olhos.

Estava em um escritório grande. — Isso foi fantasmagórico.

—Acostumara-se a isso.

Deu um passo atrás, e ele a soltou. Vagou pelo escritório, observando as duas cadeiras de couro *wingback*, o escritório, computador, e gabinetes de arquivo. Parou perto de uma mesa de trabalho que estava coberta com um formoso tecido em tons de verde e azul. Um montão de plumas de pavão suplicavam para serem tocadas. Ela esfregou ligeiramente as suaves plumas.

—Sabia que teria que as tocar, — disse em voz baixa detrás dela. — Você gosta das texturas.

Sua pele picava com pele arrepiada. — Como sabe?

—Estive-te observando. — Ele se moveu a seu lado. — Você gosta da suavidade da seda contra sua pele nua. Você gosta de tocar a chenilla e o veludo. — Tomou uma pluma de pavão. — Isto me fez me lembrar de ti. Isto tem todas as sombras de diferentes tons de verde e turquesa que vejo em seus olhos. Trocam levemente quando sorri ou franze o cenho ou... culmina.

Lançou-lhe um olhar zangado. — Seus olhos trocam, também.

Ele sorriu e lhe deu uma pilha de esboços. — O que pensa?

Olhou sobre eles. Era tão talentoso. As arrumou para utilizar seus séculos de experiência em moda e criar algo clássico e novo de uma vez. — São formosos.

—Assim é minha inspiração. — Ele esfregou ligeiramente o lado de sua cara com o bordo da pluma para baixo até seu pescoço.

Ela deixou os esboços e caminhou para a janela. Olhou para baixo os manequins, brancos, rígidos na sala de exposição escura. — Preciso saber mais sobre ti.

—Que deseja saber?

Ela reclinou a frente contra o vidro fresco. — Tudo. Conhece tudo sobre mim.

Ele suspirou. — Não há muito que dizer. Nasci sendo um camponês pobre, o filho de Jean que limpava o estábulo. Não recordo um sobrenome.

Ela deu volta para lhe fazer frente. — O que há sobre Echarpe?

—Adquiri esse nome depois de que me transformassem. Alguns vampiros me o deram como brincadeira. Depois de que as mulheres me... encontravam, levavam um cachecol para ocultar as marcas. — Ele se encolheu. — Echarpe significa cachecol.

Ela fez uma careta de dor. — Uma má brincadeira.

—Muito de minha vida foi uma má brincadeira... lutei para estar onde estou agora.

Podia identificar-se com isso. — É verdade o que disse a outra noite... que sua mãe morreu quando era muito jovem?



Franziu o cenho, sentou-se em uma das cadeiras wingback. — Ambos morreram, me deixaram órfão com a idade de seis anos. O barão permitiu que dormisse no estábulo e que assumisse o controle dos deveres de meu pai.

Heather bufou. — Bem, isso era pouco para ele.

—Era melhor que não ter lar.

Caminhou para ele, parando no escritório. — Continua.

—O barão era um guerreiro experiente, e tinha vários guardas vivendo no castelo com seu filho. Treinava a todos para a cavalaria. Ocultava-me detrás de os barris para olhar. Depois praticava de noite no estábulo com um equipamento.

Ela cabeceou. — Certamente que foi bom.

—O filho do barão era um valentão, e converteu aos outros meninos em polpa. O barão não fez nada, porque estava orgulhoso de seu filho. Um dia, quando tinha perto de dez anos, o filho tinha um dos guardas sobre a terra, e o golpeava com um pau. Tomei meu equipamento e o empurrei. Iniciamos uma batalha.

Heather fez uma careta de dor. Como professora de história, entendia as severas consequências se um camponês atacava a seus superiores.

—Os criados me gritavam que parasse e corresse, — continuou Jean-Luc. — Os outros guardas correram para alertar ao barão. Continuei lutando. Lutei como um louco. Todos meus anos de frustração e miséria entraram em erupção com tanta ira.

—Acredito-te. — Ela tinha estado tão zangada consigo mesma por seus anos de ser um capacho. — O que fez o barão?

—Ordenou-nos que parássemos. Então me dei conta do que tinha feito. Pensei que ia a morrer.

Jean-Luc esfregou sua frente, franzindo o cenho. — Era a primeira vez que me senti impotente a esse grau. Meu destino estava totalmente nas mãos de outro homem.

—Deve ter sido terrível. — Heather pôs a cadeira a seu lado.

—Para surpresa de todos, o barão se aproximou de seu filho e o esbofeteou com tanta força, que o moço caiu ao chão com um corte no lábio. O barão o castigou por não matar a um inferior em batalha. Então me disse que se queria brigar, podia fazê-lo. Surpreendeu-me, mas parecia muito melhor que limpar os estábulos pelo resto de minha vida, assim aceitei.

—Treinou-te com os outros meninos?

—Sim. Os anos que seguiram foram difíceis. Tinha que estar em guarda constantemente, porque o filho do barão sempre estava tratando de me emboscar e sacudir o inferno fora de mim.

—Que canalha.

Jean-Luc sorriu. — Era-o. O rei naquele momento, Louis XII, tentava assumir o controle da Itália. Exigiu a seus nobres que enviassem a seus melhores cavaleiros. O barão estava vinculado à poderosa família de Guise quem queria que o rei falhasse, assim que o barão disse que enviaria o pior. Assim fui rapidamente armado cavaleiro. Outra má brincadeira.



Heather fez uma careta de dor. — Não podia ser o pior.

—Não tinha nenhuma experiência real em batalha. E não tinha família, assim era dispensável. Deram-me uma pobre desculpa de cavalo, e algumas armas velhas e patéticas.

—OH meu Deus, o enviaram para morrer.

—Exatamente. Recordo de o barão rir, dizer que sua decisão de me treinar havia dado seus frutos. Enviaram-me em lugar de seu filho para morrer em uma guerra que estava condenada a fracassar. — Jean-Luc fechou os olhos brevemente. — Esse dia jurei que nunca me veria impotente outra vez. Nunca seria um peão outra vez.

Heather tocou seu braço. — Sinto-o tanto.

Ele tomou sua mão. — Minha primeira batalha foi em 1500. Sobrevivi.

—Tinha só quinze anos.

Ele cabeceou. — Continuei fazendo-o bem. Notaram-me e me foram dando melhores cavalos e equipamento. Fiz meu caminho entre as filas até 1513 e a batalha das *Esporas*.

—Aí é quando...

—Morri. Os ingleses invadiram a França no *Guinegate*, e meus companheiros fugiram em batalha. Estava tão zangado que me mantive firme e cortei drasticamente ao primeiro inglês que se aproximou de mim. Um estúpido engano, porque logo me rodearam e apunhalaram muitas vezes. Deixaram-me para morrer.

Heather se estremeceu, e ele apertou sua mão.

—Essa noite, Roman me encontrou. Não queria morrer.

—É óbvio que não. Foi tão jovem.

—Sim, só que era mais que isso. Queria ser responsável por meu próprio destino. Estava doente de me sentir impotente. Queria o poder, inclusive poder sobre a morte.

Heather tragou duro. — Acredito que o conseguiu.

Deu-lhe um sorriso torcido. — Ainda posso morrer. E a brincadeira final a minha curta vida como mortal... à manhã seguinte, meu corpo se foi, assim que a batalha das *Esporas* entrou nos anais da história como uma batalha sem sangue. Fui uma morte esquecida.

—Sinto muito.

Ele apertou sua mão. — Só alguns conhecem minha história. Odeio incluso recordar o patético que era.

—Sentia-me patética, também, me deixando manipular por todo mundo. Mas você sabe, não somos patéticos absolutamente. Somos conquistadores. Ambos lutamos para trocar nossas vidas para melhor. — Ela fez uma careta interna de dor. Ela acabava de admitir que sua vida como vampiro era uma melhora.

—Não te mentirei, *chérie*. O mundo dos vampiros é tão violento como o mortal. Os *Malcontents* estão criando um exército, e outra guerra poderia explodir. Isso seria um desastre para todos nós. Tal guerra não poderia passar inadvertida. Os tabloides estariam por toda parte.



Ela tomou uma respiração profunda. — Seu segredo seria revelado.

Ele cabeceou. — Exatamente.

—E haveria gente determinada a caçar a todos os vampiros e matá-los. Isso seria um desastre. — Ela retirou a mão e se reclinou em sua cadeira. O mundo dos vampiros era perigoso. Como poderia arrastar a sua filha nele?

Ele parou e caminhou para a janela que dava para a sala de exposição. — Preciso te advertir sobre o desfile no próximo sábado. Pensei em cancelá-lo, visto que daria ao Lui a oportunidade de te atacar. Mas decidimos continuar com ela.

Ela trágou. — Vou ser um alvo fácil?

Ele deu volta para lhe fazer frente. — Estarei a seu lado à tarde inteira. Estaremos bem preparados. É melhor desta maneira. Melhor dirigi-lo aqui onde podemos controlar a situação. E melhor que aconteça de noite quando todos os vampiros estão acordados e te protegendo.

Ela cabeceou lentamente. — Melhor terminar com isto, também. — Ela não queria viver com a ameaça do Louie mais tempo que necessário. — Somente temos que proteger a minha filha e manter segura a Fidelia. Não deixar que fiquem em perigo.

—Estou de acordo. — Ele caminhou para sua mesa de trabalho. — Agora sabe ao que mais temo. Ódio me sentir impotente. Ser um vampiro me deu muitos poderes, força superior e uma velocidade fora do comum, mas também tem uma terrível debilidade. Sou totalmente impotente durante o dia.

Ela ficou em pé. — Tem a seus guardas para te manter seguro.

Ele sacudiu sua cabeça e agarrou uma amostra de seda verde. — Não é minha segurança a que me preocupa. Em cada manhã à saída do sol, quando me deslizo em meu sono mortal, invade-me um medo terrível a que algo te aconteça enquanto que estou atirado ali, impotente para te ajudar. — Ele espremeu o tecido em seu punho. — Não poderia suportá-lo.

—Tudo estará bem. — Correu à mesa. — Tenho ao Phil e Ian, e a Fidelia com suas armas. E não sou totalmente indefesa. — Ela tocou seu braço. — Todos temos medos que nos acossam.

—E ainda tem medo de mim? Pelo que sou? - Ele deixou o tecido na mesa. — Como posso te convencer de que não muda nada? Ainda amo você não importa o quê. Sempre te amarei.

As lágrimas lhe picavam os olhos, e se voltou. — Não é que não... acredito que é um homem maravilhoso.

Ele agarrou uma pluma de pavão e arrastou as plumas suaves sobre seu braço nu.

—Estou tão duramente tentando não te tocar.

Seu braço zumbia. Seu coração doía pela necessidade de confortá-lo. Necessitava tanto ser amado. Ele merecia todo o amor que uma boa vida deve ter o amor que nunca tinha tido.

Com um pequeno grito, ela envolveu seus braços ao redor de sua cintura e o abraçou firmemente. — É um bom homem, Jean-Luc. Um homem maravilhoso.



—Heather. — Ele a sustentou brandamente, como se tentasse conservar o controle. — Quero-a tanto. — Sua mão acariciou acima e abaixo de suas costas, incitando pequenas comichões.

Ela precisava afastar-se, mas era tão sólido. Tão fácil inclinar-se sobre ele. Ela sentia seu queixo esfregar contra seu cabelo. Seus lábios escovando sua frente. O puxão familiar do desejo se disparou através dela.

Seus braços se apertaram. — Deixe-me te cortejar. — Respirou em seu pescoço, depois sussurrou em seu ouvido, — me deixe te amar.

Olhou-lhe a cara, e sua respiração ficou apanhada em sua garganta. A íris azul claro de seus olhos trocava. — Seus olhos estão ficando vermelhos.

Ele penteou para trás o cabelo de sua frente. — É um problema que tenho sempre que estou a seu redor.

—Por quê? Faço que se sinta faminto?

—Faz que me doa de desejo. Meus olhos são simplesmente um reflexo da paixão que arde dentro de mim.

—Quer dizer que se voltam vermelhos quando te... acende?

—Sim. — Sorriu lentamente. — Poderia me ajudar a aliviar o problema. Mas temo que continuaria apresentando-se, uma e outra vez.

OH Deus, essa seria uma muito má maneira de passar o resto de sua vida? Uma semente de pânico subiu para dentro de seu estômago. Ela não estava preparada para comprometer-se a uma vida tão diferente para ela e sua filha. — Preciso ir. — Retrocedeu.

Ele a soltou. — Como deseja, *chérie*.

Ela se foi e se deslizou dentro de seu dormitório escuro. Bom senhor, o que devia fazer? Não tinha nenhuma dúvida que Phineas tinha razão, e ser um vampiro não trocava o caráter de uma pessoa. Jean-Luc era justo, tão nobre e honorável como tinha sido quando estava vivo. Possivelmente ainda mais. Seus anos adicionais de existência tinham-lhe dado uma sabedoria e uma maturidade que Heather encontrava muito atrativas. E é óbvio, era muito atrativo. Era maravilhoso com a Bethany, bom e generoso com a Fidelia. Era perfeito de cada maneira exceto de uma. Era um vampiro.

Mas o ser um vampiro não tinha trocado ao Jean-Luc, e não trocava o que sentia sobre ele. Agora que tinha superado o choque inicial, descobriu que ainda a atraía, estava apaixonada por ele. E isso a assustou mais que seus dentes bicudos.

Já que estava considerando seriamente uma relação com ele.

Uma parte lhe disse que estava louca. Conhecia o Jean-Luc fazia uma semana. Como poderia tomar uma decisão que afetaria a sua vida inteira? E a de Bethany, também. Como poderia explicar a sua filha que o novo noivo de mamãe estava morto durante o dia? Como poderia carregar uma pequena com tais segredos? Mas a alternativa, ocultar a verdade a sua filha, fazia que Heather se sentisse desonesta e culpada.



Em geral, era uma situação difícil. Ela envelheceria, e Jean-Luc não. Estaria arrastando a sua filha a um mundo estranho. Por outra parte, poderia dar a sua filha um padrasto maravilhoso e carinhoso.

Mas estaria morto durante o dia. A mente do Heather ia de um lado a outro entre prós e contras. Era suficiente para lhe dar uma enorme dor de cabeça. Procurou na escuridão o quarto de banho, depois fechou a porta e se girou para acender a luz. Olhou-se no espelho. Fidelia tinha dito que seguisse seu coração. Seu coração desejava ao Jean-Luc, mas sua cabeça pedia precaução. Se Jean-Luc se voltava parte de sua família e não funcionava, não seria a única com um coração quebrado. Bethany sofreria, também.

Heather suspirou. Estava em guerra contra o medo, mas nesta batalha em particular, o medo ganhava.

A linha de ação mais segura era a retirada. Devia retirar-se antes que seu amor pelo Jean-Luc a afligisse.

Capítulo 24

Essa noite, Heather aprendeu a respeito de outro super poder que os vampiros possuíam. Estava parada na sala de exposição, surpreendida, enquanto Robby e Ian penduravam tecido da ponte para fazer uma cortina que dividisse a parte posterior da sala de exposição. As modelos utilizariam a parte de trás como vestidor durante o desfile de modas.

O que surpreendeu a Heather era que os dois escoceses não necessitavam uma escada. Simplesmente levitaram no ar.

—Imagino que você também pode fazer isso. — Deu uma olhada ao Jean-Luc, que estava a seu lado.

—Sim. — Inclinou-se para ela. — Em meus braços, poderíamos subir a novas alturas juntos.

Não estava segura de que se referisse à levitação. — Estou bem sendo uma humilde mortal.

—Não há nada humilde a respeito de ti. E tive alguns problemas ultimamente com certas partes levitando por sua conta.

Ela soltou um bufido. — E que outros poderes tem?

—Visão e audição superiores. Uma desenvolvida consciência do que me rodeia. Por exemplo, sabia que Fidelia se esconde detrás da vitrine dos cachecóis?

—Não. Por que diabos ia fazer isso?

A boca do Jean-Luc tremeu. — Não pode adivinhar?

Heather levantou o olhar. Por cima da vitrine, Robby se movia no ar, vestindo sua saia de quadros azul e verde. — Bom Deus. Isto é vergonhoso. — Felizmente, Bethany estava na cozinha, comendo bolachas, enquanto que Phineas montava a guarda.

Ian se precipitou na sala de exposição, transportando mais pernos de tecido para utilizar como cortinas. Movia-se tão rápido que seu corpo era uma imagem imprecisa.



—São super-rápidos e fortes, — observou Heather.

—Temos uma grande resistência. — Sorriu Jean-Luc. — Podemos aguentar toda a noite.

Ela se burlou. Tinha a mente em um só sentido esta noite. Nesse aspecto, os homens vampiros não tinham avançado nem um ápice desde seus inícios mortais. — Seus olhos o põem em desvantagem.

—Como assim? Você não gosta de saber quando me acende?

—Sim, mas se alguma vez te vejo olhar a outra mulher, e seus olhos ficam vermelhos, estará em grandes problemas.

Ele fez uma careta. — Nunca o pensei dessa maneira. Felizmente, tenho a intenção de te ser fiel.

Como poderia seguir sendo fiel quando fora velha e cinza? Heather suspirou. — E que outros poderes têm?

—A telepatia. Não o fazemos muito frequentemente, porque não é privado. Qualquer vampiro pode recolher uma mensagem que se esteja emitindo. Esse é o problema com o sexo vampiro.

—O quê?

—Sexo Vampiro. Qualquer vampiro pode unir-se e participar.

Heather fez uma careta. — Isso é repugnante.

Ele arqueou uma sobrancelha. — É possível que você goste.

—Não pratico sexo em grupo.

—Bem, porque me nego a compartilhar.

Era hora de trocar de tema. — E que outros poderes têm?

—O controle mental. Podemos manipular e apagar os pensamentos.

Ela assentiu. — Pensa que Louie poderia utilizar o controle da mente em alguém envolto com o desfile? Inclusive Simone.

—É possível, mas não se preocupe. Não saio de seu lado.

Perguntou-se a quem escolheria Louie. E que se seu ato de vítima, de uma maneira estranha, convertia-o em óbvio? - OH, Meu deus, e se ele está jogando com o Cody?

Jean-Luc piscou. — Perdão?

—Cody esteve atuando estranho desde que Louie chegou à cena. Talvez Louie o esteja usando para chegar perto de mim.

Jean-Luc meneou a cabeça. — Não, não o está.

—Como pode estar tão seguro? Cody se voltou louco de novo ontem de noite.

—Não devia ter-te insultado.

—Billy disse que estava destrambelhando sobre mim, mas, como sabe?

Jean-Luc suspirou. — Ele está sendo manipulado. Por mim.

Heather ficou sem fôlego. — Por que faz isso?

—Estava-te insultando. O merecia.



—Esteve correndo como uma barata.

—Exatamente. — Assentiu Jean-Luc com a cabeça. — O que é perfeitamente conveniente.

—Não é a você de decidir sobre isso.

—Estou-te protegendo.

—Não. — A ira chispava em seu interior. — Está assustando o inferno fora de mim. Estive preocupada faz dias. Tive que chamar meu advogado para falar sobre a mudança de direitos de visita.

—Vou pagar sua fatura.

—Esse não é o ponto! Não tem direito de interferir em minha vida pessoal.

—Pensei que era parte de sua vida pessoal. — Ele cruzou os braços, com o cenho franzido. — A próxima vez que veja seu ex, vou anular a ordem. Vai voltar para sua repugnante forma de ser.

—Obrigada. Não posso acreditar que tenha estado me preocupando com isso, e era só uma brincadeira para ti.

—Não me estava rindo, Heather. Queria matar ao filho de puta pela forma em que te estava tratando. Cem anos atrás, o teria feito.

Seu peito se estreitou, o que lhe dificultava a respiração. Sentia-se... Apanhada. Asfixiada. Não estava preparada para isto.

—Está bem? - Tocou-lhe o ombro. — Seu coração pulsa com força.

Deu um passo atrás. — Lutei muito duro por minha liberdade simplesmente para jogá-la agora no lixo. — Ela se voltou e se dirigiu à cozinha para estar com sua filha.

Estava-a perdendo, e não sabia o que fazer a respeito. Os vampiros não estavam acostumados ao rechaço. Nos velhos tempos, se Jean-Luc queria um quartilho, sempre poderia recorrer ao controle da mente. Isso sim, a dama em questão nunca disse que não.

Mas não era sangue, queria ao Heather. Queria seu amor, e se mostrava muito mais difícil de obter. Seu sentido da honra impedia-lhe de utilizar o controle mental em algo tão importante. Queria que seu amor fosse real.

Seus velhos métodos de sedução não tinham funcionado em Heather. Tinha sua própria carreira, sua própria casa, sua própria família. Valorava sua independência, e na realidade não o necessitava.

Merde. Quanto mais se apartava, mais lhe doía. Nos dias que seguiram, esteve tentado em várias ocasiões de ir bater em seu dormitório e fazer amor com ela até que não pudesse ver bem. Também considerou utilizar o sexo vampiro para seduzi-la enquanto dormia, mas descartou essa ideia. Ela não tinha reagido bem à manipulação mental de seu ex. Não apreciaria que jogasse dentro de sua cabeça.



Assim que ficou totalmente sem curso de ação por ser um bom tipo. Sempre se tinha considerado a si mesmo alguém bom, por isso era surpreendente o muito que tinha que trabalhar nisso. Teve que recordar-se constantemente de não se burlar dela com seu habitual senso de humor obsceno. Teve que obrigar-se a si mesmo, uma e outra vez, a não tocá-la.

Ela se inundou no trabalho, e cada tarde, passava a revista a seus lucros diários de maneira profissional. Fazia amáveis sugestões enquanto mentalmente via a imagem de sua roupa caindo. Dava-lhe um sincero ânimo enquanto a imaginava gritando seu nome no meio de um clímax maciço.

Como a semana avançava, inclusive imaginava seu formoso corpo inchando-se com seu filho dentro. Maldito seja ao inferno, queria começar uma vida com ela. Queria ser seu marido. Este lixo de ser-bom era para os pássaros.

Na sexta-feira, Heather estava a ponto de gritar, e não sabia porquê. Jean-Luc era muito cortês. Nem sequer tentava tocá-la. Infelizmente, também deixou de pegar o cabelo e fazer brincadeiras. Já não a olhava como se estivesse disposto a devorá-la. Esfriou seu amor por ela? Se esse fosse o caso, então ela tinha razão em afastar-se.

Ela tinha-se sentido molesta pelo de seu ex dando voltas como barata, mas quando foi queixar-se dele à Fidelia, ambas terminaram rebolando de tanto rir.

Heather suspirou. Sentia falta de o velho Jean-Luc. Nos últimos dias, toda a diversão se tinha esfumado dele. Inclusive Fidelia notava a diferença.

—Pobre *Juan-Luc* - gemeu. — Perdeu seu encanto. Deve ajudar a recuperá-lo.

—Como? - Heather duvidava em perguntar.

—desce ao seu dormitório e tire a roupa enquanto dança tango.

—Não sei como dançar tango. Funcionaria *The Cotton Eye Joe*? - Heather se imaginou a si mesma enquanto se despia fazendo um baile country-western.

—Estou tratando de te ajudar, garota. Se não lhe disser que o ama, pode perdê-lo. O queres perder?

Não. A resposta surgiu em sua mente. Não, não podia suportar a ideia de perdê-lo. — Sinto falta dele. Sinto falta das conversações divertidas que estávamos acostumados a ter. Sinto falta da forma em que sempre estava tentando me roubar um beijo ou me tocar. Sinto falta da forma em que me fazia sentir. — Se tinha sentido querida por ele.

OH Deus, tinha perdido seu amor. Manteve-se ocupada com largas horas de trabalho. Na sexta-feira pela manhã, terminou o último dos três vestidos. Essa tarde, suas três amigas professoras vieram buscar os seus acessórios. Tudo estava preparado para o show do sábado. Suas duas semanas de trabalho tinham terminado. Jean-Luc havia dito que poderia ficar até que sua casa estivesse preparada. Resistia para ir vê-la? Não sabia como poderia deixá-lo e voltar a sua antiga vida como se nada tivesse acontecido.



Ian se derrubou como de costume, depois das 6 PM. Sempre se asseguravam de que Bethany estivesse na cozinha quando isso acontecia. Heather lhe tinha dito que Ian era uma pessoa especial que estava envelhecendo muito rapidamente.

Bethany parecia aceitar isso, apesar de anunciar que queria crescer rapidamente, também.

Pouco depois das 7 PM, Sasha apareceu. Depois de queixar-se dela, Alberto a preparou para a equipe que usaria.

—Heather, seus desenhos são fabulosos! - Sasha abraçou-a. — Estou tão feliz por ti.

—Obrigada. — Heather se surpreendeu. — Já sabe que meus desenhos são tamanhos doze não?

—OH, sei. E pode ser que os use algum dia. — Sasha girou em círculo, com um sorriso.

—Sabe o que? Vou-me retirar! E começar a comer outra vez!

—Wow. Parabéns. Quando decidiu isto?

—Quando me apaixonei. — Sasha estreitou suas mãos sobre seu coração. — Conheci-o em Santo Antonio. É tão bonito. E rico. E está louco por mim!

—Bem! Quando teremos a oportunidade de conhecer esse homem?

—Logo. Henry é tão fabuloso. Só o amará. Eu o faço. Pode acreditá-lo?

Sasha virtualmente dançou para a porta principal. — Vemo-nos amanhã!

Mais tarde dessa noite, depois que os vampiros despertassem, Simone e Inga vestiram seus vestidos e subiram à passarela. Marcaram-na como fia, mas aceitável.

Enquanto isso, Jean-Luc passeava pela sala de exposição, assegurando-se de que tudo estava em ordem.

Os manequins e vitrines tinham sido trasladados ao porão. A passarela em negro estava flanqueada de cada lado por duas filas de cadeiras dobradiças brancas. As extensões de seda que penduravam da passarela brilhavam em tons de negro, cinza e branco. Toda a habitação se via muito elegante.

Jean-Luc se deteve junto a Heather. — Seus trajes estão preparados?

—Sim. E foram ajustados a meus modelos pela tarde.

—Bem. — Caminhou para as cortinas de seda e deu a volta. — Fê-lo bem ao ter as três preparadas em tão pouco tempo.

—Obrigada.

Dirigiu-se para a porta principal, logo se voltou e retornou. Ele franziu o cenho para ela. —Estou a ponto de explodir.

Ela piscou. — Desculpa?

—Não posso suportá-lo mais.

Estava-a demitindo? O coração do Heather começou a pulsar. — Sei de que só me contratou por duas semanas, e meu tempo está chegando ao fim.



—Não estou falando do emprego. Estou falando de nós. — Avançou, mas retornou depois de uns poucos passos. — Passei quase uma semana sem te tocar. Não sei como atuar... Quero tomar-te e dar um beijo, mas não me atrevo a te assustar. E estou cansado de esperar a que Lui faça seu movimento. Está apanhada aqui até que possa me desfazer dele.

—Acredito que todos estamos sofrendo de claustrofobia. Estou nervosa por amanhã, também, mas ficarei contente quando se acabar.

—Quando terminar será livre de ir. — Ele arrastou uma mão pelos cachos escuros em sua cabeça. — Aceitaria um emprego a tempo completo?

Ela piscou. — Está-me oferecendo um trabalho?

—Sim. Quero fabricar alguns de seus desenhos. Pode trabalhar fora, em Nova Iorque ou Paris. Ajudar-te-ei a te recolocar.

O coração da Heather cambaleou. Desenhando roupa em Nova Iorque ou Paris? Era tudo o que alguma vez tinha sonhado. — Mas... onde estaria?

Sentou-se pesadamente em uma cadeira dobradiça. — Vou estar aqui na clandestinidade.

Ela se sentou a seu lado. O trabalho de seus sonhos não soava tão maravilhoso se não o incluísse.

—Poderia trabalhar aqui?

—Suponho que o guarda durante o dia poderia te deixar entrar. — Deu-lhe um olhar cauteloso. — Sempre pode voltar para casa antes que desperte.

Mordeu-se o lábio. — É o que quer?

—Não! Sei exatamente o que eu... - Se recostou na cadeira. — Mas não devo te dizer. Vai-te assustar imediatamente.

—Diga-me. Se Louie for, o que faria?

—Eu gostaria de te levar a ti e a sua família a Nova Iorque. Ficaríamos em casa do Roman. Poderiam ir aos lugares turísticos durante o dia, e logo na noite...

—Sim?

—Eu gostaria de ir ao Distrito do Diamante para escolher um anel.

Sua boca se abriu.

—E então te pediria que te casasse comigo.

Sua boca se fechou, e tragou saliva.

—Eu gostaria de ser um bom pai para a Bethany, e eu adoraria ter mais filhos contigo. Dois, acredito.

Tinha feito suas escolhas? Sem dúvida sabia exatamente o que queria. Ela tinha dificuldades para respirar.

Inclinou a cabeça, olhando-a. — O que te parece?

—Acredito que encontrou seu molho, — sussurrou.

—Isso é uma resposta? - Parecia confundido.



—Não. — Heather apertou as mãos.

—Será melhor que te deixe em paz. Hei dito muito. *Merde*. Provavelmente a tenha afugentado de medo. — Ele saiu rapidamente da habitação.

O coração de Heather golpeava em seus ouvidos. Meu deus queria casar-se com ela.

Casada com um vampiro. E com meninos.

Estava-a assustando? Acaso ela não tinha já o suficiente para ter medo?

Amanhã era sábado, dia do desfile. E de noite esperavam que Louie tentasse matá-la.

Capítulo 25

—Obrigado por vir. — Jean-Luc estreitou a mão de Gregori, que acabava de teletransportar-se a seu escritório.

—Não há problema, irmão. — Gregori olhou pela janela à sala de exposição em baixo. — Assim quer que faça de mestre de cerimônias de seu espetáculo?

—Se não te importar. — Jean-Luc pensava que Gregori era a melhor escolha, já que uma vez tinha organizado um *reality show* na *Rede Digital Vampiro*. — Preciso estar ao lado da Heather.

Gregori assentiu com a cabeça. — É a garota que Lui quer matar?

—Sim. — Jean-Luc olhou para a cortina de seda. Estava ali detrás com seus modelos. Phineas estava de guarda, mas Jean-Luc estava ansioso por encarregar-se desse dever.

—Isto vai ser divertido. — Gregori ajustou a gravata a seu smoking. — Muitas garotas quentes. Simone está aqui?

—Está com a Inga. Maquiaram-se mutuamente. Tenho uma câmara digital e um monitor configurado no porão para que possam ver-se a si mesmas. — Jean-Luc recuperou um pedaço de papel de seu escritório. — Isto é tudo o que precisa saber.

Gregori olhou por cima do texto. — Está bem. Vamos fazê-lo.

Robby se dirigiu ao escritório. Ele assentiu com a cabeça ao vice-presidente de Indústrias Romatech.

—Gregori.

—Hey, irmão. — Gregori lhe estreitou a mão.

—Tudo está preparado para começar, — anunciou Robby. — Uma das modelos da Heather estava um pouco nervosa e bebeu muito. Heather tem a feito beber um pouco de café.

Jean-Luc franziu o cenho. — Se estiver bêbada, suas faculdades mentais serão débeis.

—Está pensando que seria fácil para o Lui controlá-la, — disse Robby.

—Oui. — Jean-Luc recolheu sua bengala com a espada oculta no interior.

—Vou manter um olho nela. Simone, também, — adicionou Robby.



—Infelizmente, todos no edifício são suspeitos. — Jean-Luc se dirigiu a porta do escritório, levando sua bengala. — Vamos.

Os três vampiros saíram zumbindo pela escada do fundo para a cozinha. Phil e Fidelia estavam tendo um refrigério noturno com a Bethany.

—Pode ir a meu escritório agora. — Jean-Luc se inclinou ao lado da Bethany. — Pode ver sua mamãe através da janela. — A menina assentiu com a cabeça, sua boca cheia de bolachas. Passou ao lado de Phil e sussurrou: - mantém-na a salvo.

—Sim, senhor. — Assentiu Phil. Tinha recebido instruções anteriormente para bloquear a vista da Bethany se as coisas ficavam feias.

Jean-Luc se dirigiu à sala de exposição com o Robby e Gregori. Robby assinalou para a passarela. — Vou estar aí acima durante o espetáculo. Phineas e Ian estarão aqui embaixo. O xerife estará aqui com dois ajudantes.

Jean-Luc notou ao Billy apoiado contra uma parede com um palito na boca. Seus ajudantes se encontravam no lado oposto da habitação.

—Vou comprovar os convidados enquanto entram - continuou Robby, — e me assegurar de que todos são mortais.

Simone e Inga entraram na habitação, fazendo caso omissos dos ajudantes que se voltaram para olhá-las boquiabertos.

—Hey, Simone. — Gregori se dirigiu para ela, sorrindo.

Ela se deteve. — Gregori. — Levantou a mão e lhe permitiu as escoltar a ela e Inga à zona entre bastidores

Gregori levantou as cortinas para deixá-las passar. — Vou estar de volta, — disse ao Jean-Luc.

—Diga a Heather que quero vê-la. — Espetou Jean-Luc.

Heather apareceu. Seus olhos se abriram. — Tem muito bom aspecto.

—Obrigado. — Pôs seu melhor traje. — Estamos preparados para começar.

—Está bem. — Ela olhou para trás. — Boa sorte, senhoras.

Jean-Luc sorriu quando viu que levava o vestido de coquetel negro que tinha comprado para ela. — Vê-te formosa.

—Obrigado. — Alisou a saia. — Conheço um tipo com muito bom gosto.

—Isso é certo. — Jean-Luc a acompanhou a primeira fila de cadeiras. — Ouvi que uma de suas modelos estava um pouco bêbada.

Ela fez uma careta. — Liz. Nunca poderia acreditar que uma instrutora teatral pudesse sofrer tanto de medo cênico. Mas estão todas vestidas e preparadas para começar. — Falava rápido e seu olhar estava revoando. Estava nervosa, se precaveu Jean-Luc, e com razão.

—Vamos. — Sentou-se em uma cadeira ao final da fila e fez um gesto para que se sentasse a seu lado. Tomou as mãos entre as suas. Estavam geladas, e as esfregou. — A protegerei, Heather. Prometo-lhe isso.



Ela respirou fundo. — Estive esperando isto durante duas semanas, e agora só quero que passe rápido.

—Estará tudo bem. Seus trajes são formosos.

—Bom isso parece muito pouco importante em comparação com alguém tentando me matar.

—Ninguém te fará mal. Eu não o permitirei. — Olhou à porta principal. Robby estava revisando todo mundo e examinando as carteiras enquanto entravam.

—OH não, — queixou-se Heather. — O treinador Gunter chegou.

O treinador não esperou na fila, irrompeu na sala de exposições. — Ouça Heather! - Soou sua voz retumbante. — Trouxe um pouco de apoio moral a Liz. — Fez soar seu apito, e duas animadoras do Instituto Guadalupe saltaram na sala, agitando pompons e chiando.

—OH, não. — Heather escorreu em sua cadeira.

Jean-Luc riu entre dentes. — Nunca vi isto antes em um desfile de moda.

—Só no Texas, — murmurou Heather.

O treinador e as animadoras se sentaram na primeira fila frente a Jean-Luc e Heather.

Mais gente chegou, e logo todos os assentos se encheram. Robby fechou a porta, caminhou pelo corredor. Uns segundos mais tarde, passeou na passarela.

Obviamente usou a velocidade de vampiro uma vez que estava fora da vista.

Gregori subiu à plataforma junto à pista. — Boa noite, e bem-vindos ao primeiro desfile do Schnitzelberg.

A pequena multidão aplaudiu. Os pompons saudaram.

Gregori sorriu. — Este é um evento de caridade. Por cada pessoa assistente, Jean-Luc Echarpe doará mil dólares ao Distrito Escolar Independente do Schnitzelberg.

Mais aplausos. Jean-Luc observava a habitação. Todos os visitantes eram mortais.

Nenhum deles se tinha aproximado para lhe falar ou lhe agradecer, assim parecia que sua identidade era ainda um segredo.

—Vamos começar com dois desenhos do Alberto Alberghini, — continuou Gregori. — Permitam lhes apresentar as nossas mundialmente famosas modelos, Simone e Inga!

A multidão aplaudiu cortesmente. Jean-Luc suspeitava que nunca tivessem ouvido falar de suas famosas modelos.

A música começou. Alberto a controlava de trás do cenário. Na porta principal, Ian tinha atenuado os spots nas paredes, por isso a passarela seria mais brilhante.

Simone parou na passarela. Houve um grito de assombro apreciativo entre a multidão.

—Simone leva um vestido de noite de seda negro que brilha com milhares de avelórios, — Gregori lia suas notas. — A parte de trás lhe dá o toque dramático correto. Um desenho impressionante.



Simone partiu pela passarela e fez uma pose. Jean-Luc a observava atentamente. Ela o fulminou com o olhar, mas de qualquer modo sempre desfilava com uma expressão zangada. Estava a meio caminho de volta quando Inga começou a caminhar.

—Inga leva um vestido marfim de coquetel de seda selvagem, — anunciou Gregori. — Notem a linha inclinada do pescoço que deixa um ombro descoberto e como isto se reflete no baixo assimétrico. Uma elegante criação do Alberto Alberghini.

A multidão aplaudiu cortesmente.

—Foi Alberto que escreveu o guia? - sussurrou Heather.

Jean-Luc assentiu com a cabeça. — Eu o editei. — Sabia que Simone e Inga estariam muito ocupadas trocando-se em seus seguintes trajes. Alberto tinha criado uma tela para que as modelos mortais não pudessem vê-las usar a velocidade vampiro para trocarem de roupa.

—E agora, — continuou Gregori, — temos três desenhos de uma desenhista originária de Schnitzelberg, uma nova promessa no mundo da moda, Heather Lynn Westfield.

A multidão aplaudiu. O treinador Gunter agitou um punho em círculos no ar e assobiou. As animadoras sacudiram seus pompons.

Heather agachou a cabeça. — Não posso acreditá-lo.

—O povo te ama, — sussurrou Jean-Luc. — Posso ver por que.

Ela o olhou, com os olhos brilhantes de emoção. — Obrigada por acreditar em mim.

Tomou a mão. — Não tem que terminar esta noite.

—De acordo! - sorriu Gregori. — Nossa primeira modelo é a senhorita Gray, uma professora de Inglês do Instituto Guadalupe.

A senhorita Gray deu um passo vacilante para a passarela, vestida com o primeiro traje da Heather.

As animadoras saltaram sobre seus pés, seus pompons no ar. — Vamos senhorita Gray!- Agitando, agitando, agitando. — Vamos senhorita Gray!

Alberto ligou a música de novo. A senhorita Gray sorriu e ao parecer deu conta que estava entre amigos. Caminhou pela passarela, seu sorriso cada vez maior.

—A senhorita Gray leva um vestido de noite de gaze de seda azul real, — leu Gregori de suas notas. — Observem a perita fluidez da saia e a variabilidade proporcionada pela estola a jogo.

A segunda professora desfilou.

—Vamos Sra. Lawson! - Agitando, agitando, agitando. — Vamos Sra. Lawson!

—A Sra. Lawson leva um vestido de coquetel negro, coberto com um colete tipo bolero, — anunciou Gregori. — O trancado vermelho no bolero se repete na prega da saia. Uma criação elegante e audaz.

Heather se aferrou à mão do Jean-Luc.

—Está-o fazendo muito bem, — sussurrou.



—Se alguém quer me atacar, eu gostaria que simplesmente o fizesse, — sussurrou-lhe de novo.
— O suspense me está matando.

A terceira professora pisou na pista.

O treinador deu um salto e chiou. — Assim se faz, Liz!

—Vamos senhorita Schumann! - Agitando, agitando, agitando.

Liz começou o desfile, cambaleando-se um pouco em seus saltos agulha marrons.

—Miss Schumann leva um traje de jaqueta marrom, — disse Gregori. — O vestido se remata equipado com uma jaqueta elegante, um colar prateado, mangas três quartos, e botões imitação de gemas.

Ela posou no extremo da pista, enquanto que o treinador tirava uma câmera.

Jean-Luc se agachou, sem querer sair na foto. Raios, Robby deve ter estado muito ocupado revisando carteiras. Tinha passado por cima esta câmera. Uma luz brilhou, ao parecer cegando a Miss Schumann, a mulher cambaleou para trás, logo, gritou enquanto cambaleava ao bordo da pista e caiu.

—Tenho-te, Liz! - O treinador correu para ela e a ajudou a levantar-se. — Ela está bem! - Levantou os braços como se tivesse cotado um touchdown.

A multidão aplaudiu. Heather se dirigiu para sua amiga, mas Jean-Luc a deteve.

—Tem que ficar comigo. — Ele intercambiou um olhar com o Robby. Parecia que as três modelos mortais estavam a salvo. Mas Lui ainda poderia ter controlado a mente de alguém no público. E Simone ainda tinha um passe pendente.

A multidão deu a Liz outra ronda de aplausos enquanto o treinador Gunter a escoltava de volta à zona depois das cortinas.

Gregori clareou a garganta. — E agora, temos mais três desenhos do Alberto Alberghini. Em primeiro lugar, a modelo do Schnitzelberg de fama mundial, Sasha Saladine.

Sasha caminhou pela passarela, e a multidão se animou.

—Sasha leva um traje de três peças, todas em seda bege, — continuou Gregori. — As calças ajustadas e o top fazem um surpreendente contraste com o solto e fluido casaco comprido.

Jean-Luc notou que Sasha tinha as mãos nos bolsos do casaco. Isso era normal para um modelo, mas...

Sasha tirou uma pistola, apontou a Heather, e apertou o gatilho.

Jean-Luc saltou à frente dela e sentiu uma espetada aguda em seu braço direito. Tão magra como era Sasha, o retrocesso da pistola a enviou voando pela passarela.

Phineas saltou sobre ela. Os ajudantes e o xerife corriam para ela.

—Está bem? - Jean-Luc olhou a Heather. Ela estava tremendo, os olhos muito abertos. Ele a atraiu para si.

Jogou uma olhada à passarela. Robby se tinha ido. Ian se tinha ido, também. Não havia dúvida de que se tinham teletransportado para fora para procurar o Lui, no caso de que o filho da puta estivesse à espreita.



A multidão se empurrava para a porta, gritando.

O xerife saltou para a pista. — Calma! O perigo passou.

O treinador fez soar seu apito, e acalmou a multidão. — Muito bem, vamos. Dirigiu à multidão pela porta. — Formem uma dupla fila. Movam-se! Movam-se!

Billy saltou aonde Phineas tinha depositado a Sasha no chão. Ele a ajudou a levantar-se, e ela olhou a seu redor, aturdida.

—O que aconteceu? - Olhou ao xerife. — OH, olá, Billy. Recordo-te do instituto. — Com o cenho franzido, pôs-lhe as mãos nas costas e a algemou. — Sasha Saladine, está sobre prisão por tentativa de assassinato. Tem direito de guardar silêncio.

—O que? - Sasha ficou pálida. — Eu não lhe faria mal a ninguém.

Billy usou um lenço para recolher sua arma de fogo. — Só tentou disparar a Heather com isto.

Sasha ficou sem fôlego. — Não sei disparar. Eu nunca faria mal a Heather.

—Sim, claro. — Billy a conduziu para a porta principal. — É provável que explodisse sua caminhonete, também.

Sasha ficou sem fôlego. — Não! Não sei do que está falando. Billy, por favor.

Dirigiu-lhe um olhar suplicante. — Não te lembra de mim?

Ele a olhou tristemente. — Sim, lembro.

Heather se separou do Jean-Luc. — Billy, está dizendo a verdade. Ela não é responsável.

Deu-lhe um olhar de incredulidade. — Ela tentou te matar. Todo mundo o viu.

Levou a Sasha pela porta principal. — Tem direito a um advogado...

Heather se voltou para o Jean-Luc. — Não podemos deixar que pague pelo crime de Louie.

—Ocupar-me-ei disso. — assegurou-lhe Jean-Luc. — Por agora, é mais importante que encontremos Lui. — Tirou a espada de sua bengala, fazendo uma careta de dor quando o braço resistiu.

Heather ficou sem fôlego. — OH, Meu deus!

—O que está fazendo? - Gregori se dirigiu para ele.

—Quero que você e Phineas protejam a Heather, enquanto caço ao Lui.

Gregori negou com a cabeça, franzindo o cenho. — Amigo, não está em forma para lutar. Deixa ao Robby e Ian fazê-lo.

—Mas é minha responsabilidade. — Jean-Luc apertou o punho sobre sua espada. Por alguma razão, sua mão estava formigando e não respondia. — Tenho que matar a esse filho da puta de uma vez por todas.

Heather lhe tocou o braço esquerdo. — Jean-Luc. Querido, está sangrando. Levou um tiro.



Duas horas mais tarde, Jean-Luc se relaxava em sua banheira gigante. A água quente formava redemoinhos ao redor, produzindo espuma branca, enquanto que os jatos o golpeavam nas costas com água pulsante. Sentou-se no cantou, com o braço direito lesado apoiado de lado para manter a vendagem seca. Seu braço esquerdo descansava no outro bordo, perto da garrafa do *Blissky*.

Jean-Luc tinha estado surpreso pela ferida de arma de fogo. Tinha estado tão decidido a proteger Heather e matar ao Lui que sua mente tinha ignorado a dor. Gregori e Heather tinham-no acompanhado até seu dormitório, enquanto que Alberto tratava com as repercussões do desastroso show.

Gregori conhecia um médico vampiro de Houston que tinha assistido no parto do bebê da Shanna. Chamou ao Dr. Lee, e se teletransportou diretamente à habitação do Jean-Luc com sua equipe médica. Uma vez que Heather esteve segura de que Jean-Luc viveria, correu escada acima para ver sua filha.

A bala tinha que ser extraída. Gregori deu uma garrafa de *Blissky* a Jean-Luc para ajudar com a dor. O Dr. Lee extraiu a bala, enfaixou-o, deixou a fatura, e se teletransportou a Houston. Gregori se afastou para ver a Simone e Inga. Ian e Robby ainda foram à caça do Lui, enquanto que Phineas e Phil vigiavam a Heather e sua família. Jean-Luc sabia que Lui tinha que estar perto.

Tinha estado controlando a Sasha, e ela tinha estado na zona durante os últimos dois dias. Tinha que estar perto. O filho da puta queria estar perto para saborear o dano que tinha causado.

Jean-Luc tomou outro gole de *Blissky*. Ali estava, uma vez mais, impotente. Não podia lutar esta noite. Estava inútil. A dor se converteu em um batimento do coração surdo, mas a ira e a frustração estavam crescendo de maneira constante.

Lui tinha que ser encontrado. Isto tinha que terminar. Jean-Luc não podia obrigar a Heather a ficar aqui para sempre como uma prisioneira. Mas se ele a deixava ir, Lui a mataria. *Mon Dieu*, ela tinha todas as razões para odiá-lo. Tinha perdido sua liberdade recém-descoberta por sua culpa. Estava louco se tinha alguma esperança por seu amor.

Ouviu a porta de sua habitação abrir-se e fechar-se. — Robby, é você? Por favor, me diga que Lui está morto.

Suaves passos se aproximaram. Jean-Luc se voltou para olhar, com o olhar impreciso devido à dor. Ele piscou. Tinha que estar sonhando. Levava a camisola azul que tinha comprado para ela. Sim, tinha que estar sonhando. Era um bom sonho.

Heather caminhou lentamente para ele. — Jean-Luc.

Ele piscou. — É real.

Ela sorriu lentamente. — OH, sim.



Capítulo 26

Os olhos de Heather se adaptaram a tênue luz do quarto de banho de Jean-Luc.

—Está bem?

—Estou devastado. Meu melhor smoking se arruinou.

Pensou que seu sarcasmo era causado pela dor. — Ao princípio pensei que os vampiros não sentiam nenhuma dor, mas Gregori me assegurou que sentem.

Jean-Luc apoiou a cabeça no bordo da banheira de mármore e fechou os olhos. — Tenho todo tipo de sentimentos. Ira por que Lui me escapou uma vez mais, frustração ao ver que é obrigada a aceitar meu amparo você goste ou não.

—Não me estou queixando. Levou uma bala por mim.

Ele fez um gesto com a mão como se isso não fora nada.

—Logo estão todos meus sentimentos positivos. Devoção por ti, o respeito de vocês, meu desejo para ti, e a alegria que sinto em sua companhia. — Ele abriu os olhos e a olhou. — Todo o positivo em minha vida gira ao redor de ti. — Ela se transladou a uma esquina da banheira elevada e passou um braço ao redor da esbelta coluna.

Sentiu o mármore fresco em sua bochecha.

—Tem muito para estar orgulhoso, Jean-Luc. É muito inteligente e com talento. Percorreste um longo caminho na vida, e construiu um grande e bem-sucedido negócio.

Apoiou a cabeça para trás de novo. — Trabalhei duro, assim poderia mandar, e não seria impotente ante os caprichos de outros homens. — Suspirou. — Mas Lui segue reaparecendo, e sou incapaz de detê-lo. Sou indigno.

Seu coração se apertou em seu peito. — Não te atreva a dizer isso. Pôs em risco sua vida para me salvar. — Ela se subiu as escadas e se sentou no bordo da banheira.

—Sinto-me inútil agora. Se Lui se apresentasse esta noite, não seria capaz de lutar. — Jean-Luc sorriu ligeiramente. — Não se preocupe. Ainda assim te protegerei.

—E te acredito. Sei que morreria ao fazê-lo. — Tocou os negros e suaves cachos em sua cabeça.

—Tenho um plano de emergência. Teletransportarei a ti e a Bethany para as Indústrias Romatech. Ali há uma caixa forte, completamente revestida em prata. Nenhum vampiro pode teletransportar-se dentro ou fora. Estarão seguras ali.

—Já vejo. — Acariciou lhe o cabelo, e ele fechou os olhos. — A prata é má para os vampiros?

—Mmm. — As linhas de dor em seu rosto lentamente se alisaram. Ela seguiu acariciando seu cabelo. Agora compreendia por que os cinturões de prata tinham feito tanto dano ao Louie.

—Gregori me disse que curará por completo durante seu sono mortal. Nem sequer terá uma cicatriz para comemorar sua valentia.



Um canto de sua boca se inclinou para cima. — Parecia mais desespero. Não poderia suportar te perder.

—Acredito que foi muito valente. Queria te agradecer.

Abriu os olhos e a olhou com tristeza. — Resgatamo-nos um ao outro, assim estamos quites. Logo que mate ao Lui será livre de ir.

Ela respirou fundo. — Não vou a nenhuma parte.

Ele a olhou sem compreender. — Vais aceitar o trabalho?

Ela se endireitou e estava de pé no degrau inferior das escadas que conduzem até a banheira. Seu coração começou a correr. — Estou te aceitando.

Ele levantou suas sobancelhas e se sentou. Enquanto ela deslizava as alças de sua camisola pelos ombros, baixando seu sutiã para lhe mostrar seus peitos. Seus olhos se obscureceram.

Ela teve que mover-se um pouco para que sua camisola deslizasse por cima de seu quadril. Seus olhos começaram a brilhar. A camisola caiu em um atoleiro a seus pés. Seu coração pulsava com força agora, fazendo eco em seus ouvidos. O temor e a incerteza que tinha sentido nas duas últimas semanas tinham desaparecido, indo-se pela amurada, deixando só uma sensação de euforia. Sua mente tinha tomado uma decisão.

Estava seguindo a seu coração. E declarava a vitória sobre o medo. — Recorda o que me disse?... Tinha razão sobre mim.

Seus olhos eram de um vermelho brilhante. — Que disse?

—Disse que te amava. — Ela subiu os degraus, e se encheu de uma gloriosa sensação de poder. — E o faço. — Disse metendo-se na água quente.

—Sério? - Moveu-se para lhe dar espaço.

Acomodou-se a seu lado. — Sim, faço-o. Estive pensando em ti toda a semana, tomando coragem para seguir a meu coração.

—Assim venceste esse medo?

—Sim. A bíblia me ajudou. Diz que há um propósito para tudo sob o céu e me dava conta de que está aqui com um propósito nobre. Protege os inocentes dos vampiros malvados. — Ela tocou seu rosto. — Como não te amar?

Dirigiu-lhe um olhar irônico. — Esta querendo que eu seja nobre?

—É nobre, ganho tolo! Trata com isto.

Ele riu entre dentes. — Amo-te, também. — Olhou seu braço enfaixado. — Mas posso ter problemas para prová-lo.

—Não tem que fazer nada. — Recostou-se sobre seu lado esquerdo e esfregou a coxa contra sua perna.

—Estou aqui para te seduzir.

—Sério?



—Uh-huh. — Plantou beijos ao longo de seu ombro até o pescoço. — Espero que não se importe. Sei quanto odeia se sentir impotente.

Sua boca se arqueou. — Por estranho que pareça, estou bem com isto.

—Bem. — Passou uma mão por seu peito, chegou a seu estômago, e tropeçou com a ponta de sua torcida ereção. — OH. Não está completamente fora de combate.

—Não, — sussurrou em um suspiro quando envolveu sua mão ao redor dele e apertou.

Ela acariciou seu eixo, desfrutando da forma em que crescia mais grosso e mais duro.

A ponta se manteve suave e aveludada. Beijou seu peito. — Nunca pude resistir. Desde a primeira vez que te vi, desejei-te.

—Heather, amo-te tanto. — Com seu braço esquerdo, pô-la em cima dele e a beijou na boca. Um beijo faminto e exigente. Provou um pouco de uísque em sua língua.

Ela explorou sua boca com sua língua desinibida, passando-a pelo bordo de seus dentes. As pontas das presas não a perturbavam. Sabia quem era, e o amava. Sentou-se escarranchada sobre ele, e continuaram beijando-se. Sua mão esquerda acariciava as costas. Ela se aconchegou contra sua ereção, esfregando-se contra sua longitude. Seus peitos roçando contra seu peito.

—Sobe um pouco mais. — Envolveu seu braço esquerdo ao redor de sua cintura e a levantou para que seus peitos estivessem ainda mais perto de sua boca. Amamentou-se até que seu mamilo se voltou duro em sua boca. Um formigamento se estendeu por todo seu corpo e explodiu uma profunda necessidade dentro dela. Meu deus! Fidelia tinha tido razão, um homem que tinha chupado sangue durante séculos sabia como usar sua boca.

Em algum ponto, no atordoamento do prazer sensual, Heather se deu conta de que tinha tomado o controle. — Hey.

Ela ofegou quando ele puxou seu mamilo. — Supõe-se que sou eu quem o está seduzindo.

—Teve grande êxito. Considera que já me seduziu. — Com um braço, levantou-a tirando-a da água e a sentou em uma esquina da banheira.

Wow, a super força vinha muito bem. A pele de seu corpo se arrepiou pelo ar frio que a acariciava e por suas costas que estava, em contato com uma coluna de mármore frio.

—Sustente. — Puxou os quadris até o bordo da banheira.

—Você gosta disto? - Ela levantou os braços e agarrou a coluna, ofegou quando ele afundou a cabeça entre suas pernas. OH Deus! Sua boca. Essa língua. Ela apertou os dedos contra o mármore. Seus talões escavaram em suas costas.

Ele a acariciou e mordeu até que ofegava e se retorcia pela tensão. Justo quando estava a ponto de explodir, retirou-se.

—É formosa, — sussurrou-lhe. Logo fez girar sua língua a seu redor, e ela explodiu em mil pedaços.



Seu corpo ainda estava tremendo quando a tombou de costas na água quente e borbulhante. As correntes formaram redemoinhos contra sua pele sensível e enviaram uma nova onda de estremecimentos através de seu corpo.

—OH Deus. — Caiu inerte contra ele. — Deveria te seduzir mais frequentemente.

—Todas as noites, *chérie*. Espera.

Tudo se voltou negro por um segundo, logo, Heather se sentiu cair sobre sua colcha. Deve ter os teletransportado diretamente à cama.

Ele retornou ao quarto de banho. Ela se sentou para vê-lo retornar com uma toalha.

—Aqui. — Disse lhe secando as costas, e logo a empurrou com suavidade sobre a cama para poder secar a frente do seu corpo.

—Espera! - Ela assinalou à câmera.

Ele se deslocou à mesinha de noite e agarrou o comando a distância. — Não se preocupe.

Os meninos estão fora em busca do Lui. Ninguém te viu. Apagou a câmera de vigilância, continuando, subiu à cama.

Inclinou-se para beijar seus peitos, e logo fez uma careta. — Espera um minuto. — Se transladou ao outro lado dela para sustentar seu braço esquerdo.

—Tenho uma melhor ideia. — Ela o empurrou de costas. — Você é o herói ferido. Por que não fica só aí e suportará tudo como um homem.

Sua boca se torceu. — É linda quando se põe mandona.

—Linda? Crie que isto é lindo? - Ela juntou suas bolas e as apertou brandamente.

Ele se queixou. — Volto atrás. É uma sedutora incrivelmente erótica.

—Isso está melhor. — Sentou-se a seu lado e ela passou os dedos sobre seu corpo. Esta era a primeira vez que lhe jogava uma boa olhada. Era magro e musculoso. Umas poucas cicatrizes marcavam sua pálida pele. Ela as riscou, dando-se conta de que tinham séculos de antiguidade, remontavam a seus dias como mortal. Cabelo negro sombreava a parte superior do seu peito. Riscou a linha magra de cabelo negro por seu torso até o emplastro mais grosso ao redor de sua ereção.

Ela acariciou seu eixo e se estremeceu. — Está vivo!

Dirigiu-lhe um olhar torcido. — Tenho que estar dentro de ti.

—Tudo em seu tempo. — Inclinou-se e beijou a ponta suave.

Ele fez uma careta. — É realmente necessário que esteja dentro de ti.

—Temos toda a noite. — Arrastou sua língua sobre seu eixo, e logo o levou a sua boca.

Ele se queixou. — Leve-me a seu interior. Agora.

Ela formou redemoinhos com a língua ao redor da ponta, logo o liberou. — Mmm, delicioso.

—Maldita seja, mulher! - Seus olhos brilhavam de cor vermelha. — Me monte.

Ela piscou surpreendida. — OH. É tão lindo quando fica mandão.

—Não estou me pondo mandão. Estou morrendo. — Levantou-a e a pôs sobre ele.

Ela se sentou escarranchada, continuando, tratou de se localizar-se no lugar correto.



—Não tenho muita experiência nesta... aagh! - Ofegou quando se empurrou nela e a baixou ao mesmo tempo. — Está bem, ao trabalho.

Acomodou-se sobre ele, deixando-o enchê-la por completo. — Sabe tão bem.

—Assim é como deve ser, — suspirou. Acariciou lhe os peitos. — Me ame.

—Faço-o. — Elevou-se lentamente, continuando, inclinou-se para beijá-lo.

Baixou seus quadris, insistindo-a a ir mais rápido. Ela o fez, sentindo a espiral de tensão mais e mais forte. Colocou a mão entre suas pernas para esfregar seu clitóris, e seus movimentos se voltaram frenéticos.

Em algum lugar, no fundo de sua mente, deu-se conta de que nunca se tinha comportado tão grosseiramente antes. Foi liberador, glorioso.

Beliscou-a enquanto baixava duro sobre ele. As convulsões a sacudiram, e seu corpo se voltou brando. Caiu a seu lado. Voltou-a, então a agarrou pelos quadris enquanto a dirigia. Ele gemeu, moendo seus quadris contra ela, quando chegou a seu ponto culminante, estremeceu.

Aos poucos sua respiração voltou ao normal, deitaram-se de lado, olhando cada um a cara do outro.

—Wow, — disse Heather respirando.

—Em efeito. — O vermelho de seus olhos pouco a pouco se desvaneceu.

Tomou os cachos de sua cabeça. — Amo-te. — Sentia que as lágrimas se amontoavam em seus olhos.

—Eu também te amo, muito.

—Quer se casar comigo? - Antes que pudesse responder, ele se sentou e continuou: - Comprometo-me a me desfazer do Lui. Não terá que viver uma vida te escondendo. Vamos poder viajar e desfrutar da vida. E podemos...

Pôs um dedo em sua boca. — A resposta é sim.

Ele sorriu e lhe beijou os dedos e logo beijou a palma de sua mão.

Ela estremeceu. — Coloquemo-nos sob as mantas.

Retirou a colcha, e se aconchegou entre os lençóis. Fez uma careta quando acidentalmente chocou contra seu braço lesado.

—OH, sinto-o muito. — Ela beijou seu ombro.

—A dor desaparecerá em um par de horas.

—Quando sair o sol?

—Sim. Heather quer me deixar antes de entrar em meu sono mortal?

—Não me assusta, Jean-Luc. Vi ao lan dessa maneira todas as tardes.

—Já sei. Mas quero que nossa primeira noite juntos seja perfeita para ti. Não quero que a última lembrança seja o de meu cadáver.

—Está bem. Talvez com o tempo, não se sentirá envergonhado disso. — Ela o beijou na bochecha.



—Amo-te tal como é.

Heather despertou perto do meio-dia acima em seu quarto. Estirou-se,

Sorrindo enquanto as lembranças de fazer amor se reproduziam em sua mente. Depois de uma hora de descanso, Jean-Luc tinha sugerido que encontrassem outra posição que não pusesse nenhum peso sobre seu braço lesado.

Tinham dado voltas, rindo, até que terminou sentada em seu regaço, frente a ele, se beijavam e acariciavam um ao outro. Eles tentaram um pouco mais.

Finalmente se encontrou de quatro ao mesmo tempo em que ele ficou de pé junto a cama e entrou nela por detrás. Esfregava seus dedos brandamente enquanto a penetrava e a combinação a enviou ao limite.

Exausta, ficou adormecida em seus braços. Sacudiu-a e despertou aos beijos às cinco e meia da manhã e colocou a camisola e escapuliu-se para cima. Tomou um comprido banho quente para aliviar a dor dos músculos. Então ela colocou o pijama e se meteu na cama junto a Bethany.

Ela recordava vagamente a Bethany tentando despertá-la.

Ela murmurou algo e Fidelia tinha rido em voz baixa.

—Sua mamãe está desgastada, pequena. E sobre o tempo, também. Vamos é dormir...

Agora Heather descansava na cama, em uma doce sonolência, pensando no Jean-Luc.

Tinha aceitado casar-se com ele. Seus temores não se foram, tinha-os deixado a um lado. Vestiu-se e baixou à cozinha. Ian e Phil tinham movido os móveis de volta.

Saudou-os e deu um abraço a Bethany. Fidelia se balançou fora da cadeira e foi direção à cozinha.

—Vamos tomar o café da manhã.

Heather a seguiu.

Fidelia sorriu enquanto tomava uma caixa de cereal da despensa. — Então, como foi?

Heather soprou. — É privado.

—Foi bom, né? - Fidelia verteu o cereal em uma tigela, enquanto que Heather trazia o leite.

—Tive um mau sonho a noite anterior. — Fidelia baixou a voz. — Olhos de cor vermelha brilhante e dentes brancos chiando.

—Já sabemos o que isso significa. — Heather verteu o leite na taça.

—Não estou tão segura. — Fidelia franziu o cenho. Tenho uma sensação muito real de perigo. E logo está este edifício de pedra. Ruínas. Uma antiga igreja me parece.

—Interessante.

Fidelia suspirou. — Ian me disse que ainda não encontraram Louie. Vão caçar outra vez esta noite. E Jean-Luc deveria estar em forma e preparado para lutar esta noite. — O fôlego da Heather ficou apanhado quando se deu conta que estaria arriscando sua vida de novo. Ficou olhando o prato de cereal, e seu apetite desapareceu de repente.



—Aproxima-se um carro pelo caminho, — anunciou Ian. Heather seguida do Ian e Phil foram à porta principal.

Phil olhou pela janela. — Conduze-o uma mulher. Parece uma das modelos de ontem à noite.

—É a senhorita Gray! - Disse Alberto que chegava a grandes pernadas pelo corredor, tirando de uma mala detrás dele. — Está aqui por minha causa. Vou a Paris, e Linda me está dando uma carona até ao aeroporto. — Heather apareceu pela janela.

Linda Gray era uma de suas amigas do Instituto Guadalupe.

—Não me dava conta que te conhecia.

—Não o fazia até ontem à noite. — Alberto entrou no vestíbulo. — Quando Sasha começou a disparar ontem de noite, joguei-me sobre a senhorita Gray para protegê-la.

Sorriu. — Ela pensa que sou um herói.

—Bom, suponho que o é. — Heather lhe ofereceu a mão. — Que tenha uma boa viagem. — Alberto lhe estreitou a mão.

—Eu poderia estar de volta, de visita logo, se as coisas se resolverem com a senhorita Gray.

Phil abriu a porta, enquanto que Ian fugiu da luz do sol.

—Boa sorte a todos vocês. — Alberto pôs a mala na porta. — *Ciao*.

Heather voltou para a cozinha para desfrutar de um dia livre com sua filha. Por volta da hora de jantar, Ian desabou no chão da cozinha. Bethany riu. — Ele toma sestas como um bebê.

—Sim. — Heather sorriu. Mas já não parecia um bebê. Ian tinha pegado doze anos nos últimos doze dias.

—Se tomo uma sesta, serei maior, também? - Perguntou Bethany.

—Carinho, cresce cada dia, só que muito mais lentamente que Ian.

—Mas eu quero crescer mais rápido, — protestou Bethany.

—Sei, mas eu não quero te perder mais rápido do que tenho que fazê-lo. — Respondeu Heather.

—Vamos ver o que podemos encontrar para o jantar. — Depois do jantar, soou o timbre, seguido de golpes na porta. Heather e Phil foram ver quem estava ali. Cody estava fora, passeando no alpendre dianteiro. Ela suspirou. Lástima que Jean-Luc não estava acordado. Necessitava um feitiço para desfazer-se das baratas. Talvez pudesse conseguir que Cody voltasse depois do entardecer.

Mas por agora, certamente deviam falar. Estava sob o controle do Jean-Luc. E Bethany estava na cozinha com a Fidelia, assim se Cody começava a atuar estranhamente, sua filha não o veria. Heather abriu a porta. Cody se deu a volta.

—Não cheguei a ver a Bethany este fim de semana.

—Disse que não podia vê-la.

—Sei que o fiz. — Cody se arranhou a cabeça. — Mas eu não sei por que. Algo está mal em mim.

Heather saiu ao alpendre. — Vais estar bem, Cody. Pode ver a Bethany o próximo fim de semana.



—Está bem? Ouvi que houve alguns problemas aqui ontem à noite.

—Ela está bem. Nós não a deixamos ver nada de ruim.

—Está bem. — Cody desceu os degraus, dirigiu-se a seu carro, voltou-se.

—De certeza que é a bruxa que está fazendo isto.

—Qual bruxa?

—Essa senhora cigana psíquica a que permite cuidar de nossa filha. Ela é uma má influência. — Heather suspirou, justamente quando pensava que Cody ia-se comportar, arruinava-o com algo estúpido.

—Fidelia é uma pessoa maravilhosa, carinhosa, e faria algo para proteger a Bethany.

—Muito bem, mas poderia pôr algum tipo de feitiço sobre mim. — Cody passeava frente de seu carro. — Vou processá-la, isso é o que farei. Farei que a prendam.

—E com que provas? Não tem feito nada. — Heather notou que o carro do Billy vinha pelo caminho de entrada. Phil saiu ao alpendre.

Cody sorriu. — Que grande oportunidade. Vou pedir lhe ao Billy que prenda e envie a essa bruxa ao cárcere.

—Fidelia não te fez nada. — Heather desceu os degraus do alpendre. O carro de patrulha rodou até deter-se, e Billy saiu. — Chega bem a tempo, xerife.

Cody se aproximou dele. — Quero que prenda a cigana. Ela pôs um feitiço sobre mim.

—Isso é ridículo, — espetou Heather. — Fidelia não é uma cigana, e ela não faz conjuros.

—Então por que me obrigou a não ver a Bethany este fim de semana?

—Cody, volta na próxima semana. Pode levar a Bethany então.

—Não pode dizer-me o que fazer! - Gritou Cody. — Billy, quero que detenha a Heather. Ela está violando a sentença a respeito da custódia da Bethany.

Ela se burlou. — Billy, Por favor, o faz ir-se daqui? - Billy que tinha estado olhando tranquilamente a discussão. Dirigiu-se à parte de trás de seu carro e fez gestos a Cody para que o seguisse. — Um pai tem direitos, também, o sabe. — Cody se deteve junto ao Billy e se voltou para dar a Heather um olhar sujo. Em um rápido movimento, Billy tirou a pistola e golpeou ao Cody na cabeça com a manga. Cody se desabou no pavimento. Heather abriu a boca e correu escada abaixo.

—O que está fazendo? Só queria que falasse com ele. — Billy colocou a pistola na cap. Então abriu a porta traseira de seu automóvel de patrulha e empurrou ao Cody dentro.

—Billy? - Heather deu um passo mais perto.

Phil correu para ela e a agarrou por braço. — Vamos entrar. Algo não está bem.

Billy tirou sua pistola e disparou na perna do Phil. Heather gritou. Phil caiu no pavimento. O sangue brotava de sua panturrilha ferida.

—Que demônios? - Fidelia olhou pela porta principal, e logo tirou uma pistola de sua bolsa.

—Mamãe! - Exclamou Bethany. Fidelia empurrou-a para trás, deixou cair sua bolsa, e trabalhou freneticamente para liberar o seguro de sua pistola.



—Vamos, dentro! - Phil Assobiou enquanto jazia no caminho de entrada.

Heather começou, logo vacilou. Como ia deixar atrás ao Phil?

—Entre no carro. — Billy fez um gesto com sua arma para a porta aberta de seu carro de patrulha.

Heather se deu conta do olhar vidrado em seus olhos. Billy apontou com sua pistola à cabeça do Phil.

—Entre no carro.

Phil apertou os dentes.

—Não o faça. — Billy inclinou a pistola.

—Espera! Fá-lo-ei. — Heather se meteu no carro.

—Solta a arma, mamão! - Gritou Fidelia, apontando com a Glock ao Billy.

Ele puxou o Phil e o usou como escudo. Transladou-se à parte de trás do carro, arrastando ao Phil com ele. Abriu o porta-malas e o empurrou para dentro.

No momento em que fechou o porta-malas, Fidelia disparou. Falhou. Disparou de novo.

Heather se agachou. A pontaria da Fidelia era má. Billy saltou ao assento dianteiro e saiu correndo. Heather se incorporou e golpeou seus punhos contra o biombo que a separava da cabine do xerife.

—Billy, acorda! Estas sob o controle do Louie.

Ele seguiu conduzindo. Heather olhou pela janela traseira. Fidelia se encontrava no meio do pavimento. Bethany corria atrás do carro, chorando, e Fidelia puxou-a para trás. Um calafrio percorreu a Heather. Esta seria a última vez que veria sua filha? Não, não poderia suportar isso. Jean-Luc viria resgatá-la. O sol estava no horizonte. Despertaria logo. Infelizmente, ela estava nas mãos do Louie.

Capítulo 27

Heather estimava que Billy estivesse dirigindo a uns dez minutos quando se desviou para um velho caminho de terra.

O carro ricocheteou sobre os sulcos secos, e tentou evitar que Cody caísse do assento. Estremeceu-se ao pensar no pobre do Phil ferido, fechado no porta-malas do carro.

Tentou várias vezes falar com o Billy, inclusive lhe perguntando sobre a Sasha, mas ele estava totalmente insensível.

Cody se queixou. — O que se está passando? - Esfregou a parte posterior da cabeça e franziu o cenho a Heather. — Pegou-me?

—Não. Billy o fez.



Cody olhou ao redor do carro de patrulha com uma expressão confusa. — Vamos para o cárcere?

— Isso queria eu. — O cárcere estava na cidade, onde havia gente.

O carro rodou até deter-se no que parecia um velho pátio coberto de ervas daninhas. Um velho muro de pedra rodeava o pátio. Algumas partes estavam derrubadas.

— Isto me parece familiar. — Heather se protegeu os olhos contra o forte resplendor do sol poente.

Ali, na distância, havia uma antiga capela de pedra. Conteve a respiração. Este devia ser o lugar que Fidelia tinha sonhado.

Billy saiu, abriu a porta e apontou sua arma para ela. — Fora!

Saiu muito devagar. Suas possibilidades de sobrevivência aumentariam grandemente com o pôr do sol. Logo que o sol desaparecesse, Jean-Luc e seus amigos vampiros viriam a seu resgate.

Cody saiu do carro. — Que diabos está fazendo, Billy?

O delegado fez um gesto para a capela. — Caminha.

— Vais ter notícias de meu advogado, — grunhiu Cody.

Billy levantou sua pistola, até a cara do Cody.

— Está bem! Estou caminhando! - Cody se moveu através das ervas daninhas.

— Reduz a velocidade, — sussurrou Heather. Ela olhou novamente ao Billy. Seu rosto continuava sem expressão.

Recordava este lugar agora. Quando jovem, tinha vindo aqui com sua família para um piquenique. Tinham saído logo porque sua mãe tinha tido medo de que o velho edifício se caísse sobre eles.

Está em guerra contra o medo, recordou-se. Tinha que manter a calma e procurar opções.

— Muito boas lembranças aqui, né, Billy? - Cody olhou de volta ao xerife. — Recorda essa vez quando trouxemos duas animadoras?

Billy não respondeu.

— Este era nosso lugar favorito para ir quando faltávamos à escola secundária, — explicou Cody ao Heather. — Billy não te trouxe aqui?

— Não. — Assim Billy a tinha enganado durante a secundária. Isso não era surpreendente, já que tinha saído com ela só para poder estar ao redor de Sasha. — Billy, onde está Sasha? O que tem feito com ela?

— Sasha! - Soprou Cody. — Cara, ela esteve aqui, fazendo-o, cada sábado à noite. Uma vez conseguimos um turno com ela, verdade, Billy?

— O que está fazendo? - Sussurrou Heather.

— Estou tentando recordar-lhe que somos velhos amigos, — sussurrou Cody.

— Deixou de ser seu amigo quando se casou comigo, — recordou Heather a seu ex.

— Sim. — burlou-se Cody. — Tudo é sua culpa.



Chegaram às duplas portas de madeira da capela. Heather olhou para o sol. Este apenas aparecia no horizonte, disparando seus últimos raios dourados através dos ocos na linha das árvores. O céu era rosado no oeste, mas já de noite no este, onde a lua cheia estava-se levantando.

—Dentro, — ordenou Billy.

Cody empurrou a parte direita da dupla porta, e se abriu com um forte rangido.

Heather e Cody entraram. Ela se moveu fora do caminho do Billy quando entrou e fechou a porta.

O ar no interior era fresco e mofado. O teto se elevava alto sobre suas cabeças. Uma seção atrás do altar tinha caído, deixando um oco no teto. A metade superior da lua crescente se deslizou no oco, iluminando o altar.

O altar não era mais que uma larga mesa de madeira, marcada com anos de abuso. Os visitantes tinham gravado seus nomes nela. Amantes adolescentes haviam cinzelado corações com suas iniciais. Três círios se agrupavam em uma esquina.

Ao longo das paredes, os vidros das janelas quebrados. As largas janelas de arco agora serviam como portas de acesso para as aves que voavam fazendo ninhos nas vigas altas.

Perto da entrada, na nave da capela, uma antiga escada conduzia a um coro de madeira torcida. Sob o coro, a capela estava às escuras. Heather detectou movimento nas sombras debaixo das escadas.

Sasha entrou na penumbra. — Bem-vindos. — Seus olhos estavam frágeis e fora de foco, sua pele mortalmente pálida, e parecia mais magra que nunca. Uma onda de ira se apoderou de Heather. Louie estava-se alimentando da Sasha. Não estava só controlando-a, estava-a matando!

—Sasha! - Heather caminhou para ela. — Tem que lutar contra isto. Ele vai-te matar.

Ela piscou. — Ele me ama.

—Não! Acorda! - Heather chegou até ela, planejando dar-lhe uma boa sacudida.

—Retrocede. — Disse Billy apontando sua pistola contra ela.

Heather deu um passo atrás. — Ele os está controlando aos dois.

—Que demônios? - Cody se voltou para Heather. — Quem os controla?

—Louie, — disse Heather.

—Henry. — Suspirou Sasha com prazer.

—Henry? - Perguntou Heather.

—Henry, — repetiu Billy como um robô.

—Quem é Henry? - Perguntou Cody.

—É Louie, — explicou Heather.

—Merda! - Cody sacudiu a cabeça. — Todos vocês estão loucos.

—Henry veio me resgatar do cárcere a noite anterior, — sussurrou Sasha. — Resgatou Billy, também.

—Quem diabos é Henry? - Exigiu Cody.



—É um assassino, — sussurrou Heather.

—Voltem-se para a parede, — ordenou-lhes Billy.

Heather avançou muito lentamente.

—Por que esse Henry quer nos matar? - Gritou Cody. — Não lhe devo dinheiro.

Billy deu uma corda ao Cody. — Ata-a.

—Por quê? Assim podem nos matar? - Gritou Cody. — Por que devo fazer tudo o que diga?

Billy disparou sua pistola. A bala deu a uns centímetros dos pés do Cody, fragmentando a rocha em uma nuvem de areia.

—Muito bem! - Cody se dirigiu para a Heather.

—Sente-se! - Disse apontando a arma contra ela.

Ela se deslizou para baixo, de costas à parede de pedra rústica. Seu coração trovejou, fazendo eco em seus ouvidos.

Cody ficou de cócoras diante dela e amarrou seus tornozelos. — Que diabos tem este Henry contra nós?

—Quer me matar.

—Maldita seja, deveria ter sabido isto era sua culpa. — Cody amarrou mais corda ao redor de seus pulsos, logo se endireitou. — Cadela estúpida, vais fazer que me matem, maldita seja! - De repente ficou rígido e caiu no chão.

Seu corpo estremeceu-se, logo se derrubou de quatro. — Sou uma barata! - Ele se escapuliu entre as sombras perto das escadas.

—Detenho-o! - Gritou Sasha.

Billy disparou sua pistola.

—Não! - Gritou Heather, estirando as cordas.

—Sou uma barata! - Chiou Cody das sombras.

Billy disparou de novo. Houve um ruído de corrida na escada.

Estava subindo ao antigo coro. Heather fez uma careta. Não podia estar a salvo ali. É óbvio, não era mais seguro aqui.

Logo que pôde distinguir a figura escura do Cody enquanto se arrastava no coro. Billy apontou e disparou. Cody saltou e correu em direção oposta. Billy disparou de novo.

Heather observou, horrorizada. Era como disparar a um pato no campo de tiro de um parque de atrações.

Nesse momento, um uivo enorme encheu o ar. Billy parou de disparar para escutar.

Heather conteve o fôlego. Ela nunca tinha ouvido um uivo de cão ou coioote tão forte. O som era ensurdecedor. E tinha que provir de uma criatura de tamanho grande.

—O que foi isso? - Sussurrou Sasha.

—Não sei, — respondeu Billy. — Mas soa perto.

Heather saltou quando escutou um forte ruído no pátio. Soou como metal rasgando-se.



A capela se voltou mais escura. O sol deve ter se posto. A única luz provinha das estrelas e a lua cheia que brilhava através do buraco no teto.

Billy e Sasha ficaram rígidos e se voltaram para o altar.

—O mestre acorda, — sussurrou Sasha. Apressou-se para o altar e agarrou uma caixa de fósforos da mesa. Acendeu as três velas.

Billy pôs sua pistola sobre a mesa. A uns poucos pés detrás da mesa, inclinou-se e colocou os dedos através de um anel de metal grande no piso. Levantou-o, e uma porta de madeira chiou abrindo-se.

Uma figura de negro levitou através da abertura no piso. Manteve-se flutuando para o buraco no teto. A luz da lua o envolvia como uma auréola de prata. Heather não podia ver seu rosto, mas sentiu que ele a olhava.

Ela saltou quando Billy fechou de repente a porta do porão.

O vampiro Louie baixou ao chão. Seu cabelo já não era branco, a não ser negro como sua gabardina. Parecia ter por volta de trinta e cinco anos, estimou Heather, mas sabia que tinha provavelmente mais de quinhentos.

Billy e Sasha fizeram uma reverência. — Mestre.

—Trouxeram-me a última puta do Jean-Luc, — disse Louie em voz baixa. — Muito bem. — Olhou para o coro. — E me trouxeram outro mortal.

Cody escondeu-se entre as sombras.

—Ele me divertirá antes de morrer. — Louie se voltou para olhar a Heather.

Tragou saliva. Nunca tinha visto uns olhos tão negros e frios. Nesse terrível momento, deu-se conta de que não tinha nada de humano nele. Simplesmente tinha-se convertido em uma criatura que se aproveitava da humanidade.

Deu um passo para ela. — Permita me apresentar. Sou Henri Lenoir. — Seus lábios se curvaram em um sorriso sem senso de humor. — Você não viverá o suficiente para o dizer a Jean-Luc. Será nosso pequeno segredo.

Inclinou-se de joelhos para ocultar suas mãos em seu regaço. Cody não as tinha atado muito bem, assim poderia ser possível trabalhar para liberar-se. No momento, poderia ser melhor manter ao Louie falando. Isso daria ao Jean-Luc e seus amigos mais tempo para encontrá-la. E lhe daria mais tempo para conseguir liberar suas mãos. — Por que odeia tanto ao Jean-Luc?

Louie tirou as luvas de couro negro e as meteu no bolso de seu casaco.

Suas mãos eram pálidas, as unhas largas e pintadas de negro. — Casimir me deu uma pequena fortuna para matar ao Jean-Luc. E terei sua posição como Mestre do Aquelarre da Europa Ocidental uma vez que Casimir vença. A recompensa é grande para uma tarefa tão pequena. Mas quero fazer que Jean-Luc sofra em primeiro lugar. Aí é onde entra você. Matar-te-ei de forma gratuita.

—E se lhe pago por não me matar?



A esquina de sua boca se torceu. — É divertida, mas duvido que possa se permitir isso. — Seus olhos negros se inclinaram sobre ela. — Além disso, eu gosto de matar mulheres.

Seu estômago se retorceu.

—Tenho a intenção de te matar lentamente. — Ele se aproximou mais. — Não parece muito temerosa.

Era isso o que queria? Vê-la chorar e suplicar? Claro que estava aterrada, mas não lhe daria o prazer de vê-lo. Levantou o queixo e o olhou.

—Eu, é óbvio, violar-te-ei, enquanto me alimento de ti. É mais insultante para Jean-Luc dessa maneira.

Seu estômago se irritou, e tragou forte ante o aumento da bílis em sua garganta. A violação era muito mais insultante para ela, mas ao Louie, obviamente, não lhe importava. Era simplesmente uma maneira de machucar ao Jean-Luc.

Não tinha nenhum outro valor. Algo com o que negociar.

—Agora estou faminto. — Louie caminhou tranquilo de novo ao altar. — Tenho que tirar o fio de meu apetite. Eu não gostaria de te matar acidentalmente muito rápido.

Uma pesada sensação de fatalidade a invadiu. Não seria capaz de pensar em uma maneira de sair disto.

Puxou as cordas.

—Vem querida. — Louie levantou uma mão para a Sasha.

Ela correu para ele. — Sim, mestre.

Levou-a ao altar e empurrou a manga de seu braço. Heather fez uma careta ao ver as agudas feridas.

Sasha estava reclinada sobre a mesa, sua cabeça perto das velas. Louie se inclinou para lamber o interior de seu pulso.

Heather voltou à cabeça, não queria ver. Mas quando ouviu um assobio, ela deu uma olhada rápida. Ficou sem fôlego. Suas presas se estenderam compridas e afiadas. Ele as levou ao pulso da Sasha.

Heather se estremeceu. Não podia deixá-lo aproximar-se dela. Atirava de suas cordas, fazendo uma careta enquanto irritavam e queimavam sua pele. Era agora ou nunca. Louie estava ocupado comendo, e Billy estava ali de pé como um zumbi.

Um alto uivo impregnou o ambiente.

Louie levantou a cabeça para escutar. O sangue gotejava de suas presas na pele pálida da Sasha.

Outro uivo começou, comprido e lastimoso. Ecoou ao redor das paredes de pedra. Os pássaros, assustados de seus ninhos nas vigas, fugiram pelas janelas.

—Temos companhia. — Louie recuperou a pistola da mesa e a entregou ao Billy.

—Te prepare.

—Sim, mestre.



Louie voltou para a Sasha, levantou seu braço, e a mordeu.

Heather deslizou uma mão livre. *Sim!* Ela afrouxou as cordas na outra mão. Apenas podia conter-se para escapar.

Nesse momento, um borrão grande e negro disparou através de uma janela aberta. Aterrissou no chão de pedra a poucos metros de distância da Heather. Ela ficou paralisada, incapaz de respirar.

Era um lobo enorme, escuro, com pelo comprido e abundante. Um grunhido vibrava em sua garganta.

Billy deu um passo atrás, seu rosto estava pálido.

Louie se endireitou. Suas presas se retraíram, e soltou o braço da Sasha. Esta caiu inerte sobre a mesa. Sasha parecia inconsciente.

O lobo voltou sua enorme cabeça para olhá-la. Mostrou-lhe seus dentes e grunhiu.

Ficou sem fôlego. Brilhantes olhos vermelhos. Dentes brancos chiando. OH Deus, este era o sonho de perigo da Fidelia.

Ela podia ser assassinada lentamente por um vampiro, ou mutilada até uma rápida morte por um enorme lobo.

De qualquer maneira, parecia que seu tempo se acabou.

Capítulo 28

Jean-Luc despertou sobressaltado, tossindo como se algo estranho se deslizesse por sua garganta. Alguém estava agarrando seu queixo, forçando-o a abrir a boca. Empurrou a mão.

—Funcionou! - Gritou uma voz de mulher.

Tratou de erguer-se, mas uma onda de enjoos o golpeou. Umas mãos fortes o agarraram.

Sua visão era imprecisa com uma tintura esverdeada. Um mau sabor manchou sua língua. *Mon Dieu*, veneno. Esforçou-se para levantar-se da cama, mas seu corpo não respondia.

—Está bem, Jean-Luc. — A forte mão se moveu em seu ombro. — Leva um momento acostumar-se.

Reconheceu a voz do Ian, embora a cara do escocês ainda fosse de um verde impreciso. — O que fez?

—Dei-te um pouco da droga para manter-se acordado. — Ian lhe mostrou o frasco de líquido verde. — O sol não se pôs.



Ainda era de dia? A visão do Jean-Luc se clareou, e se deu conta de que Fidelia estava revoando na porta de seu dormitório. Estava sustentando a Bethany, cujo rosto estava sulcado de lágrimas. Seu coração se afundou. Seu pior temor, algo tinha saído mal enquanto descansava impotente em seu sono mortal.

—O que aconteceu? - Esta vez seu corpo obedeceu a sua ordem de mover-se. Deslizou-se até ao bordo da cama e se deu conta que estava nu. — Dê a volta à pequena.

Fidelia abraçou a Bethany, enterrando a cara da menina em sua blusa, e Jean-Luc se enfocou em caminhar até seu armário.

—Me diga o que aconteceu, — gritou arrancando a vendagem de seu braço direito. A ferida por arma de fogo tinha ido. Com velocidade de vampiro, colocou umas calças e uma camisa.

—Despertei ao Ian, — confessou Fidelia. — Sabia que ele tinha a droga em sua bolsa...

—Sporran, — queixou-se Ian.

—E verti um pouco em sua garganta, — continuou Fidelia. — Pensei que não podia fazer dano, já sabe. Ele já estava morto. Quando despertou, viemos aqui para despertar-te.

—Onde está Heather? - Jean-Luc colocou seus pés dentro das meias e um par de botas de cor negra. Seu peito se contraiu quando se deu conta que não estavam respondendo. Correu do armário. — Onde está Heather?

Bethany começou a chorar.

A cara da Fidelia se enrugou. — Billy a levou. Acredito que está sob o controle de Louie.

O coração do Jean-Luc caiu. Deus, não. Seu pior temor. Mas pelo menos ainda era de dia. Louie ainda estaria morto, por isso Heather estava a salvo pelo momento. Agarrou seu cinturão com a capa de couro e a grampeou ao redor de seus quadris. — Faz quanto tempo?

—Uns dez minutos. — Fidelia sacudiu a cabeça. — Não sabia o que fazer. Queria segui-los em seu carro, mas não tinha as chaves, e não podia deixar a Bethany aqui sozinha, e Ian estava morto no chão...

—Você fez bem. — Jean-Luc selecionou seu melhor florete e o meteu na bainha.

—Onde está Phil? —

—Billy lhe disparou e o meteu no porta-malas de seu carro.

—Está bem. — Jean-Luc se reuniu com a Fidelia no corredor. — Ian, se tiver mais dessa droga, vá despertar ao Robby e Phineas.

—Sim. — Ian se lançou para a sala de guarda.

—Tem que salvá-la, — sussurrou Fidelia.

—O farei. — Ele descansou uma mão em seu ombro. — Fez o correto.

Fidelia baixou a cabeça. — Coloquei a pata. Disparei ao Billy, mas falhei.

—Quero a minha mamãe, — lamentou-se Bethany.

—Trá-la-ei para casa, *chérie*. Ela estará bem. — Desejava poder acreditar isso.



Bethany envolveu seus braços ao redor de seu pescoço. Quando deu conta que ela não ia deixá-lo ir, acomodou-a em seu quadril direito, frente a sua bairha.

—Vem. — Ele caminha pelo corredor até a despensa da cozinha. — Diz que Billy a levou faz uns dez minutos?

—Sim. — seguiu Fidelia.

—Quanto tempo até o anoitecer? - Voltou para a cozinha. Era pequena, consistia em uma geladeira, um micro-ondas, uma máquina de lavar roupa de pratos pequenos, e um gabinete de taças.

—Não sei. — Fidelia se deteve na porta. — Perto de cinco minutos, suponho.

—Assim Billy se deu a si mesmo um quarto de hora para levá-la até o Louie.

Jean-Luc agarrou quatro garrafas de sangue sintético da geladeira. — O esconderijo de Louie poderia estar bastante perto. — Colocando ao Bethany no mostrador, para poder desenroscar as tampas das garrafas.

—Suponho. — Fidelia agarrou uma das garrafas para ajudá-lo.

Pôs as quatro garrafas no micro-ondas e o acendeu. — Viu por qual caminho foi Billy?

—Eu o fiz! - Bethany levantou a mão. — Ele foi pelo caminho da entrada.

—Isso é bom. — Jean-Luc alisou seus cachos loiros.

—Deram volta na estrada, para o sul, — disse Fidelia. — Ontem à noite sonhei com uma igreja de pedra. Acredito que aí é onde a leva.

—Onde é isso? - Jean-Luc retirou uma garrafa do micro-ondas e consumiu o sangue quente.

—No campo. — Ela se apoiou contra a ombreira da porta, com o cenho franzido. — Ao sul daqui. — De repente se endireitou. — Há uma antiga missão espanhola na estrada. Está só a uns dez minutos de distância.

Robby, Ian, e Phineas se reuniram ao redor da porta. Todos estavam vestidos e armados em sua totalidade.

—Temos uma localização. — Jean-Luc entregou a cada um uma garrafa. — Uma missão espanhola, dez milhas ao sul.

—Bem. — Robby se voltou para o Phineas. — Fique aqui com as senhoras.

—OH, vamos, homem. — Phineas fez uma careta. — Quero um pouco de ação real.

—E pode consegui-la se Louie voltar aqui para obter mais vítimas, — murmurou Robby. — Poderia conseguir mais ação aqui da que pode dirigir.

—Posso fazê-lo. — assentiu Phineas com a cabeça. — Só me deixe com esse idiota. Sentirá ter-se metido alguma vez comigo.

—Phineas. — Robby lhe deu um olhar severo. — Se vier aqui, a primeira coisa que fará é nos enviar uma mensagem psíquica. Podemos teletransportar-nos aqui em um segundo.

—Tenho-o. — Phineas abriu sua garrafa de sangue e a bebeu de um gole. Limpou a boca com o dorso de sua mão. — Protegerei às mulheres com minha vida.

—E eu tenho minhas armas, — adicionou Fidelia. — Vamos ficar bem.



—Vamos. — Jean-Luc pôs sua garrafa vazia na pia e agarrou ao Bethany em seus braços. Dirigiram-se pelo corredor e as escadas até a planta baixa.

—Vamos levar o carro. — Jean-Luc se deteve junto ao escritório de segurança.

—Poderíamos correr mais rápido, — protestou Ian.

—Jean-Luc tem razão. — Robby abriu a porta e agarrou as chaves do gancho. — Precisamos conservar nossa energia.

—Pode checar o sol por nós? - Perguntou Jean-Luc a Fidelia.

—Claro. — Fidelia correu à janela junto à porta principal.

—Ainda está acima, — murmurou Ian. — Posso senti-lo.

Fidelia olhou através das persianas. — Só fica uma faixa no horizonte.

—Bem. — Jean-Luc entregou a Bethany ao Phineas. — Ele vai cuidar de ti até que traga a sua mãe de volta.

Bethany assentiu com a cabeça.

Jean-Luc retrocedeu e tirou sua espada. Esquentou com alguns empurrões e estocadas.

Seu coração pulsava com força, mas não do exercício. Não podia permitir-se pensar no assustada que poderia estar Heather. Só a ideia trouxe bÍlis a sua garganta. Pelo menos Louie era um filho da puta suficientemente doente que tomaria seu tempo com ela. A droga para manterem-se acordados lhes tinha dado uns preciosos minutos extras para prepararem-se, e esses minutos podiam fazer toda a diferença.

Robby saiu do escritório de segurança com uma arma adicional na mão direita. — Teremos que checar o carro em busca de explosivos. Vou olhar debaixo do carro. Ian busca debaixo do capô.

—Sim. — Ian apertou as correias que sujeitavam a baina e a Claymore nas costas.

—É verdade que o xerife jogou no Phil no porta-malas de seu carro? - Perguntou Robby.

—Sim. — Fidelia continuava olhando pela janela. — Duvido que Phil possa te ajudar muito. Recebeu um disparo na perna.

Robby intercambiou um olhar com o Ian. — É noite de lua cheia.

Ian assentiu com a cabeça. — Bem. Dá-nos outra vantagem.

—Que vantagem? - Jean-Luc embainhou sua espada.

—O sol está abaixo! - Fidelia abriu a porta. — Vão!

—As chaves! - Jean-Luc as apanhou, e se apurou a sair pela porta com o Robby e Ian. Subiu atrás do assento do condutor, e ao segundo que eles lhe disseram que era seguro, acendeu o motor.

Saltaram dentro, e pisou no acelerador. Voltou-se para o sul pela autoestrada, em seguida ganhou mais velocidade.

Depois de uns minutos, Robby levantou uma mão. — Detém-te!

—Por quê? - Jean-Luc volteou sobre o ombro e pisou os freios.

—Escuta, — sussurrou Robby.

Jean-Luc escutou um estranho som de uivo, vindo do sul. — O que é isso?



—Te concentre nisto e teletransporte ali agora, — ordenou Robby. Ian e ele vacilaram, e logo desapareceram.

Jean-Luc arrancou as chaves do contato e se concentrou no som. Tudo se voltou negro.

Este não era um lobo ordinário. Heather nunca tinha visto um de perto antes, mas sabia que não tinham os olhos vermelhos brilhantes. Este tinha que ser maior do que o normal.

Billy levantou sua pistola e apontou.

—Espera. — Louie levantou a mão. — Sempre podemos matá-lo mais tarde. Quero ver se a mastigará a ela primeiro.

Heather tragou saliva. Essas mandíbulas pareciam incrivelmente fortes. E os dentes... Muito afiados. O lobo se aproximou. Ela se apertou contra a parede.

Estava coxo, certamente de uma pata traseira. A pelagem estava emaranhada com algo escuro e brilhante. Enquanto o lobo coxeava para frente, deixou um rastro de sangue no chão de pedra.

Heather o olhou nos olhos. O brilho se desvaneceu, e o vermelho estava-se voltando azul pálido. Deteve-se frente a ela e inclinou a cabeça como se estivesse estudando-a. Talvez estivesse. Os olhos pareciam inteligentes. E de algum jeito familiares.

Aproximou-se um pouco mais, pondo o focinho sobre seus joelhos dobrados.

—Não, — suspirou ela, levantando uma mão para proteger-se.

Inclinou-se para frente e lhe lambeu a palma da mão.

Com um suspiro, fechou a mão. Sua mente se acelerou. A perna ferida. O som de metal sendo arrancado. O farejo por bombas. Os olhos familiares.

—Phil? - Sussurrou.

O lobo gemeu.

—OH, Meu deus. — Fechou os olhos brevemente, ardiam pelas lágrimas quentes. Ela não estava sozinha.

Phil estava ali para protegê-la.

Louie suspirou. — Que besta decepcionante. Billy mata-o.

Billy levantou a pistola.

Phil deu a volta, grunhindo. E atacou.

Billy apertou o gatilho, mas não se passou nada. Ele retrocedeu, freneticamente apertando o gatilho uma e outra vez.

Phil o derrubou e apertou suas mandíbulas no braço do Billy.

Heather fez uma careta. Não queria que Billy morresse.

Um uivo forte ressonou através do quarto. Phil tinha pegado ao Billy no chão e parecia estar desfrutando de sua vitória. Lançou sua enorme cabeça para trás e voltou a uivar.

—Criatura condenada. — Louie deu volta ao altar, desabotoando seu comprido casaco negro. — Me encarregarei dele eu mesmo. — Tirou a jaqueta e a lançou sobre a mesa. Esta aterrisou sobre a Sasha.



Nesse momento, duas formas vacilaram ante os olhos do Heather e se voltaram sólidas. Ela chorou de alívio. Robby já tinha uma espada na mão. Ian tirou sua claymore.

Uma terceira forma apareceu.

—Jean-Luc! - Gritou Heather.

Ele a olhou. — Graças a Deus. — Tirou sua folha e assinalou ao Louie junto ao altar. Dirigiu-se para ele. — Vamos terminar isto agora.

Louie se burlou. — De acordo. — E desapareceu.

—Não! - Gritou Jean-Luc.

Louie apareceu de repente junto a Heather. Sua mão esquerda se apoderou de seu braço. Meu deus tinha a intenção de teletransportar-se longe com ela!

Uma adaga girou pelo ar e fatiou o braço do Louie antes de cair no chão. Ele lançou um grito e a soltou.

Heather agarrou a adaga, e logo se afastou. Esta devia ter vindo do Robby ou Ian. Ela cortou as cordas que uniam seus tornozelos.

Um nariz quente acariciou seu ombro, e ela saltou. — OH, é você. — Phil se sentou a seu lado. Seu guarda pessoal estava de volta. — Bom menino.

—Uma espada, Robby! - Gritou Jean-Luc. Deixou cair a espada e a chutou para a Heather, apanhou a espada que Robby lhe arrojou.

Heather se apressou a pegar a folha, logo congelou quando viu o Jean-Luc dando voltas ao redor do Louie. OH Deus, este era... O enfrentamento final. Louie tinha uma espada enorme. Não era estranho que Jean-Luc tivesse descartado sua espada.

Louie atacou, executando um golpe que passou assobiando o estômago do Jean-Luc.

—Falhou. — Jean-Luc saltou e levitou para o teto.

Louie levitou a seu encontro. Jean-Luc estrelou sua espada contra a do Louie com tanta força, que fez com que Louie volteasse para trás no ar. Golpeou contra uma viga e caiu ao chão.

Jean-Luc caiu de pé junto ao corpo estendido do Louie. Elevou a espada para o golpe final, mas Louie rodou de repente e cortou para cima.

Jean-Luc saltou para trás. Sua camisa estava cortada, e uma magra linha vermelha cruzou sua pele pálida. A ponta da espada do Louie tinha deixado seu rastro.

Louie ficou de pé, sorrindo. — É lamentável. Estou-me cansando de jogar contigo.

Jean-Luc atacou. As espadas chocavam uma e outra vez. Heather olhou ao Robby e Ian. Certamente eles não deixariam ganhar o Louie. Ian se estava movendo para perto, sua claymore preparada.

Robby tinha tirado a espada de suas costas. Aproximou-se do Billy e lhe pôs uma mão na frente.

O olhar do Heather revoava um lado a outro. Seus ouvidos ressonavam com o constante som metálico das espadas chocando entre si. Ambos estavam respirando com dificuldade agora.



Billy ficou rígido e se afastou do Robby. Olhou a seu redor e embalou seu braço ferido no peito. Seus olhos se encontraram com a Heather. — O que fiz? Sinto muito, muito.

—Heather, mova-se! - Gritou-lhe Jean-Luc.

Mover-se para aonde? Então se deu conta do que ele estava fazendo. Jean-Luc estava conduzindo ao Louie para ela e Phil. Arrastou-se longe, e Robby a agarrou.

Jean-Luc seguiu forçando ao Louie a retirar-se. Phil se sentou quieto e silencioso. Quando Louie esteve a uns metros diante dele, o lobo deixou escapar um uivo tremendo.

Louie saltou e olhou detrás dele. Nesse segundo, Jean-Luc o apunhalou no coração. Louie se voltou completamente cinza, e logo se desintegrou em um montão de pó no chão.

Jean-Luc deu um passo atrás, baixando sua espada. Fechou os olhos e deixou que a espada ressonasse no chão. — Parece, — sussurrou. Voltou-se para a Heather. — Somos livres.

Com um grito, ela correu para ele e lhe jogou os braços ao redor do pescoço. Ele a abraçou com força.

—Acabou-se, — sussurrou Heather. — Acabou-se.

Beijou-a na frente. — É livre agora. Pode ter sua antiga vida de novo, se quer.

Ela embalou seu rosto com as mãos. — Quero minha nova vida contigo.

—Podemos fazer isso, também. — Apertou-a com força. — Este era meu pior temor. Despertar para encontrar-te em perigo.

—Está bem, — sussurrou. — Matou-o. Louie nunca te torturará de novo.

Robby se aproximou para recuperar sua espada. — Bem feito, Jean-Luc.

Jogou uma olhada ao redor da capela. — Estão todos bem?

Sasha se queixou. Ela lutava para sentar-se, mas caiu de novo sobre a mesa.

—Sasha! - Billy correu para ela. — Graças a Deus que está bem.

—Billy. — Estirou uma mão para ele. — Nunca quis ferir ninguém. Por favor, me acredite.

—Acredito-te. — Billy tomou sua mão. — Ele me controlava, também. Foi terrível. Estava lutando, mas não havia nada que pudesse fazer. — Beijou-lhe a mão.

—Lembra-se de tudo, — Robby sussurrou. — Rompi o elo que Louie tinha sobre ele, mas não apaguei sua memória.

Jean-Luc assentiu com a cabeça. — Isso é provavelmente o melhor. Seria difícil de explicar tudo isto.

—Sasha perdeu muito sangue, — sussurrou Heather.

—Teremos o Dr. Lee fazendo outra visita ao domicílio, — disse Jean-Luc. — Pode lhe fazer uma transfusão de sangue.

—Convertera-se em um vampiro? - Perguntou Heather.

—Não, — respondeu Robby. — Estará bem. Seu sangue não foi completamente drenado. Só espero que o Dr. Lee possa retirar a bala do Phil.

Jean-Luc olhou ao homem lobo. — Por que não me disse a respeito dele?



Robby se encolheu de ombros. — É um segredo da companhia.

—Quantos há como ele? - Perguntou Heather.

A boca do Robby se curvou. — Se te dissesse, não seria um segredo.

—Mordeu o Billy, — disse Heather.

O sorriso do Robby se desvaneceu.

—Maldição, — sussurrou Ian. Deu ao Billy um olhar de preocupação.

—OH, não, — sussurrou Heather. — É contagioso?

Robby assentiu com a cabeça. — Sim.

Heather fez uma careta. Pobre Billy. Olhou para o altar. Billy estava sentado na mesa, sustentando em seus braços a Sasha. Bom, finalmente tinha conseguido a garota que queria. Esperava que não lhe importasse um noivo que se voltaria peludo, de vez em quando.

—Explicar-lhe-ei mais tarde, — disse Robby. — Ian, vá e teletransporta-os a casa. E chama ao Dr. Lee.

—Muito bem. — Ian se dirigiu para o casal ferido, e logo todos eles desapareceram.

Heather deu um passo atrás para olhar a ferida do Jean-Luc. — Precisa ver o Dr. Lee, também.

Encolheu os ombros. — É só um arranhão.

Ela soltou um bufido. — Esse arranhão quase me provocou um ataque ao coração. Tem que deixar de receber feridas cada noite.

Ele sorriu. — É linda quando se põe mandona. — Ele a atraiu mais perto e lhe sussurrou ao ouvido, — Teremos que encontrar novas posições que não pressionem minha ferida.

Ela pôs-se a rir.

Robby se aproximou da mesa e apagou as velas. — Me teletransportarei de volta com Phil, e teremos terminado. — Levantou a vista para o coro. — Há algo lá vamos? Pareceu-me ouvir algo.

—Provavelmente, um pequeno camundongo Texano. — Jean-Luc acariciou o pescoço da Heather.

—Sou uma barata!

Heather ficou sem fôlego. — Cody! Esqueci-me que estava ali.

Jean-Luc franziu o cenho. — Estou tentado a deixá-lo aí.

—Não, — protestou Heather. — Na realidade foi muito útil. Billy ficou sem balas, lhe disparando. De um modo estranho, ele salvou a vida do Phil.

—Muito bem. Vou tirar a ordem. — Jean-Luc se aproximou do coro e levitou.

—Barata.

—Sim, mestre!

Jean-Luc flutuou no ar durante uns minutos. Logo se deixou cair ao chão. — Está feito.

—Que demônios? - Gritou Cody. — Como cheguei aqui?

Jean-Luc acomodou a Heather em seus braços. — Haverá uma menina muito feliz de verte.

Os olhos do Heather se encheram de lágrimas. — Obrigada.



Cody subiu pela escada. — Que diabos se está passando?

—Acredito que encontrará o carro do xerife fora, — disse Robby. — Sugiro que o tome e retorne à cidade.

Cody notou ao lobo gigante e retrocedeu para a porta. — Vocês estão loucos! - Saiu correndo da capela.

Robby riu entre dentes. — Vamos, Phil. Deixe-me te levar a casa. — Deteve-se meio passo. — OH, você pequena besta.

Heather fez uma careta. Phil tinha levantado uma pata e estava empapando o montão de cinza que tinha sido Louie. — OH, asco. — Como poderia alguma vez olhar Phil na cara de novo?

Phil terminou, e logo se sentou sobre suas patas traseiras. Ele lhes deu um sorriso lupino, sua larga língua pendurando.

Com uma gargalhada, Robby passou um braço ao redor da besta peluda. Os dois desapareceram.

—Nossa fez. — Jean-Luc pôs com suavidade uma mão nas costas da Heather. — Lembra-te de como fazer isto? Sustenta-me apertado.

—Lembro. — Ela envolveu seus braços ao redor de seu pescoço.

Sua boca se torceu. — E logo me beija.

—Absolutamente. — Pressionou sua boca contra a dele e deixou que o mundo se desvanecesse.

Epílogo

Três semanas mais tarde...

Dirigindo a casa das bodas, Heather se deu conta de que agora levava uma dupla vida. Viver em dois mundos queria dizer que necessitavam duas recepções de bodas.

Tanto os mortais como os vampiros tinham assistido às pequenas bodas na igreja da Heather. Enquanto os vampiros se foram discretamente, os amigos mortais da Heather se reuniram na sala de comunhão da igreja para a torta de bodas e o ponche.

Jean-Luc felizmente tinha metido um pedaço de torta das bodas na boca de Heather, mas ela deliberadamente tinha falhado em sua boca, melando-o em sua bochecha. Todo mundo se tinha rido, sem dar-se conta de que Jean-Luc não tinha comido da torta. Logo Heather lançou o ramo sobre seu ombro.

—Ele anota! - O treinador Gunter apanhou o ramo e levantou ambos os braços para vamos, assinalando uma anotação.



Heather e Jean-Luc fizeram uma saída antecipada para a limusine estacionada na frente. Seus amigos pensaram que estavam correndo para agarrar um avião, mas sua seguinte parada era a recepção vampiro no escritório.

Heather compreendeu por que os vampiros queriam divertir-se em privado. De que outra forma poderiam beber *Bubbly Blood* e executar bailes antigos como o minuet? Realmente esperava com interesse os bailes. Jean-Luc tinha passado as últimas semanas lhe ensinando os passos, quando não estava ocupado fazendo amor com ela ou fiscalizando a criação de seu vestido de noiva.

Alisou a seda marfim, tratando de não esmagar a saia com o respaldo da limusine. — É o vestido de noiva mais formoso.

—Para a noiva mais formosa. — Jean-Luc beijou sua bochecha, e logo acariciou seu ouvido. — Planejo te foder a fundo esta noite.

—Shh. — Heather não queria que sua filha escutasse.

Bethany estava ocupada abrindo e fechando todos os compartimentos na limusine. Luzia adorável no vestido azul de flores que Heather fez para ela.

Fidelia, a madrinha de honra, deslizou-se pelo assento até a janela atrás do chofer. Tocou o vidro. — Olá, *Roberto!*

A limusine acelerou.

Heather riu entre dentes. Pobre Robby.

Fizeram uma parada frente ao escritório do Jean-Luc... *sua casa* corrigiu-se Heather.

Robby abriu a porta para que pudessem sair. Fidelia se apressou detrás dela, assegurando-se de que a larga cauda de seu vestido estivesse perfeita.

—Preparada? - Jean-Luc pegou-lhe a mão.

—Sim. — Ela subiu as escadas com o Jean-Luc enquanto Robby abria a porta.

A sala de exposição estava brilhante com a luz reluzindo no mármore gentil. A habitação tinha sido arrumada para a recepção. Umas poucas mesas redondas se alinhavam perto das paredes, cobertas com toalhas brancas e Ramos de flores. Havia um pequeno bufê de comida de verdade, ponche, e champanha para os poucos mortais presentes, além de outra mesa coberta de taças de champanha e a *Bubbly Blood* esfriando em cubatas de gelo.

O centro da sala vazio para o baile. Uma banda chamada *The High Voltage Vamps* se tinha teletransportado de Nova Iorque e estavam localizados sob a passarela. Cascatas de gaze e flores penduravam da passarela, deixando um aroma perfumado a rosas e gardênia.

Não foi uma surpresa para a Heather já que tinha ajudado com todos os planos e a decoração, mas ainda sentia um calafrio ao vê-lo. Era perfeito.

Os vampiros alinhados para conhecê-la. Sua preocupação, que eles não pudessem aceitá-la, debilitava-a.

Angus e Emma MacKay foram os primeiros na fila, e ambos lhe deram um forte abraço. Convidaram-nos a utilizar seu castelo na Escócia cada vez que quiséssem. O seguinte na linha foi um



bonito vampiro italiano chamado Giacomo. Beijou-a nas bochechas e os convidou a visitar seu palácio em Veneza. Um pouco mais dos membros do Aquelarre do Jean-Luc da Europa ocidental tinham feito a viagem.

—Vejo que Simone e Inga não o fizeram, — sussurrou Heather ao Jean-Luc. As duas modelos se tinham teletransportado de retorno a Paris depois do desfile.

Ele sorriu. — Que pena.

—Alguma vez averiguou onde esteve escondida Simone aquela noite?

Jean-Luc assentiu com a cabeça, ainda sorrindo. — Não acreditará. Estava pescando.

—Homens?

Ele pôs-se a rir. — Peixes. No rio. Ao parecer gosta de pescar, mas não quer admiti-lo.

—Estranho. — Heather imaginou que o que a Simone gostava de era apunhalar aos vermes com o gancho. De repente foi sustentada em um forte abraço.

—Estou tão emocionada por ti! - Shanna Draganesti a apertou, logo deu um passo atrás. — Nunca vi ao Jean-Luc tão feliz. É boa para ele.

Heather sentiu seus olhos chorosos. Ela nunca se tinha sentido tão feliz, tampouco. — Onde está seu menino?

—Deixei-o com sua filha e Fidelia. — Shanna assinalou a sua mesa. — Tinha fome, e Fidelia foi o bastante doce para lhe preparar um prato de comida. Ela é uma pessoa divertida.

Heather sorriu. — Sim, é-o.

—OH Deus! - Shanna negou com a cabeça. — Ali vai outra vez.

A boca da Heather se abriu. Constantine flutuava perto do teto. Bethany chiou com deleite.

—Só está mostrando-se, — murmurou Shanna. — Adora a atenção.

Heather se levou a mão ao peito. — Mas ele... é mortal.

—Com um papai vampiro. — Shanna sorriu a seu marido.

Heather se voltou para o Jean-Luc. — Sabia a respeito disto?

Estava vendo o Constantine com uma expressão atônita. — Não. Tinha ouvido que nosso DNA era um pouco diferente, mas não me dava conta...

—Meu deus! - Shanna lhes deu um olhar de preocupação. — Espero que isto não os detenha de ter seus próprios filhos. Constantine é um menino muito carinhoso e doce.

—Estou segura que o é. — Heather o viu baixar até sua cadeira. Estava rindo junto com a Bethany. — Faz algo mais?

—Seu talento principal parece estar relacionado com a cura, — explicou Roman. — Tudo o que entra em contato com ele se sente melhor depois.

—OH. — Bom isso não era absolutamente mau. Heather observou o menino meter algumas bolachas na boca.

—Constantine é tão especial que decidimos ter outro. — Sorriu Shanna. — Estamos esperando!

—OH querida! - Heather a abraçou. — Isso é maravilhoso!



—Felicitações, *mon ami*. — Jean-Luc aplaudiu Roman no ombro.

Roman sorriu. Via-se bonito no smoking *Echarpe* que Jean-Luc lhe tinha dado como presente por ser o padrinho de bodas.

—Estou muito orgulhoso de ti, Jean-Luc. Percorreste um longo caminho. — Roman lançou um olhar irônico a Heather. — Disse-te que eu lhe ensinei a ler e escrever?

—Não. — Heather curvou suas mãos ao redor do braço do Jean-Luc e se apoiou em seu ombro.

—E eu ensinei ao Roman a lutar, — disse Jean-Luc. — Era um estudante lento.

Roman soprou. — Não queria matar. Minha missão foi sempre a de salvar vidas.

—Não é maravilhoso? - Shanna o abraçou. — Tenho mais notícias. Decidi trocar com o tempo, provavelmente em uns dez anos a partir de agora. Quero que os meninos tenham a idade suficiente para dirigir a situação.

—Perdão? - Heather não estava segura do que ela queria dizer.

—Shanna acessou a converter-se em vampiro, — disse Roman em voz baixa.

O coração da Heather cambaleou. Ela soltou o braço do Jean-Luc. — OH. Fé... felicitações. — meu deus, a mulher queria ser um vampiro!

Roman e Shanna passaram a ver que estava fazendo seu filho. O resto da recepção fluiu como um sonho.

—Está bem? - Sussurrou Jean-Luc. — Precisa te sentar? Está pálida.

—Eu... eu acredito que me sentarei.

Jean-Luc a levou a mesa reservada para eles, então se lançou a velocidade vampiro e retornou com um prato de comida e uma taça de ponche.

—Não estava seguro do que você gostava. — Pôs a comida diante dela.

—Isto está bem, obrigada. — Ela colocou uma uva em sua boca. Sentou-se a seu lado. — Está surpreendida pelo anúncio da Shanna.

—Sim. Nunca me ocorreu que tivéssemos outra opção... Posso entender que queira estar com seu marido para sempre, mas terá que renunciar a seus dias com seus filhos.

—Já sei. — Jean-Luc tomou sua mão na dele. — Nunca te pediria que o fizesse.

—Mas o esperaria.

Levantou sua mão até sua boca e beijou seus nódulos. — Vamos tomar um dia de cada vez. Ou mas bem, uma noite de cada vez.

Ela sorriu. — Eu gostaria de ter filhos contigo. Inclusive se terminam flutuando ao redor da creche.

Apertou-lhe a mão. — Bem. Quero mais meninas pequenas que se pareçam com sua *maman*.

Ela agitou os cachos negros sua cabeça. — Quero um garotinho que se pareça com seu pai.

Inclinou-se para beijá-la. Um brilho de luz chamou sua atenção.

—Apanhado! - Gregori estava sustentando uma câmera digital e sorrindo.

A música começou com uma valsa.



—O primeiro baile. — Jean-Luc parou e estendeu-lhe uma mão. — Eu gostaria de dançar com minha esposa.

Heather se levantou e o deixou escoltá-la à pista de baile. Todos aplaudiram. Heather só esperava não tropeçar e cair sobre sua cara diante de todos.

A música se voltou mais lenta.

—Sem valsa? - Perguntou Heather.

—Podemos dançar uma depois. — Jean-Luc deslizou seus braços ao redor de sua cintura. — Por agora, só quero te ter perto.

—Soa bem. — Ela envolveu seus braços ao redor de seu pescoço.

Balançavam-se brandamente ao compasso da música.

Jean-Luc beijou sua fronte, e logo apoiou a bochecha em sua têmpora. — Amo-te. Sempre te amarei.

Com um suspiro, ela fechou os olhos. — Amo-te, também.

Seu braço a apertou. — A partir de agora, combateremos nossos medos juntos.

—Sim.

—Tem medo às alturas, chérie?

—Um pouco. Por quê? —

—Abre os olhos, — sussurrou.

Ela o fez. — Bom Deus.

—Olha! Mamãe está voando! - Gritou Bethany parada, olhando para cima.

Heather apertou seu agarre ao redor de seu pescoço. Estavam flutuando para o teto, dando voltas brandamente. A larga cauda de sua saia formava redemoinhos no ar.

—Jean-Luc, — suspirou ela. — Menino mau.

Ele riu entre dentes. — Fica comigo, *chérie*. Levar-te-ei a lugares que nunca sonhou.

Fim





**** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis.**